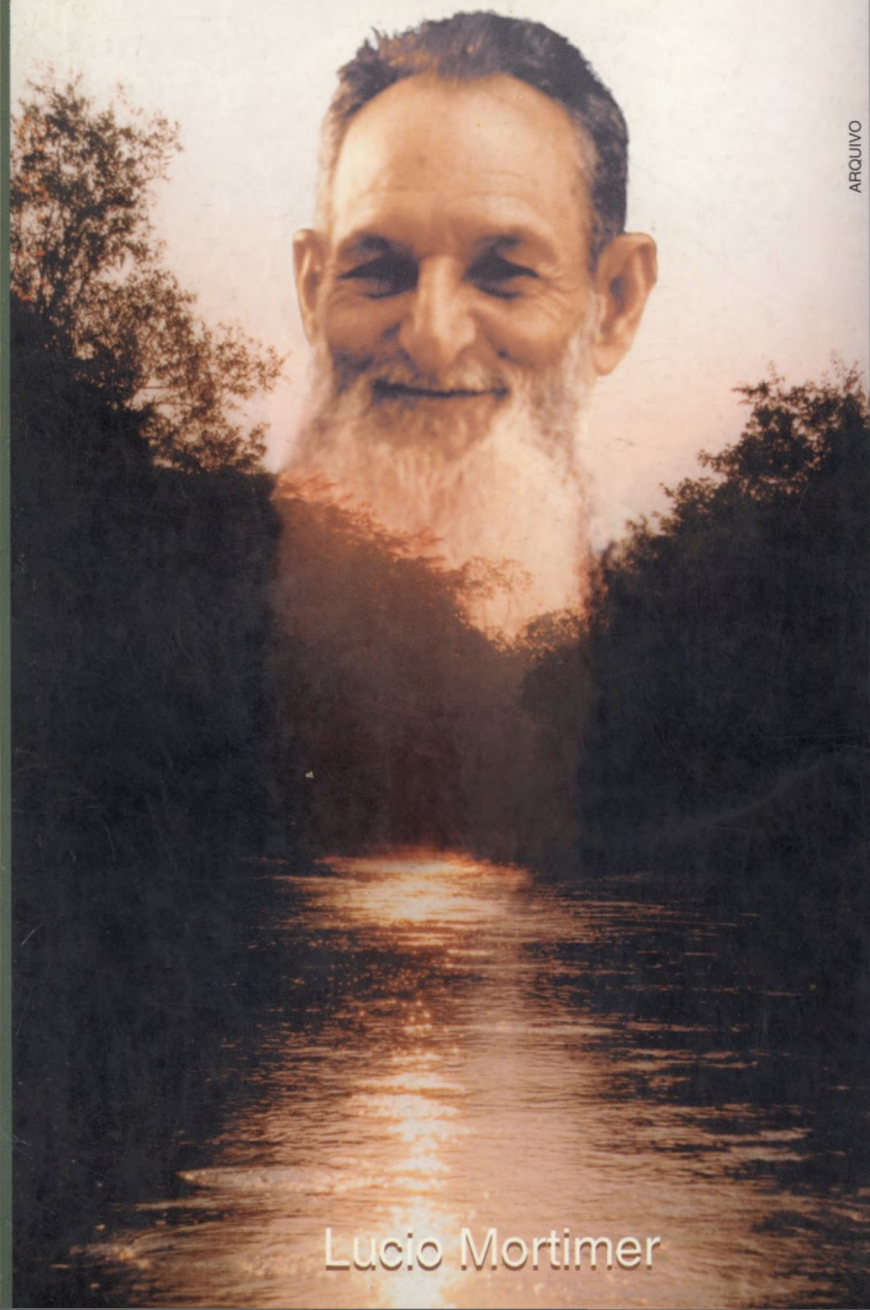


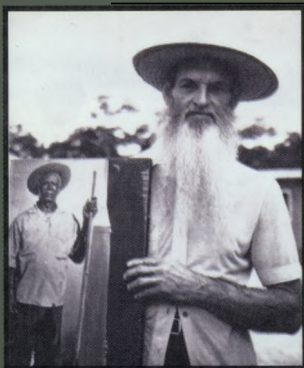
BENÇA, PADRINHO!

www.neip.info

ARQUIVO



Lucio Mortimer



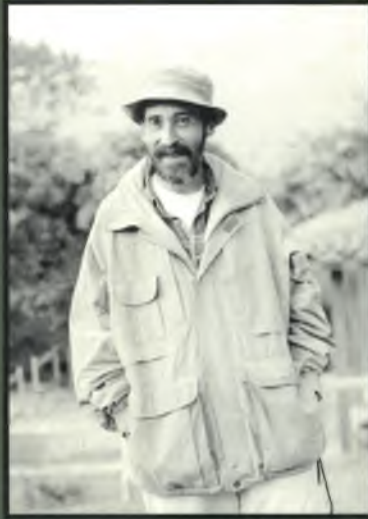
Em 1912 o maranhense Raimundo Irineu Serra mudou para o Amazonas. Tinha vinte anos de idade e seguiu a trajetória de muitos outros nordestinos: buscar novas oportunidades de vida na extração de látex.

Destinando-se aos seringais Acreanos nas fronteiras com a Bolívia e o Peru, acabou por conhecer a ayauaska, uma bebida do ritual de tribos indígenas da região e de uso dos curandeiros mestiços.

Ingerindo esta poção amazônica, Irineu Serra teve muitas visões e revelações. Dizem ter sido da própria Virgem Maria que ele recebeu a Doutrina e a missão de formar uma Igreja e reunir um povo.

Seu trabalho de Mestre só frutificou a partir de 1930 em Rio Branco, capital do Acre. Foi sob o efeito da bebida e ao som de hinos recebido do Astral, que organizou a nova religião. Também nesta época veio o nome de Daimé para o chá considerado sagrado.

continua...



JAMETE LONGO

Grandes transformações costumam acontecer na vida das pessoas que encontram o Santo Daime

O autor pensava em fazer uma visita de alguns dias ao Acre, só para conhecer o “Chá Sagrado”.

Este tempinho curto virou muitos anos, tornando possível o testemunho desta saga admirável vivida pelo “Povo de Juramidam” e seu líder Padrinho Sebastião.

O Padrinho Sebastião entrou nesta história em 1964. Era um homem rude e simples, mas com uma forte natureza religiosa. Nunca assentou num banco de escola, porém a sabedoria de vida e o carisma fizeram dele um grande líder e continuador da missão do Mestre Raimundo Irineu Serra que faleceu em 1971.

Este segundo personagem alcançou projeção nacional como líder de Doutrina. Sob sua tutela o Santo Daimé rasgou as fronteiras amazônicas e veio para as grandes cidades do sul e daí para o exterior.

É também uma figura polêmica pelo entrosamento que teve com o movimento hippy. Muitos jovens peregrinos que na década de setenta trilhavam nossas estradas foram ter com ele. O Padrinho foi receptivo a outras "Plantas de Poder".

A saga deste homem já inspirou mais de um livro porém é o "Bença, Padrinho!" que traça com detalhes o perfil desta instigante personalidade.

Bença, Padrinho!

PRIMEIRA PARTE

História
de um homem da floresta

SEGUNDA PARTE

A Bandeira de São João



Lúcio Mortimer

4

Digitação do Texto:

Estúdio Neon

Rio de Janeiro

Projeto Gráfico e Diagramação:

Orlando Vilas Boas

Capa:

Carlos Gustavo N. Pereira (Guta)

Tratamento de Imagens:

Ary Normanha

Fotolitos:

Chancery's

Fotografias:

Marco Imperial ; Roberta Mesdak;

Saulo Petean; Janete Longo

Arquivo Fotográfico:

Marco Imperial; Guta; Vera Fróes

Revisão do Texto:

Maria Eugenia; André Lázaro

Produção Gráfica:

Paulo Cortesi

Impressão:

Yangraf

Edição:

Céu de Maria

São Paulo, junho de 2.000.

Índice

Prefácio.....7

PRIMEIRA PARTE:

A história de um homem da floresta

capítulo I: O Seringal Monte Lígia.....	13
capítulo II: O Seringal Adélia.....	16
capítulo III: O casamento.....	21
capítulo IV: A grande viagem.....	31
capítulo V: Chegada à Colônia Cinco Mil.....	37
capítulo VI: Novos tempos do Curador.....	44
capítulo VII: O encontro com o Mestre Irineu.....	52
capítulo VIII: A cura do curandeiro.....	60
capítulo IX: O mais novo Padrinho.....	67
capítulo X: A apresentação e a viagem do Mestre.....	75
capítulo XI: A separação.....	83
capítulo XII: O povo e a instituição.....	90
capítulo XIII: O feitio e os novos aliados.....	98

SEGUNDA PARTE:**A Bandeira de São João**

capítulo I: No tempo dos cabeludos.....	115
capítulo II: A realidade de um sonho.....	123
capítulo III: Santa Maria.....	131
capítulo IV: O maior dos macumbeiros.....	139
capítulo V: O trágico fim.....	147
capítulo VI: Um final feliz.....	155
capítulo VII: O desenvolvimento da vida comunitária.....	163
capítulo VIII: Bom tempo por pouco tempo.....	170
capítulo IX: A volta à floresta.....	178
capítulo X: O Seringal Rio do Ouro.....	187
capítulo XI: O tempo da mudança.....	196
capítulo XII: A polícia vem chegando.....	205
capítulo XIII: Quase uma calamidade.....	212
capítulo XIV: A Providência Divina.....	221
capítulo XV: A viagem do Daime e o começo dos Céus....	230
capítulo XVI: Aqui é meu lugar.....	238
capítulo XVII: Como a pobreza acabou.....	247
capítulo XVIII: A despedida.....	256
Glossário.....	281

Prefácio

Nos últimos anos, temos visto um crescente interesse pela história e pelo desenvolvimento da doutrina do Santo Daime. Muitas reportagens escritas, não só no Brasil como em diversos outros países. Alguns estudantes do curso superior, principalmente da área de antropologia, têm defendido teses. Também livros são escritos, alguns bem fundamentados, outros de grande superficialidade.

Esta doutrina se constitui num tema que tem despertado interesse e de certa forma é de domínio popular. Porém, as opiniões são contraditórias. Tem gente que “desce o pau” e fala com maldade de um assunto que pouco conhece. Por certo são seres que se sustentam na maledicência e na má notícia e são capazes de distorcer uma realidade. Outros procuram uma atitude imparcial mas muitas vezes estão mal informados e acabam sendo tendenciosos. Finalmente, temos os simpatizantes e membros da doutrina que dão aquele toque positivo.

Faço parte deste último grupo, com a particularidade de ter, durante quinze anos, convivido no dia a dia com o Padrinho Sebastião Mota de Melo, que é uma grande personalidade, sendo o principal discípulo do Mestre Raimundo Irineu Serra, fundador da Irmandade Daimista. Acompanho

nei de perto a saga de um pequeno povo que, com bravura venceu muitos desafios, graças a uma liderança autêntica, fonte de união e entendimento.

O “Bença, Padrinho!” retrata esta trajetória tendo no centro um homem especial, possuidor de muita coerência e muita determinação. É também uma tentativa de dar uma informação correta e um testemunho. Quem fala a verdade tem sustentação e uma base sólida. Algum detalhe omitido por natural limitação não muda em nada o conteúdo, pois o resultado final só é um e se traduz no ato de louvar a Deus, levado por pessoas que estão cumprindo missões aqui na Terra.

Agradeço a muita gente que contribuiu para tornar realidade este livro. Aproveito para destacar o meu apreço por todos moradores do Céu do Mapiá, meus companheiros de viagem em boa parte desta travessia terrestre e no enredo desta história.

Como eu não estava presente, a imaginação ajudou a construir algumas cenas da primeira parte. Agradeço ao senhor Adílio, que conheci aos 85 anos de idade, com muito vigor e lucidez. Foi quem deu subsídios para os dois primeiros capítulos. A Madrinha Rita prestou importante assessoria para a formação do terceiro, quarto e quinto capítulos. O restante fui escrevendo sustentado pelo que vi e ouvi ao longo de muitos anos de convivência.

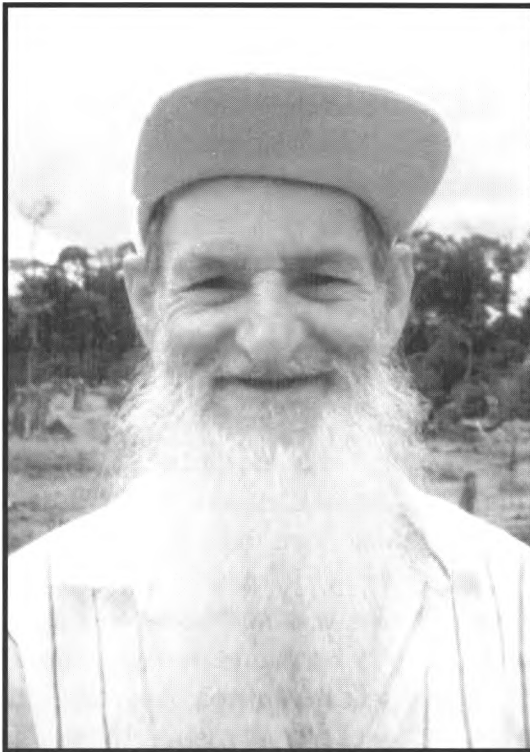
Devo muito ao Glauco Vilas Bôas que incentivou me cobrando sempre este trabalho. Muito importante esta parceria na busca de trazer à tona a bela história deste Homem da Floresta. Também à sua equipe. Passei muitas horas na frente de um computador acompanhando o clicar do Orlandinho, o irmão que preparou este livro com muito empenho. O Paulo Cortese, com dedicação e experiência profissional, fez a produção gráfica.

Agradeço ao professor André Lázaro e a Suzana pela revisão, ao Guta pela bela capa e outras camaradagens. De forma especial ao Flávio, Dulce Continentino e a Moana do Estudio Neón, que transformaram em disquete a papela-da escrita à mão.

Contei também com a boa vontade e presteza das pessoas que cederam as fotos. O Marco, pegou um avião no Rio só para trazer todo seu arquivo. Roberta mandou fotos guardadas na Bélgica e a Vera atendeu prontamente confiando seus originais.

Finalmente devo registrar que tenho um tesouro de incalculável valor. São meus irmãos nesta missão do Santo Daime. Sou muito agradecido a Deus por desfrutar da convivência de tanta gente maravilhosa.

Céu de Maria, Morro da Santa Fé,
São Paulo, maio de 2000.



ARQUIVO

PRIMEIRA PARTE

História de um homem da floresta

Capítulo I

O Seringal Monte Lígia

No final do século passado e no começo deste, a borracha nativa da Amazônia fez a fortuna de muitos aventureiros: os seringalistas. Melhor explicando, isto se passou entre 1870 e 1910.

A região do Alto Juruá, acima de Eurunepé, foi explorada e dividida em três grandes seringais, comandados por famílias de espanhóis, portugueses e italianos.

Os espanhóis, liderados por João Caetano Gomes, abriram o seringal New York; os portugueses o Washington e os italianos o Reconquista.

Dos três, foram os italianos que melhor trabalharam, pois se dedicaram também à lavoura. Grandes plantios de cana eram transformados em açúcar e mel para consumo na região. Porém o grande lucro de todos era a borracha.

Enquanto isso, os ingleses ocupavam-se em carregar milhares de sacas de semente da melhor seringueira amazônica, para plantios no Oriente. Quando os plantios da Ásia começaram a produzir uma borracha superior a custos muito baixos, os seringais da Amazônia entraram em colapso. Quem pôde correr, correu, mas boa parte do povo ficou assim mesmo, vivendo o tempo das “vacas magras”. Os seringais foram vendidos por bagatelas.

Duas grande famílias de cearenses vieram para a região. Os Mota de Melo ficaram com o seringal Washington e o rebatizaram com o nome de Monte Lígia. A família de José Maciel, conhecido como Zé Malunga, ficou com o seringal Reconquista mas achou melhor colocar nele o nome de seringal Adélia.

Foi em 7 de outubro de 1920 que nasceu no seringal Monte Lígia o menino Sebastião Mota de Melo, filho de Seu Manuel Mota e Dona Vicença.

A vida ali era bem dura para uma criança. Longe do conforto da cidade, sem escolas, nem mercearia, nem farmácia. Porém tinha outra compensação. Uma exuberante e misteriosa floresta e nela um mundo a conquistar.

Assim, Sebastião, que desde cedo se revelara um garoto perspicaz, cheio de coragem e vontade de aprender, começou a desvendar os segredos da floresta. Caçar e pescar era básico para a sobrevivência. Ele andava na mata atento. Logo aprendeu a distinguir as varedas de paca e tatu e colocar uma armadilha certa. Via no chão os rastros dos bichos e dizia com precisão: “O veado passou hoje por aqui, a anta está frequentando aquela comida” ou então se arrepiava de susto com o esturro de uma temível onça pintada, ainda que num eco distante.

O caudaloso Rio Juruá, pródigo em peixes, era outra fonte de estudo e mistérios. Ouviam-se estórias do boto encantado que seduzia crianças e moças, também de imensas cobras sucuris, a sucuriju, que alagava a canoa impiedosamente para abocanhar o almoço humano depois do abraço fatal.

Próximo do seringal Monte Lígia viviam os índios e contavam para as crianças casos de pajés que viravam mapinguari; do curupira, montado no porquinho catitu. Este era um indiozinho

encantado, que entre outros detalhes tinha o pé virado para trás e andava vigiando a mata e castigando o caçador que fizesse malvadeza com os bichos.

Sebastião foi crescendo e na floresta estava a maior parte do seu mundo. Quando saía numa caçada sempre voltava com o fardo nas costas e o alimento de todos. Era inigualável na pesca com linha, com tarrafa, com arpão ou no arco e flecha.

Com coragem e respeito pela forte natureza, foi se formando homem, até que no mundo explodiu a Segunda Guerra e os plantios de seringueira do Oriente caíram em poder dos japoneses. A borracha era um item essencial de guerra e assim as forças aliadas voltaram as vistas para os antigos seringais nativos da Amazônia. Para o jovem Sebastião um novo tempo se aproximava...

Capítulo II

O Seringal Adélia

Um jovem de dezoito anos, vigoroso e idealista, tem uma disposição de ferro.

Todo o mundo no seringal Monte Lígia tinha encostado as facas de cortar seringa. As estradas estavam alagadas. Algumas com água na cintura. A temporada de chuva tinha começado mais cedo naquele ano. Porém, Sebastião teimava. As roupas estavam acabando. Muitas precisões em casa. A mãe doente preocupava a todos, pois seu problema não era só físico, como também mental. Ele precisava de dinheiro. Uma ida à cidade era um pensamento que há tempos acalentava.

A cada madrugada, ia ele rompendo mata, chavascal e água para fazer mais borracha. Embora o espírito fosse forte, a matéria tinha suas limitações. O grande esforço de Sebastião na umidade acarretou sérios problemas de articulação e reumatismo. Acabou na cama gemendo de dores e com os planos desmoronados.

A vida no Monte Lígia estava muito difícil. O preço da borracha cada vez menor. Naturalmente havia muitos motivos para se alegrar. A vida não era só trabalho e dureza. Aprendera com o pai o gosto pela música. Passava horas dedilhando o velho violão nas folgas das emocionantes pescarias e

caçadas ou depois de um suado dia no roçado ou na seringa.

De vez em quando acontecia alguma festa pela região e o velho Manoel Mota era peça indispensável, com sua sanfona dos tempos do Ceará. Sebastião ia junto. Lá pelas tantas da noite, quando o pai estava cansado e o povo ainda no embalo de muitas doses, ele agarrava a viola e mantinha a animação em ponto alto.

Bebida para ele era bem pouca. Jamais seria um alcoólatra. Os exemplos vexaminosos de parentes e amigos tinham sido convincentes. Com seu dom natural de boa convivência era um rapaz muito conhecido e estimado.

Nos últimos tempos um pensamento não lhe deixava a cabeça: Precisava melhorar de vida. Viver de borracha não dava mais.

No seringal Adélia, da família José Raimundo Maciel, conhecido por Zé Malunga, ainda se mantinha a tradição dos antigos donos de fazer açúcar, rapadura e grandes farinhadas para negociar com os regatões.

Agora chegou o tempo da cana madura e a moagem já estava marcada. Precisava de gente. Sebastião resolveu ir dar uma força para o vizinho e assim começou uma nova etapa na sua vida de trabalho.

Cortava cana e ajudava no engenho com grande prazer, pois logo nos primeiros dias encantou-se com o posto do chefe fomalheiro que batia os pontos do açúcar e orgulhoso gabava-se da boa qualidade do produto. O trabalho em equipe era muito mais gratificante. Ele gostou dos companheiros, do novo ritmo, do tanto que poderia aprender e foi ficando.

A noitinha na varanda da casa grande, depois do jantar comum, sempre animadas conversas antecipavam a ida para a rede. Numa destas noites ele ficou sabendo que uma grande guerra tinha começado no mundo, mergulhando a Europa num tempo de horror.

Ficou imaginando: - uma guerra, nesta distância toda, em que poderia afetar sua vida, cá nas matas? Em nada, quanto mais para pior.

No outro dia foi trabalhar sossegado. Nesta ocasião chegou da cidade o Adílio, filho de Seu Zé Malunga, que alguns anos morava e estudava em Cruzeiro do Sul, cidade do Acre, relativamente próxima ao seringal.

O rapaz letrado chegou com muitas novidades e até otimista com a guerra. Falavam na cidade que o preço da borracha ia disparar devido à crescente dificuldade de obter o produto da Ásia.

As notícias de guerra sempre são sombrias e assustadoras, mas no caso dos abandonados seringueiros, soava como uma esperança. Agora o principal tema dos assuntos era a valorização da borracha. No Adélia as estradas de seringa estavam abandonadas, cheias de mato e balseiros.

Adílio ficou encarregado pelo pai de reorganizar o trabalho da coleta do látex pois já valia a pena tal esforço.

Finalmente chegou uma notícia mais auspiciosa: o Presidente Getúlio Vargas determinara a reabertura dos seringais nativos contando com a força de trabalho do povo nordestino. Seriam recrutadas milhares de pessoas numa convocação de guerra. Quem não viesse para a Amazônia estava sujeito a ir para a linha de frente nas batalhas da Europa.

Adílio recebeu a nova missão de ir a Manaus para inscrever o seringal Adélia e conseguir a vinda de mais trabalhadores com suas famílias.

Os americanos estavam financiando toda a operação e segundo notícias populares tinham muito dinheiro. Sem a borracha do oriente, que agora estava nas mãos do inimigo, como iriam equipar aviões e carros de combate?

Nestas alturas dos acontecimentos, Sebastião era considerado como filho da casa. Com sua disposição e eficiência,

conquistara de tal forma a simpatia do patrão que este o considerava imprescindível para fazer frente a tanta novidade. Por seu lado o jovem era pura animação. Há algum tempo atrás, sonhara com uma donzela de rosto redondo, muito bonita. Foi assim:

Ele estava triste e solitário, andava na mata e não via nem um bicho, nem o piá de um passarinho. Foi seguindo, seguindo, até chegar à beira de um rio grande, que pensou ser o Juruá, mas as águas eram mais limpas. Olhando para o rio, avistou ao longe uma barquinha toda enfeitada. Quanto mais a embarcação aproximava, mais ela crescia, até que passou imponente, no leme ia um homem de longas barbas brancas. Era muita gente, mas no meio do povo o rosto bonito de uma mulher ficou na sua lembrança. Ao passar, o velho do leme apontou para o poente. Agora ele andava no rumo indicado e ia encontrando todos os bichos: veado, anta, porco, tatu, capivara, etc. Os animais comiam frutas silvestres e não se assustavam com ele. Por fim, chegou num terreiro bem limpo e viu a moça da embarcação, sentada num banco sorrindo para ele como se o tivesse esperando, correu na sua direção e acordou subitamente com o simples cantar do galo anunciando que já eram quatro horas da manhã, hora de levantar.

Chegou o inverno, o tempo das chuvas e dos rios cheios. A expectativa de cada dia era ver o vapor de Manaus com as famílias nordestinas, atracando no porto.

Não demorou muito tempo e tudo se fez realidade. Chegou a grande embarcação movida a lenha, ao primeiro apito, ainda ao longe, o povo todo correu a esperá-la.

Depois das manobras de atracagem começaram a aparecer os primeiros passageiros, carregados de bagagens. Um trinta pessoas entre homens, mulheres e crianças. No meio da turma um rosto bonito e redondo e um pouco assustado de uma

jovem que lhe chamou atenção. Lembrava muito a fisionomia do seu sonho. Seria ela a sua escolhida? Rapidamente descobriu que o nome era Rita, filha de seu Idalino e vinha do Rio Grande do Norte.

Estava nesse devaneio, quando o patrão mandou chamá-lo. Precisava reforçar a refeição e o jeito era buscar uma caça, visto que a tripulação ia dormir ali. O Comandante desejava comer carne de veado capoeiro.

Não foi possível o tal bicho, mas um porquinho catitu e um mutum, depois de preparados no leite de castanha, fizeram a alegria de uma farta refeição para todos.

Sebastião ia viver muito intensamente este novo tempo. Casaria e uma dia com toda a família partiria no rumo do Acre que ficava na direção do poente.

Capítulo III

O Casamento

Um tempo passado já bem distante. Um tempo em que o vigor da juventude conforta as lembranças mais duras de um período de muitas provas.

No seringal Adélia todo imigrante nordestino era chamado de Arigó. Este termo pejorativo significava “aquele que não sabe nada da Floresta”.

Arigozinho esperto era o Nel. Gostava de estar entre os nativos, ouvir casos de caçada e prestava toda a atenção quando o assunto era nome de madeiras para as diversas partes da casa: esteio de intaúba, quari-quari ou canelão que duram enfiados na terra. As linhas podem ser de macucú, louro ou envireira, madeiras que não se acabam estando ao abrigo do tempo.

Um dia, já mais entrosados com os veteranos, levou o “Bastião Mota” para visitar sua casa, sem nem saber que o mesmo já tinha botado os olhos em cima de sua irmã, Rita.

O convidado fez tudo para agradar a todos. Conversava com muito desembaraço, parecia até um velho amigo da família. Foi aí que Rita se encantou. Até aquela data tinha uma cisma com os amazonenses. Ela os achava grosseiros e sem graça, mas o filho do vizinho Manuel Mota, era diferente.

Naquele dia Sebastião saiu cheio de esperança. Não tivera a oportunidade de se declarar apaixonado, mas na hora que os olhares se encontraram, sentiu o primeiro momento de um amor que nunca mais acabaria.

Rita também ficou tocada, mas procurou não dar demonstração para os familiares. É inegável que ficou mais curiosa a respeito do companheiro de trabalho do irmão, e fazia perguntas “jogando verde para colher maduro”.

Naturalmente o namoro aconteceu. Mais uma visita e no momento certo, de uma ocasião a sós, o pedido se formalizou.

Daí para a frente se sabe: muito enlevo, muitas juras de amor, algumas pequenas cenas de ciúmes, tudo isto que faz parte de um tempo de namoro. O futuro sogro, Seu Idalino, era homem de respeito. Pessoa muito religiosa. Sebastião tinha curiosidade com a religião e escutava com prazer as explicações bíblicas passadas por ele.

Dona Maria, a sogra, não lhe poupava atenção. Com todo carinho servia o café e outros agradados, deixando-o bem à vontade.

Ao anoitecer, reunia-se a família para as preces da tarde. Desde o Rio Grande do Norte eram crentes, O pai Idalino tinha uma boa voz e sabia muitos hinos que cantava neste ritual caseiro. O namoro era depois da oração. O eleito de Rita caiu nas graças de toda a família Gregório.

Passado um ano começaram a pensar mais seriamente no casamento.

A vida de seringueiro é muito simples: não precisava comprar casa nem móveis. Se na colocação de seringa não houver moradia, o negócio é ir à floresta, tirar os barrotes, esteios, linhas, caibros, cobertura de palha, paredes e assoalho de paxiúba. Dois homens em pouco mais de uma semana fazem uma boa barraca de oito metros de comprimento por quatro de largura. A mobília era no máximo uma mesa rústica na

cozinha e alguns bancos. Uma boa rede e mosquitoire e a casa está completa.

Tudo foi sendo providenciado de acordo.

Uma vez por ano, no tempo dos rios cheios, provavelmente no mês de abril, acontecia a chamada desobriga. Saía o padre na cidade de Eurinepé e ia em peregrinação de seringal em seringal até chegar ao município de Cruzeiro do Sul. Nas diversas paradas aconteciam missas, confissões, batizados e casamentos.

Foi neste “dia do padre” no seringal Adélia, no ano de 1946, que Sebastião e Rita selaram seu compromisso de viverem juntos para formar uma nova família.

Ela estava muito bonita, irradiando o frescor dos vinte anos, vestida de branco e na mão um buquê de flores que é o símbolo da esperança de uma vida alegre. Ele também caprichou estreado uma camisa de manga comprida e um novo par de botas. Na época tinha vinte e seis anos.

A mesma cerimônia foi compartilhada por mais três casais. Raimundo e Francisco Mota e um outro arigó. Os quatro foram abençoados de uma só vez e num só dia o velho Manuel Mota casou três filhos. Se fosse casamento de gente rica haveria muitos festejos e uma longa lua-de-mel. Mas a realidade não era esta. Logo em seguida os nubentes fizeram uma viagem de dois dias a pé para chegarem na colocação de seringa onde Sebastião trabalharia.

O ano de 46 não foi bom para os seringais. O preço da borracha despencou. O fim da Segunda Guerra Mundial restabeleceu o equilíbrio do mercado e a produção da Ásia voltou a bater na nativa, jogando os lucros para baixo. Os seringais voltaram ao processo gradual de decadência.

Para dar conta de uma família e ter um pequeno saldo era preciso uma jornada de trabalho extenuante. Sebastião e Chico

Mota casados no mesmo dia foram juntos para a distante colocação onde enfrentariam os desafios da nova vida. O seringueiro começa sua atividade às quatro da madrugada e às vezes entra pela noite pois além do corte e da colha da seringa tem que defumar o látex para fazer as bolas de borracha, conhecidas por pelas. As sobras do dia são usadas para cuidar do roçado, pescar e caçar.

O homem passava o dia fora de casa. A mulher tinha muitas tarefas caseiras mas sempre que podia ajudava no roçado e nas pescarias.

A vida era dura, mas a Floresta com seus primores confortava. O igarapezinho de águas claras, a alegria dos pássaros, o multicolorido das borboletas, tudo inspirava e completava o amor do jovem casal.

Agora Sebastião estava com os ânimos redobrados e não se poupava. *Precisava produzir muitas pelas de borracha.* Dentro de mais algum tempo nasceria o primeiro filho.

Para Rita, o ato de esperar preenchia todos os seus momentos. Tudo era para ele: o repouso, a alimentação, costurar as roupinhas e até o cuidado de criar uma ninhada de pintos para ter os franguinhos de primeira pena na dieta do resguardo.

O dia chegou, era sete de dezembro de 1947. Tudo estava providenciado. Com o apoio da carinhosa mãe e da velha e experiente parteira, nasceu um menino. Para ele, que era tão especial, um nome diferente, raro e com muita sonoridade: Valdete, cidadão brasileiro, amazonense do Vale do Juruá.

Seguiram-se os quarenta dias do resguardo, cumpridos à risca. Alimentação leve e repouso. Nada de carne de caça reímosa como paca, tatu, anta, veado roxo, etc. Permitido só o veado capoeiro e alguma embiara (da família das nambús). O cuidado também se estendia aos peixes - evitados todos os de couro como o pirarucu, surubim, malpará, etc., só os de escama - e os demais detalhes do resguardo.

Deus tem os seus desígnios. Veio o segundo filho, João Batista, que faleceu em seguida. Enquanto isso, Valdete andou, falou e quando já corria pela casa veio o terceiro. O nome escolhido foi Valfredo. Mas quando se fez o registro, o escrivão achou que havia um “V” sobrando e simplificou para Alfredo.

Duas crianças e mais dificuldade pela frente. O preço da borracha teve nova recaída e a vida no seringal estava quase impraticável: muito trabalho, pouco dinheiro e uma carestia medonha.

Comentários se ouviam dando conta de mais facilidades no Acre. Um dia chegou a notícia que os seringais em volta de Rio Branco estavam sendo repartidos em pequenas glebas, dando oportunidade de assentamento para muitos colonos.

A família Gregório, quando saiu do Rio Grande do Norte planejava ir direto para o Acre. Porém a viagem se tornou uma verdadeira epopéia. Durante mais de um mês centenas de pessoas se apertaram dentro de um navio de guerra. Quando a noite chegava era severa a proibição de produzir qualquer faísca. Todos calados e no escuro, a qualquer momento poderia aparecer um submarino inimigo para bombardear os soldados de borracha. Os nordestinos viajavam com grande desconforto e apreensivos.

O filho caçula de Idalino, João Batista, de sete anos, quando saiu de casa estava magro mas tinha saúde. A precariedade da viagem o atingiu de cheio. O menino adoeceu do fígado, perdeu o apetite, ficou pálido, o que botasse no estômago logo “provocava”. Muito sofrimento e apreensão para toda a família.

Quando finalmente, chegou em Manaus, local da troca de embarcação, o menino não resistiu mais. Faleceu no exato dia da viagem. Não teve jeito, a família ficou e só Francisco, o mais velho dos homens, seguiu para o Acre.

Foi neste momento que apareceu Adílio Maciel, filho do dono do seringal Adélia, que convidou Idalino e seu grupo a mudarem a rota para o Juruá, pois a saída de outro barco para o Acre iria demorar mais de mês. Antônio que era filho do primeiro casamento de Idalino, resolveu ficar em Manaus, e nunca mais tiveram notícias dele.

Passados mais de cinco anos no Juruá, resolveram retomar viagem no rumo do Acre depois de receberem a carta de Francisco animando-os para a empreitada. Todos se foram, menos Rita que agora era Gregório de Melo, pois Sebastião, amazonense nato, esperava mais de sua terra.

Este foi o tempo mais difícil para o casal. Passaram-se os encantos. Ele se tornara impaciente, vendo tanta luta e pouco resultado. Sempre fora muito sincero, incapaz de esconder os sentimentos. Agora andava mal-humorado.

Ela mesmo saudosa dos parentes tinha muito o que se ocupar com os filhos e estava sempre recomendando calma e paciência.

Como a natureza é pródiga, nasceu mais um filho. Batizado como Ivanildo.

Problemas. Dificuldades, insatisfação era agora o quadro familiar. Dona Vicença, mãe de Sebastião, também vivia um tempo duro, assolada por problemas psíquicos atribuídos à sua forte mediunidade não trabalhada.

Foi neste clima apreensivo que chegou a notícia de um curador. Tratava-se de um tal Mestre Osvaldo que vivia a alguns dias dali. Dizia-se que o homem era poderoso pois trabalhava muito bem na linha espírita, tendo curado muita gente. Esta notícia deixou Sebastião edificado. Só de ouvir falar do homem sentiu os cabelos arrepiarem, na mesma hora decidiu procurá-lo. Combinou com a mulher e o irmão Chico, se informou dos detalhes e partiu nesta busca.

Nos seringais, remédios alopáticos eram raros. De médicos nem se falava. Os males do corpo se resolviam com os rezadores e as ervas. Problemas psíquicos só em trabalhos de banca espírita, o que era bem raro naquelas bandas.

A viagem durou quatro dias, vencidos no remo. Mas finalmente se chegou ao porto destinado. Ao subir o barranco, via-se que ali morava um homem de verdade pois era admirável o zelo e a limpeza do terreiro, com canteiros de flores e bancos bem colocados, permitindo um belo visual do rio.

Lá estava o Mestre Osvaldo de pé na porta da casa esperando o visitante. Sebastião ao vê-lo ficou emocionado e caminhou mais ligeiro para se apresentar e falar do motivo de sua viagem.

“Está muito bom!” foi a resposta, “já esperava por ti, seja muito bem vindo. Acabe de chegar, você merece um repouso, a casa é sua!”

Mestre Osvaldo tinha uns sessenta anos, estatura média, magro e de pele bem escura. Era paulista de origem e não se sabe como foi parar naquelas alturas do Juruá. Corria o ano de 1955.

Existem momentos na vida de uma pessoa que são decisivos e inesquecíveis. Às vezes um simples encontro pode trazer grandes transformações. Quando um discípulo encontra seu mestre, se cria uma corrente de amor. Um tem a alegria de ensinar e o outro a de aprender. Assim aconteceu e estes dois homens tiveram uma grande interação.

Osvaldo era completamente dedicado ao trabalho de caridade cristã. Recebia doentes, rezava e receitava ervas. Em certas ocasiões especiais, com alguns outros médiuns vizinhos que ele havia preparado, fazia trabalhos de mesa branca onde espíritos de médicos e outros eram chamados para resolver os casos mais difíceis. Sua casa era muito freqüentada.

Sebastião desde criança tinha uma grande busca espiritual. Tinha sonhos revelatórios e algumas visões estranhas quando solitário andava pelas matas. Nos últimos anos o vazio espiritual lhe acarretava dúvidas, angústias e sofrimentos.

Tinha realizado o sonho de um bom casamento com filhos mas isto não era mais suficiente. Queria muito mais e nem sabia direito o que era.

Mestre Osvaldo detectou logo a fonte de tantos problemas. “Você é um médium. Precisa trabalhar e desenvolver este dom. Eu posso ver muito mais e por isso lhe garanto: você tem uma missão e veio ter comigo não foi por acaso. Eu lhe ensinarei muitas coisas e você vai além de mim, se Deus quiser!”

Passados mais uns dias, em que os dois se empenharam em deixar todo o serviço da colônia adiantado, tomaram o rumo do seringal Adélia para atender Dona Vicença, que foi o motivo da viagem.

A chegada do curador atraiu muita gente da vizinhança principalmente depois do trabalho de mesa em que a dita senhora teve um grande alívio em seu padecer.

Desde este tempo a casa de Sebastião e Rita não parou mais de receber gente doente, principalmente crianças e recém-nascidos. Na tenra idade, estão sujeitos à influência dos olhares de certas pessoas, que mesmo involuntariamente colocam “quebrante”, isto é, entristecem o inocente que passa a ter crises anormais de choro, falta de apetite, dor de barriga, etc. Quebrante é mal que só se cura com rezas.

Durante a permanência de Osvaldo, a dedicação ao aprendizado na arte de curar foi total. Mesmo trabalhando no roçado, a cabeça estava ocupada e surgiam as perguntas relativas ao espiritismo, aos rituais, etc. Já que tinha este dom divino, era preciso caprichar para ser cada vez mais merecedor, pensava Bastião.

Desde este tempo mestre e discípulo se revezavam nas visitas. Com mais algum preparo, Sebastião passou a incorporar o espírito do médico, já desencarnado, Dr. Bezerra de Menezes e do Prof. Antônio Jorge. A qualidade de seu trabalho de cura ganhou maiores dimensões, podendo ajudar mais gente.

Nesta missão não se conta com dinheiro. O dom é dado de graça e de graça ele recebia, hospedava e alimentava quem batesse a sua porta. A mesa era farta. Aquele homem antes atribulado, havia cedido lugar a um empenhado curador. O bom astral voltou a reinar e Deus premiou o casal com mais um filho: Pedro Mota. Era o décimo primeiro ano de casamento. O padrinho de batismo foi o querido Mestre Osvaldo. Ele ficou muito feliz com a deferência e disse que o menino era seu também e que sempre olharia e rezaria pelo mesmo.

Quando um discípulo aprende a caminhar com seus próprios pés é hora de iniciar sua missão propriamente dita. Um dia, o agora compadre Osvaldo, circunspecto e solene, chamou Sebastião para mais algumas instruções. Nesta ocasião anunciou-lhe que era chegado o tempo de alçar vôo.

Como diz o ditado: “Santo de casa não faz milagre!”, Sebastião nunca havia saído da área do Juruá. “Vá para o Acre, lá descobrirá muito mais coisas pois a vida está pulsando mais forte naquelas bandas!”.

Que notícia auspiciosa para Rita! Finalmente iria rever os pais, irmãos e conhecer os novos sobrinhos. O seringal não oferecia mais perspectivas de progresso para uma nova família. Já eram quatro meninos que mereciam uma vida melhor. Pelo menos estar mais próximos da cidade, com mais recursos.

Sem pressa, resolvendo as pendências, ajuntando o dinheiro possível, começaram os preparativos para a viagem.

Era preciso uma nova canoa para vencer o Juruá até a cidade de Cruzeiro do Sul, pois a velha já fazia um pouco de água. Também era vantagem ter uma canoa para ser negociada ao final da viagem.

Sebastião foi para a mata, escolheu uma intaúba bem grossa e madura. Meteu o machado e com quinze dias de muito suor derrubou, cavou, talhou, queimou e abriu com perfeição a nova canoa. Colocou quilha, obras bem feitas de proa a popa, e bancos largos. Entalhou mais dois remos e ela ficou lá no porto balançando ao sabor das águas esperando o dia da partida...

Capítulo IV

A grande viagem

Quando se superam todas as dúvidas e vem a convicção, a vida começa a se transformar imediatamente.

Sebastião vivia a dura labuta do seringueiro, produzindo a borracha que nunca dava de pagar as contas para o patrão e tirar algum saldo. Quando largava a faca de seringa, agarrava o terçado e a enxada e o tempo era para o canavial e para um partido de seis mil pés de macaxeira, o forte de sua lavoura.

Não era homem de ficar em casa alimentando a preguiça. Sempre teve fartura na mesa porque além de seringueiro e agricultor era também muito bom na caça e na pesca. Agora aquela terra, tantas vezes regada com seu suor, iria ficar para trás. A preocupação era a mudança para o Acre. As atividades finais em casa, na colocação conhecida por todos como Torrões, era principalmente o aproveitamento da cana para o açúcar e da macaxeira para o feitio da farinha.

Para o povo amazônico, a farinha é o principal alimento. O peixe e a carne dão “sustança”, mas só vão bem na sua companhia. E, assim, nunca falta uma farofa! Na banana se dá uma mordida e em seguida com a mão se joga um punhado de farinha na boca. Assim se comem muitos frutos da floresta como os coquinhos de uricuri, tucumã e jaci. Com água

e açúcar preto, se prepara a jacuba, que acaba com qualquer sintoma de fome. Os problemas de saúde que requerem uma alimentação mais leve são resolvidos com caldo de caridade, que consiste no cozimento da farinha peneirada com água e praticamente nenhum tempero.

Incontáveis são as aplicações da macaxeira na dieta. Para o mingau das crianças ela é descascada, cortada em rodelas bem finas, secas no sol até ficarem crocantes, depois moídas no pilão, peneirada, e assim, se tem uma massa de ótimo sabor. Sebastião sempre teve milhares de pés desta abençoada batata.

Valdete, seu filho mais velho, com dez anos já era um companheiro firme no roçado, na farinhada e na moagem de cana. Valfredo, um pouco mais novo, assessorava a mãe carregando água para a cozinha e no cuidado de Pedrinho (um ano) e de Ivanildo (com quatro). Meninos desta idade dão um trabalho medonho e requerem um cuidado contínuo.

Os planos da viagem que antecederiam a partida eram traçados com os poucos detalhes que requeria. A longa distância até Cruzeiro do Sul seria dividida em duas etapas, com uma boa parada na casa de Alzira, irmã de Sebastião já casada, que vivia mais ou menos na metade do trecho a ser vencido subindo o Juruá.

Tinha um barco regatão, que com certa regularidade fazia a rota de Eurinepé para Cruzeiro, sempre levava e trazia a correspondência depositada na posta restante do correio. Uma carta, às vezes, poderia demorar meses para chegar ao destino, mas a comunicação era por aí, não tinha outro jeito.

Embora não soubesse ler nem escrever, Sebastião, com a ajuda de um amigo letrado, se comunicara com a família da mulher em Rio Branco e recebera uma resposta positiva. Os Gregório estavam ocupando uma nova área de colonização

perto de Rio Branco e estavam reservando um terreno para o assentamento deles.

O que era vendável, foi negociado: a espingarda, as redes de pesca, a farinha, o açúcar, as ferramentas de talhar canoa, até velhas dívidas foram cobradas. E, no fim, deu para apurar perto de oito mil contos de réis (aproximadamente dois mil reais).

O tempo combinado para a partida se aproximava veloz. Depois da farinha pronta, ele ainda precisava dar uma volta na mata. Era importante um pouco de carne seca nas provisões da viagem. Um caçador marupiara (aquele que tem sorte) trata a caça com cuidado. Não deixa os ossos espalhados e só mata por precisão. Em compensação é difícil dar uma caminhada por perda. Com equipamentos de pesca, farinha, sal, açúcar preto e carne seca, o problema da alimentação estava resolvido.

Arrumar as malas é só uma força de expressão, pois na verdade um seringueiro não tem mala nem bolsa. Tudo é guardado em sacos emborrachados que têm a vantagem de serem impermeáveis e de fabricação caseira. A bagagem era pouca. Nada supérfluo. Para cada um, uma muda de roupa, uma rede, uma coberta, alguns utensílios de cozinha e só! Num único paneiro (cesto feito de cipó) cabiam todos os pertences familiares. Na hora da locomoção por terra podia levar tudo nas costas de uma vez.

No tempo do inverno, isto é, das chuvas e das cheias, é mais fácil sair do Adélia de canoa, pois o rio Juruá invade as terras baixas e vai lá pertinho. No tempo seco, quando o rio se limita a seu leito oficial, fica uma distância de mais ou menos cinco horas até a margem. Outra alternativa para chegar até o rio, é descer pelo igarapé que vem da terra firme (terras mais altas) e passa pelos Torrões bem perto da mora-

da. O igarapé é estreito, tem muita curva, alguns balseiros (vegetação nas margens do rio) mas dá de se navegar em uma canoa média. Com sete horas de manobras e bons remos, se chega ao rio.

Um seringueiro tem por hábito acordar ainda na madrugada e assistir o amanhecer do dia em franca atividade. Assim, naquela radiosa manhã de sol do mês de agosto, os retirantes iniciaram a jornada em busca de uma nova terra. Uma alegria interior irradiava em todos pois era com fé e esperança que iriam enfrentar o desconforto de uma longa peregrinação em rumo do poente.

Cenas iguais a esta se repetem com freqüência em todos aqueles seringais e nem sempre com um final feliz. Incontáveis são as famílias que se degradaram migrando para os arredores das cidades. Pela falta de melhores oportunidades os jovens se enveredam pelos caminhos da ilusão, com bebidas, drogas, prostituição que terminam envolvidos em roubos, crimes e marginalidade.

Sebastião era homem religioso. Em sua vivência com o sogro, seu Idalino, ouvira as melhores mensagens do Evangelho. Com o Mestre Osvaldo aprendera a trabalhar na fé do espiritismo Kardecista. Com seu dom mediúnico de curador já tinha ajudado muita gente.

Ele não era um simples retirante em busca de melhores condições materiais. Era o desenvolvimento e o crescimento de seu universo espiritual que o impulsionava naquela viagem. Tinha toda a fé na proteção divina e a certeza de estar cumprindo uma missão recebida.

Imagina-se que foi com um nó na garganta e um aperto no coração que aquele homem de trinta e oito anos se despedia para sempre daquelas matas, do roçado, enfim, dos Torrões onde casou e viu nascer os filhos.

A canoa deslizou suavemente no rumo do Juruá. O silêncio era quebrado apenas pelo compasso dos remos batendo na água, mas logo depois da primeira curva, a animação tomou conta dos meninos que de imediato foram repreendidos pela mãe.

Sem grandes novidades fizeram a rota do igarapé. De notável, só as pescarias do Valdete. Depois da terceira hora de viagem pararam em uma sombra para o lanche. O menino fez uma massinha dura de farinha, iscou no “anzolim” e rapidamente físgou uma piaba, que se transformou em nova isca, desta vez para um anzol maior. Depois de lançada a linhada, em poucos minutos um tucunaré de um quilo e meio deu uma solapada na linha, sendo arrastado imediatamente. Não deu tempo para outro lance, porque ainda faltava muitas horas para o local da dormida. E tocaram para a frente. Quando o igarapé desagou no Juruá, os horizontes se abriram. O rio largo margeado por praias de areia fina e barrancos era outra paisagem, aumentando em todos a sensação de estar fora de casa.

Não foi mencionado ainda mais um equipamento, importante para subir a correnteza: era um rolo de corda de quase cem metros, que há muito fazia parte de seus pertences de trabalho. Este material era muito útil em diversas oportunidades.

A canoa logo foi encostando na praia e Sebastião anunciou que seguiriam viagem “puxando na cisga”. Amarrou a corda no bico de proa e saiu puxando a canoa andando pela praia. Os dois meninos maiores ajudavam na operação. Literalmente, passo a passo, ia vencendo a jornada. Nas curvas do rio, ou quando a praia morria no barranco, todos pulavam dentro da canoa. E aí era a vez do remo.

Um pouco antes das cinco horas da tarde, pararam em uma casa para o pernoite. Era de gente conhecida pois ainda não estavam muito distantes do seringal. Embora estivesse cansado, Sebastião não recusou o convite para uma pescaria. Ali também

sabiam que era um curador e uma criança logo foi trazida para ser rezada.

A viagem durou muitos e muitos dias. Nem se sabe precisar exatamente quantos. Talvez um mês só no rio e outro na casa da Alzira, refazendo as energias, descansando do enfado da viagem. Rita estava grávida pela quinta vez.

O rio tinha praias que perdiam de vista. Os três que puxavam a cisca agarravam na ponta da grande corda, a canoa ficava distante e Rita sentia solidão naquelas horas intermináveis. Às vezes um sentimento de temor pelo futuro da família. Ela rezava e se confortava nas curvas do rio quando estavam todos reunidos, remando na travessia.

Um dia, finalmente, a cidade de Cruzeiro do Sul descortinou-se no cenário da viagem.

Tinham um endereço de um primo que logo foi localizado. Parente é muito bom, principalmente numa situação como aquela. O meio de transporte, agora, era uma carona no avião da FAB (Força Aérea Brasileira) que quinzenalmente fazia a rota de Manaus para Rio Branco, passando por Cruzeiro do Sul. O irmão mais velho de Rita, Francisco Gregório, aquele que no tempo da migração familiar não foi para o Juruá, tinha se engajado no Exército em Rio Branco e a esta altura envergava a patente de terceiro sargento. Com seu prestígio militar, havia inscrito na lista de passageiros da FAB Sebastião e sua família. Mais uma semana na cidade e finalmente mais um momento de grande emoção: a primeira viagem aérea é sempre precedida de uma certa ansiedade. Ela era enfim o rompimento do cordão que os ligava àquela área do rio Juruá. Era o vôo da conquista de uma nova era para a família.

E lá foram eles levados pelas asas do barulhento bimotor para o desfecho desta inesquecível jornada.

Capítulo V

Chegada à Colônia Cinco Mil

Cristina Raulino, esposa de Nel, o irmão de Rita, finalmente conseguira fazer dormir a pequena Silvia que neste dia estava muito excitada e deu trabalho.

Já passavam das duas horas da tarde. O marido retornara ao roçado e ela planejava repousar um pouco balançando na rede armada na cozinha. A tarde estava quente e a batalha de cuidar de uma filha de três meses e da casa a deixava muito cansada.

Ao atravessar o corredor rumo à cozinha, olhou pela janela, avistou o campo e o caminho que ligava à estrada. Além disso algo muito especial lhe chamou a atenção: era a chegada dos retirantes amazônicos. Finalmente rompiam nas terras acreanas. Valdete e Valfredo na frente, Rita com sua gravidez proeminente trazia Pedro Mota encaixado do seu lado direito como uma montaria. O braço direito lhe dava sustentação. Do outro lado, andando com passinhos miúdos vinha Ivanildo agarrado na sua saia. Atrás de todos trazendo nas costas o grande paneiro (cesto de cipó), era Sebastião com toda a mudança da família. Caminhavam a passos curtos e se dirigiam para casa de Seu Idalino e Dona Maria, pais de Rita, que ficava à esquerda, uns trezentos metros da morada de Cristina de onde estavam sendo observados.

O avião que saíra às oito horas da manhã de Cruzeiro do Sul, depois de pequenas escalas nas cidades de Feijó e Tarauacá, aterrizará no aeroporto de Rio Branco por volta de meio dia. A viagem, a bordo do bimotor do tempo da Segunda Guerra, transcorrerá sem novidades.

A família tinha um parente “forte” na cidade: o sargento Gregório. Isto dava tranqüilidade e segurança ao desembarcarem naquelas distantes terras acreanas. A visão de carros e um caminhão mais o movimento de gente deixavam atônitos os meninos. Sebastião precisou fazer uma forte oração e receber uma atuação de calma e serenidade para manter a situação sob controle.

Achar um militar em Rio Branco não parecia difícil. Sairia perguntando pelo quartel e lá certamente ele estaria para ajudar no encontro dos parentes.

Deixou a família instalada nos duros bancos de madeira no velho e acanhado aeroporto e saiu para o mundo. Pergunta aqui, confere ali, acabou chegando no quartel em menos de meia hora. Era um dia de sorte, pois facilmente localizou o sargento que fez um apelo aos seus superiores conseguindo uma caminhonete para levá-los ao destino.

Seguiram até o quilômetro onze da Estrada de Porto Acre e dali por mais dois quilômetros a pé até a localidade chamada “Colônia Cinco Mil”. Andar de carro pela primeira vez estava sendo uma grande emoção para a família. O trajeto era curto. Com pouco mais de meia hora estavam eles atravessando o ensolarado campo e chegando na meta final.

Muita emoção no encontro. Mais de dez anos de saudade. Dona Maria, muito emotiva, não resistia às lágrimas, com muita satisfação abraçava e abençoava a todos. Seu Idalino também tinha profunda alegria, pois Rita com a família eram

os que faltavam para a união deles, que há muitos anos atrás deixaram o Rio Grande do Norte. Agora finalmente todos estavam em terra própria. Pouco mais de setenta hectares de uma área boa para a agricultura com a fartura de água, coisa rara na antiga moradia, no sertão do nordeste brasileiro.

Uma das filhas, a Naninha, casada com o Pedrão ficou residindo em Rio Branco, assim como o Sargento Gregório, mas estavam ali por perto. Com os recém chegados a união estava completa.

A localidade que ocupavam era conhecida por Cinco Mil, constituída por colônias de doze e meio hectares, desmembrados do Seringal Empresa. Como já foi dito, o baixo custo da borracha determinara o fim dos seringais, principalmente dos que rodeavam Rio Branco. A atividade dos trabalhadores se voltara para a terra. Agora todos queriam derrubar um pedaço da mata para fazer lavoura, criar gado e ter produtos agrícolas negociáveis na cidade.

O exótico nome Cinco Mil era devido ao preço de cada um destes lotes de doze e meio hectares. Custavam cinco mil contos de réis, quantia modesta que hoje significaria de quinhentos a setecentos reais aproximadamente.

Naturalmente foi com grande sacrifício e determinação que os Gregório levantaram os recursos para ali se estabelecerem. Estava assim repartidos: Nel e Cristina com vinte e cinco hectares, Luiza conhecida por Lulu e o marido Manezinho com vinte e cinco hectares, Júlia casada com Chico Gregório, doze e meio hectares. Seu Idalino e Dona Maria que viviam com Teresa, única filha solteira, construíram a casa no terreno do Nel. Tinham comprado uma colônia mas a guardavam para presentear a Rita e Sebastião.

Os recém-chegados ficaram na casa do Nel que era dotada de cozinha e sala grande, com possibilidade para atar

todas as redes. O resto da tarde foi dedicado aos cumprimentos e arrumações de chegada. No outro dia, cedinho, Sebastião já estava com o terçado (grande facão) pronto para iniciar a broca do canto da nova casa. Broca consiste em por abaixo toda vegetação rasteira e os arbustos da floresta, deixando a área preparada para a derriba, o corte das árvores de porte, feito de machado.

Conhecer a área que iria ocupar, conferindo a floresta e os rios foi também um procedimento imediato. Era bom mateiro, não havia perigo de se perder em caminhadas na mata, mesmo que durassem horas.

Não possuía bússola nem precisava pois o sol em sua trajetória diária era um perfeito guia. Bastou andar alguns minutos para constatar muita diferença na floresta acreana. Era muito mais pobre, sem árvores de porte, exceto o cumaru ferro, de grande exuberância. Viu muita taboca, que é sinal de terra fértil. Mas as madeiras boas para material de construção apresentavam-se mais raras como as envireiras, a farinha seca e outras. Muita abundância de matar-matar que é mais fraca e sujeita a bicho. Achou muita vantagem ter encontrado diversas palheiras de jaci que fornecem a melhor palha para cobertura de casa.

Agora sua atenção estava voltada para a realidade das caças. Andou, virou e nada de rastros de animais. No máximo alguma veredinha (caminho) de paca. Nem sinal de porco, anta ou veado. Caminhou mais um pouquinho e foi logo avistando o clarão de um roçado. Rapidamente compreendeu que toda aquela área estava esburacada, deveria ter gente por todo o lado e os animais que escaparam da panela deveriam estar muitas e muitas léguas distantes. Parou e recorreu as emocionantes caçadas no Juruá, quando podia fazer provisão de alimento para a família, além de compartilhar

com muitas pessoas que vinham à sua casa.

Ao iniciar o caminho de volta chegou às margens do igarapé Redenção, o mais importante da localidade. Na ida ele o atravessara por cima de um tronco e nem prestara atenção como era estreito e a água barrenta. Agora que vinha um tanto decepcionado, não pode deixar de recordar o já saudoso Vale do Juruá com grande igarapés, igapós e os lagos naturais que o rio no período das grandes cheias vai encontrar. Nessas ocasiões, piracemas de peixes deixam o lago. São milhares e bastava meter a canoa no meio deles que eles começavam a pular e iam caindo a seus pés sem dar trabalho. Lembrou também da pescaria com arco e flecha, quando com arpão acertava um peixe grande, perseguindo-o até o cansaço para poder ser recolhido na canoa, transformado em provisão de rancho para muitos dias. No tempo seco, com sua tarrafa e linhada era garantida a fatura em casa.

Ficou pensativo e preocupado. Teria que trabalhar de sol a sol na terra para sustentar a família e comer feijão com arroz, coisas que não gostava. Quando seu espírito quis se entristecer, lembrou das palavras do Mestre Osvaldo lhe alertando: “Vai para o Acre. É lá que você tem o que aprender para realizar sua missão espiritual”.

Sentindo muito conforto com essa lembrança se viu invadido por uma grande coragem de trabalhar e vencer. Com o coração transbordando de felicidade voltou decidido e confiante na proteção divina.

No clã dos Gregório, cada família trabalhava no seu próprio roçado. Nada era comunitário. Em ocasiões especiais, no ciclo dos plantios, se faziam os mutirões. Reuniam todos os vizinhos e cada dia o trabalho era na casa de um deles. Era comum se trocar o dia de trabalho. O ritmo de atividades era intenso.

Sebastião ainda conseguira chegar no Acre com algum dinheiro trazido do Juruá. Conferiu notas e moedas e viu que davam para comprar mais uma colônia de cinco mil com os doze e meio hectares, encostada da que fora presenteada pelo sogro. Também teve a sorte de encontrar um boi manso de carro por um preço camarada. Seria muito útil na construção da casa. Ainda deu para comprar açúcar, sal, café e querosene e ajudar na casa do Nel onde estava hospedado.

Com todos estes gastos, os recursos financeiros se acabaram rapidamente, mas o fato de estar morando próximo da cidade criava condições de conseguir novo dinheiro para bancar o indispensável. O mais imediato era produzir carvão. Nesse tempo em Rio Branco não existia o gás de cozinha e portanto o produto era muito vendável.

Na medida que ia abrindo o roçadinho para construir a casa e fazer sua primeira lavoura, aproveitava as madeiras mais adequadas, principalmente o cumaru ferro para fazer carvão. Com uma roladeira manual e a parceria de Valdete se cortavam as rolas das árvores. Eram muitas horas de suor devido as toras grossas e muito pesadas para o empilhamento, com a ajuda de alavancas e bimbarras. Depois vinha a cobertura de terra deixando a frente aberta para começar o fogo. Fazer uma caieira dava muito trabalho. Quando estava acesa e toda coberta requeria atenção e reparos, principalmente nas primeiras vinte e quatro horas, pois era perigoso arrombar a capa da terra e a madeira se consumir perdendo todo o trabalho. Precisava vigiar de noite. Durava acesa três ou quatro dias e na hora de abrir era outra batalha. Gastava muita água carregada nas costas e a quentura desprendida era forte, sendo até prejudicial à saúde.

Sebastião não poupava seu corpo. Queria logo a casa pronta pois Rita já estava perto de ter criança e o empenho era para isso acontecer no próprio lar. Construir uma casa, pro-

duzindo o material e transportando é serviço de homem com “H maiúsculo”. Se for um preguiçoso faz aquelas taperinhas com madeira fraca de pouca duração. Serviço de Sebastião sempre foi respeitado. A obra mediria oito metros de comprimento por seis metros de largura, faria também uma puxada estilo rabo de jacu para a cozinha e assim daria relativo conforto à numerosa família. Tudo seria feito com madeira escolhida de primeira qualidade, dos barrotes aos caibros e ripas.

“Deus ajuda quem cedo madruga”. O precioso tempo rende e numa jornada diária de trabalho se realizam muitas coisas. Levando a vida neste rumo, não custou muito a casa foi erguida e muito bem coberta com palhas de jaci, demonstrando o talento e capricho do construtor. A moradia própria deu rumo definitivo para a família alegrando muito a mãe porque todas elas gostam de estar no comando do próprio lar. Estava consolidado o novo tempo da Colônia Cinco Mil. A ocupação agora era com o roçado.

Capítulo VI

Novos Tempos do Curador

A sabedoria popular alerta com seu ditado: “Primeiro a obrigação, depois a devoção”. Embora completamente empenhado na luta material, Sebastião tinha um lado religioso que pulsava forte e uma missão de curador. Logo apareceria oportunidade de manifestar seus dons entre os parentes.

A saúde de Cristina não era boa. Andava no desconforto queixando-se de muitas dores e mal-estar. Nel, marido responsável, por diversas vezes a levava à farmácia do Mariano. “O homem receita remédio de todo jeito e ela continua na mesma”, comentava ele.

Nestes idos anos de 1957, médico ainda era coisa muito rara. O povo se consultava nas farmácias sem fazer exame nem diagnóstico, só na confiança do vendedor de remédio. Alguns adquiriam status de doutor e ficavam sentados em sua escrivaninha ouvindo os problemas dos fregueses e passando a receita para o balconista. É inegável que a prática lhes trazia bons conhecimentos das doenças populares. E muitas vezes eram gabados.

A convivência das duas famílias transcorria em clima de camaradagem e confiança. Rita, então, achou uma boa oportunidade para comentar: “O Bastião trabalha muito bem

na linha de cura, além de rezar para muitos males ele tem os guias espirituais. Recebe até o espírito de um doutor. Lá no Juruá ele trabalhava e ajudava muita gente”.

Houve um interesse imediato por uma sessão e o curador não se fez de rogado. Já de noite todos estavam reunidos em volta da tosca mesa da cozinha. Com simplicidade e devoção, foi incorporado espiritualmente o médico Dr. Bezerra de Menezes que consultou e atendeu a paciente. Graças a Deus, no outro dia Cristina era outra. Estava disposta e agradecida. O Nel começou a fazer economia na farmácia, mas, com sua formação de crente tinha lá suas dúvidas com relação à linha espírita.

Todas as tardes, Seu Idalino, o velho Patriarca, gostava de cantar hinos religiosos. Eram lembranças antigas do Rio Grande do Norte. A casa ficava numa parte mais alta do terreno e a voz se propagava criando um clima especial de oração.

No relacionamento com o sogro reinava um respeito mútuo. Isto já vinha desde os tempos de namoro. Sebastião tinha sede de conhecimento e ouvia com interesse as *passagens e interpretação bíblica* comentadas pelo velho. Não houve choque religiosos, pelo contrário, um bom entendimento que rendeu frutos.

Para ser melhor identificado, o amazonense do Juruá que sabia rezar e curar passou a ser conhecido na região como Sebastião Idalino. Este nome composto dava personalidade e o distinguia de outros homônimos da vizinhança.

Ainda é uma característica importante em toda comunidade amazônica a presença do rezador e do curador. Isto como herança cultural indígena e em parte pelo completo isolamento da medicina oficial. Este é um dom de caridade e portanto vem do Divino. Todo doente precisa de um atendimento, de uma atenção especial, de uma corrente de amor

para abrir seu potencial de cura e o bom rezador faz isto.

Sebastião Idalino ficou conhecido. Sempre lhe aparecia uma mãe aflita com uma criança para ser rezada. Nesta linha de cura tem rezador para muitas especialidades. Tem gente que reza bem para contusões e torceduras, outros para dor de cabeça, dor de dentes, etc. Ele era especialista em crianças. De vez em quando apareciam atendimentos emergenciais urgentes. Eram partos difíceis de resolver, mordedura de cobra, indigestão. Nestas ocasiões era necessário um ritual mais forte. Ele usava os dons mediúnicos e o concurso dos guias espirituais.

Na busca de um aperfeiçoamento religioso, descobriu um Centro Espírita no bairro 6 de Agosto em Rio Branco. Era muito longe e difícil. Com raridade freqüentava alguma seção e aprendeu um pouco mais.

O tempo vai passando e o roçado ficou pronto e nasceu a primeira filha da sexta gravidez, que recebeu o nome de Iracema. O ano já tinha mudado para 1959. A família continuou crescendo. Em 1960 veio outra menina, era tão clarinha que ficou chamando Maria das Neves.

A vida na Colônia Cinco Mil seguia sua dinâmica de progresso. A família a cada ano aumentava. Depois da Maria das Neves nasceram o José Mota, a Izabel, a Raimunda Nonata e a Marlene, perfazendo um total de onze filhos. Este era o modelo de família da época. Na completa religiosidade o casal cumpria os desígnios de Deus que era a procriação.

Na existência terrena tem muitos momentos para a comemoração, mas a tristeza e a dor também têm seu dia programado.

O Ivanildo, o quarto filho, nascido ainda no Juruá, já tinha crescido. Era um meninão de nove anos. Não possuía uma grande saúde, mas ia levando bem o tempo. Um dia,

subiu na azeitoneira e encheu a barriga com as frutinhas pretas que parecem com a azeitona. No outro dia estava mal. A febre tomou conta de seu corpo. Não adiantou reza nem remédio. O menino não resistiu. Para consternação de todos Ivanildo se foi.

Certa ocasião, o cunhado Nel estava em suas habituais tarefas do roçado. Com muita habilidade manejava a enxada limpando o mato e chegando terra nos viçosos pés de feijão de corda. De repente, num movimento brusco, sentiu um forte impacto no estômago e muita dor. Foi para casa com dificuldade não melhorou, pelo contrário, seu estado era inquietante. Cristina correu a preparar um chá de capim santo ao mesmo tempo que ordenava a Silvia, a filha mais velha: “Chame o Bastião imediatamente e diga que o caso é sério”.

O socorro veio rápido. Bastou Sebastião atravessar a soleira da porta para sentir a vibração da mediunidade. A situação era delicada. precisava da incorporação de um médico. Com o trabalho aberto e todos os procedimentos necessários, a própria entidade que veio explicou que um espírito sofredor, assassinado a faca; tinha baixado no Nel que estava com o aparelho (corpo) muito vulnerável. Felizmente tudo foi resolvido e o paciente curado. Com disposição ainda participou da mesa de café. Nel nunca mais sentiu nada e passou a ter mais fé no cunhado.

Nas redondezas de Rio Branco havia um curador renomado. Era o Irineu Serra, chamado de Mestre por um grande número de seguidores. Falava-se também de um chá conhecido por Daime que o mesmo repartia e de muita gente que se curava.

Raimundo Irineu Serra, o nome completo de uma personalidade forte, reverenciado pelos políticos e detestado por alguns católicos e crentes. Vivia na localidade denominada

Alto Santo e há trinta anos desenvolvia seu trabalho espiritual.

Ouvindo falar deste homem, Sebastião ficou atraído. Naturalmente veio a vontade de conhecê-lo, de estar na sua presença. Fez grande empenho, se informou e partiu na busca do Mestre Irineu.

Não teve sorte. Exatamente nesta temporada, depois de dezenas de anos no Acre, o Mestre viajara ao Maranhão, sua terra natal, para rever os parentes e matar as saudades do mar.

O tempo deste importante encontro ainda não era chegado. Mais dois anos se passariam até a nova oportunidade. Sebastião ficou sabendo de outro tomador do chá sagrado, era o Sr. Antônio Geraldo da igreja chamada Barquinha. Foi lá, experimentou uma vez mas não ficou motivado, ou melhor, não ficou pegado, coisa possível de acontecer numa sessão dessas.

Acontecimento muito marcante nestes idos anos de mil novecentos e sessenta foi a epidemia de meningite que assolou o norte do país, principalmente o Acre. Era uma febre terrível, convulsiva, que acabava na morte. A incerteza da vida e o sofrimento eram companheiros da jornada na Colônia Cinco Mil.

Na casa de Júlia, irmã de Rita, o primeiro golpe do anjo da morte. Francisco, o filho mais velho, com doze anos, não resistiu à febre. O mal se espalha e em cada casa uma dor na separação de um ente querido. No lar de Sebastião, Iracema foi a escolhida, não amadureceu. Deixou a lembrança como um anjo bom que os visitara.

Valdete, o mais velho, também esteve mal. Com muito rogativo e muita promessa conseguiu recuperar. Conta-se que ele adoeceu depois de ter perdido a paciência e surrado o velho boi.

Todo fim de semana se reuniam os produtos da Colônia para venda na cidade. Era carvão, farinha de macaxeira, banana, jerimum, arroz pilado, etc. Tudo ia na carroça de tração animal. Valdete era o carreiro. Foi num sábado destes que o boi estava preguiçoso e o carreiro perdeu a paciência. Depois disso veio a mencionada febre que o levou a delírios, onde era justificado pela sua atitude com a animal. Graças a Deus, depois de ter ficado bom, pôde contar sua passagem.

Após ter custado o preço de muitas vidas, a epidemia de meningite passou e tudo voltou à normalidade. Não tendo doença, tem trabalho e prosperidade. A família já tinha campo com pequeno rebanho bovino e algumas ovelhas. O terreiro estava salpicado de galinhas e pintos com todas as idades. Os produtos da lavoura bem guardados no paiol, onde não faltava arroz, feijão, farinha e milho. A fartura continuava fazendo parte da mesa.

A Escola Rural era outro ponto muito positivo. Na vizinhança tinha uma boa professora, Dona Zefa, que com sua dedicação, garantiu a alfabetização de todas as crianças. O tempo de estudo era assegurado. Sebastião tinha gosto de ver os filhos aprendendo a ler e a escrever. Ele mesmo tinha o maior interesse e procurava captar um pouco das lições, comentando e de vez em quando folheando um caderno. Um dia também destrincharia o segredo das letras.

Os trabalhos de caridade espírita, conhecidos por mesa branca sempre aconteciam. Valfredo desde os catorze anos ajudava o pai. Embora muito jovem, presidia a cerimônia, participando na comunicação com as entidades espirituais. Com muita precocidade, demonstrava uma forte vocação para as atividades religiosas.

A fama do rezador Sebastião Idalino ia muito além das fronteiras da Colônia Cinco Mil. Zezé Corrente, na sua recor-

dação da infância, conta que quando morava na Colônia Jarbas Passarinho, distante umas três horas de caminhada, acompanhou uma vizinha até a Cinco Mil. Ela levava uma criança de dois anos com sérios problemas de saúde e a medicina oficial não lhe dava muita esperança. Esta senhora, com sacrifício, fez a longa distância a pé, carregando o pequeno enfermo.

Foi recebida com muita atenção pelo rezador que ofereceu almoço e descanso para a comitiva. Depois, rezou no menino e garantiu a cura, pois na verdade a morte não lhe rondava. Terminou confortando a mãe com estas palavras: “Ele ainda vai comer muito feijão com arroz e dar muito trabalho”. A criança recuperou rapidamente.

Um dia, o concunhado Chico Chagas, casado com a Júlia, foi para a cidade no carro de boi, levando os produtos da terra para vender e ter os recursos para as compras de casa. Na volta, teve um ataque cardíaco e ficou desacordado. O boi que sempre fazia o trajeto continuou sua jornada, puxando a carroça até chegar em casa com o moribundo.

Júlia com pouco tempo ficou viúva. Tinha cinco filhos, todos menores de idade. Antônio José ainda era um bebê de poucos meses. Não lhe faltaram solidariedade e as refeições na mesa. A família Gregório era unida. Nunca houve miséria entre eles. Nel, como irmão, ficou o responsável direto da casa, mas Sebastião também acompanhava de perto a batalha da cunhada.

O sogro Idalino viveu poucos anos neste tempo da Colônia. Estava alquebrado pela idade e pelo muito esforço que a vida lhe havia imposto. Descansou em paz, rodeado por todos os filhos.

Tetê continuou solteira e se mantinha virgem. Vivia com a mãe, Dona Maria, muito carinhosamente chamada de

Mainha pelos inúmeros netos.

As cunhadas, Júlia, Cristina Raulino e Tetê, juntamente com Rita, Valdete e Valfredo e mais algum vizinho, davam a sustentação ao trabalho religioso. Sebastião estava bem adaptado à nova vida, mas ainda sentia saudades do Amazonas. Da natureza forte e das emoções de uma boa pescaria ou caçada. Será que ainda retornaria ao grande rio e aos lagos? Um consolo por estar no Acre era não ter o patrão seringalista. Todo seringueiro era explorado. Ali ele era o dono das terras e seu trabalho compensado com a prosperidade.

Na realização espiritual ainda tinha expectativa. Estava sempre dedicado ao atendimento de doentes pela caridade. Nunca recebera algum centavo pelo que fazia. Neste mundo místico ele recebera uma mensagem, um toque que um dia reuniria um povo e construiria uma Igreja. Revelações espirituais são difíceis de ser explicadas, mas seguem o curso normal da vida. Grandes transformações ainda iriam acontecer.

Capítulo VII

O Encontro com o Mestre Irineu

A vida é cheia de surpresas e o inesperado vem após a rotina sem novidades. Quando não é boa coisa o povo se conforma, como aquele velho ditado: “Deus escreve o certo por linhas tortas”. O que poderia ser uma derrota ou uma perda pode se transformar em benefício.

Precisava um bom motivo para Sebastião voltar a procurar o Mestre Irineu. Aquela curiosidade simples de ver o homem já passara. Além disso trabalhava muito e tudo dependia do esforço físico. Tinha mais de quarenta anos de idade e sentia o impacto do tempo, evitando as grandes caminhadas por diletantismo.

Naquela manhã, desde o despertar a paciência andava longe. A vaquinha habitualmente ordenhada metera os pés e uma parte do leite tinha ido ao chão. Não era um dia de sorte. Ele estava nervoso. À tarde, depois de pegar pesado na dura jornada, se achava na cozinha tomando um copo de leite quando um grande besouro adentrou pela janela para lhe perturbar com seu zumbido forte. O bicho o rodeava de maneira provocadora, se desviando com muita perícia

dos tapões. Era apenas um inseto inoportuno e sem nenhum perigo, mas parecia destinado a perturbar o homem que acabou engasgando com leite, quando o bichinho lhe deu uma trombada na nuca.

Este foi o motivo de ter engasgado. Dai para a frente a sua saúde não prestou mais. Sentia náuseas e um bolo que vinha até a garganta e voltava. O apetite acabou. Só comia um caldinho de peixe no almoço e algum caldo de caridade, aquele preparado com farinha.

Rita estava preocupada pois era difícil o Bastião se baquear. Como esposa zelosa o poupava de todos os esforços mas ele, muito teimoso, quando sentia melhora corria para o trabalho no roçado.

No fim de semana, ainda sem ter recuperado, foi consultar o farmacêutico que receitou remédio para gastrite. O resultado do medicamento foi só o de gastar dinheiro à toa. O diagnóstico estava errado. Continuou sentindo mal.

Os parentes preocupados achavam que ele devia ir ao médico fazer uma consulta no pronto-socorro. Afinal de contas nunca tinha sido olhado por um doutor. Sebastião ponderou, pesou os prós e os contras e resolveu ir. Tinha uma pick-up que transportava verdura e passageiros para a cidade e passava perto da Colônia Cinco Mil, diariamente às quatro horas da madrugada. Conforme lhe fora aconselhado foi neste horário pois tinha a chance de ser atendido no mesmo dia. Naturalmente, esperou muito nas filas que são antigas no Acre, mas conseguiu às dez horas da manhã entrar no consultório médico e sair de lá, quinze minutos depois, um tanto frustrado. Fora atendido superficialmente. Apenas algumas perguntas que lhe renderam uma receita e a seguinte observação: caso não ficasse bom deveria voltar numa nova consulta, fazer uns exames e talvez até uma cirurgia. Foi logo despedido pelo médico que ainda tinha muita gente para olhar.

Os remédios mais uma vez se mostraram ineficientes. A melhora era muito pouca. Foi neste momento de apuro que uma pessoa amiga lhe falou novamente do Mestre Irineu, que fazia muitas curas com o chá do cipó por ele preparado.

A simples notícia desta nova possibilidade fez seu coração bater cheio de esperança. Com certeza seria curado na linha espiritual. Ainda mais que ele próprio era dedicado a ajudar outras pessoas. Deus não o abandonaria. Precisava da saúde para dar conta do sustento da família. A fé estava revigorada.

Na doença todo homem se humilha, porque está vulnerável. Na sua fraqueza é que sente o poder de uma força que está muito acima. É Deus, só Ele pode socorrer e Ele atende quem sabe pedir. Sebastião estava fraco, precisava de ajuda. Alguém que o levasse a encontrar a força curadora dentro de seu próprio corpo.

Pela segunda vez iria em busca deste homem. Agora estava mais preparado e precavido e tinha um motivo superior ao de simples curiosidade. Chegaria muito humilde na presença do Mestre Irineu. Foi bem informado do dia de atendimento no Alto Santo, local onde aconteciam os trabalhos. No próximo sábado às 18 horas.

Este era o ano de 1964, o sétimo desde a chegada do Juruá. Valdete já tinha dezesseis anos e acompanhou o pai. Chegaram ao entardecer, um pouco antes do início da cerimônia, que era um trabalho de cura com um pequeno hinário.

De chegada, pode admirar o grande salão com suas varandas laterais. No pátio, algumas pessoas conversavam em pequenos grupos. Chamou-lhe atenção ver homens vestidos de calça azul-marinho com camisa branca e gravata. Como gravata era adorno de gente importante, sentiu no ar que ali era sério.

Alguém muito prestativo interessou por sua pessoa e ofereceu para intermediar o contato com o Mestre Irineu, que estava em casa. Sebastião já estava mais do que curioso para ver o homem. Quando finalmente se encontrou na sua presença, sentiu-se pequeno frente àquele negro de dois metros e alguns centímetros de altura. Era admirável o porte físico, uma fortaleza de pessoa num semblante muito amável. Tinha setenta e dois anos e irradiava cordialidade. Não tinha aparência de velho. A cada instante chegava uma pessoa a pedir-lhe a bênção. Alguns beijavam a mão, outros estiravam o braço. Era cumprimentado com muito respeito por todos.

Atencioso como de costume o Mestre Irineu ouviu Sebastião Mota de Melo contando seu caso, dizendo-se doente e dando em poucas palavras um panorama geral de sua situação. Terminados os relatos, ele fez apenas uma pergunta: “Você é um homem de verdade?” Acredito que sim, disse Sebastião, já sou pai de muitos filhos e nunca faltei meus compromissos. “Pois então”, retrucou o Mestre, “vai com os outros, entre na fila e tome o Santo Daime que é o nosso remédio. Depois do trabalho você me procura para dizer o resultado”.

Depois deste diálogo ainda houve uma espera de uns quarenta minutos para começar a cerimônia. Voltando para o pátio, Sebastião pôde observar que também as mulheres vestiam saia azul-marinho, camisa branca e gravata borboleta. Eram os fardados. Achou admirável a ordem ao entrar no salão: homens de um lado e mulheres de outro. Acompanhou de pé as orações de abertura, os tradicionais Pai Nosso e Ave Maria e depois foi para a fila tomar o Santo Daime.

Sentia um friozinho na barriga e uma emoção forte de estar ali, aliado a isto, uma natural fraqueza pois já vinha com quase um mês que não se alimentava direito, devido à enfermidade.

Recebeu o copo de Daime e notou que fora mais bem servido que o despachado antes dele. Achou bom ter uma dose maior e com firmeza passou goela abaixo aquele líquido marrom de gosto estranho. Não parecia com nada que tivesse bebido antes. Não fez cara feia, embora tenha sentido um estremecimento no corpo, um arrepio que correu da cabeça aos pés.

Tranqüilamente foi se sentar no local indicado por um homem que tinha o posto de fiscal de trabalho. Dali tinha um bom ângulo para a visão de todo o ambiente. Nesse primeiro momento o seu senso de observação estava aguçado. Muitas pessoas compartilhavam a cerimônia, mais de uma centena. A despeito disto, reinava grande silêncio.

No meio do salão, a grande mesa se destacava pelo capricho dos arranjos de flores em vasos colocados sobre a toalha branca, rendada. No centro o Cruzeiro de dois braços conhecido por Cruz de Caravaca. Ao redor, as cadeiras dos fardados. De um lado os homens, de outro as mulheres. Era admirável o salão do Mestre Irineu. Estava nesta conjectura quando o próprio veio ocupar a cabeceira da mesa. Todo mundo estava em concentração conforme tinha sido determinado. Daí, começaram a cantar. Dois violões acompanhavam o grande coral de vozes.

Sebastião começou a sentir a força da miração. Isto quer dizer, a bebida Santo Daime começava a fazer efeito. Primeiro as luzes adquiriram uma tonalidade especial, brilhante. Sentiu que estava em outra dimensão e aí ficou assustado e começou a pensar coisas negativas: não devia ter tomado o Daime, já estava doente e poderia ficar pior. Da insegurança partiu para o medo e ficou assustado. Sobreveio a isto mal estar e enjôos. Pensou em correr, fugir dali. Então lembrou da pergunta do Mestre Irineu: “Você é um homem de verdade?” Olhou ao redor e viu todo mundo quieto, tranqüilo. Por que haveria ele de correr? Nunca foi medroso nem covarde.

Recuperando o bom senso e o domínio da situação e se vendo tão fraco, Sebastião rezou. Pediu misericórdia a Deus e a cura. Pensou também que se aquele homem que todos chamavam de Mestre tivesse realmente poder, seria curado naquela casa. Na sua mente fez uma espécie de desafio ao dono do trabalho.

Aí veio a resposta. De começo o grande clarão de muitas luzes que de repente foram se apagando até que sentiu a vista escura, quis levantar mas não encontrou “terra nos pés”, como dizia ele. Faltou firmeza nas pernas e caiu no chão. Ficou ali estirado. O fiscal do trabalho veio, conferiu e achou melhor deixá-lo ali mesmo, entregue à miração.

A doença fazia a morada naquele corpo. Era um momento escuro. A força negativa lutando para apagar a luz daquela vida. Sebastião tinha consciência. Como num sonho via tudo acontecer e mais uma vez orou e pediu misericórdia, então se fez um novo clarão e tudo mudou ao seu redor. Agora se encontrava num salão rodeado de homens vestidos de branco. Estava num hospital e aquele lugar era como uma sala de cirurgia muito bem aparelhada.

Como um espectador viu colocar seu corpo sobre uma mesa. Observava tudo como se estivesse fora daquela matéria sofredora estirada no chão. Agora sentia muito bem estar e confiança e sem nenhum medo pôde apreciar um milagre.

A equipe cirúrgica aproximou-se e começou a trabalhar. O chefe recebeu o bisturi que manejado com extrema destreza abriu sua barriga ao meio. O fígado foi tirado inteiro e estava na mão do médico. Depois de examinado foram extraídas três larvas do tamanho de uma polegada. O próprio doutor lhe apresentou esta coisa estranha com o seguinte comentário: “Aqui está o que ia lhe matar brevemente. Desta você escapou.”

Como um espectador, apreciava a operação que não acabou por aí. Admirado viu retirarem osso por osso do seu esqueleto, sendo limpada peça por peça. Depois de tudo colocado no lugar, o médico foi ajuntando a pele e fechando o corte de sua barriga, tudo feito rapidamente, de forma indolor e com grande perfeição pois não ficou a menor marca.

Isto se passou enquanto estava no chão deitado. Não se sabe precisar quantos minutos. Não foram muitos. No máximo uns dez. Sebastião voltou como se estivesse acordando de um sonho. Procurou se levantar batendo a poeira da roupa e ocupando a cadeira que permanecia vaga.

O salão continuava com aquela luminosidade esplêndida. Não era o poder das lâmpadas e sim do Daime que fazia a diferença. Os hinos cantados por muitas vozes chegavam a seus ouvidos como um som divinal.

No silêncio, Sebastião agradecia as muitas graças recebidas. Olhando para o Mestre Irineu, lá na cabeceira da mesa, veio o entendimento que tudo partia dele. Era um foco irradiando os dons da cura e a beleza da música.

O trabalho findou depois das onze horas da noite e foi só de profundos sentimentos de alegria, fé e a imediata vontade de fazer parte daquele povo e também vir a usar uma gravata, coisa antes impossível de acontecer a um trabalhador braçal, analfabeto.

Quando terminou a cerimônia, foi falar com o Mestre que já estava rodeado de muita gente e distribuía muito amavelmente benção pedida de um por um pelas dezenas de pessoas ali presentes. Na sua vez foi ouvido com atenção. Muito satisfeito com tudo que passara pediu ao Mestre para voltar mais vezes. Estava completamente curado e sentindo uma disposição que há tempos não experimentava.

Raimundo Irineu Serra, com sua sensibilidade, sabia muito bem que ali estava um homem especial pois precisava

ter merecimento para receber uma cura milagrosa nos primeiros contatos com o Santo Daime.

O caminho de volta para a Colônia Cinco Mil foi feito a pé. Era uma noite muito especial. A lua estava presente irradiando seu brilho de prata com uma intensidade que ele ainda não tinha observado. A sinfonia noturna era completa. Os sapos, em todas as direções, festejavam o clarão, fazendo eco com o coaxar interminável. O piado lamurioso da coruja tinha um tom mais alegre. Por todo trajeto se ouvia a cantilena do bacurau e o assobio da nambu.

Ainda sentia o efeito do “Daime” que o tornava mais sensível à beleza daquela noite. Nesta forte ligação com a natureza o tempo passou ligeiro e logo chegou em casa. O velho despertador marcava três horas de madrugada e nem sinal de sono ou cansaço.

Este era o ano de 1964, sete depois da chegada do Juruá. Muita coisa tinha acontecido no Acre mas nada se comparava àquela experiência de tornar o chá e conhecer o Mestre Irineu.

Capítulo VIII

A Cura do Curandeiro

Como explicar o fato de um homem feitor de curas se tornar um doente? Os grande iniciados na missão espiritual sempre passam por momentos delicados de apuros físicos para receber a plenitude de sua tarefa terrena.

Assim foi com Francisco de Assis que despertou para Santidade no momento que estava acometido de altas febres, quando buscava ser um guerreiro nas cruzadas medievais. Também Terezinha de Lissieux se fez uma amada santinha deste século lutando com uma tuberculose que a levou precocemente ao túmulo com vinte e quatro anos.

Então se pode entender que a doença tem um sentido de transformação e até de renascimento. O ato de sofrer é um recurso para apurar os que precisam chegar mais perto de Deus.

A vida de Sebastião mudou. Um novo tempo disparou seu coração na busca do entendimento. Sua mente deseja o estudo e a dedicação para trabalhar no plano espiritual. Finalmente tinha encontrado um professor de grande saber na arte de curar. Seguramente um santo para ajudá-lo a seguir a rota certa no encontro do ser divino, do Eu Superior.

Nos dias que se seguiram à cura recebida no Alto Santo, a saúde floresceu e o milagre foi contado muitas vezes para parentes e vizinhos. O grande desejo de rever o Mestre Irineu tocava fundo. Sempre lembrava daquela figura imponente, do jeito de falar manso e firme. Queria muito sentir-se frente àquela presença expressiva e forte e poder conversar sobre a espiritualidade, pois ele também era um homem de Deus.

Imaginou que o melhor seria ir à sua residência no meio da semana e encontrá-lo na intimidade do lar sem aquela centena de pessoas ao redor.

Rita acompanhava de perto todo este processo com a satisfação de ver o marido disposto e alegre. O ambiente em casa voltou a ficar agradável. No tempo que antecedeu a doença e em toda ela, Sebastião estava nervoso e reclamava de tudo. Agora era outro. A numerosa família respirava aliviada.

Na quinta-feira seguinte tirou o leite das vaquinhas, na base de oito litros. O suficiente para fazer fartura em casa e ainda mandar dois litros para casa da Júlia, a cunhada viúva e um litro para a casa da Mainha e da Tetê.

Desde a véspera havia conversado com a mulher sobre a ida ao Alto Santo. Até o nome onde estavam a casa e a Igreja era sugestivo, atraente e de grande sonoridade. Foram quase três horas de caminhada varando campos e trilhas por dentro de Colônias, seguindo uma rota que ligava as duas estradas paralelas.

Por volta das dez horas atravessava o portão da casa. Com muita sorte encontrou no terreiro, vindo da cacimba de banho tomado, o próprio Mestre Irineu que foi muito atencioso lhe oferecendo de imediato a cuia e o sabonete e indicando o caminho do poço para refrescar e tirar o suor da caminhada.

Foi um encontro feliz, inesquecível e de muitas respostas. Na verdade dois grandes líderes religiosos que mais tarde

ganhariam projeção ali se apresentavam. Era o reconhecimento mútuo do Mestre e do discípulo. Processava-se importante conquista espiritual, que o tempo iria mostrar como um era importante para o outro. Irineu falou da fé, da perseverança, da Virgem Soberana Mãe, a Rainha da Floresta, que o havia entregue aquela doutrina de Jesus Cristo.

Sebastião contou sua experiência como espírita, curador e rezador, de sua origem amazônica na região do Rio Juruá. Durante mais de uma hora esteve preso ao encanto da palavra e o interessante diálogo fluía com naturalidade.

Era perto de meio dia quando foram interrompidos para o almoço. O visitante um pouco acanhado relutou em aceitar o convite. Disse que precisava estar cedo em casa, que tinha sido seringueiro e não gostava de andar de barriga cheia. Aceitou o café e algumas bananas e enquanto fazia este pequeno repasto foi informado de que no próximo sábado haveria um ritual para a festa de um aniversário. Seria uma nova oportunidade de comungar o Santo Daime.

Assim inicia a saga de Sebastião Mota de Melo na doutrina do Santo Daime. Foi preciso adoecer para chegar bem humilhado naquela casa, receber uma graça muito grande e ficar eternamente agradecido.

A vida produtiva na Colônia Cinco Mil seguia próspera. Valdete e Valfredo já eram jovens rapazes inteligentes nos negócios e bons trabalhadores. Ambos de grande valia para o pai que desde cedo despertara neles o sentido de responsabilidade e compromisso com o trabalho.

Ainda era costume preparar o carro de boi com os produtos para vender na cidade.

Nesta temporada do ano o tabaco era cultivado e preparado em molhos, sendo item importante da produção familiar para ajudar nas compras mensais. Muita gente gostava de

fumar o cachimbinho e fazer porroncas e como tinham um bom pedido de fornecimento, esperava-se nesta semana uma maior arrecadação por isto também Sebastião foi à cidade fazer compras. Mercado no sábado pela manhã é sempre muito concorrido. É o lugar ideal para rever pessoas amigas. Lá no meio daquele burburinho, daquela agitação de gente, deparou com o fiscal do salão que o havia atendido na noite do trabalho que recebera a cura.

Era um senhor de meia idade, baixo, gordo e de conversa muito animada. Mostrou-se feliz por revê-lo e tinha um ar de cumplicidade. A alegria foi mútua, pois Sebastião estava muito interessado em saber sobre o Alto Santo, a doutrina do Daime, o Mestre Irineu e tudo afinal.

Passaram a andar juntos. Seu Francisco, o fiscal, era um entusiasta e animado interlocutor. Falou do cipó jagube, um dos componentes do preparo da bebida. De como encontrá-lo na floresta, do seu formato, dos plantios nativos chamados de reinados. Também fez uma boa explanação sobre a folha do arbusto da chacrona o segundo vegetal do preparo do Daime. Disse ele que esta folha especial, chamada de Rainha, era quem trazia a miração, a presença feminina. O cipó jagube era a representação masculina e trazia a força. Do cozimento destas duas plantas surgia o milagroso chá. Por fim explicou que esta bebida era do ritual de muitas tribos indígenas da Amazônia, tradicionalmente conhecida com ayahuasca.

O assunto deixou Sebastião super interessado e curioso com esta nova realidade que vivia. Considerava-se um aluno e queria se dedicar ao estudo. Com o entusiasmo que tinha, logo seria também um professor e profundo conhecedor dos mistérios que agora o rodeavam.

Desta forma foram se estreitando os laços com a doutrina e o povo. Logo ficou sabendo o dia certo dos trabalhos de ritual no Alto Santo e passou a ser freqüentador.

Paralelo a isto, fez ainda alguns trabalhos de mesa branca na linha espírita. O Mestre Irineu achava de acordo mas agora ele se sentia dividido. O Daime era um grande atrativo. Não podia dispensar sua companhia e dos companheiros. A união de muita gente fazia uma corrente mais forte. Quanta beleza e primor se via no salão do Mestre, pensava.

Na ocasião do último trabalho de mesa recebeu um toque das entidades espirituais que há muitos anos lhe acompanhavam. O Professor Antônio Jorge e o médico Dr. Bezerra de Menezes se afastariam por um período de pelo menos dez anos, abrindo espaço ao completo estudo da nova doutrina.

Isto se processava dentro de uma bela harmonia mental, pois ele não estava renegando uma antiga fé. Não tinha dúvidas quanto ao trabalho espírita, pois sentia todo potencial da mediunidade dentro do ritual do Santo Daime.

Via agora uma nova abertura e sentia forte chamado para caminhar na linha do Mestre Irineu. Seguindo o esquema matinal, voltou outras vezes à casa do Mestre para encontrá-lo a sós e compartilhar mais intensamente de sua presença e seus ensinamentos. Tinha sede de beber naquela fonte onde jorrava a pura sabedoria. Sabia ser harmonioso, discreto e por isto era recebido com atenção e carinho.

Por um motivo razoável ele saía a pé, varava campos e matas e ia lá no Alto Santo. Desta vez precisava manifestar sua convicção e a vontade de vestir a farda dos rituais. O pedido era extensivo aos filhos que demonstraram grande interesse pelo seguimento na doutrina.

Rita, a esposa, era curiosa, tinha vontade de ir lá, mas nunca podia sair de casa devido aos filhos menores. Ficava com o Pedro, Zé Mota, Neves, Izabel, Nonata e Marlene, enquanto o marido e os mais velhos às vezes viravam a noite

no Alto Santo. Foi preciso esperar quatro anos para também ela ir à Igreja.

Para comprar as fardas dos três, foi necessário armar uma estratégia especial na produção doméstica. Houve economia, privação mas no dia aprazado eles se apresentaram a rigor.

Os hinos dos rituais estavam constantemente rondando sua cabeça. A sutileza da música, o eco das vozes lhe faziam companhia no roçado. Às vezes distraído se surpreendia cantando uns versinhos já guardados na memória. Na mocidade aprendera a dedilhar o violão, chegando mesmo a animar os forró da vizinhança. Agora sentia forte um novo chamado para a arte e já desejava um instrumento musical.

O interesse pelos rituais da doutrina era acrescido pelo atrativo das variedades, Consistiam de três tipos de trabalho: Hinários, Concentrações e Trabalhos de Cura.

Os hinários oficiais, com fardas brancas, aconteciam nas grandes festas religiosas do ano: Natal, Reis, São João, etc. Nestas ocasiões tomavam o Daime, cantavam e bailavam por toda a noite acompanhados de maracás, sanfonas, violões e batuques.

Memorável lembrança daquela festa que pela primeira vez vestiu um terno branco e uma gravata, se apresentando limpo e reluzente por dentro e por fora.

Nas outras seções de cura e concentração, era usada farda azul, sem paletó.

O bom aluno sempre se destaca na sala de aula e recebe uma atenção especial do professor. Depois de fardado, de se tornar um membro da doutrina, um soldado da Rainha da Floresta, recebeu do Mestre alguns litros da bebida para ser usada em sua casa em ritual de cura sob seu comando.

Assim estava definitivamente consolidada a sua integração com a nova religiosidade. Mergulhou de corpo e

alma na doutrina, participando de rituais e se destacando até pelo esforço de vencer uma longa caminhada para chegar ao Alto Santo.

Nunca faltou o apoio da esposa que tudo fazia para facilitar sua missão espiritual. Ficava em casa com as crianças e isto era completamente normal e aceitável porque neste tempo as mulheres eram por natureza mais caseiras.

Rita tinha notícias de tudo que se passava e também desejava tomar o Daime. Quando finalmente ele chegou na Colônia Cinco Mil ela corajosamente se apresentou irradiando grande amor maternal e harmonia interior, demonstrando ser uma companheira à altura dos trabalhos do marido.

O cunho familiar era o forte da doutrina. Os atos litúrgicos contavam com a participação das crianças e os pais tinham o maior orgulho em fardá-los para os rituais das grandes festas.

Todos os oito filhos acompanharam a vertente religiosa do casal, assim como a maior parte da família Gregório se fardou. Só o compadre Manezinho e sua esposa Dona Lulu não quiseram participar do chá, porém nunca foram oponentes, pelo contrário, em toda reunião de daimistas na Colônia, Manezinho estava no meio, era amigo de todo mundo. Gostava de acompanhar os trabalhos de fora. Apreciava ouvir os hinos, mas tomar Daime, jamais. Possuía uma certa incompatibilidade religiosa.

Profundas transformações começam a dar um novo ritmo para a Colônia Cinco Mil. Um novo tempo estava declarado. O Sebastião que foi doente ao Mestre não voltou mais. Um novo homem renascia dentro da mágica desta doutrina. Uma grande liderança começava a despontar. Era chegado o tempo do Padrinho Sebastião e da Madrinha Rita.

Capítulo IX

O Mais Novo Padrinho

Em algum lugar está escrito que as palavras comovem mas os exemplos arrastam. Um líder de verdade dá o testemunho pelas ações e desta forma conquista muitas adesões à sua causa e à sua pessoa.

Pelo fato de ser um espírita, homem de trabalho e exemplo de vida familiar, Sebastião Mota há muito tempo vinha desenvolvendo uma liderança em toda região da Colônia Cinco Mil. Era ouvido e respeitado.

Com a conversão ao Santo Daime, naturalmente muitas pessoas iriam ficar influenciadas. Entre parentes e vizinhos foi formando um grupo que passou a fazer companhia na ocasião das festas e trabalhos no Alto Santo. Ele sempre chegava acompanhado de um grupo que ia crescendo.

Era comum os fardados receberem hinos, o dom de cantar em versos as mensagens de fé, revelações e outras graças da competência espiritual. Não se pode inventar ou compor um hino. Eles brotam no caminho de cada “aparelho”, cada ser que vai se iluminando na doutrina e dando seu testemunho e seu louvor vindo do astral. Os hinos compõem a música sagrada que preenche os rituais. O hinário mais importante, o primeiro de todos é o do Mestre Irineu, denominado “O Cruzeiro”, composto de 129 hinos. Muitos ou-

tros receberam também a consagração popular como os de Maria Damião, João Pereira, Germano Guilherme e Antônio Gomes.

Sebastião também foi tocado por este dom e recebe e canta seu primeiro hino, se posicionando no alto astral como declarou na primeira estrofe:

*Eu estava no Palácio
Da Soberania
Quando eu vi chegar meu Mestre
Com a Sempre Virgem Maria*

Desta forma se declara um ser iluminado com uma missão a cumprir junto com o seu Mestre.

Na cabeça tudo ia ficando mais claro. Desde os velhos tempos do Juruá recebera o toque do Mestre Osvaldo sobre um aprendizado e um caminho que iria conhecer no Acre. Reunir um povo e construir uma Igreja agora começava a ter sentido.

O acreano gosta de beber. Entre colonos e seringueiros a cachaça corria solta. Alguns conseguiam ser comedidos, mas não faltavam os alcoólatras. Muitas bebedeiras acabavam em confusão porque no exagero do uso as pessoas se tornam abestadas, perdem a racionalidade. É um caminho aberto para a derrota espiritual.

Todo mundo sabia que para tomar o Daime não podia beber. Eram incompatíveis por razões psicológicas e fisiológicas.

Uma era a razão religiosa que revestia o chá, tornando-o uma bebida sagrada, própria para rituais e como remédio, no caso de doenças. Outra era a das festas das paixões e do chamado mundo da ilusão.

Um daimista muitas vezes era um antigo bebum.

Sebastião, que nunca freqüentou a roda da “branquinha”, começou a ter mais força para tirar muitos companheiros do vício. Ele agora tinha uma bebida superior para oferecer.

Exemplo disto foi Chagas, um vizinho estimado, companheiro de mutirões, mas que tinha uma forte inclinação para o álcool. Sempre que ia à cidade voltava daquele jeito. Toda vez passava pela casa do Seu Sebastião era prometendo tomar o Santo Daime. Isto é, mudar de vida, largar a cachaça pois sabia do regulamento para tomar o “Chá do Negão”, era desta forma irreverente que se referia ao Mestre Irineu, um negro de elevada estatura.

Numa tarde de sábado, bêbado como de costume, o Chagas foi chegando e anunciando com determinação: “É hoje o dia, estou aqui pronto para tomar o chá.” Diante deste fato, Sebastião ponderou consigo mesmo: “Ele só passa aqui deste jeito, não vou esperar mais”.

Ao anoitecer o grupo familiar de daimistas foi reunido e o Chagas participou do ritual e tomou pela primeira vez o Santo Daime.

Não é possível dar detalhes da reunião mas é bem sabido que sua vida mudou, acabou o alcoolismo. O bêbado se foi e no seu lugar despertou um companheiro e irmão na doutrina, um pioneiro na missão espiritual que estava nascendo na Colônia Cinco Mil.

Outros tantos agricultores da região também foram se incorporando ao grupo. Dizem que o João Baé bebia garrafas inteiras e quando “invernava” era tomado pelo “delirium tremens”, o mais alto grau de bebedeira. O Val da Juliana, o Anderson e outros tantos mudaram completamente suas vidas quando passaram a freqüentar sessões do Santo Daime na casa de Sebastião.

O povo acreano em sua grande maioria é formado pelos imigrantes nordestinos com a predominância do Ceará. Aliás toda a Amazônia foi colonizada por esta gente nos dois ciclos da borracha. O próprio Sebastião era filho de cearenses, embora tenha nascido no Amazonas. Os costumes, as tradições e devoções de lá em muito influenciaram o Acre.

Pedir a benção e ser abençoado, principalmente entre a população mais simples, era o estimulado pelos pais como forma de mostrar respeito. As crianças respeitosamente pedem para ser abençoadas por uma pessoa mais velha. Neste gesto elas recebiam a boa vibração da resposta: “Deus te abençoe”. É um tom positivo fazendo uma corrente de boa vibração e bons desejos.

Entre os daimistas era do consenso geral reverência a Raimundo Irineu Serra como o Padrinho que a todos congregavam. Ele não era o único. Tinham outros Padrinhos, geralmente pessoas mais velhas eleitas pelo discernimento dos mais jovens. A unanimidade era só de Irineu.

Sebastião Mota começou a ser reconhecido como um Padrinho. Em pouco tempo caminhou muito dentro da doutrina e começou a receber hinos e muitas pessoas passaram a chamá-lo de Padrinho Sebastião. Já era um homem maduro perto dos cinqüenta anos.

Quando chegava ao Alto Santo para participar de rituais e festas era acompanhado do grupo da Cinco Mil, um povo que ele havia conquistado para o Mestre.

Naturalmente um dia andando pela floresta com um daimista aprendeu a reconhecer os vegetais utilizados no feitiço do Santo Daime: a folha Rainha e o cipó jagube.

Quando era tempo de feitiço, de preparar a bebida, se apresentava com toda disposição de trabalhar, participando diretamente, colhendo os materiais e transportando nas

costas juntamente com seus companheiros. Nas matas que circundavam a Colônia era comum encontrar estas espécies vegetais.

Com a eficiência que lhe era peculiar prestava toda atenção nos detalhes do feito porque de coração almejava um dia ser um feitor do Santo Daime.

Numa das ocasiões em que foi visitar o Mestre Irineu e lhe apresentar algum hino, recebeu a autorização para preparar o Santo Daime com os vizinhos e parentes na própria Colônia Cinco Mil. Pela boa aplicação no trabalho, tinha acumulado merecimento que agora o credenciava a fazer parte do restrito grupo de feitores.

Chegou a ocasião gloriosa de se apresentar com os companheiros, trazendo o Santo Daime feito em casa.

O chá é uma bebida que tem uma magia no seu preparo. A fórmula à primeira vista parece bem simples, porem tem algo mais que cozinhar e apurar os dois vegetais. Tem muitos cuidados e até normas, como por exemplo: estar três dias pelo menos sem praticar o ato sexual é importante; ter a mente bem limpa e fazer todo trabalho com respeito e concentração. O Daime produzido na Colônia Cinco Mil ficou de alto nível ou melhor, alto poder de miração.

Quando um fardado recebia um hino era comum apresentar em primeiro lugar ao Mestre Irineu para receber a aprovação e só depois divulgá-lo. Isto porque não era qualquer cantiga ou música que poderia ser considerado hino. Tinha que ser autêntico. Recebido e não inventado. Não era rotina. No momento que tinha bons assuntos a tratar, Sebastião botava o pé na estrada. Ia diretamente falar com Mestre Irineu em particular. Nesta ocasião apresentava hinos bem recebidos.

Uma grande missão vinha se configurando. No cantar ele se apresentava como alta entidade do Império Juramidam, a linhagem espiritual da doutrina.

Com a curiosidade própria de um aluno que vai desvendando as lições, penetrou no conhecimento esotérico. O que primeiro despertou sua atenção foram as muitas referências ao Império Juramidam. Qual era o verdadeiro significado destas palavras?

Quem melhor para lhe dar a explicação do que o próprio Mestre Irineu?

Um dia fez a pergunta: “O que é Juramidam?” A resposta não trouxe uma definição pronta. O Mestre recomendou a pesquisa e o estudo. “Procure na luz do Santo Daime”, disse, “veja onde está o Mestre, quem é ele na terra e no astral. Os hinários são os livros”.

Sebastião acabou descobrindo o profundo significado de todo aquele mistério. Era a própria missão redentora de Jesus Cristo que havia brotado na floresta. Mestre Irineu estava replantando as Santas Doutrinas. Era o eixo principal e representava a presença do próprio Jesus, filho de Maria.

Como bom aluno que era, foi passar a limpo a lição com o professor. Dele veio a confirmação do que já ouvira de algumas bocas. Foi Nossa Senhora, a Virgem da Conceição que se apresentou, como a Rainha da Floresta em aparições verdadeiras e trouxe esta missão à Terra e entregou o primeiro hino. Era dona dos ensinamentos. A Lua como que baixou até a terra trazendo a presença da Mãe aos olhos e entendimento de Irineu.

Na firmeza dos estudos espirituais, ao homem que buscava o conhecimento e crescia a olhos vistos como um Padrinho, foi lançado um desafio: Qual a sua identidade espiritual? Quem tinha sido em outras vidas? Qual era a missão a cumprir nesta existência?

O fato de se sobressair no seio da pequena sociedade daimista composta de umas quinhentas pessoas, de ter uma missão de destaque e ter um grupo de sustentação, despertava tanto a admiração de veteranos como também o ciúme e a inveja

de alguns que consideravam Sebastião um novato pretensioso.

No caminho da vida, nem tudo são flores. Tem os espinhos que simbolizam as provações. Para um homem que busca o crescimento espiritual é muito importante saber conviver com críticas e oposição. Estas situações bem trabalhadas se revertem em benefícios. É muito fácil ser bom com as pessoas que amamos.

Esta foi uma realidade no seguimento da doutrina: tinha gente que não acreditava no Padrinho Sebastião.

O mais importante para um discípulo é ser leal e verdadeiro com o Mestre. Para dizer que está com Ele tem que andar direito. Não é só com palavras. Esta certeza morava no coração. Sempre caminhou na sinceridade. Nunca foi falso ao Mestre.

Do astral veio esta mensagem em um dos seus hinos: *“Não escutas e nem te importas com conversas de irmão.”* Ou esta: *“Quem tem boca diz o que quer. Eu amo o meu Jesus e o Patriarca São José.”*

Não faltaram oportunidades de estar com o Mestre nos sete anos que conviveram.

Certa ocasião foi chamado para viver castamente. Já era homem bem maduro, pai de oito filhos vivos quando ouviu o surpreendente convite para se dedicar totalmente à missão, isto é, estar sempre disponível para tomar o Santo Daime e trabalhar. O Mestre o consolou dizendo: “Sua esposa é bem graduada na espiritualidade e de bom coração o seguirá neste novo tempo”. Assim aconteceu. Havia um preceito bem conhecido entre os freqüentadores. Para tomar o Santo Daime é recomendável abstinência sexual.

O que Sebastião detectou é que o Mestre procurava o sucessor para continuar a missão terrena. Ele estava bem velho e um pouco cansado. A chave desta seqüência de poder

estava revelada no hinário “O Cruzeiro”. Esta era a magia pois os hinos traziam mensagens do astral. O Império Juramidam era uma nova manifestação de Jesus que brotou na floresta para colher esta irmandade que se encontra espalhada pelo Mundo. Depois de Jesus viria o tempo de São João Batista que em outras eras foi o antecessor do Cristo.

Esta revelação veio em hinos. Era Sebastião quem trazia a presença de São João. Ele era o aparelho e a voz que clama no deserto se manifestava nos seus hinos.

Era a certeza do desenvolvimento da doutrina que continuaria sua linha evolutiva.

Este é um estudo fino, delicado de se entender e difícil até de ser descrito. Só os iniciados ou fardados podem entender e ter esta fé que Jesus Cristo se manifestou em Raimundo Irineu Serra e São João Batista em Sebastião Mota de Melo.

Esta é a força e a vitalidade da doutrina porque estas pessoas não eram levianas e nem estavam inventando coisa. Cada um no seu tempo, mostrou o grande amor que fluía de sua presença e decisões. Suas palavras ficaram eternizadas nos hinários que nos deixaram de legado.

Capítulo X

A apresentação e a viagem do Mestre

Quando chega o momento certo, a ave que está presa dentro do ovo tem que romper a casca. Precisa ter esta força e determinação para completar o ciclo da vida e um dia poder voar em liberdade, dominando as altitudes. Isto se for uma águia, um condor; se for uma galinha vai ficar feliz ciscando cá em baixo.

Assim é também no renascimento espiritual. Tem que romper a casca da matéria que prende a vida e galgar a liberdade de ser. Se a casca não for quebrada, se não houver a coragem para isto, o ovo estará gorado, irremediavelmente perdido.

Muitos se perdem, não nascem porque não têm verdade. Quem vive na mentira não tem força de vida. É uma passagem efêmera, um aborto da terra.

Seria Sebastião Mota um homem falso? Um inventador de histórias? Um sonhador? Se estas perguntas fossem dirigidas a certas pessoas, a resposta seria afirmativa.

Precisava ser assim, ter provação para medir a força da fé. O importante é estar com o Mestre.

Era na música reveladora dos hinos que Sebastião vinha contando sua missão. Com poesia, numa linguagem muito simples, cabocla, mas com uma música forte, apresentava-se afirmando ser importante entidade espiritual.

Numa noite de reunião e trabalho no Alto Santo, quando cantava e bailava o hinário do Cruzeiro e o Daime brilhava no seu interior, recebeu uma instrução espiritual. Uma voz falou na mente: “Você tem que apresentar o hino ‘Sou Eu’”. Era o vigésimo oitavo e último do hinário desta época. Declarava sua missão.

Ora, nesta noite cantava o hinário do Mestre Irineu. Como ele, Sebastião iria se meter no ritual e cantar sozinho um hino seu? De forma alguma faria isto.

A mesma voz voltou a falar lá dentro da cabeça: “Você está duvidando? Então vou lhe dar uma prova” e continuou: “O motor de luz vai apagar. Na hora que ficar na penumbra o povo vai calar. Quando isto acontecer você canta.”

Realmente, alguns minutos depois, o motor começou a falhar até parar completamente. Haviám esquecido de abastecê-lo. Um silêncio se fez, Sebastião abriu a boca e a voz brotou forte dominando todo o ambiente:

“Sou Eu, Sou Eu, Sou Eu/ Eu posso afirmar/ O Mestre me chamou!// Para eu me declarar!

Vamos todos meus irmãos/ Compreender este abecê / Que muitos são os que olham/ E poucos são os que vêem/ /

A minha mãe é tão formosa/ E mandou eu declarar/ Que o Mestre está em mim/ E é preciso eu me calar//

Meus irmãos vou ensinar/ Como se lê o abecê/ Muitos vão assoletrar/ E não sabem compreender//

Meus irmãos vou lhes dizer/ Para todos aprenderem/ Que debaixo da minha ordem/ É que agora eu quero ver//

*Sou Eu, Sou Eu, Sou Eu/ O Mestre afirmou/ Olha o
relho na minha mão/ Aonde está o chiqueirador//*

*Meus irmãos venho avisando/ Para todos compreender/
No dia da audiência/ É que vão gostar de ver//*

*Agora vou declarar/ Como foi que se passou/ No rio de
Jordão/ O batizado se traçou//*

*A minha mãe é tão formosa/ E do meu Mestre também
é/ Ele é filho de Maria/ E eu sou filho de Isabel//*

*Meus irmãos já declarei/ Não tem mais o que dizer/
Quem quiser que o procure/ Para poder compreender.”*

Logo que Sebastião começou a cantar, foi repreendido por muitos olhares e pelo fiscal que em vão tentava lhe dizer que estava errado, não podia fazer aquilo.

Não tinha como parar. Era forte a energia que o levava àquele enfrentamento com o salão. Embora não estivesse agradando a todos, ninguém o faria calar. Enquanto durou o abastecimento do motor, ele deu o recado.

Concluída esta passagem, veio-lhe uma grande confirmação. Assim como uma ave rompe o ovo que a prende, assim também ele havia rompido a casca do medo e da dúvida, e se apresentado como filho de Isabel. Todos sabem que ela é a mãe de São João Batista.

O Mestre Irineu não estava presente na hora deste acontecimento. Sentindo o peso da idade, repousava em sua casa. Um grupinho de opositores correu a lhe contar o ocorrido. Dizem que ele fez o seguinte comentário em tom irônico: “Vocês não viram nada ainda. Podem ter calma, muita coisa ainda está para acontecer”.

A missão do Mestre é doutrinar seus discípulos colocando-os no caminho certo. No hinário do Cruzeiro, Irineu Serra dá o recado direitinho, mas hoje como antigamente o povo é rebelde, não quer se dedicar à espiritualidade e por isso se faz de desentendido. Embora sejam irmãos, existem

disputas, ciúmes, invejas, etc. Coisas da vida. Arestas difíceis de serem aparadas.

Sebastião era o mais recente a penetrar no círculo dos que tinham hinário. Era também o mais novo dos feitores de Daime, lugar só galgado por um restrito número de veteranos. Era ele, porém, quem desenvolvia a maior liderança, pois além do grupo da Cinco Mil, outros tantos frequentadores passaram a chamá-lo de Padrinho.

O Mestre Irineu, ao longo do seu hinário, muitas vezes reclamava da rebeldia do povo. Num deles, o de n.º 81, ele manifesta o desejo de abandonar seus alunos dizendo assim: *“Aqui tem um professor/Que vai deixar de ensinar/Ele ensina, ninguém faz caso/ só lêem de diante para trás”*.

Por isto, Padrinho Sebastião, na força de São João Batista, se apresenta como um disciplinador e simbolicamente declara: *“Olha o relho na minha mão/ Aonde está o chiqueirador.”* Linguagem bem amazônica das heranças do Ceará.

Devemos levar em conta que o poder é sedutor e o ser humano tem uma natureza política, às vezes latente, às vezes manifesta. Era natural Sebastião deparar-se com opositores.

O Mestre Irineu, por seu lado, optou por não se manifestar. Ele não era de entregar as coisas prontas. Desde o início vinha acompanhando a trajetória de Sebastião. Era o que melhor e mais profundamente o conhecia. Se quisesse poderia cortar suas pretensões; bastava dizer. Era o único que tinha o poder de fazê-lo calar. Mas, pelo contrário, pessoalmente apoiava e incentivava o discípulo.

Uma família de pioneiros tinha forte influência no Alto Santo. O patriarca deles era o já falecido Antônio Gomes, que tinha deixado um hinário belíssimo, com instruções precisas e grande fidelidade ao Mestre. O filho, Leôncio, era o atual presidente do CICLU, Centro de Iluminação Cristã, Luz

Universal. Com este nome, fez-se o registro civil da organização religiosa fundada por Raimundo Irineu Serra. Ele tinha o cargo vitalício do mestre Imperador. Não participava da diretoria eleita.

Outra pessoa importante da família Gomes era a Sra. Peregrina, a terceira esposa de Irineu Serra, que vivia com toda nobreza cuidando do ancião, pois ela era pelo menos uns quarenta anos mais jovem que o marido. Eles desejavam que Raimundo Gomes, que começava a cantar um hinário próprio, fosse o sucessor.

Este embate político se processava de forma sutil. Ninguém fazia proselitismo, ainda mais que o Mestre estava vivo. Era uma batalha levada na música, nos hinos.

Algumas vezes em rituais menores, Sebastião era convidado a cantar seu hinário. Nestas ocasiões, trazia o Santo Daime produzido na Colônia Cinco Mil. Esses trabalhos eram memoráveis porque ele tinha a mão muito boa para preparar a bebida sagrada. Acrescente a isto o fato de que a sua turma tinha ótimas cantoras, que garantiam toda cerimônia em alto nível. Com cada trabalho deste, ele saía mais fortalecido e com mais afilhados.

Quando vieram os primeiros hinos, a vontade de tornar a possuir um violão ganhou corpo. Como era de seu costume, foi à luta. Com esforço e economia comprou um de segunda mão e não perdeu tempo. Logo estava tocando em solo diversos hinos. Tinha o dom da música e em breve seria um dos melhores violeiros da irmandade.

De passo em passo ia ganhando a simpatia pelo seu esforço, simplicidade e vontade de crescer. Outra conquista desta época foi o aprendizado da leitura. Ele não teve oportunidade de ir à escola. Trabalhou duro desde a infância.

Quando Valdete e Valfredo foram para a Escolinha de Dona Zefa ele pegava uma carona nos cadernos. Ia vendo as

letras mas não tinha professor para dar explicações. Com alguma ajuda dos filhos, aprendeu o abecedário.

Numa ocasião, estava em um trabalho de concentração, em que as pessoas tomam o Daime e ficam em silêncio, quando começou a ver letras e uma voz dando explicações de como ajuntá-las formando sílabas e finalmente as palavras.

Com grande surpresa e satisfação aprendeu o mecanismo da leitura em um trabalho de Daime, numa miração. É óbvio que ele não saiu de imediato capacitado a fazer grande leitura, como a de um livro. Isto, com esforço próprio, mais tarde seria alcançado.

Esta foi uma conquista valiosa, porque o grande líder religioso que estava se formando um dia seria conhecedor de muitas correntes religiosas e teria até autores de sua maior preferência.

Com a escrita não teve o mesmo desembaraço. Continuou assinando papéis com o polegar molhado de tinta. Na hora de pequenas necessidades, valia-se dos filhos e de Cristina do Nel, que tinha o melhor grau de escolaridade da família. Como era “recebedor de hinos”, estava sempre necessitando de ajuda para registrar seus versos. Todo esforço e todo progresso eram dedicados àquele que lhe abriu as portas do verdadeiro entendimento. O maior desejo era sempre dar gosto ao professor.

O Mestre Irineu não estava bem. A velhice pesava e ele já vinha anunciando sua partida. Seu último hino era uma clara despedida. Dizia assim:

“Pisei na terra fria/ Nela eu senti calor/ Ela é quem me dá o pão/ A minha mãe que nos criou//

A minha mãe que nos criou/ E me dá todos ensinosa/ A matéria eu entrego a Ela/ E o meu espírito/ Ao Divino//

Do sangue das minhas veias/ Eu fiz minha assinatura//

O meu Espírito eu entrego a Deus/ E o meu corpo à sepultura//

Meu corpo na sepultura/ Desprezado ao relento/ Alguém fala em meu nome/ Alguma vez em pensamento”.

No dia seis de julho de 1971, o maranhense Raimundo Irineu Serra concluiu os dias de sua existência terrena. Fechou os olhos materiais e foi para o astral assistir do alto os “perrengues” aqui da terra.

Foi uma morte anunciada, porém repentina. Ainda na véspera esteve bem animado, disposto e falante. Não passou por agonias nem consultou médicos. Fechou os olhos placidamente no seu leito de repouso. Teve 79 anos e seis meses de vida.

Grande foi a repercussão em Rio Branco. Ele era bastante conhecido e prestigiado por muitos políticos (principalmente em época de eleição). O Governo de Estado deu ponto facultativo em repartições públicas no horário da tarde, além de oferecer veículos para a locomoção do povo. A rádio local a cada instante anunciava o ocorrido. Uma multidão foi prestar as homenagens finais.

Muitos discursos no adeus deste homem que havia marcado uma época. Seu nome para sempre estaria escrito nas páginas da cultura acreana. Aonde pessoas estivessem reunidas cantando o Hinário do Cruzeiro e tomando o Santo Daime, ele seria lembrado e respeitosamente reverenciado. Enquanto acontecia o velório acompanhado por um grande número de pessoas, três pedreiros e alguns ajudantes erguiam uma capela e o túmulo para ser a moradia final de seu volumoso corpo.

Com a proximidade da hora do enterro, depois de tomar uma dose de Daime, Sebastião foi invadido por um sentimento de angústia, quase desespero. Escolheu um lugar solitário e enfim deixou as contidas lágrimas borbulharem. Perguntava-se: “Meu Deus, que será de nós sem o Mestre?”.

Estava ele neste momento de dor quando sentiu o efeito do Daime ingerido há meia hora. O desconforto se foi. Importantes momentos vividos com o Mestre vieram à lembrança. Uma voz muito suave vinha até seu ouvido trazendo conforto e instrução. Falava de alegria e da vitória do homem que havia cumprido os desígnios de Deus e estava no céu com o poder de ajudar a quem o buscasse.

Na hora do sepultamento, estava calmo e sereno, preferindo ficar mais distante da cena. Mal dava para ouvir os discursos. Na despedida final do corpo não tinha mais lágrimas, apenas um propósito firme: aonde quer que pisasse era com o Mestre Irineu na frente. Iria reverenciá-lo, reconhecendo sempre a força do próprio Jesus.

Sete foram os anos de convívio. De 1964 a 1971. Um tempo mais do que suficiente para desencadear o processo das profundas mudanças que ocorreriam no seio da doutrina.

O discípulo estava pronto. Num hinário de 55 hinos já havia declarado a essência de sua missão espiritual, e todos o conheciam. O Mestre se foi. Ficou a diretoria, o Presidente Sr. Leôncio, a viúva Dona Peregrina e Sebastião, com uma história a ser resolvida.

Só mesmo o tempo teria a capacidade de aconchegar a todos. Pois era inegável a importância de cada um e no coração do Mestre estava a união deste pequeno povo. Cabia todo mundo.

Capítulo XI

A separação

Separção é também desdobramento. Está na dinâmica da vida. As células se desdobram, se multiplicam e daí vem o progresso e o crescimento. Na união está a força. Quando mais unido for um grupo, mais prosperidade e mais segurança individual serão desfrutadas.

Que situação difícil optar por estar unido ou estar separado...

Conjecturas para melhor entender o processo de divisão que amadureceria no seio do povo. A sorte estava lançada. Era a batalha da conquista de um Império. Quem do grupo tinha agora a missão de ocupar na hierarquia a vaga deixada?

Ninguém tem essa capacidade, pensavam alguns conservadores. É função da diretoria e do Presidente, pensavam outros. Uma terceira opinião apontava no rumo de Sebastião.

Ora, a diretoria há alguns anos vinha cumprindo suas medíocres funções, e nada mudou.

Agora era chegado o tempo da glória e da força do Senhor São João Batista. Era assim que anunciava o hino. Tudo estava nas mãos do Poder. Certamente o Mestre estaria olhando. Só Deus sabia aonde tudo iria chegar.

Sebastião continuou levando a vida na simplicidade. A passagem do Mestre nada alterou na rotina do homem dedicado às obrigações. Era agarrado ao serviço, sem tempo para pensar noutra coisa.

A despeito de toda ocupação, o compromisso com a cura, com a caridade cristã, estava incorporado em sua vida. As noites de quarta-feira eram dedicadas ao trabalho espiritual. Agora não faltava o Santo Daime. Como feitor, tinha garantido uma pequena reserva. Mesmo que não tivesse um doente, o trabalho acontecia, aliás coisa raríssima, pois a cada dia o movimento de gente aumentava. A notícia do Padrinho Sebastião começava a ganhar o mundo que neste tempo não ia além dos limites da cidade do Rio Branco.

Mesmo assim, ele anunciou no hino 31, recebido em 1970, sendo o Mestre ainda vivo. As palavras dizem assim: *“Meu Divino Pai Eterno/ Vós me deu este Poder/ A Sempre Virgem Maria/ É quem me faz resplandecer.// Eu estou na minha casa/ Fazendo Oração/ O meu nome anda no mundo/ Eu sou o chefe desta missão.// Quem quiser falar comigo/ Estou sempre a esperar/ Que o tempo está passando/ E não devem demorar.”*

Raríssimo encontrar Sebastião nas ruas da cidade, nas portas dos mercados, ou em rodas de amigos. Impossível se deparar com ele bebendo num bar. A ninguém convidou ou convenceu, nem fez propaganda. Assim como uma luz atrai e denuncia sua presença ao longe, assim o brilho e o carisma deste homem iam despontando.

Quando era o dia dos rituais na Igreja, o grupo da Colônia Cinco Mil se unia e caminhava na direção do Alto Santo, a pé como de costume. A jornada feita em conjunto trazia a natural alegria do coleguismo. Cada um levava na mão a sacola com a farda. A distância e o calor obrigavam ao banho

antes de vestir a roupa do ritual. Era com sacrifício e alegria que o povo acompanhava o Padrinho.

A chegada do grupo era bem notada. Entre outros motivos, trazia força na corrente musical com os bons cantores e músicos que vinham se formando. Muitas vezes se repetia a cena do povo chegando. Numa destas ocasiões, o Sr. Wilson Carneiro, um fardado muito conceituado, proprietário de uma camionete Chevrolet C20, prometeu dar uma força e levar o povo de volta em seu automóvel.

O Sr. Wilson foi um dos primeiros freqüentadores do Alto Santo que reconheceu o Padrinho Sebastião em sua missão espiritual e lhe deu apoio. Ele foi um importante aliado, além de amigo e companheiro em todos os dias de vida.

O Mestre Irineu tinha também Wilson em alta consideração e confiança, e lhe havia entregue o Pronto Socorro do Santo Daime em Rio Branco, visto que o Alto Santo distava alguns quilômetros, por estradas às vezes difíceis. Ele era o guardião dos poderes de cura do chá sagrado na cidade, em casos de emergência.

Este foi um dos que abriram o coração. Muitos outros também iam recebendo o toque sutil dos tempos de São João. O prestígio do homem estava crescendo e isto começou a incomodar os opositores. Precisavam acabar com aquela onda que vinha crescendo. De que maneira agir para enfraquecer a nova liderança?

A resposta era muito simples. Bastava tirar o Santo Daime do poder de Sebastião, que ele viria a baixo. A diretoria finalmente achou a saída: centralizar todos os feitiços de Daime no Alto Santo. Acabar com os setores regionais. Permitir a cada fardado ter em casa no máximo um litro da bebida para uso em família no caso de doença. Com isto, ficavam centralizados todos os rituais. Tudo no poder da diretoria. Um autêntico golpe de Estado declarando a ditadura, ou linha dura.

Era muita prepotência contra Sebastião, que recebera do Mestre o direito de produzir o sacramento, de trazer uma parte para os rituais e a outra comungar com quem o procurasse. Iria ele se dobrar a essas exigências? Muitas pessoas viram a trama e hipotecaram apoio ao perseguido. O fato deu o que falar na irmandade. Muita gente desaprovou. As propostas de mudança não tiveram força de concretizar. Ficou tudo do mesmo jeito.

Em um dos hinos da época, Sebastião dava sua resposta.

Uma estrofe dizia assim: “*O que é do meu Pai é meu/O que é dele eu posso usar/ Só não uso o que é dos outros/ Que pode me derribar.*”

O Pai no caso seria o Mestre Irineu. E o bom senso saiu vitorioso. O Padrinho ficou mais fortalecido no episódio e continuou seus trabalhos na Colônia Cinco Mil.

A sala acomodava mal o povo e muitas vezes faltava espaço e conforto para os doentes. Precisava com urgência construir um salão para os trabalhos espirituais. A moradia era velha e carecia de reformas e ampliações. Além disso, estava se tornando um lugar muito procurado. O Padrinho merecia uma casa melhor.

A solução prática foi transformar a velha residência em salão, e construir uma nova morada que melhor acomodasse a família.

A madeira, tirada há quinze anos atrás, nos primeiros dias do Acre, estava forte e capacitada de suportar o peso. Os barrotes de quari-quara e os esteios estavam enfiados no chão, firmes e fortes, demonstrando a capacidade do construtor. Os esforços da família se concentraram na construção da nova moradia. Uma casa maior, mais moderna, com baldrame de alvenaria e cobertura de folhas de alumínio, que são muito

práticas, embora um tanto inadequadas para o calor.

O progresso rondava. Até o governo prometia uma nova estrada de Rio Branco para Porto Acre, que facilitaria o acesso à Colônia Cinco Mil. Os negócios familiares estavam em boa forma. Uma produção razoável graças ao empenho dos jovens Valdete e Valfredo.

O hinário do Padrinho Sebastião não parava de crescer. Era com a música que trazia viva sua mensagem e ligação com o Poder. Às vezes repreendia os irmãos incrédulos, que não lhe davam o devido valor e reconhecimento.

No tempo do Mestre Irineu, era costume Sebastião sair de casa, varar campos e matas para ir ao Alto Santo e apresentar os hinos. “Passar a limpo”, como gostava de dizer. Agora era ao Presidente do Centro, Sr. Leôncio, que os hinos eram apresentados antes de serem cantados na Igreja.

Aí estava a força imbatível: na música, na graça de se expressar e na oportunidade de se apresentar com brilho, pois o povo da Cinco Mil estava ficando bem capacitado e ele tinha força e carisma. Os hinos como mensagens divinas só dizem a verdade. Se disserem mentira é porque não têm autenticidade.

Sebastião recebeu mais um, de número oitenta e nove, mandando levantar uma bandeira. Diz assim a primeira estrofe:

“Levanto esta bandeira/ Porque assim meu Pai mandou/ Todos que olharem para ela/ Tem o mesmo valor”. Fim da na quinta estrofe com estas palavras: *“Pai, Filho e Espírito Santo/ Todos três em um só se encerra/ Nós precisamos de paz/ E não precisamos de guerra”*.

Como sempre, foi passar a limpo com o Sr. Leôncio, inclusive precisava aconselhar-se com o Presidente sobre como proceder com a bandeira, pois tinha recebido esta mensagem dentro de uma miração na qual hasteava uma. Era uma profecia que precisava ser realizada.

Era simbólico demais. A bandeira só poderia ser da missão de São João Batista, e este era assunto polêmico no Alto Santo. O Sr. Leôncio se viu apertado e se inspirou no Mestre. Não foi com raiva ou rancor, pelo contrário, foi com muita calma que aconselhou o dono do hino: “O melhor que você pode fazer é levantar esta bandeira na sua casa, na Colônia Cinco Mil”.

Este foi um momento de muita importância para a irmandade. A separação estava selada. Então avisou o Padrinho: “Vou fazer todos os trabalhos na minha casa e me desligo oficialmente do Centro. Quem quiser seguir comigo, estou sempre esperando”, arrematou.

Esta era uma oportunidade especial, comparável a uma colmeia quando nasce uma nova rainha e fica pronta para a vida. Ela se despede, levando parte do enxame para formar uma nova sociedade. Cerca de cento e trinta fardados fizeram a revoada e foram começar um novo tempo na Colônia Cinco Mil.

Para o Alto Santo era uma boa saída, porque assim aliviavam-se as tensões. Para Sebastião era ótimo porque poderia trabalhar e desenvolver sua missão sem ser reprimido ou reprovado por alguns. Precisava da unanimidade para crescer, formar um povo e levantar uma Igreja.

Tudo deveria estar nos planos superiores. Era o ano de 1974, tempo do terceiro aniversário da passagem do Mestre Irineu. Pela última vez o Hinário da Festa de São João Batista, no dia 23 para 24 de junho, foi celebrado em conjunto.

Silenciosamente Sebastião voltou para a vida no roçado e na nova casa. Recentemente haviam concluído as obras, com o piso de cimento queimado e paredes de madeira pintadas num tom róseo. Na frente se destacava a varanda e dava muita satisfação receber ali os amigos, parentes e afilhados, para os animados bate-papos no fim da tarde, na boca da noi-

te, como diz o povo do norte.

A velha casa se transformou num salão com razoável espaço para receber duzentas pessoas. Era um lugar provisório porque no pensamento brevemente seria erguida uma igreja com apoio e ajuda de todos os frequentadores.

Não foi nada obra do acaso. Todo processo de separação vinha há muito tempo se desenvolvendo na irmandade.

Tudo está muito bem anotado no hinário do Padrinho, que demonstra a luta para conquistar uma posição. Com autoridade e competência, aconselha e reprime os mal feitos. É a voz que clama no deserto, da alma, ensinando o caminho correto para chegar na fonte da vida. O hino em versos de linguagem simples tem a profundidade que forma sua mensagem sempre atualizada para quem busca as conquistas espirituais.

Muita gente importante seguiu o Padrinho. Entre eles tinha um Major da PM, um advogado, funcionários públicos e até um sobrinho do Mestre Irineu, que o acompanhou do Maranhão na última viagem.

Com todos estes detalhes, Sebastião reconheceu que agora realmente estava na plenitude de sua missão. Todas as profecias se realizaram, demonstrando a força da verdade. Ele estava apenas começando um tempo novo. Com sua mediunidade, sabia ver na frente e tinha a consciência de um povo muito maior para conquistar.

Certas ocasiões, recebia mensagens espirituais. Desta vez a voz o confortou dizendo para não se preocupar com o tamanho da missão, pois a cada tempo haveria de chegar companheiros especiais para ajudá-lo.

Uma nova etapa estava se inaugurando e como sempre a fé e a confiança em Deus faziam a fortaleza daquela alma ousada.

Capítulo XII

O povo e a instituição

É muito importante para um líder a qualidade das pessoas que o rodeiam. Aquela sustentação que vem da base. Os que estão mais próximos, os maiores aliados na jornada do homem que se destacava entre todos por seus dotes espirituais eram, em primeiro lugar, a esposa e os filhos.

Brilhante a participação dos jovens Valdete e Valfredo ao lado do pai. Os dois herdaram os pendores para a música e cantavam com desembaraço e afinados os hinos que faziam a trilha de São João dentro do Império de Juramidam. Eles eram testemunhas importantes dando provas do pai. Com respeito e admiração acompanhavam o “Velho”. Um aprendeu a tocar sanfona e o outro violão. Em resumo, estavam muito bem integrados a doutrina.

A agora Madrinha Rita vinha crescendo neste papel que era a sua missão. Possuidora de grande carinho e amor maternal, soube distribuir para todos este aconchego. Com seu merecimento tornou-se a respeitada Madrinha de toda a irmandade. Vivia, como vive até hoje, abençoando o crescente número de afilhados.

Outra personagem importante desta base mencionada era a Tetê, como chamavam a Tereza Gregório, irmã da ma-

drinha e a caçula da família.

Ela se mantinha virgem, não por falta de pretendente, mas por opção de vida. Com muito carinho cuidava da mãe, Dona Maria, a estimada Mainha. Outra importante ocupação era de motivo religioso. Possuidora de potente e afinada voz, estava sempre pronta para atender um chamado do Padrinho para os rituais e a comunhão com o Santo Daime.

Júlia, a viúva, também se dedicou à vida religiosa. Nunca mais quis se casar. Com delicadeza e decisão rechaçou alguns pretendentes pois ainda era relativamente jovem e bonita. Seu maior gosto era pela doutrina. Cantava bem e com pontualidade acompanhava todos os trabalhos.

Cristina Raulino também demonstrava refinados dotes espirituais, sendo uma figura de força no setor feminino.

O cunhado Nel, que mais tarde seria um baluarte da doutrina, neste tempo acompanhava os passos de Sebastião mantendo uma certa distância. Dizem que ele gostava de tomar uma cachacinha, sem exagero, e por isto não queria se render ao Santo Daime. Mas a cada dia ficava mais atraído.

Fora a família, os vizinhos que participavam desta viagem astral do Santo Daime formavam significativa parte do povo que dava sustentação, tanto nos feitos de Daime como nos outros rituais. Entre outros pioneiros, destacam-se o Eduardo e a Maria Brilhante, o João Baé e a Dona Mundica e o Chagas, que virou companheiro predileto do Padrinho.

O Chagas era casado com Dona Elza, que, depois de ter uma família numerosa com outro homem, corajosamente largou tudo pelo amor do jovem impetuoso e destemido. O romance daria uma novela. Todos os filhos deste primeiro matrimônio de Dona Elza vieram se incorporar ao povo. Eram o Luis Lopes, o Neném, o Feliciano ainda menino, a Zilda e por último a Raimunda.

O Seu Dário tinha uma boa colônia na região. Produzia mel de cana e rapadura, entre outras coisas, porque contava com a força da mão de obra de muitos filhos, entre eles o Pedro, que não perdia uma oportunidade de estar na casa do Padrinho Sebastião. Foi o único da família que aderiu ao Santo Daime e acabou virando um companheiro conhecido na irmandade por Pedro Dário.

Na vizinhança, ainda tinha a família de Seu Paulinho e Dona Raimunda, Bernardo e Dona Maria, o Val e a velha Juliana, esta senhora bem mais idosa que o marido. Outro freqüentador era o Gabriel, irmão de Chagas, que também morava com uma mulher que tinha aparência de ser sua mãe e não era.

Outros colonos de fora da área da Cinco Mil também davam sustentação ao Padrinho, como o Sr. Manoel Paulo, o Anderson, Pedro Roque, etc. Juntando o povo que vivia da terra com os da cidade, dava esse expressivo número de cento e tantos fardados que começaram o novo ponto de Santo Daime.

O Chico Corrente veio do seringal para a cidade. Tinha vinte anos e começou sua conquista urbana vendendo picolé. Era o filho mais velho de Manoel Corrente. Enquanto o pai cuidava de abrir uma colônia na nova área do INCRA, denominada Jarbas Passarinho, ele dava duro na cidade. Como era um jovem muito perspicaz, armou boas estratégias de venda do picolé. Aonde tinha um aglomerado de gente ele estava no meio, chamando atenção.

Com o tempo bem aplicado, dava para faturar um salário mínimo, além de ser uma ótima oportunidade de estar pelas ruas da cidade, batendo perna, conversando, ganhando dinheiro. Servicinho mole para quem estava acostumado a passar dias sob o sol, molhado de suor. Melhor do que estar no roçado, agarrado à enxada e suando em bicas.

Um dia o Chico Corrente, achando-se em má sorte com as mulheres, resolveu ir consultar uma macumbeira e por lá ouviu uma pessoa falar do Mestre Irineu, que era o maioral do Acre. Desmanchava qualquer qualidade de feitiço ou macumba. Curioso como todo jovem, foi conferir a história do tal negão de mais de dois metros. Viu e gostou tanto do trabalho que tratou de convencer os pais e irmãos a acompanhá-lo em outras sessões.

O pai de Chico, Manoel Corrente, ficou arredio. Não queria saber de novidade. O filho tanto fez que um dia ele se convenceu. Estava adoentado e já ouvira outros depoimentos sobre a força de cura do chá. Resolveu ir.

Lá chegando foi conhecer o Mestre, que ao vê-lo, comentou em tom jocoso: “Há tempos estou te esperando, e só agora você se apresenta. Foi preciso ir te buscar. Esta dor é só uma desculpa. É só tomar o remédio que você vai ficar bom”.

Manoel teve uma grande alegria em conhecer o Santo Daime e ficou firme na doutrina. Pouco tempo depois o Mestre Irineu fez a passagem. A fé no poder de cura do Santo Daime deu ao pai de Chico muita segurança. Em casa sempre tinha uma garrafa para qualquer emergência. Certo dia, quando estava acabando o Daime de sua casa, foi ao Alto Santo falar com o Seu Leôncio. Este, como não tinha disponível ou não estava disposto a providenciar, mandou que ele pegasse o Daime no Sebastião Mota.

A distância da Jarbas Passarinho para o Alto Santo era mais de cinco horas a pé. A Colônia Cinco Mil ficava no meio do caminho. Ora, disse Manoel: “Se eu posso ir lá pedir um Daime, também posso fazer os trabalhos”.

Assim, a numerosa família Corrente passou a frequentar o novo ponto. Foi uma importante conquista para a irmandade local. Eram trabalhadores e pessoas bem espiritualizadas. Muito importante para a missão do Padrinho contar com eles.

Do povo da cidade tinha um grupo de novos daimistas, isto é, posteriores ao tempo do Mestre. Esse pessoal, constituído por alguns intelectuais, também aderira à nova bandeira. Eram eles: Reinaldo Bento, Mário Rogério da Rocha, Manoel Queiroz, João Pelágio, Manoel Moraes, Rodolfo Rocha e Regina Pereira, Ruskin e seu irmão Shafir.

Já que os nomes estão sendo anotados, registram-se também os veteranos daimistas que fizeram parte da revoada, como o Major Odernes, Daniel Serra, Luís Mendes, Pedro da Percília, Ladir e Jorge, entre outros.

O pessoal da “caneta” tratou logo de ser eficiente. O novo Centro precisava de registro na repartição pública. Precisava duma vida legal e do reconhecimento das autoridades.

Era também uma oportunidade de socializar o Poder. Não era justo só Sebastião ter todas as prerrogativas. Era importante ter uma diretoria com as tarefas definidas e regulamentados os direitos e deveres dos associados.

Com muito empenho os intelectuais se reuniram e fizeram no papel a organização. Conseguiram formar um nome pomposo com uma sigla bem sonora: “Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra – CEFLURIS”. A primeira diretoria ficou assim constituída: Presidente, Sr. João Pelágio; Vice Presidente, Dr. Manoel Queiroz (advogado); 1º Secretário, Sr. Reinaldo Bento; Segundo Secretário, Sr. Luís Mendes; Tesoureiro, Alfredo Gregório de Melo; Gestor, Wilson Carneiro e Mestre Imediato, Padrinho Sebastião Mota. Esta última função era cargo vitalício. Cumpriram-se todos os requisitos necessários para a nova instituição ter como data de fundação o dia do aniversário natalício do Padrinho, em 7 de outubro de 1974. Assim, foi feita a Assembléia Geral e tudo aconteceu de acordo com o programado. O

CFLURIS virou uma realidade.

Embora não tivesse convivência com o mundo das letras, da intelectualidade, a legalização da nova Igreja, com toda papelada e muitas assinaturas, trouxe segurança e alegrou a Sebastião, que conhecendo o Evangelho sabia que tinha que “dar a César o que é de César”.

O Acre, dentro do contexto do Brasil, se apresenta como um lugar remoto e difícil. Um quase fim de mundo ruim de chegar. Aliás, este pedaço de terra que compõe nosso mapa foi tomado da Bolívia, graças à grande quantidade e qualidade de suas seringueiras. Devido a essa distância e outras dificuldades, só em 1973 a Polícia Federal veio abrir seu escritório em Rio Branco. Até então, em seu doce isolamento, a doutrina do Santo Daime se desenvolveu com o apoio ou a complacência das autoridades locais.

No ano seguinte, depois de bem instalada, a Federal despertou sua atenção para a ayahuasca ou o chá do Santo Daime. A irmandade foi avisada com antecedência que haveria uma blitz, uma batida policial, isto porque em lugares pequenos notícia ruim corre ligeiro e vai crescendo como bola de neve. Esta informação tinha vazado, não era oficial.

Dizem que o pessoal do Alto Santo ficou assombrado. Como estavam em feitiço, paralisaram tudo, esconderam o Daime, enterraram o cipó Jagube, livraram-se das folhas e cinicamente ficaram esperando como se fossem inocentes e não fizessem aquilo.

Já o Padrinho, na sua filosofia de caboclo, ficou irreduzível. “Eu não vou esconder nada. O Daime é minha vida. Não estou fazendo mal a ninguém e portanto nada tenho a temer.”

Felizmente, o delegado da Polícia Federal era um homem culto, sensato, e não ativou nenhum aparato policial

para esclarecer suas dúvidas. Ele realmente pretendia fazer a investigação e optou por colher informações e chamar as lideranças religiosas para um entendimento.

O Padrinho Sebastião voltou muito bem impressionado com a autoridade que explicou estar cumprindo uma determinação superior. Precisava fazer um relatório sobre o uso da bebida, porém sabia entender o que era uma missão espiritual e respeitava todas as manifestações religiosas. Garantiu ele que enquanto o povo estivesse vivendo harmonizado, nenhuma polícia iria verificar que chá as pessoas estavam tomando.

Todos os acontecimentos relevantes motivavam uma nova conquista espiritual traduzida num belo hino, como o que recebeu depois do encontro com o delegado. Eis a mensagem:

“Assim eu quero ser/ Assim eu quero estar/ Assim eu me apresento/ Para minha história contar//

A verdade não se nega/ A verdade não se esconde/ Que a verdade é Deus/ E Deus é o verdadeiro Homem//

Se a verdade é Deus/ Eu não posso negar/ Jesus é minha luz/ Para eu poder viajar”.

Assim, a doutrina e as autoridades seguiram suas rotas sem colisões, no entendimento e no respeito, embora muita gente, entre católicos e crentes, fizesse a maior torcida para ver o Santo Daime enquadrado como droga e seu povo perseguido, preso e humilhado.

Como a doutrina é baseada no cristianismo, se isso acontecesse, muitos seguidores se transformariam em verdadeiros mártires. Outros viveriam clandestinos, como os primeiros cristãos nas catacumbas. Certamente o primoroso ritual cantado e bailado na força da bebida sagrada seria preservado.

Felizmente, o tempo da perseguição religiosa já passou. Ficou na lembrança do passado, na era vivida por Jesus

Cristo e São João. Este é um tema muitas vezes recordado na letra dos hinos. A convivência com o mundo da lei ficou bem resolvida. Porém, o povo do Daimé estava dividido em duas vertentes, e não houve mais acordo.

No começo se ouviam algumas intrigas, aquele tipo de conversa que o Mestre Irineu chamava de “correio da má notícia”. Havia alguns poucos fofoqueiros que encontravam algum assunto para manter acesa a chama da hostilidade. Muitas vezes eram invencionices ou mentiras. Essas mesquinhas tinham pouca ressonância. O Padrinho Sebastião era um homem da espiritualidade. Cantava nos seus hinos as virtudes do amor, do perdão e do respeito. Naturalmente era da paz, da compreensão e não estava a fim de manter diálogos litigiosos. Com pouco tempo, tudo chegaria aos devidos lugares e a missão de São João Batista no Império Juramidam daria a todos os frutos previstos por Deus.

Capítulo XIII

O feitio e os novos aliados

Com a eficiência do tempo que não falha e não espera por nada, passou-se o último dia do ano de 1974. Esta foi uma época muito intensa, com os acontecimentos marcantes na seqüência da doutrina do Santo Daime.

O ano de 1975 trazia a consolidação do homem que a cada dia ficava melhor no papel de Padrinho e novo líder espiritual. No plano das realizações materiais, o sonho maior era construir a Igreja, porque há muitos anos Sebastião tinha este ideal na mente.

A diretoria do Centro, chamado CEFLURIS, logo no começo do ano, tratou de mostrar serviço. Armou um programa radiofônico semanal na Difusora Acreana, estação de rádio ouvida em quase todo Estado do Acre. Reinaldo Bento, o 1º Secretário, fazia o script, e a gravação dos hinos, na voz de Gecila, Dona Clícia e no violão de Alfredo. A locução estava a cargo de Luís Mendes, que gostava muito de fazer discurso, e ainda gosta até hoje. Para pagar o horário alugado, o Presidente João Pelágio corria o chapéu pedindo as contribuições. Esse negócio durou pouco, mas dava um certo orgulho e mostrava superioridade, pois era o primeiro centro daimista a ter um programa de rádio.

No dia a dia da família Mota, o tempo estava trazendo mudanças, próprias da dinâmica da vida. Valdete, o primogênito, acabara de casar-se com Dodô, filha mais velha da Tia Júlia. Casara com ela pois desde menino tinha essa simpatia. Agora a prioridade do jovem casal era montar a vida própria com casa e roçado independente dos pais.

Alfredo também namorava outra prima com fortes pretensões matrimoniais. Sua eleita era Silvia, filha do Nel e da Cristina. Além das primas serem as mais bonitas da região, os jovens tinham poucas oportunidades de escolher outras namoradas, pelo isolamento em que viviam e por serem do tipo caseiro. Não freqüentavam as festas onde, além de mulheres, havia muita briga e bebedeiras. Finalmente foi este o desígnio de Deus: que os primos se casassem com as primas. O que agora se relata em poucas palavras, significou anos de espera. Seguindo o exemplo do pai, os rapazes só se casaram depois de completados vinte e sete anos de idade.

Para este ano de 1975, também ficou combinado com antecedência o levantamento da bandeira, conforme recomendado, no hino que foi o estopim da separação. A data escolhida foi a festa de São João no dia 24 de junho.

Por esta época o Padrinho sentia-se um pouco solitário em sua missão. Os fardados eram muitos mas só apareciam nos momentos dos trabalhos, no máximo uma vez por semana. A própria diretoria do Centro era moradora da cidade e por lá passava a maior parte da vida. Desenvolver os trabalhos de cura só com os familiares e uns poucos vizinhos não era suficiente para quem tinha ansiedade de reunir um povo e conquistar o mundo.

De tempos em tempos ele ouvia mensagens que lhe revelavam coisas que ainda estavam por acontecer. Como isto se passava, não sei explicar. O certo é que ele anunciou: “Es-

tou esperando novos companheiros, gente que vai vir deste meio de mundo, que o Santo Daime tem muitos para colher”.

Nestes idos anos das décadas de sessenta e setenta, enquanto esta história se desenrolava no Acre, o mundo vivia um grande balanço cultural. Na música e nos costumes os jovens estavam revolucionando a civilização. Protestando contra a violência e a Guerra do Vietnã, surgiu o movimento de paz e amor. Ácido lisérgico e marijuana, ou maconha, tempo dos hippies, andarilhos, dos cabeludos, dos Beatles etc.

Embora Rio Branco estivesse isolada pela grande distância e pela precariedade das estradas, os ricos andavam de avião e os “filhos de papai” iam estudar nas cidades do sul ou em Brasília, a nova capital, e voltavam cheios de influências e modernidades. O certo é que gente da melhor sociedade local estava aderindo ao fuminho especial e daí para outros usos, era apenas um passo.

Assim foi que o Santo Daime passou a interessar um segmento social de gente nova. Nessa mesma época Rio Branco passou a ser alcançada pelos hippies, que eram jovens andarilhos curtindo a vida ou procurando motivo especial para a mesma, adeptos do movimento de paz e amor, e naturalmente abertos ao uso de Plantas de Poder.

Outro acontecimento marcante nesta temporada foram os livros escritos pelo antropólogo Carlos Castañeda sobre seu aprendizado com Don Juan, um índio mexicano conhecedor dos segredos religiosos das primitivas e poderosas religiões dos tempos das civilizações Asteca e Maia, e das Plantas de Poder que faziam a ponte da terra ao céu. Eram best-sellers que mexiam com a cabeça da juventude intelectualizada, ávida por novidades.

Foi o Padrinho Sebastião, que já era nome comentado na cidade, quem recebeu esta turma. Fez isto com muita ale-

gria porque o jovem é sincero na sua busca e ele tinha muito amor para dar, além de já estar esperando por gente nova.

Este grupo, no início, não passava de umas dez pessoas. Foi no meio deles que apareceu um argentino chamado Daniel. Parece que ele chegou ao Acre procurando por ayahuasca. Depois que ele fez amizades urbanas, foi para a Colônia Cinco Mil e acabou ficando por lá. Tinha vinte e um anos de idade e parecia já ter feito tudo na vida. Naturalmente era leitor de Castañeda e agora estava ali encantado com Don Sebastian, como ele chamava o Padrinho. Foi o primeiro “cabeludo” a compor a história. Ele tinha longos cabelos e traços finos, era uma figura bonita e falante. No livro do registro da Igreja está anotado o dia 25 de maio como dia da chegada e primeiro Daime de Daniel.

As festas juninas se aproximavam e esse ano a comemoração de São João Batista seria um marco. Isto porque ele era o Santo Padroeiro e finalmente a solenidade de levantamento da bandeira se cumpriria, simbolizando o coroamento de Sebastião na missão como o Padrinho herdeiro do Mestre Irineu.

Os preparativos se iniciaram com grande antecedência devido ao feitio do Santo Daime, que estava marcado para os dias 10, 11 e 12 de junho.

Os primeiros Daimes feitos na Colônia Cinco Mil eram de forma bem precária, com latas de vinte litros. Agora tinham construído a casa própria com a fornalha de três bocas e sala de bateção. Em vez de latas, agora se utilizavam panelões de 125 litros, comprados em Porto Velho.

Esqueci-me de contar a ida do Padrinho a Rondônia para comprar os tais panelões. Ele foi de ônibus com outros companheiros. Um acontecimento que rendeu muitos casos à tardinha, na varanda da casa nova. Isto foi nos fins de 1974.

Chegou 10 de junho, primeiro dia do feitio. Conforme combinado, a camioneta do Sr. Wilson Carneiro apareceu cedo com José Teixeira na direção. O Zé era o filho mais velho, e dirigia para o pai desde os tempos do Alto Santo. Também era fardado e muito conhecido na irmandade por José Carretel. Embora esse apelido desse uma idéia de pessoa enrolada, ele sempre foi uma força no volante, além de pontual e otimista. Gente boa, em resumo.

O primeiro dia do feitio era dedicado à colheita do material. Os trabalhadores se dividem em dois grupos. Um que colhe as folhas de Rainha e outro que corta e carrega o jagube. O trabalho do segundo grupo fica mais pesado quando o cipó está longe da estrada e tem que vir nas costas. Em compensação o pessoal da folha também tem que andar muito na mata para completar o total a ser colhido. Para cada saco de cipó se usa meio saco de folha. Valdete sempre respondia pelo trabalho da colheita do jagube. Alfredo era responsável pela turma da colheita da folha Rainha.

O segundo dia do feitio era dedicado ao trato do material. As folhas são catadas, isto é, limpas uma a uma de ovos de insetos, teias de aranha, etc., e depois lavadas. Esta é a função feminina no feitio. O jagube é cortado em pedaços de trinta centímetros, e raspado pelos homens.

No terceiro dia, as atividades se iniciam às três horas da madrugada com a bateção do jagube. A rigor ele é macerado por doze homens equipados com pesadas marretas de madeira, que batem sincronizadas, marcando o compasso, amassando o cipó no estilo das fibras de vassoura. É indispensável tomar um pouco de Daime do feitio anterior. O trabalho pesado vira um ritual, com os homens cantando hinos no ritmo das marretas. É preciso disciplina, resistência e mãos acostumadas para se fazer uma boa bateção, que pode durar horas.

Quando tem material suficiente, os panelões são preparados da seguinte forma: uma camada de jagube e outra de folha, perfazendo sete camadas. A fornalha é acesa ao amanhecer. É o dia do cozimento das ervas para preparar o chá da miração. O cozinheiro-mor é o próprio Padrinho.

Naquela ocasião estava acontecendo o maior feitio da Colônia, pois a festa de São João deveria bater o recorde de participantes. Eram esperadas mais de duzentas pessoas.

Eram onze horas da manhã e uma nova turma foi organizada para bater mais um saco de jagube. Quando as marretas rufavam, fazendo eco em toda a Colônia Cinco Mil, dois viajantes adentraram a área surpreendidos pelo sonoro barulho e a magia de vozes cantando hinos. Todo o povo da Colônia estava mirando.

Os dois mochileiros, como era de costume chamar esta categoria de jovens que viviam pelo mundo carregando nas costas a resumida bagagem, vinham em busca da ayahuasca. Conhecidos também por ripes, eles ficaram sabendo em Rio Branco que ayahuasca era Santo Daime e o endereço era Colônia Cinco Mil. O informante foi o Cleuber, um pernambucano que também andava pelo mundo fazendo artesanato.

Era por volta do meio dia quando atravessaram a porteira que tinha escrito no alto: “Hei de Vencer”, colocado pelo Sr. Wilson Carneiro, e chegaram no pátio com o salão e a casa pintada de cor-de-rosa.

Vinham de Minas Gerais, onde ouviram falar da “bebida misteriosa”. Há mais de um ano batiam pernas por este Brasil afora, e agora, finalmente ali se encontravam o Maurílio Reis, com vinte anos de idade, cheio de juventude e aventuras e o Lúcio Mortimer, mais maduro, com vinte e oito anos e muito tempo como seminarista e universitário.

Os dois cabeludos tinham boa aparência e ótimas intenções. Naquele momento, porém, só encontraram Dona Chiquinha em casa. Ela possuía uma barriga que parecia abrigar trigêmeos no nono mês. As outras mulheres estavam na Casa do Feitio, catando um pouco de folha para completar uma panela.

Sem mais assuntos, foram atraídos para o salão a uns cinqüenta metros da casa, onde duas meninas balançavam na rede e cantavam belos hinos. Eram a Marlene, de sete anos, e a Nonata, de nove, filhas do Padrinho Sebastião.

Para facilitar a conversa, Maurilio foi logo comentando com elas a gravidez de Dona Chiquinha: “Parece que ela vai ter mais de uma criança”, disse ele. As meninas soltaram uma gargalhada. “Ela não está buchuda, aquilo é barriga d’água. Esta mulher veio para ser curada pelo pai”, disse Nonata com maior discernimento.

Da Casa de Feitio veio o Ruskin para atender os recém-chegados. Ele era alto, magro, narigudo como um turco e extremamente gentil. Dizem que o referido Senhor, com sua experiência urbana, formulou a hipótese de que os rapazes poderiam ser dois agentes da Polícia Federal, disfarçados de ripes cabeludos. Foi preciso Daniel Lopes, o argentino, vir conferir e poder afirmar para “Don Sebastian” que ali estavam dois autênticos estradeiros.

“Seja lá quem for”, disse o Padrinho, “nós vamos ver é hoje de noite, quando eles tomarem o Daime”.

O feitio terminou às cinco horas da tarde e logo em seguida todos tomaram banho e vestiram a farda azul para fazer um trabalhinho para os dois novatos. Neste dia estavam alguns moradores da cidade, a família Corrente e todos os outros vizinhos. Mais de cinqüenta pessoas participaram do hinário do falecido irmão Germano Guilherme, com cinqüenta e dois hinos, especialmente cantado para os debutantes.

Os rapazes ficaram sentados à mesa central do salão e acharam ótimo tomar o Santo Daime. Pediram para repetir quatro vezes. Em dado momento, Lúcio abraçou o garrafão que estava próximo, tanto o amor e a alegria que sentiam em estar ali, vivendo aquele momento.

No fim da cerimônia, quando é habitual as pessoas se cumprimentarem, algumas mulheres se acercaram dos jovens e comentaram: “Vocês já estavam sendo esperados. O Padrinho nos avisou que chegariam uns companheiros e nós vimos que são vocês”.

Assim é a história de cada um que encontra essa bebida e este Padrinho. Sempre tem algo especial para contar. Tem casos de pessoas sonharem com ele antes de qualquer conhecimento.

Depois daquele dia, a população da Colônia Cinco Mil cresceu. Agora, eram três cabeludos. O Daniel, o Maurílio e o Lúcio, que iriam revolucionar a vida local. Entre eles e o Padrinho houve um entrosamento próprio de discípulo com o Mestre, ou iniciado com o Guru, ou o Xamã com os seus aprendizes. Sebastião era agora visto com outros olhos.

Ele era um instrutor paciente, tinha gosto de ensinar. Os rapazes nada sabiam do trabalho na terra, mas tinham amor, saúde, juventude e podiam ajudar.



Arquivo

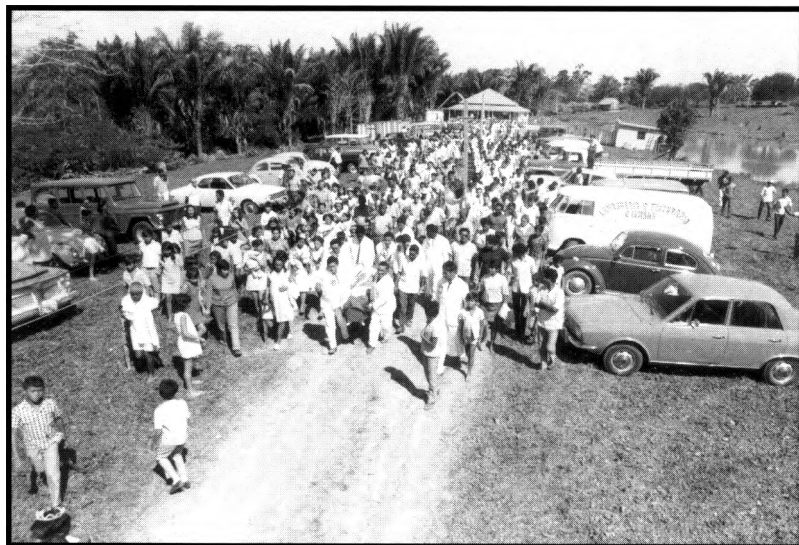
Mestre Irineu com sua admirável estatura.

BENÇA, PADRINHO!



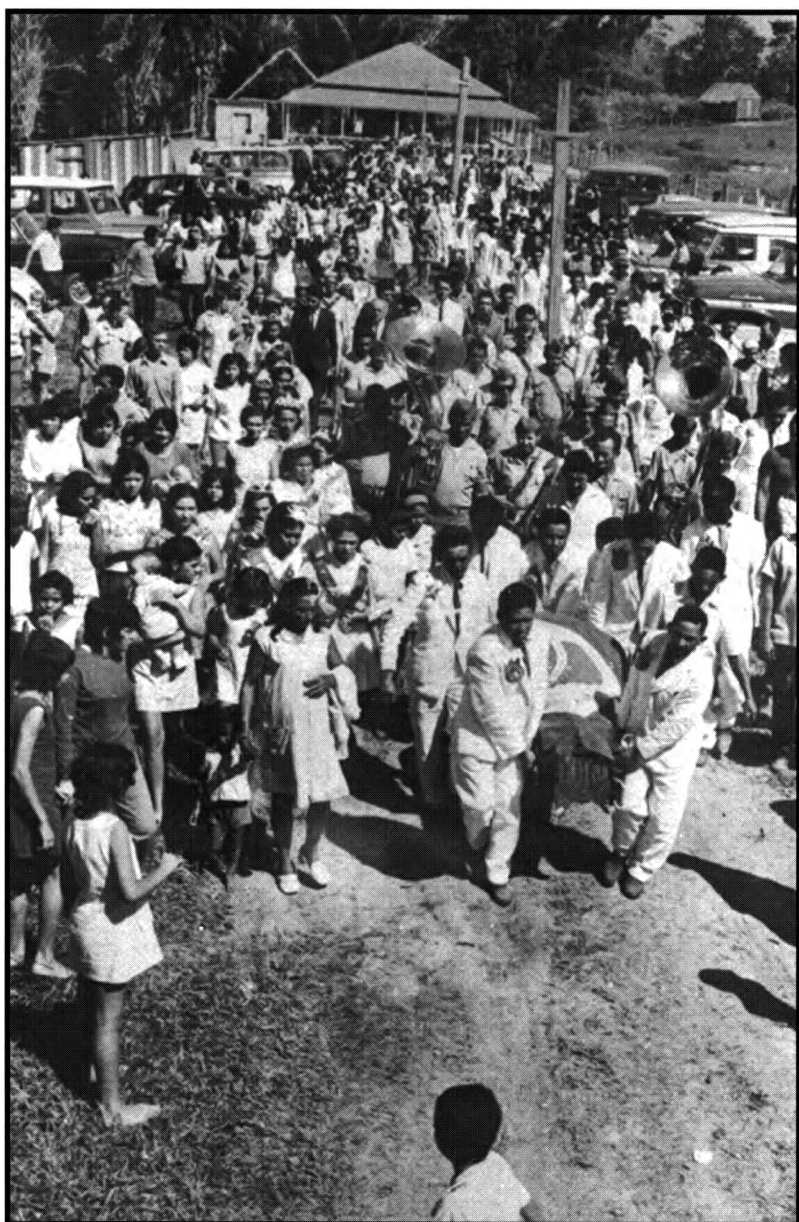
Arquivo

Mestre Irineu no Alto Santo.



Arquivo

O concorrido funeral do Mestre Irineu.



O caixão coberto com a Bandeira do Brasil é seguido pela banda de música.

BENÇA, PADRINHO!



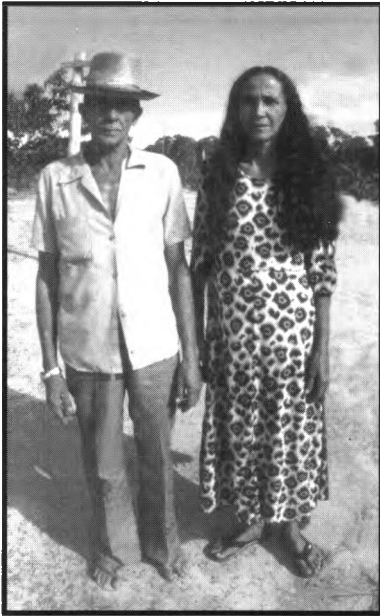
Roberta Mesdack

De um único tronco se faz uma canoa.



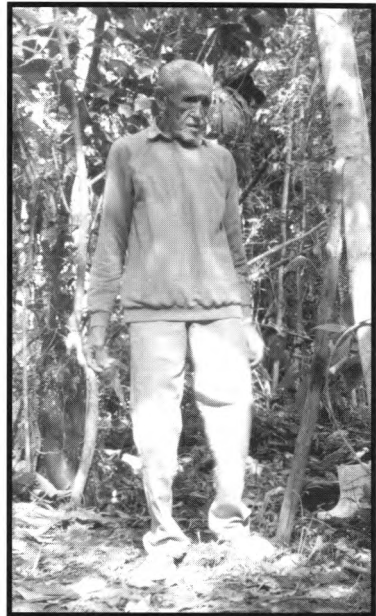
Roberta Mesdack

Colocação de seringa abandonada.



Marco Imperial

Nel e Cristina



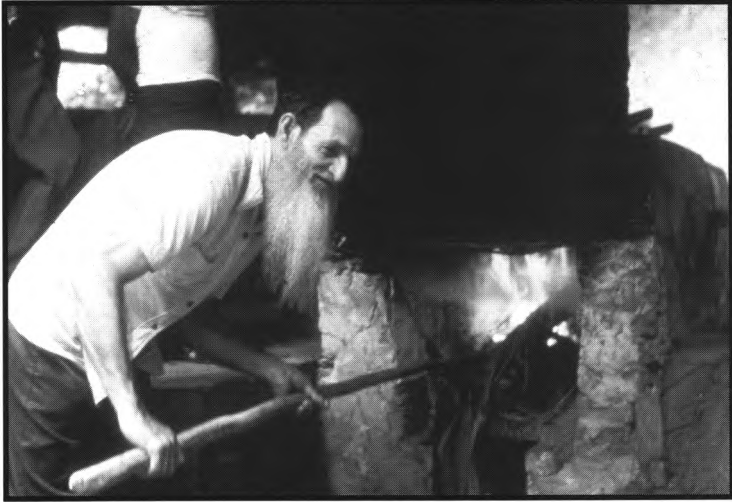
Marco Imperial

Manoel Corrente



Arquivo

Padrinho sem barba (primeiro à direita).



Arquivo

SEGUNDA PARTE

A Bandeira de São João

Capítulo I

No tempo dos cabeludos

Ser irmão é mais do que ser amigo. Uma amizade pode ser passageira, por uma determinada ocasião ou por um motivo específico, e nada mais. A irmandade pressupõe que seja um compromisso de vida. Eu defendo meu irmão. Eu vivo com ele na alegria e na dor.

“É isto, meus filhos, eu estou procurando reunir os irmãos para formar este povo de Deus. Tem gente que diz estar comigo, mas na verdade está longe de mim. Mesmo entre todos estes fardados que me acompanharam na saída do Alto Santo. Muitos querem ser grande aqui dentro do Poder, mas basta um pequeno apuro para estarem demonstrando a fraqueza. Eu quero ver é quem tem firmeza e lealdade porque está com o coração limpo para Deus. Eu estou buscando as pessoas humildes com as palavras sinceras e não os interesseiros, cheios de falsidade. É isto que eu ensino a vocês. É preciso caprichar. Como disse o Mestre Irineu: ‘Caprichar eternamente para nunca ser ruim’.”

A cada dia de convivência, maior era a admiração pelo Sr. Sebastião, pela firmeza e fé em Deus, transmitidos em exemplos simples de muita clareza de pensamento. Nós ainda não sabíamos de sua missão espiritual. Por influência de

Daniel, Maurílio e eu passamos a chamá-lo de Dom Sebastião e a esposa, de Dona Rita. Reverência especial também para a Mainha. Mainha parece ser diminutivo de Mãezinha, deste jeito carinhoso que chamavam a avó, Dona Maria, pessoa muito especial, muito amável. O jeito dela abençoar os netos, de dizer o “Deus te abençoe” era tão expressivo e sonoro que nós resolvemos fazer como eles. Estirar a mão e pedir: “Bença Mainha!”, quase de brincadeira.

O povo do norte gosta muito de pedir a bênção. Para nós, ripes, era um despropósito, coisa antiquada. A princípio tínhamos grande resistência a este costume. Depois fomos mudando nossos conceitos e um dia também elegeríamos Sebastião e Rita como nosso padrinhos.

Finalmente chegou o dia da festa de São João, com o Hinário do Mestre Irineu. Tocou para nós, os cabeludos, a mesa central até meia noite, ou seja, durante a primeira parte do trabalho. Este havia sido um plano para dar prestígio a alguns fardados, para alimentar alguns egos. Eu explico: por ser uma noite especial, de grande simbolismo, até a meia noite a mesa de trabalhos espirituais devia estar formada com as pessoas de maior capacidade e força mental.

O autor da proposta foi um fardado “figurão” (tinha até patente), e se colocava como o primeiro ocupante da mesa solene, juntamente com sua esposa. Naturalmente, a cabeceira era do Senhor Sebastião, que deveria escolher as outras pessoas para compor três vagas restantes.

A expectativa era a escolha ser dos veteranos. Foi aí que Dom Sebastião surpreendeu. Colocou os três recém-chegados à mesa, parcialmente fardados, para fazer companhia ao ilustre e frustrado idealizador do plano.

Isto não foi feito por uma simples sacanagem (desculpe a expressão). Foi por sinceridade. Ele nos via como pessoas

despretensiosas, com o coração limpo, e portanto aptos a tomar Daime e compor a mesa dos trabalhos. Na sua capacidade de ver na frente sabia que os três novatos eram realmente os seus companheiros, conforme o tempo provaria.

Nosso desempenho neste papel foi excelente. Com juventude, simpatia e cabelos longos ficamos toda primeira parte do hinário bem assentados no meio do salão. As pessoas estavam dispostas de forma retangular. Homens de um lado, e do outro, mulheres casadas. Os outros lados formados por moças e rapazes. O Daime que bebemos foi como uma chama que acendeu nosso brilho. Tudo era luz e beleza naquela noite. E a gente, com naturalidade e segurança, viajava na força do chá sagrado, enquanto o povo cantava hinos e bailava ao nosso redor.

Dom Sebastião, com sua maestria, comandava o hinário, bailando na cabeceira ou no pelotão da primeira fila. O outro componente da mesa, dizem que ficou irrequieto tendo que sair muitas vezes às pressas para fazer limpeza, que significa defecar ou vomitar. No fim do trabalho, o referido senhor saiu comentando: “Seu Sebastião é um doido, colocou na mesa uns cabeludos sujos”.

A hora escolhida para levantar a bandeira foi no fim do trabalho, ao amanhecer do dia 24 de junho. A festa foi organizada pela diretoria do Centro e obedecia à seguinte programação: primeiro, hastear a bandeira do Brasil ao som do Hino Nacional. Depois, diversos discursos. O povo ficaria de pé para ouvir o falatório.

Maurílio foi dormir em algum canto, enquanto eu e Daniel amargávamos uma revolta interna. Que solenidade careta! Ora, o Santo Daime era universal e a prova estava ali no próprio Daniel, que era argentino. Depois o povo cantava com perfeição os hinos do ritual. Já o pátrio foi um fracasso,

porque pouca gente sabia e não eram os mais afinados. Eu estava num canto do salão desgostoso com essas constatações, pensando que aquela solenidade lá no pátio era apoiada por Dom Sebastião, quando ele se acercou de mim. Parecia estar lendo meus pensamentos. Foi olhando nos meus olhos e dizendo com severidade: “Eu não tenho nada que ver com isto. Não sou eu, não fique fazendo mal juízo e confundindo as coisas”.

Ele realmente tinha lido meu pensamento porque a telepatia funciona na força da miração ou do efeito do chá. Não sei explicar como. O Santo Daime tem muitos mistérios e eu sou apenas um iniciante. Dom Sebastião disse aquelas coisas e imediatamente voltou para seu lugar em pé, ouvindo as palestras chatas.

Três dias depois, o mesmo que chamou Dom Sebastião de doido por colocar os “cabeludos sujos” na mesa, escandalizou a irmandade por estar cantando irreverentemente a uma senhora de respeito, com um bilhete de baixo nível, que foi mostrado ao marido. Ele não gostou da estória e botou a boca no mundo. O galanteador ficou tão envergonhado, que nunca mais apareceu na Colônia Cinco Mil. Com o tempo, outros fardados também se afastaram porque na verdade não eram daquela casa, do “rebanho de São João”. Mesmo com algumas poucas saídas, o povo do Padrinho Sebastião estava sempre aumentando.

Só quem conhece o movimento de um hinário bailado a noite toda, na força do Santo Daime, pode avaliar o primor, a beleza que é uma noitada de festa no ritual. Às vezes, nestes momentos de miração, somos agraciados com revelações que só o Poder Divino sabe e pode manifestar nesta bebida.

Passado algum tempo desta comemoração junina, Dom Sebastião nos contou uma de suas mirações desta noite. Ele

viu um homem de longas barbas brancas que todos reverenciavam. Por onde andava as pessoas vinham ter com ele porque sabiam que ele falava palavras de Deus.

Esta era a segunda vez que ele se encontrava com esse personagem. Há muitos anos atrás, num sonho memorável, ele tinha visto esta mesma barba branca. Desta vez, enquanto se deparava com esta visão, uma voz mágica lhe falava ao ouvido: “Este homem é você”.

Desde este dia de São João de 1975, Dom Sebastião nunca mais passou uma gilete no rosto. Deixou os fios brotarem e virem à tona. Eram todos brancos. Não precisou de muito tempo para ficar caracterizado por sua barba branca. Os cabelos eram pretos pois ainda não era velho. Em outubro completaria cinqüenta e cinco anos.

Como a vida não é só de comemorações e mirações, chegou o outro dia do trabalho material.

Nesta época do ano, o agricultor estava ocupado com a colheita do feijão de arranca, plantado depois da festa de São José, dia dezanove de março.

Éramos três trabalhadores, Pedro Mota, o filho, mais Maurílio e eu, Lúcio, acompanhando Dom Sebastião. Daniel não gostava do trabalho de roçado, estava ocupado em outras atividades. O expediente começava bem cedo, antes do sol esquentar, porque ao arrancar o pé ainda úmido da noite, a fava não abria, sem risco de perder os caroços.

A hora mais quente do dia era reservada para bater o feijão. Se fazia um jirau de varas rodeado de lonas, onde se colocavam os pés de feijão seco e ia batendo com uma vara para romper a fava e os caroços caírem no chão forrado, passando pelas gretas do jirau. É difícil explicar para um leigo no assunto, que nunca foi a um roçado. O certo é que a gente suava tanto que dava para torcer a camisa encharcada, mas

com alegria. Era bom estar na companhia daquele homem, compartilhando a nobreza daquele trabalho de colher da terra, com o suor do rosto, o nosso pão de cada dia. Era uma experiência há muito desejada por nós, urbanos.

Aquele era um ano de boa colheita. Foi feito o armazenamento para o consumo de casa e o restante, uns quinhentos quilos, foi vendido na cidade.

A nossa relação de trabalho não era de patrão e empregado. Nem se pensava em remuneração, mas fomos agraciados de surpresa com um cobertor para cada um, visto que o tempo estava frio e nossa dormida era na rede com meia coberta, armada no salão da Igreja, antiga casa de moradia, agora sem paredes.

Depois da colheita o plano de construção da Igreja ganhou vulto. Era um sonho há muito tempo acalentado.

O Nonato, outro filho do Seu Wilson Carneiro, ficou encarregado de colher alguns recursos. Para tanto, abriu um livro de colaborações.

Na Colônia fomos trabalhar na confecção artesanal de tijolos. Sobrou para mim amassar barro com os pés, enquanto o Chico Arigó ia batendo os tijolos com sua forma manual. Daniel e Maurílio escaparam desta empreitada. Foram fazer não sei o quê. O trabalho era pesado, mas a causa era nobre. Este era o consolo. Nós produzimos em casa o tijolo em que foi feita a base da Igreja, o baldrame. O restante para as paredes foram comprados através de doações.

Já contando com recursos recolhidos por Nonato, foi feita a contratação de um pedreiro e um ajudante. O homem era incompetente, ia fazer uma parede de vinte e quatro metros de comprimento sem nenhuma coluna intermediária. Quando a parede começou a ser levantada, chegou na Colônia o Paraíba, homem que era responsável pela maior obra em construção na

cidade, o Hotel Chuí, depois transformado em Prefeitura.

Paraíba tinha feito uma promessa ao Padrinho Sebastião, que o ajudaria a construir a Igreja. Ele havia participado de um ritual na Colônia e pediu um litro da bebida sagrada para tomar com algumas pessoas em Belém do Pará. O Padrinho, na sua sabedoria, achou que devia atendê-lo. No Daime tomado por lá houve algum prodígio, uma cura milagrosa, e por isto o Sr. Paraíba voltava para cumprir a promessa.

Chegou em cima da hora e, com a maior boa vontade, assumiu e fez um novo plano para a obra, até então sem planta nem projeto, com a possibilidade de ter uma curta duração. Além do perigo de cair na cabeça de alguém.

A Igreja foi construída praticamente aos domingos. A irmandade se reunia, em torno de uns quarenta homens. Em clima de muita animação a obra ia surgindo. Nesta oportunidade o Paraíba trazia uns cinco pedreiros profissionais da cidade. Num dia de trabalho a diferença era enorme. Durante a semana, quando tinha folga no roçado, nós, os moradores fixos, íamos trabalhando no grande aterro do piso. Toda madeira utilizada na construção foi tirada em serras manuais na própria Colônia, e uma imensa castanheira foi ao chão. Este era um trabalho especializado, que ficou a cargo de João Corrente, irmão do Chico, e Seu Osvaldo, caboclo apelidado de Bolívia.

Foram necessários onze fins de semana para fazer o primeiro trabalho espiritual no prédio em obras.

A vida na Colônia estava em ritmo de trabalho. Não tinha boa vida para ninguém. Até as crianças estavam inseridas na força de trabalho. Porém, era uma rotina saudável para a juventude e para os mais velhos, porque tudo dependia do físico, da força bruta.

As mulheres participavam das colheitas e até da capina com enxada. Trabalho de roçado (facão) era coisa de homem.

Setor importante da força de trabalho feminino era o doméstico. Lavar roupa, limpar e cozinhar: nisto os homens não se metiam.

Quanto mais passavam os dias, maior era a nossa interação com o povo. Todo mundo era generoso e nós, os cabeludos, tratados com muito carinho.

Quando atravessamos a porteira e pela primeira vez pisamos naquele terreiro, o pensamento era ficar ali no máximo uns três dias. Já havia a convicção de que esta era a última etapa de uma peregrinação de três anos pelo Brasil afora. O plano era voltar para casa.

Depois de encontrar Dom Sebastião com sua família e aquela bebida sagrada, tudo mudou. Aos poucos eu descobria que este era o meu sonho. Encontrar um lugar como aquele, com um povo tão amável e querido, e poder ajudar a construir a mais sonhada utopia: de uma sociedade justa.

Capítulo II

A realidade de um sonho

“É preciso ter firmeza na mente para servir a Deus. Nem dúvida e nem medo. Um pensamento fraco, cheio de vício, é um corpo sem valor.

Nós somos um aparelho que nem um rádio. É preciso fazer a sintonia para ter uma transmissão limpa e não ficar naquela chiadeira. Assim na terra como no céu, esta deve ser a nossa sintonia. Tem que estar em Deus e ficar transmitindo as suas vibrações. É necessário ter boas palavras. Não xingar nem maldizer ninguém. Quem tem esta firmeza não tropeça em qualquer obstáculo.

Deus está sempre nos dando o perdão quando somos sinceros e nosso Mestre nos esperando de coração limpo para entregar os dons espirituais, porque é necessário ter merecimento, fazer por onde para receber.”

Dom Sebastião apreciava muito nossa companhia nos rituais com o Santo Daime, e sempre tinha um ensinamento forte para nos transmitir. Em trabalhos de cura, realizados principalmente nas quartas-feiras, fazíamos parte da mesa. Ele ficava numa ponta, Daniel na outra, Maurílio à sua esquerda e eu à direita.

Daniel, que era o mais esotérico, detectou a sutileza da nossa formação: cada um de nós era de um signo diferente

que estava ligado a um dos quatro elementos da natureza: a terra, a água, fogo e o ar.

Quando terminava a cerimônia, todos os participantes vinham cumprimentar e pedir a benção. Só nós três éramos diferentes neste trato. Para todos os fardados ele era o Padrinho. Nestas ocasiões eu ficava com vontade de fazer como todo mundo e pedir a bênção, visto que cada vez era maior minha admiração e afeição por ele. Talvez ainda faltasse entender melhor o que era um Padrinho. Também tinha uma coisa nossa que não abríamos para ele.

Sem dúvida alguma, éramos pessoas de ótima índole. Todos bem educados e honestos, filhos de boas famílias do sul, porém tinha um ponto de nossa característica ripe que mantínhamos em silêncio. Era o fato de fazermos uso da cannabis, aquela erva proibida. Nisto estava a mais profunda manifestação de nossa rebeldia social.

De vez em quando vinha a turma da cidade, aquele pessoal da elite que gostava de “pitar” um “fuminho”. Ainda me lembro de alguns nomes, entre eles Mirim, que mais tarde viria integrar a comunidade. Eles traziam o produto e fazíamos aquela roda de gente com o pito passando de mão em mão.

Sempre o Zé Mota, filho mais novo com doze anos na época, nos descobria nesta função. Ele naturalmente gostava de estar no nosso meio e por isto vez por outra estava nos pegando em flagrante. Provavelmente devia contar para o pai: “Eles fumam um cigarrinho que nem um ‘porronca’, mas cada um dá uma fumada e passa para o outro e uns danam a tossir. Eu acho que é um cigarro diferente”.

Isto era um acontecimento dos fins de semana. O dia a dia era na “cara limpa”.

Tirando este fato, nossa vida era um livro aberto, e nas páginas anteriores o que estava escrito não nos envergonhava

porque, graças a Deus, em nossa jornada procuramos os caminhos da luz. Nunca prejudicamos ninguém. Por isto mesmo um anjo bom nos havia protegido em todo percurso até chegar ali.

Na Colônia Cinco Mil moravam alguns jovens e adolescentes, filhos das famílias locais, que resolveram ser “cabeludos” como nós. A moda pegou e os pais não podiam reclamar, porque nos apoiavam.

Nessa preocupação em fazer o melhor por todos, constatamos a pobreza do cardápio local, baseado no feijão com arroz, farinha e carne, peixe ou ovo frito. Nada de verde, couve, cebolinha; tudo era cozido no feijão. Resolvemos fazer uma horta. Ficamos muito entusiasmados com a idéia. Com o apoio de Dom Sebastião, que indicou o lugar ideal, passamos os três a nos empenhar nesta empreitada, limpando a terra e batalhando as sementes.

O domingo era ótimo, principalmente quando chegavam nossos amigos da cidade, aqueles que traziam os pitos. Eram pessoas bem resolvidas financeiramente. Um deles, arquiteto influente na cidade, trazia a turma na sua caminhonete. Desta vez fomos agraciados com um fumo novo, recém colhido, com algumas sementes que foram cuidadosamente recolhidas e guardadas.

Na segunda-feira cedo, em função da horta, fizemos uma pequena sementeira, num caixote de maçã. Só que, em vez de verdura, colocamos as sementinhas adquiridas na véspera.

Nasceram os pezinhos de maconha. O caixote com as plantinhas ficava no salão dos trabalhos de Daime, onde era nossa dormida, exposto aos olhares públicos porque, para todos os efeitos, aquilo era verdura.

O segredinho trazia um pequeno desentendimento entre nós, relativo ao futuro das plantas. Maurílio e Daniel sonhavam colher muito e vender uma parte e viajar pela Améri-

ca do Sul. Eu não estava mais a fim de aventuras e nem de me expor com a venda proibida. Bem, isto só foi na conversa, mas criou um clima de desentendimento, logo superado.

Daniel apreciava muito ir à cidade, e numa destas andanças ficou conhecendo o Cabo Moraes, do Exército, que, além de tomar Daime, gostava muito de fazer aquela fumaça. O Cabo servia em Rio Branco, mas era do Rio Grande do Norte e estava chegando de sua terra natal com uma pacoteira, isto, é, com um punhado da melhor maconha nordestina.

Era sábado e haveria um trabalho com o Santo Daime, uma Concentração. Alguns frequentadores não estavam gostando da presença dos cabeludos. Eram pessoas da cidade, fechadas à novidade de nossa presença, principalmente por assentarmos à mesa central em companhia de Sebastião. Isto, em detrimento deles, que eram veteranos. Neste trabalho reinava este clima desagradável. Eu não estava disputando nada. Sentava humildemente porque era escolhido para a posição.

O Cabo Moraes foi ao trabalho. Pouco antes de começar, fiquei sabendo de suas características especiais, e convidado a participar de uma rodada de pito. Em seguida fui tomar o Santo Daime.

A miração pegou mais forte que o de costume. Até aquela data, toda vez que tomava o Daime eu sentia alegria. Agora a história era outra. Me vi em apuros, apertado por uma força que não conhecia. Fiquei assustado e saí do salão. Uma voz poderosa soava dentro de minha cabeça, fazendo-me grandes acusações por estar mantendo aquele segredo. Ordenava que eu declarasse toda a verdade sobre o uso da maconha e das plantinhas que estavam trepadas lá no salão como se fossem verduras.

Fiquei desesperado. Não queria dizer aquilo, pois poderia estar traíndo meus companheiros.

Chico Corrente e Pedro Dário eram fiscais do terreno e, percebendo minha desorientação, vieram em meu socorro. A presença deles me incomodava profundamente. Quis correr e me seguraram. A voz continuava me acusando, era uma verdadeira tortura.

Pedi que chamassem Seu Sebastião para poder confessar o meu crime. Negaram-me, visto estar ele no comando do trabalho. Pedi então para chamar Maurílio. Ele veio e foi me dizendo: “A batalha no salão não está fácil. Não tenho como te ajudar, ‘te vira’ ”. Saí a caminhar, mais desesperado. Pedro e Chico me acompanharam, então lhes declarei em voz alta e decidida: “Eu fumei maconha!”

Eles ficaram tão assustados com a estranheza da minha declaração, que me abandonaram. Entrei no carro do Seu Wilson, deitei no banco e a voz de uma mulher veio falar no meu ouvido, me confortando. Isto, espiritualmente. Eu logo percebi que era a voz de Dona Rita. A miração continuava forte, e eu podia ouvir nitidamente ela falando da seriedade das coisas. Que não podia levar na brincadeira, me dando muitos conselhos.

Antes do encerramento do trabalho eu já estava restabelecido e tranqüilo lá dentro do salão.

No outro dia é que fui falar com Dom Sebastião e apresentar o caixote de maçãs com as tenras plantinhas. Abri o jogo, disse tudo para ele e que, além disto, tinha aprendido a fumar antes de ser ripe, quando era universitário, no seio da melhor sociedade, inclusive entre professores.

Quando terminei o relato, foi como se tivesse me livrado de uma carga de um peso nas costas. Naquele momento estava disposto a renunciar àquele uso para seguir na doutrina e estar com os irmãos do norte.

Fez-se um pequeno silêncio ao fim do relato. Dom Sebastião olhava curioso as plantinhas e me contou o seguinte:

“Há algum tempo atrás, tive um sonho que está bem vivo na minha memória. Eu ia por umas estradas quando avistei ao longe um homem a cavalo se aproximando. Dava de ver a poeira levantada pelos cascos do animal. Antes de passar por mim ele parou e pude apreciar de perto o cavalo branco e a elegância do cavaleiro que me anunciou: ‘Você vai entrar em outra linha’. Perguntei: ‘Que linha?’ Ele respondeu: ‘Você vai aprender às suas custas’. Foi dizendo e saindo disparado. Continuei caminhando e logo cheguei num roçadinho, onde era cultivada uma espécie de planta que eu não conhecia. Não tinha visto nem nas matas nem na capoeira. No meio delas apareceu um homem moreno, todo vestido de branco, que devia ser o zelador do jardim, pois era um lugar bonito e muito bem cuidado. Quando a referida pessoa me viu, quebrou um galho da planta e me entregou dizendo que era para curar. Quando recebi a oferta eu acordei. Agora vendo estas plantinhas, lembrei do sonho. Estou com vontade de cultivá-las para fazer a comparação”.

Fiquei muito feliz com o desfecho da história. O Cabo Moraes pernoitou na Colônia e Dom Sebastião aceitou o convite de pitar, para logo conhecer o mistério desta erva. Ele gostou muito.

A horta virou uma realidade. Fizemos um belo plantio de couve, alguns canteiros de alface e cheiro verde. Muito pepino, quiabo e tomate. Lá no fundo protegidos por uma palheira, três pés super zelados da nossa plantinha especial. Só conseguimos cultivar esta quantidade. Eram duas fêmeas ou “pé de bucha” e um macho, ou “pé de flor”. Como o mamoeiro, o pé de *cannabis* nasce diferenciado pelo sexo.

Quando nós armamos a horta, Maurílio resolveu ir passar o fim de ano com a família. Era mais do que justo, porque enquanto viajávamos seu pai havia falecido. Ele planejou pas-

sar uns três meses e depois voltar, mas errou nos cálculos. Até o retorno passaram-se cinco anos. Um dia, finalmente, ele apareceu para cumprir a profecia de que era um companheiro do Padrinho Sebastião.

Um cabeludo se foi, mas ficaram outros dois, mantendo viva a chama inovadora dos novos tempos de São João. Pois é, num daqueles trabalhos de cura das quartas-feiras à noite, eu vi como aquele era um homem de grande luz, um guia muito especial, de profundas raízes na floresta e de uma sabedoria ímpar. O Santo Daimé se confundia com Ele. Tinha a mesma origem amazônica. Que bom! Ele era realmente meu Padrinho, juntamente com Dona Rita, que também era minha Madrinha. Ao findar o trabalho, com a maior satisfação, fui lá, pedi a benção e respeitosamente os consagrei no coração.

O tempo foi passando ligeiro, como de costume. Logo estava colhendo as primeiras verduras de nossa horta. A despeito da falta de experiência, tivemos muito sucesso no empreendimento. Além de distribuir para muita gente, diariamente colhia braçadas de couve que eu mesmo picava, bem fininha, e refogava. Preparava o quiabo e a salada crua na base de alface, pepino e cebolinha. O tomate não deu. A Madrinha Rita abria espaço na cozinha. Tratar uma caça ou galinha, ou limpar um peixe, era com ela mesmo. Em matéria de verde, os sabidos éramos nós.

Enquanto ia comendo verdura, os pés de fumo iam crescendo. Na companhia de Daniel aproveitava as folhas maduras esperando pela definitiva colheita das buchas.

Nosso amigo, aliado e Padrinho gostava de contar caso de sua terra natal. Ele sempre recordava o Juruá. Foi lá que ele primeiro ouviu falar sobre a maconha e nos contou a forma enganosa da informação: “Dizem que o maconheiro só

fuma para fazer o mal. Ele sopra fumaça na brecha das casas e depois pode entrar e possuir as mulheres e roubar o que quiser que ninguém fica sabendo, porque se tornam embriagados e lesos, dando oportunidade do malvado aproveitar”. Disse ainda que duvidava dessa história porque pensava no maconheiro, “como ele não ficava tonto como os outros?”

Daniel, que se achava mais entendido, determinou a data certa da colheita e, com toda solenidade, tiramos as plantas bem maduras. Deixamos secar na sombra, sem pressa. Era uma emoção ver coroados nossos esforços. Uma revolução estava em curso. Agora, com calma, iríamos estudá-las, ou melhor, transformá-las em fumaça e como incenso oferecer a Deus um tributo de nossas boas obras.

Capítulo III

Santa Maria

Nós temos que encontrar o paraíso vivendo aqui na terra. O mundo é cheio de maldade e disputa, cada um querendo ser melhor que os outros. Os grandes explorando e maltratando os pequenos. É preciso sair desta onda e encontrar a liberdade que está na natureza. Em usufruir dos dons da vida sem ganância e com gratidão a Deus. Nosso Mestre Jesus fez uma revolução usando a força divina de ser um homem autêntico. Por dizer a pura verdade foi crucificado mas não se intimidou. O conceito de ser livre só tem limite no respeito e no espaço do outro e está muito bem resumida na lei suprema do cristianismo: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo”.

Porque vivendo da terra e cultivando muitas espécies vegetais não podíamos ter aquela plantinha, que provavelmente era possuidora de muitos dons de cura? Assim pensava o Padrinho. Como homem livre, ligado na natureza, tinha o direito de colocar uma semente na terra e colher este dom da vida que vem de Deus. Importante é fazer o bom e o correto uso das coisas.

Outro detalhe interessante deste primeiro contato com a *cannabis* foi o fato de ela ter sido apresentada por um cabo

velho do Exército, que nunca quis ser sargento, mas tinha orgulho em andar com sua farda verde oliva e nas horas vagas, fazer esculturas.

O Cabo Moraes nos contou que um dia foi tirar jagube para um feitiço numa localidade perto da casa do Mestre Irineu. Tendo se encontrado com o Mestre fora da vista dos outros, convidou-o para dar umas fumaçadas. O convite foi aceito. Não consta que o Mestre Irineu tenha sido um usuário, embora seja razoável este contato, porque ele era filho de escravos. Nasceu e morou no Maranhão até a sua juventude num lugar sabidamente de produtores da erva.

Segundo informação dos pesquisadores, foram os escravos africanos que trouxeram as primeiras sementes para o Brasil, ainda no ano de 1549, como coisa de negro. Criou-se em torno o grande preconceito que perdura até hoje.

Falando deste possível envolvimento do Mestre Irineu, o Padrinho recordou uma ocasião em que estava no Alto Santo conversando numa roda de gente e o assunto era a notícia do rádio sobre a apreensão, feita pela polícia, de uns quilos. Nessa ocasião alguém perguntou ao Mestre o que ele achava da maconha. A resposta foi esta: “Quem souber usar esta planta vai muito além.” Disse o Padrinho que ele ainda estalou o dedo para reforçar a idéia e continuou: “Quem não souber o que está fazendo vai é ‘entrar no pau’, quer dizer, vai encontrar castigo”.

Se o Mestre Irineu fez uso, ninguém pode afirmar. Somente o Cabo Moraes deu aquele testemunho. Pode ser que ele tenha usado na sua juventude maranhense, e naquele dia estava matando a saudade. Ou então, era discretíssimo e despidava todos, usando concomitantemente o tabaco, pois é sabido seu apreço por um bom charuto.

Estas conjecturas a respeito do uso faziam parte de nossa meditação vespertina, pois o Padrinho tornara-se nosso

companheiro inseparável e às tardes nós fazíamos estudos do uso para a elevação espiritual.

Um dia ele disse: “O povo está ficando enciumado de nós. Chegou a hora de abrir essa história para os irmãos desta linha. A Rita é minha companheira e aonde eu botar o pé ela vai junto, portanto será a primeira”. Depois foi a vez do Chagas, companheiro inseparável.

Noutro dia ele comentou conosco: “Valdete e Valfredo não viram vantagem. Disseram não ter sentido nada. Eu falei com eles para pitar com vocês. Preparem que eles vão lá na horta”. Dito e feito, quando foi onze horas eles chegaram. Escolhemos um lugar aconchegante e fizemos um pito de bom calibre. Baixou uma força muito especial. Valfredo vomitou o que lhe causava mal estar, desconforto e desconfiança, e então ficou tudo muito claro para podermos falar da união.

O exemplo era o da própria horta que servia verdura para todos. Porque não fazer nossa vida assim, produzindo em conjunto o arroz, o feijão, a macaxeira, etc.? Daniel até comentou: “De noite nós estamos na Igreja cantando juntos, somos irmãos. No outro dia, somos vizinhos e nem sempre muito amigos, principalmente quando o gado de um invade o roçado do outro”.

Os dois irmãos acharam que tínhamos razão. Se reunisse todos os plantios ficava muito mais leve e sobrava mais tempo para outras atividades.

O comentário com o Padrinho foi muito positivo: os filhos não só gostaram como toparam começar a vida comunitária.

Este ideal de reunir um povo era um objetivo ainda não alcançado. Precisava acontecer concretamente. Nós fizemos os bastidores do acontecimento, costurando os acordos. Nada daria certo sem conquistar a aprovação dos filhos mais velhos.

Foi assim mesmo. De repente a idéia tomou vulto e o plantio de feijão, a primeira experiência da produção conjunta, foi planejado junto aos vizinhos daimistas que toparam fazer parte da novidade. A liderança do Padrinho era forte e atraiu a participação de todos.

Tremendo azar. Naquele ano os plantios da região se deram mal. Faltou chuva no tempo certo e foi maior o ataque das pragas. A experiência não foi muito positiva. A produção só deu para o consumo, nada de lucro por causa da natureza.

Já fazia um ano que eu estava na Colônia Cinco Mil e quase três que não via meus parentes e em especial minha mãe, que escrevia cartas muito saudosas. Começou a bater forte a vontade de voltar para casa. Lembrava de Maurílio, que se arranjara pelo sul e não falava mais em retorno. Senti saudades do mundo das estradas, das montanhas e do mar, e resolvi terminar a viagem interrompida no Acre.

Antes disto acontecer fui passar uns dias na casa do Velho Corrente na Colônia Jarbas Passarinho. Desde o primeiro dia que vi aquele homem de beijo rachado e de fala fanhosa, que entre nós desenvolveu um grande amor, à primeira vista. Coisa de pai para filho. O Velho Corrente, como gostávamos de chamá-lo, era um sexagenário com energia e disposição para o trabalho, próprias de um jovem.

Ficou uma recordação pitoresca desta estadia na Jarbas. Era o uso da varinha na hora de ir ao mato fazer as necessidades fisiológicas. Precisava da tal vara para espantar um guloso porquinho que ia junto para saborear o produto final ainda quente. A instalação sanitária consistia de um tronco caído no chão para se agachar em cima. A descarga era o impaciente porquinho que garantia o lugar limpo e sem mal cheiro.

Perguntei ao velho se a carne não ficava ruim e ele me tranqüilizou dizendo que aquilo era gulodice do porco crian-

ça. Com mais um tempinho, ele seria capado e confinado, comendo só comida cheirosa.

Isto é um pequeno exemplo para demonstrar a simplicidade do povo. Nosso relacionamento com estas pessoas era um sucesso. Tudo fluía numa corrente de amor. Eu tinha o maior prazer de estar com eles.

A vontade de encontrar uma companheira no seio daquela pequena sociedade estava frustrada. As famílias eram novas e as poucas moças já estavam comprometidas. Teve alguém que se interessou por mim, mas não era minha escolha, não era recíproco.

O forte de minha presença era nos rituais, nos trabalhos de Daime. Eu tinha uma vasta vivência na Igreja Católica. Passei a infância brincando na obra da grande Igreja do Carmo de Belo Horizonte. Fui coroinha e depois seminarista, indo até o noviciado da Ordem Carmelita. Quando abandonei a vida religiosa, estudei na Universidade o Curso de Ciências Sociais. Não tirei o diploma porque fiquei devendo algumas matérias do 2º ano.

Minha leitura e dicção eram corretas. O povo gostava de ouvir a minha voz e por isso o Padrinho sempre pedia para fazer leituras bíblicas. Também fazia as orações e ao lado dele passei a ser figurante de todos os rituais. Organizei os batizados. Eu gostava de tomar o Santo Daime e estar na força, no êxtase.

Embora tivesse esta vivência e compartilhasse deste amor espiritual, meu pensamento agora era seguir viagem. E guardar a boa lembrança daquele lugar encantado.

Voltei da Jarbas, isto é, da Colônia do Velho Corrente. Quando fui passando no pátio, encontrei o Padrinho Sebastião, que me convidou para um trabalho naquela tarde.

Há uns tempos ele havia comentado que a minha leitura acontecia dentro do ritual porque o Santo Daime me consentia:

“o dia que o Poder não quiser, você não lê”, garantiu ele.

Como de costume, peguei a Bíblia para uma leitura de uns dez minutos. Nem bem comecei, as letras foram diminuindo. Fiquei completamente impossibilitado de prosseguir.

A sensação horrível que eu tinha experimentado uns meses atrás, quando contei o caso das plantinhas, tornou a me possuir. Saí da Igreja que ainda estava em obras. Na frente havia um monte de areia que escondeu minha permanência, deitado no chão. Buscava o conforto no contato com a terra, quando uma voz poderosa perguntou se eu estava duvidando daquele Poder.

Na minha frente se encontrava o campo de gado, onde haviam trinta cabeças reunidas para o habitual repouso e ruminção. Os animais gostam de ficar deitados, bem relaxados, mastigando como se tivesse um chiclete duplo na boca.

A cerca de arame nos separava. Quando a voz foi ouvida, uma bola de fogo correu pelo arame da cerca. O gado ficou sobressaltado. Não refeito do susto, tornei a escutar outra pergunta: “Você quer uma prova?” Correu outra bola de fogo e o gado, que placidamente ruminava levantou assustado e correu uma pequena distância. Depois o touro trepou numa vaca e alguns bezerros também brincavam entre si, fazendo a mesma coreografia. Tenho certeza que não foi uma simples coincidência, mas não vou entrar nos detalhes. Asseguro que enquanto estive ali deitado aconteceram muitas coisas próprias de uma miração.

O Padrinho já tinha comentado que miração não é coisa que se fica contando. Pertence a cada um. Quando eu voltei para a Igreja pedi a palavra para apenas dizer que estava pensando em ir embora. Agora não pensava mais.

Naquele ano de 1976 também ficou registrado no livro da Igreja o nome do carioca Paulo Roberto, que veio ao Acre como psicólogo, a convite do Governo do Estado, para dar treinamento aos funcionários públicos de alto escalão.

Nesta época havia um novo delegado na Polícia Federal, e o mesmo resolveu fazer outra pesquisa sobre o uso do Santo Daime. Paulo Roberto, como psicólogo, escreveu um importante documento defendendo a doutrina. O papel satisfez o delegado, e o autor ficou sempre lembrado, até que uns anos depois voltasse para ser o divulgador e guardião da doutrina no Rio de Janeiro.

Chegaram também mais três ripes. Eram os jovens chilenos Raul, Xavier e Cristiano. Dois deles gostavam de tocar na flauta o som ritmado dos Andes. Eles amaram o Santo Daime e resolveram ficar morando na Colônia, como Daniel e eu.

Confesso que fiquei um pouco enciumado, pois o Padrinho agora dava toda atenção para eles que, além de tudo, eram espaçosos, isto é, ocupavam muito espaço na pequena moradia que começou a ficar conhecida como Casinha dos Cabeludos.

Os chilenos tratavam a *cannabis* por marijuana, um nome de mulher. Em nosso estudo já se tinha compreendido que aquela planta era feminina, pois nossa cultura urbana, cheia de informações, levava o Padrinho a viajar nos princípios Yin-Yang, o masculino e feminino na concepção chinesa.

Foi daí que surgiu o nome de Santa Maria para designar aquela planta que tinha nome feio: maconha. Uma palavra de origem africana como macumba, mocambo etc.

Santa Maria soava muito melhor porque era para nossa elevação espiritual. Uma força de natureza feminina incorporada à nossa existência, como a voz de uma mãe. O que uma mulher pode ser para o homem, além de esposa, é mãe ou irmã. Para usar aquela planta, era com o respeito que se tem a uma mãe. Como se estivesse na presença de nossa Rainha.

A vontade de viajar para o sul ainda continuava presente. Então eu disse para o povo: “vou lá ver minha família, os amigos e volto”. Todo mundo me apoiou. Fizeram uma va-

quinha e eu consegui dinheiro para voltar de ônibus.

Quando sai da Colônia, pronto para a viagem, tornei a pensar... Não vai ter retorno. O que passou, passou... Já tenho muito caso para contar. Sigo o meu caminho e deixo os chilenos no meu posto. Eu amo todo mundo, mas tenho que tocar a vida para frente.

Capítulo IV

O maior dos macumbeiros

A maior riqueza espiritual é ter a consciência limpa, não dever nada a ninguém. Ser bem claro e consciente em todos os atos. Eu viajava leve e prazerosamente neste retorno ao lar, ao convívio dos parentes que também eram amados.

Um emissário da paz leva esta bandeira, sustenta a sua harmonia e garbosamente enfrenta os obstáculos.

Que duro estava sendo a nova convivência no sul! Meus antigos e numerosos amigos agora eram pessoas ocupadas. Fiquei de fora de todas as rodas e senti forte a solidão de estar na cidade grande. Quanto maior a distância entre as milhares de pessoas, maior era a lembrança do Acre. Todas as portas estavam trancadas e eu passava horas solitário, tentando escrever. De alguma forma, queria comunicar, falar da ayahuasca, do Santo Daime, mas ninguém se interessava. Meu tempo ainda não tinha chegado.

Este sentimento de abandono foi o companheiro de uma temporada. Então um dia consegui um bom pito e fiz uso da planta que tinha consagrado junto com o Padrinho Sebastião como a erva de Santa Maria. Tudo se fez em luz e entendimento.

Por que ficar solitário, buscando amigos, se eu tinha tudo isto em abundância lá no norte? Para que ficar procuran-

do trabalho neste formigueiro humano onde já tinha gente para tudo? Na Colônia Cinco Mil eu era útil e exclusivo.

Naquela noite que pitei, senti transbordar meu amor pelos padrinhos e pela irmandade. Nesta emoção fiz um propósito firme: vou voltar para o Acre. Como num passe de mágica, a minha vida mudou naquele momento. O homem triste imediatamente se transformou em otimista.

Andava no meio da multidão e não sentia oprimido pelo anonimato, cada um na sua, e eu cuidando de conseguir muitas coisas para levar para meu povo do norte.

A vida, tendo uma direção, se torna mais dinâmica: acontecem muitas coisas e a boa energia atrai os bons fluidos. Desde minha chegada pelejava para receber as quase 20 mensalidades que há três anos passados havia pago pelo Consórcio de um carro que não recebi. Fui lá, e o dinheiro estava me esperando.

Noutro dia encontrei o Inocência, um velho companheiro de trabalho, um dos donos do Curso Itamaraty, do qual fui diretor administrativo e professor nos idos tempos da vida universitária. Ele me pediu encarecidamente que voltasse a participar do Itamaraty porque os dois diretores precisavam se afastar. Concordei em fazer isto por um período de três meses, acabei ficando cinco meses e foi preciso determinação para voltar ao Acre, tanto eram os apelos pela minha permanência.

Trabalhei muito, ganhei um bom dinheiro, portanto era justo uma temporada de férias. Antes de encarar os rigores da vida no norte, fui encontrar com o Geraldo Elvio, meu melhor amigo da juventude, que estava no Rio de Janeiro, continuando os estudos de pós-graduação e morando em Ipanema, num pequeno apartamento.

No outro dia chegou a bela e desconsolada Carmem, balançada em sua vida sentimental. Passei uns dez dias consolando-a. Uma verdadeira paixão para completar o clima de

férias, à beira mar. Tudo passageiro, porque a meta era o Acre.

Nove meses depois de ter saído, estava voltando à Colônia Cinco Mil. Vinha disposto a concordar com os chilenos e compor um tempo novo. Nove meses é o período da gestação e meu retorno era um renascimento, porque sabia que aquela era a entrega definitiva à missão do Império de Juramidam, que quer dizer Jesus.

O Padrinho Sebastião, com seus dons mediúnicos, disse-me que em outras vidas, encarnações, nós fomos companheiros. “Nossos caminhos na missão espiritual acontecem juntos”. Num forte trabalho de Daime, ele chamou “Lúcio” três vezes. No fim da sessão comentou: “Isto é para você não duvidar da sua vocação”.

Estas e outras passagens da vida eu vinha rememorando, na longa viagem de ônibus entre Belo Horizonte e Rio Branco. Quatro dias e cinco noites, mais ou menos cem horas de jornada. Naquele tempo a estrada era asfaltada só até Cuiabá. Do Mato Grosso para frente eram mais dois mil quilômetros no desconforto dos ônibus caindo aos pedaços, porque a lama e os buracos causadores dos solavancos acabavam com as máquinas e judiavam com os passageiros. Na travessia de Rondônia era como uma lotação, embolando gente suada e criança mijona. A cada parada eu ficava atento ao bagageiro, pois levava dois sacos e duas malas. Muitos presentes para o povo e muita roupa usada, semi-nova, recolhida entre parentes e amigos.

Cheguei em Rio Branco no começo do mês de abril. Fui direto à casa de Seu Wilson Carneiro, pois ali era um ponto de encontro da irmandade.

Deparei-me com quase todo o povo da Colônia Cinco Mil. O que está acontecendo? Por que esta movimentação na cidade? “Tem novidades. Depois que você se foi, muita coi-

sa aconteceu”, me contava o Antônio Jorge, filho do Nel. “Chegou um macumbeiro chamado Ceará, um sujeito poderoso. Todo mundo está envolvido com ele”. “Até o Padrinho?” perguntei. “Ora, ele foi o primeiro, que se não fosse ele, nós não estávamos metidos nisto”.

Mais tarde encontrei o Padrinho. Foi uma alegria profunda, mas não senti nele aquela leveza e aquele bom humor costumeiro. A Madrinha demonstrava no olhar o sofrimento que ultimamente a acompanhava.

Às seis horas da tarde fomos para a sessão do macumbeiro. José Lito era o seu nome, natural da Paraíba, mais conhecido por Ceará, pelo seu forte sotaque nordestino e pela mania de comer Jabá, seu prato predileto. Era jovem, tinha uns vinte e oito a trinta anos.

O homem era um show-man. O povo sentava nos bancos ordenados, como uma platéia, e ele, na frente, garantia o espetáculo durante toda noite. Garrafas e mais garrafas de cachaça eram bebidas e derramadas. Fazia parte de seu ritual despejar a aguardente na cabeça dos participantes chamados ao palco.

Ceará trabalhava com umas tantas entidades. Me lembro de alguns, como o Zé Pilintra, Galo Preto, Tranca Rua etc. Tinha um que era mudo, só dizia “ababaú”. Eram uns seis ou oito personagens que ele atuava, ou seja, espíritos que recebia.

O homem se dizia o rei dos Exus, o macumbeiro mais poderoso do mundo e o povo abaixava a cabeça. Tratava o Padrinho por barbudo e a Madrinha, que era gorda, por bolo fofo, e às vezes, por bola fofa. Uma completa irreverência por todo mundo.

Eu não engoli aquele personagem e o senti como um intruso. Neste mesmo dia quis contestá-lo, mas vi que o povo estava cego e dominado. Precisava de uma melhor estratégia.

gia para vencê-lo. Além do mais, eu era recém-chegado. Era necessário reconquistar minha posição.

Com o advento do macumbeiro, pararam as obras da Igreja e os trabalhos com o Santo Daime. O povo não tinha mais tempo para nada.

Às vezes ele chegava já perto da meia noite na Colônia e acordava todo mundo, porque precisava fazer um trabalho na “tronqueira” e os moradores necessitavam estar juntos. Fazia isto para impressionar e extorquir alguma vítima trazida da cidade.

Durante a sessão, quando havia alguma questão com um participante, as entidades resolviam na porrada, ou melhor, na cabeçada, porque era mestre em aplicar o golpe, um verdadeiro cabeça dura, constava do ritual um monte de caco de vidro que servia para os desafios e a prova de fé. Ele andava, deitava em cima; um dia acabou levando um corte no pé e botou a culpa no povo.

Os trabalhos eram realizados em dois locais. Seu Manoel Moraes havia construído um galpão ao lado de sua casa na cidade. Na Colônia ergueu-se a tronqueira, uma casa dentro da mata.

Por que este envolvimento? Por que aquele ritual horrível com cachaça e aquele ser que se alimentava da intriga e da fofoca? O poder do macumbeiro está na discórdia, na confusão e na guerra entre as pessoas. Ele era mestre de jogar uns contra os outros. Também previa grandes desgraças, como a morte de um filho ou até a do próprio freguês, e se dizia capaz de mudar o curso tenebroso da vida. Cobrava caríssimo para resolver questões. Dizia precisar do dinheiro para comprar o material do despacho.

O porquê do envolvimento com este homem, o próprio Padrinho foi esclarecendo. Em primeiro lugar, todos os cabe-ludos se foram. Depois de mim foi o Daniel e em seguida

os chilenos. O Padrinho se viu desguarnecido, sozinho naquela empreitada iniciada conosco. Depois, ele era um homem aberto, desejoso de aprender e compartilhar das novidades. O Ceará era um forasteiro como nós.

Um dia, Seu Wilson chegou na Colônia com o tal homem que já há algum tempo estava na cidade. Ele era muito esperto e já sabia um pouco do Padrinho, de sua liderança religiosa e de seu povo, e então fez uma promessa: “Olha, barbudo, se você entrar comigo, no meu trabalho, eu vou te fazer poderoso. Nenhuma polícia virá contra o Daim e sua Igreja vai crescer e terá filiais por toda parte do mundo. Para alcançar isto você terá que andar comigo durante cinco meses. Preciso deste tempo para ensiná-lo a dominar os ‘Exus’ e fazer deles aliados até no trabalho de cura”.

O Padrinho, na sua simplicidade e ganas de aprender, acreditou em tudo. O povo que o seguia foi junto e o Ceará ficou muito poderoso. Passou a manipular todas aquelas pessoas. O homem não era fácil.

Ele era aventureiro e queria dinheiro. Um tipo de gente que existe no Brasil, principalmente ao norte: o macumbeiro ambulante que chega nas cidades e anuncia sua presença pelo rádio, distribui também folhetos nos quais promete curas, além de resolver os problemas mais intrincados, principalmente nas áreas sentimental, amorosa e financeira.

Geralmente são pessoas amáveis, que sabem num primeiro momento ganhar a confiança. No lugar em que se instalam têm sempre expostos quadros com diplomas, entre outros, da Federação Espírita Brasileira. Claro que é tudo armação, porque o macumbeiro se sustenta na mentira. Numa cidade pequena rapidamente fica-se sabendo da vida de todo mundo. Aí é que o malandro se dá bem.

Depois que ele arma toda confusão e ganha um bom dinheiro, simplesmente desaparece de cena, ou melhor, vai

embora para outra cidade distante. Em Rio Branco é cíclico, não falta este tipo de gente. Já vi fazerem propaganda até pela televisão.

O Ceará era realmente especial, provavelmente o maior macumbeiro do Brasil, porque era um excelente ator. Sabia caracterizar seus personagens com perfeição. Não confundia os papéis. Quem tinha alguma questão com o Galo Preto, por exemplo, só resolvia o assunto quando era a vez de sua atuação. Assim, cada entidade tinha seus compromissos. Era o poder de muita cachaça que sustentava a noitada de trabalho.

O Ababaú, entidade que não falava, mas grunhia, começava sua participação se benzendo com o pé esquerdo. Zé Pilintra era destemido, chegando a fazer a roleta russa para provar que era verdadeiro. Dizia mais ou menos assim: “Vocês estão duvidando do meu aparelho?” O povo dizia que não, mas ele insistia: “Para provar que aqui tem verdade vou meter esta bala no tambor do revólver. Se ela pipocar na cabeça é porque tudo isto aqui é mentira”. Rolava o tambor, puxava o gatilho e depois desafiava a platéia. “se tem gente duvidando, vem dar prova de sua verdade aqui com o cano do revólver”. Era coisa de doido. Ninguém ia.

Embora toda sessão de macumba fosse com muita cachaça, o povo do Padrinho não bebia. Somente quando eram obrigados. Estavam ali como cordeiros e pacificamente suportavam tudo.

Uma coisa o Ceará não sabia. Aquela irmandade tinha um segredo. Ninguém falou que antes dele um grupo de rapazes plantou os primeiros pés de Santa Maria. O povo todo pitava e o macumbeiro ficava de fora da roda, sem saber de nada.

Na minha ausência o uso da planta de fumar se generalizou entre todos aqueles que incontestavelmente estavam com o Padrinho.

As sementes produzidas pelos primeiros pés foram zelosamente cultivadas pelo Chagas, que chegou a colher alguns quilos do produto final. Tudo foi muito bem armazenado e criteriosamente distribuído entre os participantes dos rituais.

Outro detalhe importante era o Santo Daime, usado até por um bebê. Ceará só participou dele em uma ocasião, e naturalmente levou a maior disciplina. Ele tinha medo declarado da bebida sagrada. Assim mesmo, prometia ao barbudo que um dia ainda ia tomar de novo. Este dia nunca mais chegou. O envolvimento com o Ceará teria um custo social alto, porém, depois de tudo passado, o povo seria mais unido e fortalecido.

Capítulo V

O trágico fim

Aprender é a coisa mais importante que se tem a fazer na vida. Não se deve desperdiçar as oportunidades. É preciso sempre ter a consciência de aluno e saber que às vezes os melhores professores são também os piores tiranos. Só assim é possível exercitar a paciência e muitas outras virtudes, e um dia vencer o algoz. Como o dragão subjogado por São Jorge. Às vezes uma lição tem um alto custo, mas o que importa é o resultado final do aprendizado.

Os pecados capitais andam juntos. Quem é avarento é também ganancioso, quer tudo para si e não tem o respeito pela vida e as coisas alheias, portanto não pode estar harmonioso porque é ladrão, que se apodera indevidamente ao primeiro descuido.

O centro de todas as atenções ainda era o macumbeiro chamado de Ceará, que estava cada vez mais enfronhado no dia-a-dia do povo daimista, seguidores de Sebastião Mota de Melo, nosso Padrinho. Era um personagem muito perigoso para as jovens flores perfumadas do Jardim Sagrado do Pai Criador.

A luxúria fica bem, como mais um ornamento nesta personalidade doente. Ele não deixou por menos. Passou a mo-

lestar sexualmente as adolescentes, algumas tiveram seu corpo apalpado e acariciado por sua mão pecaminosa. Sua maior maestria era criar as oportunidades certas para dar o bote. A mais bonita das donzelas, uma criança ainda de doze anos, foi estuprada e intimada a guardar segredo. O garanhão investia também contra os lares. Houve caso dele enganar o marido, dominar e possuir a esposa na própria cama do casal. Era um algoz flagelando o povo. Estava encoberto por uma capa de poder. Sustentado pelo medo. Fazia parte de sua estratégia manter as pessoas intimidadas.

Tudo tem seu tempo debaixo do sol e o período de cinco meses proposto pelo macumbeiro estava terminando. Também se aproximava a festa de São João Batista.

Embora os trabalhos com o Santo Daime estivessem suspensos, a festa do Padroeiro era uma comemoração oficial obrigatória para todo daimista. Para o Padrinho, um dia de muito simbolismo e uma festa de transformação.

Ceará foi ver, embora sua vontade fosse impedir aquela realização. Era a primeira vez que encontrava o povo todo engalanado com sua farda branca. Não esperava por tanto. Não aceitou tomar o Santo Daime. Foi embora para casa dormir. A folga era só dele. Nesta noite de São João, o encanto do macumbeiro se esvaiu. Como se a capa que o encobria fosse retirada. O lobo devorador não tinha mais a pele de cordeiro para se ocultar. Como isto aconteceu, ninguém sabe explicar. Foi um toque que acordou o Padrinho e todo o povo para o disparate que estavam vivendo.

Dona Percília, uma ex-companheira e assistente do Mestre Irineu, trouxe o velho ritual de exorcismo. Uma extensa oração em que se vai benzendo com uma pequena cruz de madeira. A reza tem até partes em latim, a antiga língua oficial da Igreja Católica. Disse ela que, com este ritual, o Traba-

lho de Cruzes, o Mestre Irineu resolvia os casos de possessão. Uma reza forte para expulsar o demônio.

O ritual, ou melhor, o Trabalho de Cruzes, foi feito pela primeira vez na Colônia Cinco Mil para esta finalidade: afastar o macumbeiro que dizia possuir o maior dos capetas.

Quem pode mais que Deus? Ninguém. A mim, relator destes fatos, coube comandar a cerimônia fazendo a leitura principal. Na hora exata de iniciar o trabalho, o Ceará chegou na Igreja e tentou, com muitos argumentos, substituir o ritual por outro comandado por ele.

Eu mesmo o contestei, dizendo que naquela igreja ele não tinha poder algum. Combinamos então, depois da reza, ir para a casa da mata chamada Tronqueira.

Lá ele tentou atuar uma entidade, mas estava sem graça e enfraquecido. Sem usar as máscaras habituais e sem nenhum arrependimento ou escrúpulo, confirmou a notícia de sua investida sexual contra senhoras e descaradamente descobriu outras mais graves, testemunhado pelas próprias vítimas. Terminou num tom ameaçador: ainda tinha poder para prejudicar todo mundo. Que ninguém fosse contra ele.

Neste período, por uma boca descuidada, o macumbeiro ficou sabendo da Santa Maria usada pelo povo. Daí pensou na sua mente maldosa “Agora eles estão ‘fodidos’. Não têm aonde apelar. Qualquer coisa, quem os coloca na cadeia sou eu”.

Pediu-se que ele fosse embora da cidade, porque tinha muita gente com raiva. Principalmente o pai que teve sua filha molestada, os maridos enganados e um outro senhor de cujo automóvel ele havia se apossado, com a promessa de um pagamento breve e, até aquela data, nada, só enganação.

Ceará realmente saiu, foi para Brasiléia, outra cidade do Acre, perto de Rio Branco. Mas não arranjou nada por lá e

resolveu voltar para a capital. Vinha com planos diabólicos de explorar mais o povo incauto e crédulo destes rincões do norte.

Ele era acostumado a espezinhar as pessoas amedrontadas e respeitosas, da turma do Padrinho. Por isto, quando naquele dia ele se encontrou com quatro homens que ele tinha vilipendiado moral e financeiramente, ele não se humilhou. Com sua arrogância enfrentou-os de forma ameaçadora. Agora era um encontro de feras. Não havia mais o medo que torna o homem fraco e vulnerável. Tinha uma mágoa profunda transformada em revolta. Aqueles quatro homens resolveram acabar com quem agora era um impostor que não soube respeitar nem as moças, nem mães de família.

Um deles era um cearense de verdade, acostumado a capar animais. Naquele momento de ódio resolveram emascular o galanteador, que foi segurado por dois enquanto o terceiro arriava as calças e, com a faca de cozinha, trazida pelo quarto personagem, cortava de forma grosseira a genitália do macumbeiro, que foi jogada pela janela à rua.

Logo a polícia foi notificada e a cidade toda ficou sabendo da tragédia ocorrida com o Ceará.

Em seguida ao ocorrido, os três que tinham participado diretamente do fato jogaram o ensangüentado na carroceria de uma camionete e saíram em carreira desabalada no rumo da Colônia Cinco Mil. No caminho, um deles, que ia na carroceria, acabou por matar, sufocando com as mãos, o pescoço da vítima que estava desacordada e com forte hemorragia. Jogaram o corpo no mato e foram para a Colônia.

Lá chegando, encontraram o Padrinho com alguns companheiros trabalhando na obra da Igreja. Contaram o ocorrido e na mesma hora foram aconselhados a se apresentarem às autoridades.

Não demorou nada e chegou uma viatura da Polícia Militar com soldados fortemente armados. Não houve a

menor resistência à voz de prisão. Os três foram capturados em flagrante.

Esta tragédia movimentou a cidade. Virou comentário na boca de todo mundo. Neste dia eu estava na rua, na oficina de taxímetro do Omar, quando ouvi o rádio informando o ocorrido em edição extraordinária.

As manchetes dos jornais no dia imediato colocavam em evidência o ocorrido. Foi uma das poucas vezes na história que faltou jornal para todos os interessados. Os que tinham praticado o crime eram pacatos e cidadãos bem relacionados, sem nenhum antecedente criminal. A cidade ficou abalada.

O Padrinho Sebastião não teve nada a ver com este desfecho. Durante toda aquela trajetória de cinco meses ele desejou converter o macumbeiro. Fazer dele um irmão. Por fim, ele queria que o povo se conformasse e deixasse o Ceará seguir a sua rota, um dia ser justificado, e, quem sabe, arrepende-se e pedir perdão a Deus.

Como diz um velho ditado; roupa suja se lava em casa. O pessoal mais simples, que vivia na zona rural, soube superar com paciência. Porém, os mais prejudicados foram os moradores da cidade. Os mesmos que o levaram ao Padrinho. Porque, na Colônia Cinco Mil, só iam os que desejavam participar do ritual do Santo Daime. Ceará nunca desejou tomar o chá sagrado.

Este fato da capação e assassinato aconteceu em três de agosto de 1977. Os três homens responsabilizados por este fato ficaram até novembro na Colônia Penal de Rio Branco e foram muito bem tratados. Em novembro do mesmo ano foram levados a um júri popular.

Quando chegou o dia do julgamento, a população de Rio Branco estava toda mobilizada. Os meios de comunicação davam a maior cobertura. Uma emissora de rádio com

liderança absoluta de audiência fazia pesquisas de opinião pública. Capadores deveriam ou não ser condenados? Uma multidão foi ver o julgamento. Naturalmente, o salão não comportava tanta gente, e muitos ficaram de fora, acompanhando pelo rádio.

O advogado era um dos mais brilhantes e caros do Acre. Sua tese para livrar os acusados era de legítima defesa da honra. Ele contou muitos casos, deu exemplo em livros de outros réus absolvidos pelo assassinato em legítima defesa da honra. Mostrou que os acusados eram dignos cidadãos de Rio Branco enganados por um forasteiro. Os jurados optaram pela absolvição. A opinião pública divergiu do resultado e por isso a Promotoria recorreu da sentença. Um novo julgamento foi marcado cinco meses depois.

Foi preciso contratar outro advogado porque o primeiro ocupava agora um alto cargo público. Estava incompatível com as funções do júri. O novo profissional da defesa era também muito bom de serviço e a sua tese foi “coerção irresistível”. Isto quer dizer que uma pessoa pode atormentar tanto outra, que gera na segunda uma loucura ou transtorno, levando a um ato extremo, como o assassinato.

Não foi difícil convencer os jurados de que um homem que tem seu lar invadido por outro, que ultrajou a honra da esposa, além de estuprar uma filha de doze anos, fica completamente transtornado. Também um marido enganado dentro do próprio lar pode perder a cabeça.

Eles foram definitivamente absolvidos. Participei dos julgamentos na qualidade de testemunha de defesa. No segundo, tive papel relevante. Está tudo arquivado nos anais da Justiça Acreana. Com todos os nomes e detalhes.

Graças a Deus chegamos ao fim do túnel terminando este assunto triste e desagradável. Esta foi uma prova dura, mas como toda tempestade que passa, depois vem a bonança.

O povo do Padrinho ficou muito mais fortalecido em sua união e aprendeu muita coisa da espiritualidade. Assim na terra como nos céus.

Este assunto do macumbeiro permite muitas conjecturas, sendo analisado por muitos ângulos, pois está envolvido por ares de uma grande magia.

O Padrinho Sebastião se encontrava cego espiritualmente. Ele próprio contou que, no primeiro ritual de cura feito logo após a retirada dos cabeludos, quando estava sentado na cabeceira da mesa, ele apoiava a cabeça naquela posição em que se encosta o cotovelo como se fosse disputar uma queda de braço. Pois bem, estava ele assim quando apareceu uma entidade na miração, que agarrou seu pulso como numa legítima disputa da qual saiu perdedor. A entidade, visível só a seus olhos, era um negro baixo gordo, que tinha um braço avantajado e ao vencê-lo, jogou um pó em seus olhos deixando-o cego.

O Padrinho saiu da Igreja guiado. Foi levado até o pote d'água, onde lavou os olhos e a cabeça, recobrando a visão. Poucos dias depois, chegou o Sr. José Lito, conhecido por Ceará.

Embora o macumbeiro tenha exercido grande poder neste seu pequeno reinado de cinco meses, tudo era superficial porque o povo tinha escudos para se defender de sua insidiosa dominação. Eram eles o Santo Daime e a Santa Maria.

Depois de tudo acontecido, o Padrinho Sebastião consolava a irmandade dizendo que, tudo se passara, foi porque Deus consentiu. Visto sermos todos um povo que tinha e tem o propósito de amá-lo, e seguir um bom caminho.

Desde meu retorno do Sul, todas as tardes possíveis, encontrava meu velho companheiro e padrinho para pitar um bom pito de Santa Maria e prosseguir nosso estudo. Isto muitas vezes acontecia na Tronqueira, a casa da mata nas horas

que só tinham as imensas árvores por testemunha.

Embora tenha acontecido um fato tão grave no seio daquela irmandade de daimistas, o Padrinho Sebastião nunca desejara um final trágico. Ele era puro amor e lealdade, mesmo “levado pelo cabresto”.

Por que a Madrinha Rita tinha aquele olhar triste quando a vi no meu retorno do sul? Muitas outras coisas aconteceram naquele período de nove meses em que estive fora da Colônia Cinco Mil.

Capítulo VI

Um final feliz

Espíritos de luz, moradores lá do Céu, companheiros de Jesus. Não precisa ser muito íntimo, basta que pelo menos o tenha visto alguma vez na imensidão do Paraíso. São estes seres que nos interessam a companhia, que pedimos para nos ajudar a cumprir a missão terrena, louvando a Deus com nosso amor a toda a natureza.

Anjos da guarda, protetores individuais dos filhos do Pai Eterno, guiai nossos passos afastando de nós a maldade que corrói nossas conquistas espirituais. Se eu cair motivado por fraqueza, dai-me vossa mão que estou pronto para retornar à viagem ao rumo da eternidade.

Pessoas dedicadas ao serviço religioso não estão isentas de tentações. Deus permite passar por provas, mas nunca abandona seus filhos. Às vezes é preciso cair, ir a planos inferiores, para depois tornar a subir e galgar mais um ponto na linha do conhecimento.

Padrinho Sebastião não era um religioso profissional. Não estudou para isto como um Padre, um Pastor, ou um Rabino. Possuía um dom natural, espontâneo, nascido nas matas onde o sistema de comunicação o deixava bem isolado do resto do mundo.

Vamos relatar os fatos concretos, que realmente nos interessam. O Padrinho Sebastião lutou muito para resistir aos apelos sexuais de uma jovem que o acompanhava. Não teve jeito. Ainda tinha uma filha que dependia de sua condição de pai para vir ao mundo.

Por este motivo a Madrinha Rita sofria, vendo seu velho companheiro envolvido com este amor temporão.

Coincidentemente, isto se passava num período de cegueira espiritual, depois da saída dos ripes e a chegada do Ceará. A primeira ocasião em que foi tentado, reinava o silêncio na madrugada. Enquanto dormia um sono leve, sentiu a delicada mão que o acariciava.

Acordou a esposa, que ficou muito brava com a situação e advertiu com muita severidade a mulher, que ousava tocar no marido.

No outro dia, na mesma hora, tornou a acordar em situação idêntica. Pensou consigo mesmo: “Se eu chamar a Rita ela vai fazer aquela zoadada de ontem. Tenho que resolver a parada sozinho”.

Todas as noites, na hora do sono mais profundo da mulher e dos filhos, ele recebia aquela visita. Misteriosamente ninguém acordava. Lutou bravamente, dando conselhos, mas finalmente foi cedendo, e tudo aconteceu.

Na verdade, a mulher que o procurava estava em uma passagem em que fazia as coisas inconscientemente, como se estivesse sendo possuída. Muitas pessoas consideravam que ela estava fraca da cabeça. Tinha uns vinte e cinco anos e os pais consentiram que ela fosse para a Colônia se tratar. Estava hospedada na casa do Padrinho.

Resumindo o assunto, Jací, que é o nome desta mulher, foi mexer no que estava quieto, e acabou por engravidar. Nasceu uma linda menina que restituiu o completo equilíbrio mental para sua mãe.

O que há de notável neste caso é o final feliz. Jací, depois de grávida, acordou para a realidade e deu um exemplo de nobreza e desenvolvimento espiritual, tratando o Padrinho com todo o respeito de uma afilhada. Nunca mais tiveram intimidades. Também não se soube de seu interesse por nenhum outro homem. Dedicou-se inteiramente à filha e à doutrina.

Madrinha Rita passou por momentos difíceis. Como toda esposa numa situação desta, ela sofreu, mas acabou superando tudo com seu expressivo amor maternal. Considerou todas as duas filhas de sua casa, vivendo juntas sob o mesmo teto, com respeito e harmonia.

Por esta época nasceu também a graciosa moreninha que recebeu o nome de Iracema. Era da família Corrente, mas sua mãe a doou aos Padrinhos e assim a alegria da casa redobrou com a chegada das duas meninas. Não havia preocupação com o aumento do trabalho, porque tinha a Neves, a Isabel, a Nonata e a Marlene para ajudar.

Com o desfecho do caso do macumbeiro, a vida voltou à normalidade. Daniel, o argentino, retornou. Um pouco depois, também os chilenos. Nesta altura dos acontecimentos, eu já tinha construído uma casa própria.

Para fazer a obra, contei com a ajuda de muita gente da irmandade, principalmente a do velho Corrente, que veio da Jarbas Passarinho especialmente para ajudar no início da construção. O Padrinho Sebastião escolheu o local, um pouco retirado numa volta do Igarapé Redenção. Naturalmente inovei o conceito de moradia construindo a casa em três níveis: a cozinha mais baixa, a sala e o mezanino onde dormia.

Daniel não deixou por menos. Tratou de construir sua residência dentro da pequena floresta que ainda restava na localidade.

Depois de bem instalados, voltamos aos assuntos da organização comunitária. O Padrinho continuava querendo unir o povo. Uma importante adesão à causa foi a do também argentino Omar, que na época era o dono da oficina de taxímetros Capelinha, a única da cidade.

Todo ano se faziam duas aferições nos taxímetros, que consistiam na atualização dos preços da corrida. Todos os carros eram obrigados ao procedimento e o Omar faturava uma boa grana com a venda de peças e mão-de-obra. Nestas ocasiões vinham fiscais do governo para conferir o desempenho dos taxímetros. Era um procedimento obrigatório e acabava sendo uma festa para o bolso do proprietário.

A oficina foi doada para a causa comunitária. Isto foi feito de comum acordo com a Virgínia, esposa do Omar. Ela era uma brasileira nascida em Manaus. O gesto deste casal deu o ânimo decisivo e o impulso que faltava para se concretizarem os planos.

Fizemos uma reunião na floresta, lá onde Daniel estava construindo a casa. Com meus bons dotes de oratória expliquei a todos o passo decisivo que estava se dando para uma nova organização econômica. Comentei sobre a liberdade de cada um em escolher o segmento próprio. Falava em nome do Padrinho, portanto, tinha um grande respaldo. A maioria topou de imediato fazer parte da vida comunitária.

Outro detalhe interessante desta reunião foi a presença de Flaviano, também conhecido por Chaminá. Ele era um ripe, como também o fomos, mas por acaso estava andando mal acompanhado. Ele chegou juntamente com um mal caráter, conhecido nas estradas por Micróbio. Um tipo de gente preguiçosa que prefere roubar a trabalhar. Um autêntico parasita. Os ripes são apreciadores naturais da cannabis. Capazes de fazer sacrifício para obter o produto. Os recém-chegados, pertencentes a esta turma, passaram mais de um mês na Colô-

nia e não sentiram nem o cheiro da Santa Maria.

Naquele dia, antes de começar a reunião, fizemos um pequeno ritual que consistia numa rodada de pito. Flaviano ficou de queixo caído ao ver a fumaça subindo e o povo com a maior naturalidade passando de mão em mão o aromático cigarrinho.

O ripec micróbio tinha ido embora depois de dar um baculejo em algumas mochilas. Aí ficou claro que o Flaviano não tinha nada a ver com ele. Merecia a confiança da irmandade. A prova estava sendo dada naquele ato simbólico de participar da roda de pito.

Naquele dia do ano de 1977, entre setembro e outubro, firmamos o compromisso da organização comunitária, formalizando o que vinha desabrochando espontaneamente.

No segundo semestre não houve aferição dos taxímetros. Começaram a usar uma tabela manual. Corrigindo os preços, a esperança de faturar algum dinheiro para equilibrar as contas foi por água abaixo. Com pouco tempo a oficina mostrou ser um negócio fraco para as necessidades de uma comunidade. Ela mal dava para sustentar uma família.

Por este tempo, Alfredo, filho do Padrinho, assumiu o comando da economia, juntamente com o Chico Corrente e o Nonato, filho do Sr. Wilson, que era experiente em comércio. Eles formaram o Mercadinho União. Um ponto comercial em Rio Branco para vender estivas, verduras e carne. Uma parte da mercadoria comercializada vinha da própria produção da Colônia. Eu colaborei ativamente no nosso comércio.

O mercadinho não teve vida longa. Já nasceu doente porque se iniciou com dívidas. Ele começou a operar com a firma do Nonato, que já estava em situação financeira difícil. Embora o povo recebesse um bom abastecimento, o comércio não foi vantajoso para a Colônia. Não apresentou o resultado esperado. Juntando-se outros fatores externos, veio a falir

algum tempo depois. Isto são ocorrências do ano de 1978.

Nossa vida econômica estava se mostrando difícil, mas o povo era muito trabalhador e havia fartura de produtos básicos como arroz, feijão, macaxeira, farinha, frutas, algumas verduras e batatas. O pequeno rebanho bovino garantia o leite das crianças. Não faltava alguma qualidade de carne na mesa. Havia também três açudes e o igarapé Redenção como provedores de peixe.

A cada dia a Colônia Cinco Mil ia ficando mais conhecida e procurada. Intensificou o fluxo de ripês. Abriu-se um rota dos Andes para o Acre cujo destino final era o Santo Daime. O Padrinho Sebastião estava ficando famoso pelas estradas.

As cidades de Cusco e Machu Pichu no Peru eram uma meca do ripismo mundial. Milhares de mochileiros das Américas e da Europa passavam por estas lendárias cidades durante o correr do ano. Lá, uma boa parte deles ouvia falar da Colônia Cinco Mil.

Começou ser uma rotina a chegada de gente nova. Mais uma casa foi erguida para receber os estradeiros, os ripês. Eles continuavam usando cabelos longos e a localidade também ficou conhecida como Casinha dos Cabeludos.

As refeições eram na própria mesa do Padrinho, que fez reformas e ampliações na copa e na cozinha, agora conhecida como Cozinha Geral. Às vezes serviam-se mais de cinquenta refeições num só almoço.

Formavam-se equipes, a maior parte do pessoal trabalhava na produção do alimento. Nos roçados, com enxadas e terçados ou facões. Não tinha nada motorizado, tudo era no braço e por isto, quanto mais gente, melhor. Ainda mais levando-se em conta que o aprendiz produzia pouco. Nunca faltava serviço e o preguiçoso durava pouco tempo. A hora das refei-

ções era sagrada. O pão nosso de cada dia estava na mesa .

O Padrinho Sebastião muitas vezes era censurado pelos conservadores daimistas do Alto Santo por receber os ripes, que na maioria eram jovens na grande ânsia da busca e do conhecimento. Muitas pessoas preconceituosas pensavam que todos os cabeludos eram sujos tanto na aparência externa como no caráter. Para alguns não passavam de drogados.

O Padrinho via muito além. Tinha um poder especial para captar as pessoas em sua essência, e o coração aberto para abraçar a todos e ensinar o que é reencontrar Deus dentro de si mesmo para poder senti-Lo nas profundezas do universo e ter a identificação do Eu Superior.

Veio muita gente deste mundo sem porteira: argentinos, chilenos, americanos, europeus, até um casal da África do Sul e um ou outro japonês, além de brasileiros de todos os rincões de nossa pátria, de gaúchos a amazonenses.

As pessoas vinham e participavam não só dos rituais, como também dos trabalhos. A maior parte ficava uma temporada, e depois seguia a viagem propagando a boa nova do Santo Daime, da Santa Maria, do Padrinho Sebastião na Colônia Cinco Mil. Alguns, porém, ficaram para sempre. Neste intercâmbio de pessoas o Padrinho também recebia muitas informações, principalmente dos assuntos teológicos. Era presenteado com livros e sabia das manifestações religiosas orientais mais conhecidas. Leu obras, ou melhor, escutou as meditações Seicho-Noé, do Rajneesh, que depois virou Osho, a “Ponte para Liberdade”, de Saint-Germain etc. Entre todos os livros elegeram o “Eu Sou”, do Mago Jefa (Jorge Adoum), como sua obra predileta.

Já que estamos falando deste lado intelectual, não se pode omitir o “Ciclo Esotérico da Comunhão do Pensamento”, de São Paulo, que tinha no seu quadro de sócios o nome

de Sebastião Mota de Melo.

Desde os tempos do Mestre Irineu, havia uma ligação com o Círculo Esotérico do qual se aproveitaram orações como Chave da Harmonia e Consagração do Aposento que incorporaram definitivamente aos rituais.

Na parede da sala havia o diploma de sócios da organização religiosa e filosófica fundada em São Paulo no começo do século.

Dizem que um dia a matriz descobriu que na filial do Acre também se fazia o ritual do Daimé. A diretoria mandou que os sócios escolhessem entre o primitivo chá indígena ou a evoluída doutrina esotérica divulgada pela organização. O povo se dividiu: noventa e nove por cento ficaram favoráveis à linha do Mestre Irineu. O resto foi fazer os estudos esotéricos.

Vamos tocando a vida para a frente, que este tempo é cheio de novidades e não falta assunto para ir compondo este enredo.

Capítulo VII

O desenvolvimento da vida comunitária

É chegado o tempo de glória do Senhor São João Batista. É a mesma voz que clama no deserto de nossa alma, que nos conforta com a água redentora, que além da vida nos purifica. Quem sentiu sede de amor, de justiça, agora é saciado porque tem esta fonte jorrando às primícias divinas.

Para muitos, foi revelado o segredo da água da vida, mas só os mansos e humildes de coração tiveram a percepção. Como na parábola do banquete contada por Jesus, foram as pessoas pobres, os caminhantes, os peregrinos, que atenderam ao convite do Senhor e puderam participar do magnífico repasto.

A doutrina viva e vivenciada pelo Padrinho Sebastião era justamente este encontro. Quem se acercava dele era contagiado pelas emanções do Eu Superior de uma pessoa muito especial.

Ao contrário do que muitos pensam, ele não era um homem sisudo. Era um pessoa muito alegre, porque esta é a postura de quem tem Deus em si. Fazia brincadeiras com inteligência e respeito, criando um clima de descontração ao seu redor. Como bom pai que era, sabia repreender e acon-

selhar seus filhos. Embora tenha abraçado a espiritualidade, era o pai carnal de uma numerosa família que permaneceu unida a seu redor e do Santo Daime.

Os dois filhos mais velhos sempre lhe deram gosto de alegria pelo senso de responsabilidade, companheirismo e amizade sincera entre eles. Eram muito inteligentes e trabalhadores. Valfredo, que acabou virando Alfredo, se destacava na sensibilidade artística e se dedicava mais ao trabalho de carpintaria. Valdete, o primogênito, era mais ligado com a terra e se dedicava à agricultura.

Padrinho Sebastião havia conquistado aquela posição de líder na linha do Santo Daime porque soube cantar em hinos a sua força e poder espiritual. Com a arte de se expressar na música, deu a resposta continuadora da missão apresentada pelo Mestre Irineu. Agora, o próprio Padrinho lançara o desafio a quem deveria sucedê-lo. Na letra do hino “O Justiceiro”, de número 119, que deu nome a todo o hinário, ele apresentava a chave da seqüência no comando da doutrina. Naturalmente, com sutileza e musicalidade, fazia o chamado.

Foi Alfredo quem entendeu o enigma e cantou a resposta, afirmando-se como legítimo sucessor e guardião da doutrina. Agora se avizinhava o tempo do Rei Salomão. Com muito talento e poesia, o segundo filho deu prova de grande capacidade, podendo afirmar com toda legitimidade “Sou Eu”. Desde aqueles idos tempos ele vinha crescendo, aumentando os talentos recebidos da bondade Divina.

Neste ano de 1978 finalmente se casaria com Silvia, co-roando um namoro que vinha acontecendo desde a juventude.

A Igreja já estava pronta. O prédio todo pintado de branco ressaltava sua bela arquitetura no contraste com a relva verde. Ficou muito bonita com a frente em arcos e as duas torres laterais.

Na parte da tarde recebi a visita do Padrinho, que foi à minha casa falar do casamento. Disse ele: “É você que vai fazer a cerimônia, pois entende melhor este negócio de Igreja”.

No fim do ano passado tinha feito o primeiro destes rituais, oficializando a união do Odemir, filho de Nel, com a Teca, irmã da Ilma, esposa do Adércio.

Como às vezes tenho uma boa inspiração, escrevi o ritual do casamento na doutrina do Santo Daime, que até o dia de hoje é oficialmente utilizado.

Os assuntos comunitários são de pura prosperidade. Alfredo está planejando a construção de uma rua de casas, pois muitas famílias pretendem mudar para a Colônia.

Todo fim de semana é uma renovada festa na Cinco Mil. Os fardados da cidade vinham para pernoitar no sábado e traziam guloseimas, revistas, cigarros etc.

O velho Mário Rogério era um destaque. Uma presença segura que morava na cidade, mas era um importante membro da Igreja. Tinha a cabeça branquinha, justificada pelos seus setenta e tantos anos, porém a disposição ainda era a de um jovem. Ele sempre gostou da linha espírita e esotérica de estudar religiões, tendo em casa uma estante com mais de duzentos livros bem ordenados. Entre outras atividades havia sido maçom, membro da loja acreana. Porém, ao conhecer o Santo Daime, descobriu que aquela doutrina cabocla era a síntese de tudo. Era um homem que transbordava de amor, e por este motivo muito estimado por todos, tendo muitos afilhados.

Sua esposa, Dona Lídia, uma santa mulher bem mais nova, só quis tomar Daime uma vez. Tinha um filho, jovem rapaz na casa dos vinte anos. Numa ocasião o rapaz se interessou em conhecer a religião do pai e foi lá na Colônia Cinco Mil numa noite de trabalho.

Encontrei com ele na casa da Dona Regina no intervalo do Hinário. Tomei um café e automaticamente veio a vontade de fumar. Divididos pelos bolsos do paletó eu tinha um pito e um cigarro. Por descuido coloquei o pito na boca e só percebi na hora de acender. Não ia pitar ao lado de um quase desconhecido. Consertei o meu descuido dizendo: este tabaco tem um cheiro forte. Me dê um cigarro.

O Márcio, este era o seu nome, puxou a carteira de cigarros e, dentro do papel celofane, havia uma pontona de pito legítimo de *cannabis*.

Achei graça da coincidência e o convidei para pitar-mos juntos. Neste momento veio chegando o pai. Fizemos uma pequena cerimônia e pela primeira vez, Mário Rogério pitou com o filho. Ambos escondiam o uso. O velho tinha aquilo como coisa de um iniciado e o filho como prática da juventude rebelde.

O povo do Padrinho Sebastião não parava de crescer. Boa parte dos novatos continuavam sendo os ripos nacionais e estrangeiros. Chegou o Adriano da Itália, o Dario do Chile, Marina e Tiziana da Itália, Gil da França, Roberto do Paraná e Severino da Paraíba. Assim, nunca faltava gente para compor as frentes de trabalho.

João Baé comandava o grupo de trabalho dos novatos. Ele era muito metódico e obediente ao comando do Padrinho. Eu preferia trabalhar na turma do Nel, que incluía seu filho Antônio Jorge e João, filho da viúva Júlia. Nós estávamos empenhados num projeto de cana-de-açúcar, que ia do plantio do canavial até a produção do açúcar mascavo e rapadura.

No meio dos ripos andavam os micróbios, por isto não faltavam tipos pitorescos e até exóticos, que geralmente duravam pouco tempo na Colônia.

No auge do movimento dos mochileiros apareceram dois jovens de boa presença, que caminhavam juntos desde o sul. Eles a princípio se empenharam no trabalho a ponto de serem elogiados. Porém, na continuação dos dias, um deles começou um processo megalomaníaco. Passou a dizer que era o Mestre, o sucessor do Padrinho. Convenceu ainda a dois seguidores fiéis, um paulista e outro catarinense.

Este trio, durante algum tempo, foi uma canseira para nossa cabeça. O povo, com muita paciência, suportou os jovens possuídos por esta atitude inusitada e sem fundamento. A manifestação deles culminou com um dia de cartazes e faixas de propaganda indiretamente contra Alfredo, que tinha legitimidade e o apoio da maioria esmagadora para ser o sucessor do Padrinho. A favor dos desmiolados, só mais um desmiolado argentino. Diante deste fracasso de público eles desistiram da empreitada. Tem um velho ditado que diz: “O caminho do feio é por onde veio”. Um dia foram todos embora.

Mesmo que nem tudo fosse perfeição, nós vivíamos um tempo muito promissor. A vida no sistema comunitário dava a imagem de um comunismo na mais perfeita expressão. É muito vantajoso ser guiado por um líder autêntico e verdadeiro.

A parte mais importante, o centro de tudo, era a Igreja. Vivíamos ali motivados pela comunhão com o Santo Daimé e a participação no ritual que se expressava na música. Todos gostavam muito de cantar os hinos da doutrina. Às vezes até mesmo trabalhando nos roçados e nas colheitas de arroz. Eram muitas composições musicais. O Padrinho tinha cento e cinqüenta e seis hinos, o Mestre Irineu recebera cento e trinta e três, o Germano, cinqüenta e dois, e Maria Damião, quarenta e nove. Entre os novos, Alfredo já tinha uns cinqüenta e assim por diante, perfazendo mais de mil diferentes músicas, recebidas ao longo dos cinqüenta anos de existência da doutrina desenvolvida no Acre.

Muitas pessoas, ao tomarem o chá sagrado ao som dos hinos, ficam identificados com esta corrente religiosa. Como na parábola da semente que cai em diversos tipos de solo, a doutrina só cresce e dá frutos onde encontra terra fértil, ou seja, em coração aberto. São os que naturalmente pertencem a esta linhagem espiritual e estão procurando pelo Mestre. Geralmente, são pessoas que não querem o Jesus do esplendor dos altares, que fica distante, administrado pelos padres. Nem o Jesus dos pastores que buscam poder e dinheiro no reino material.

A boa nova é encontrar o mesmo Jesus como um negro e seringueiro do Amazonas, na última das categorias sociais. Não era um neguinho e sim um negão com mais de dois metros de altura.

O Mestre Irineu era todo dia lembrado. Uma presença sagrada à qual dedicamos respeitoso amor e uma grande admiração pela maravilhosa música e mensagem de seu hinário.

Cada vez mais, Alfredo crescia nas suas responsabilidades. Era quem tomava conta da Santa Maria, do plantio e do armazenamento. Tinha ordem na Colônia: usar os pitos só nas horas certas, nos trabalhos. Tudo é feito em forma de oração para não acontecerem acidentes e todos contarem com uma proteção extra.

O uso consagrado e respeitoso da Santa Maria, dentro de uma corrente religiosa, era um conforto para os ripes, que podiam pitar sem culpa. Até os mais preguiçosos se animavam com o trabalho pela oportunidade de participar da Santa fumaça.

Tinha tempo para tudo. Ninguém era obrigado a nada, porém, tomar Daime nos dias de rituais e trabalhar pelo sustento nos mutirões comunitários era da justiça coletiva. Quem não gostava desta vida durava pouco.

O progresso da Colônia Cinco Mil não estava restrito aos rípes. Um fator importante de fortalecimento da comunidade foi a mudança da família dos Corrente, que venderam suas propriedades na Jarbas Passarinho, adquirindo áreas anexas à comunidade. Também Manoel Paulo com sua família vendeu a próspera Colônia e veio se somar com o povo do Padrinho.

Da gente simples da zona rural, também chegaram algumas novas famílias, como a do Seu Lorival, pai do Jurival, o Luís Campelo, a Raimunda Lopes e outros tantos que iam integrando a vida comunitária.

Entre os freqüentadores da Igreja ou melhor, entre os fardados, havia alguns que não pertenciam à comunidade, tinham vida econômica independente, eram os moradores da cidade. Mesmo entre eles, uns tantos aderiram à vida comunitária e construíram casas na Colônia, como o Manoel Moraes, o Rodolfo, o Viegas, o Omar. Todos com as respectivas famílias.

Em cinco anos de Igreja independente, o Padrinho Sebastião havia mais que dobrado o número de fardados. Mais de trezentas pessoas abrilhantavam os rituais na Cinco Mil, que ganhava fama além das fronteiras acreanas.

“Bom tempo por pouco tempo”. Muitas vezes ouvi esta expressão na boca do Padrinho. É um sentimento pessimista, mas um tanto real, porque não pode se acomodar pensando que está tudo bem. É preciso caminhar para a frente e buscar melhoras.

Quando tudo estava razoavelmente instalado, inclusive uma bela Igreja construída, apareceram novidades no curso da vida que mudariam radicalmente os destinos da Colônia Cinco Mil.

A prosperidade que hoje visita os quatro cantos da vila, num dia bem próximo não estará mais aqui.

O que nos reserva o dia de amanhã? Só amanhã.

Capítulo VIII

Bom tempo por pouco tempo

Com humildade e amor somos capazes de realizar grandes obras. Esta é a chave que abre muitas portas e nos permite o acesso aos tesouros espirituais. É imprescindível esta postura. É como uma senha para ser ouvida e reconhecida.

A palavra é a principal fonte de informação. Nós dizemos montanhas de coisas todo dia. A divindade está no verbo. Jesus é Deus na manifestação da palavra, e não porque tinha olhos azuis ou cabelos longos.

Tem assuntos do domínio de todos e estudos que vêm dos professores, da tradição. Além destas fontes, existe a palavra da alma que se faz diferente em cada indivíduo. Os filhos de Deus falam do Pai e dão seu testemunho. O verbo está vivo. Fez-se carne para estar para sempre presente na humanidade.

Mestre Irineu fala a palavra de Jesus, que se fez presente em seu hinário denominado “O Cruzeiro”. Sebastião Mota fala a palavra de São João Batista, manifesta em seu hinário chamado “O Justiceiro”. O novo hinário que canta a trilha principal deste povo é o do Rei Salomão que é a música de Alfredo Gregório.

Este é o rumo que a doutrina tomou com a separação do Alto Santo.

Nós estamos vivendo o final da década de setenta. Neste pouco tempo, a Colônia Cinco Mil se transformou num lugar admirável. Os campos sempre limpos e bem zelados destacavam o pequeno rebanho e a bela Igreja.

Chegando-se à casa de um preguiçoso, você vai encontrar o mato invadindo a sala, o portão caído, o trinco quebrado etc. Uma visão milenar, como explica bem o Livro da Sabedoria do Rei Salomão.

O visitante que adentrava a Colônia Cinco Mil tinha o prazer de ver e sentir um mundo de prosperidade e de ordem.

Era admirável o grupo de trabalho dos meninos. Eles estavam entre doze e quinze anos. O chefe da turma era o Roberval, filho do Nel, tão jovem quanto os companheiros, mas cheio de responsabilidade e de dedicação. Eles trabalhavam pesado.

Mirim, um acreano meio ripe, considerado filho de papai rico, gastava sua mesada com a turma, comprando roupas e agrados. Com isto, incentivava o empreendimento do grupo.

Infelizmente, “estudo já era”. Quem aprendeu, aprendeu. O tempo estava apertado e precisava produzir. Na escolinha rural só dava para ir até o terceiro ano com uma única professora. Naturalmente, como ex-universitário enxergava o problema e por isto tomei a iniciativa de organizar nosso local de estudo.

A velha escolinha de Dona Zefa, que havia se aposentado, ficava a dois quilômetros da vila, e as crianças faziam a caminhada no escaldante sol. Uma situação injusta porque oitenta e cinco por cento dos alunos eram moradores de nossa comunidade.

Fui muitas vezes à Secretaria de Educação e consegui falar com a Secretaria Estadual. Uma equipe foi até a Colônia

Cinco Mil e nós conseguimos a contratação de uma professora, a Dona Mariza, que também era daimista. Organizamos uma sala de aula, construímos as carteiras e estava lançada a semente de nossa futura escola. Com otimismo pensei: “quem sabe um dia vamos ter uma universidade”. A realidade atual ainda é o retrato da precariedade da educação. Os jovens continuaram sem estudo.

Já são trezentas pessoas que estão ao redor do Padrinho Sebastião. A comunidade prosperou e a união está reforçada. Com a doutrina do Santo Daime e aquela liderança legítima e muito respeitada. Havia verdadeira paz na irmandade. Para qualquer dúvida, ou pequeno desentendimento, havia o infalível “cachimbo da paz”. Aquele povo rude, muitos egressos das baixarias do alcoolismo, experimentavam o prazer de uma vida produtiva e harmoniosa.

A despeito de toda esta prosperidade, o Padrinho algumas vezes comentava: “Bom tempo por pouco tempo”. Isto me parecia um ditado nordestino daqueles bem pessimistas. Será que a seca vai chegar aqui no Acre?

Um dia, quando a rua de casas ficou pronta, a Igreja repintada em tons verdes e azul claro, com um belo painel no frontispício, obra do talentoso Dario, um chileno de sete ferramentas. Bem, um dia destes eu fui com o Padrinho à casa do Chagas, que ficava meia hora a pé.

Era costume acompanhá-lo nesta caminhada, que atravessava uma trilha na floresta. O Chagas tinha a mão muito boa para cuidar das plantinhas.

Neste belo caminho, sombreado pelas portentosas árvores amazônicas, ele comentou comigo: “O Mestre Irineu, certa vez, disse numa roda de gente que a doutrina só iria ganhar o mundo quando fosse irradiada do Amazonas. Não é do Acre”. Continuou dizendo: “Estou com vontade de levar o povo para um lugar de fartura. De muito peixe, de muita água

e muita mata. Isto é lá no Estado do Amazonas”.

Na hora, tanto fiquei surpreso como animado com a idéia de uma mudança tão substancial em nossa vida.

Sonhei que o igarapé Redenção não tinha mais aquela água barrenta. No seu lugar corria outro manancial de água cristalina e muito mais abundante. Tratei de contar estas imagens oníricas e seguimos nossá caminhada com o entusiasmo do Padrinho pelo Amazonas.

Depois que passou o momento destes comentários, eu pensei comigo: não é possível que vamos abandonar nossa querida Igreja e toda vila cheia de casas novas. Isto é só um sonho.

Valdete construiu duas belas carroças de madeira muito resistentes e bonitas. O Dario pintou-as de azul e branco e colocou numa moldura de flores o nome de “Vila Santa Maria”.

A denominação de Cinco Mil era genérico de uma área maior. A vila que vinha surgindo recebeu este nome em homenagem a um vegetal e um simples louvor à Nossa Senhora. Isto era oportuno para nós porque a doutrina tem grande reverência pela Virgem Soberana Mãe.

Neste bom tempo, Alfredo construiu a “casinha da música”, logo atrás da Igreja. Num ponto bem central da vila, era um lugar para guardar instrumentos musicais e de ensaios. O que funcionava mesmo era o sótão muito bem fechado, onde estava depositado o produto de nossos jardins.

Nós contávamos com uma forte proteção divina, pois a Colônia ficava a onze quilômetros da capital do Acre e se constituía num oásis de paz

No desenvolvimento da doutrina do Santo Daime, cantada em hinos, nós já estávamos vivendo em um novo tempo na missão do Padrinho Sebastião. O hinário, denominado O Justiceiro, no qual registrava os louvores a Deus e sua luta

para receber o Poder ou o bastão do Mestre Irineu, estava completo com cento e cinquenta e seis hinos. Ele havia fechado este período representado pelo Justiceiro. Agora era o tempo da Nova Jerusalém. Um novo hinário estava aberto, e com ele, o costume de ofertar o hino a uma pessoa. A primeira a receber esta prenda foi a cunhada Júlia, que por sua dedicação a doutrina era chamada por muitos de Madrinha Julia.

Gente nova não parava de chegar, animando o dia a dia da Colônia. Sempre tinha novidade. Neste final dos anos setenta, também jovens intelectuais se interessavam pela doutrina. Registra-se a presença de Fernando La Roque, que se destacava no meio dos outros não só por suas virtudes, como também pela elevada estatura. Dois metros e um pouquinho. Se o Mestre Irineu fosse vivo estaria ombro a ombro com ele. Em geral eram cariocas radicados em Rio Branco, ativando o lado cultural da cidade. Assim chegou também o Saulo Petean, que fez muitas fotos do povo e gravou muitas cenas da vida comunitária em filmes de 8mm, principalmente os feitos do Santo Daime e os rituais da doutrina. A era do vídeo estava apenas engatinhando.

No tempo do verão, mais facilmente se chegava ao Acre pois muitos e muitos quilômetros de estrada de terra, esburacadas, sem reparos, separavam o Estado do resto da civilização. No período das chuvas, é um Deus nos acuda, tamanhos são os atoleiros e a quebradeira dos carros.

Todo ano, no tempo seco das tardes ensolaradas, aparecia o Jonas Frederico. Parece que ele era um representante comercial de São Paulo. O certo é que periodicamente visitava a colônia Cinco Mil e com muito gosto o Padrinho Sebastião o recebia. Sentavam na varanda e durante horas fluía uma conversa movida pelo bom humor. Em cada retorno ao sul, o Jonas levava alguns litros de Daime para compartilhar com os amigos. Desta forma foi o pioneiro, o

que primeiro recebeu o sacramento da floresta, para divulgá-lo fora de seus limites.

Vera Fróes é outra presença marcante desta época. Tornou-se muito estimada pelos Padrinhos e foi quem escreveu o primeiro livro sobre a Comunidade e o segmento da doutrina. O nome da obra foi “O Povo de Juramidam”. Ganhou o primeiro lugar num concurso de história promovido pela Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), o que facilitou a publicação de seu trabalho.

Fiquei conhecendo o Ramayana, através da Vera Fróes. Ele era o Presidente da Fundação Cultural do Estado do Acre, um cargo de confiança do Governador. Era como um Secretário da Cultura.

Eu tinha planos de editar os cadernos de hinário. Até aquela data todos eram escritos à mão. Não me faltavam pedidos para copiar. Planejei editá-los num mimeógrafo a tinta e assim presentear todo mundo, mas para nossas pretensões faltavam os recursos financeiros.

O Ramayana mandou que eu fizesse um pedido por escrito e um orçamento. Assim consegui todo material necessário e uma Remington velha (máquina de escrever) para executar o projeto.

Bati os estênceis de forma a usar as duas faces do papel dividindo uma folha ofício em quatro partes. Depois, levei para a Gráfica da Universidade Federal do Acre. Lá, trabalhava um rapaz que imprimia meio clandestinamente em troca de um pequeno presente fruto de nosso trabalho de agricultor. Não era pagamento, apenas uma troca de gentilezas.

Desta forma, tive a satisfação de imprimir os primeiros cadernos de Hinário do Mestre Irineu, Padrinho Sebastião e de Alfredo Gregório. Ficou um trabalho bonito, porque a chilena Verônica e a italiana Marina fizeram belas ilustrações. Este modelo de impressão nunca mais foi superado. Muda-

ram a qualidade gráfica, mas o formato ou estilo de caderno espiral ficou consagrado. Também se conservaram nas posteriores edições as introduções que elaborei para o Hinário do Mestre e do Padrinho Sebastião. Foram feitos duzentos cadernos de cada e distribuídos gratuitamente.

No final da empreitada, o presidente da Fundação Cultural virou um daimista. Ele, nesta época, era também devoto da Santa Maria.

Muita gente da intelectualidade apreciava fazer uso das plantas de poder. Um lugar certo para encontrar uma boa cannabis era no meio universitário. Mas a sociedade, ou melhor, as autoridades preferem botar uma máscara nesta realidade. Talvez por trás disto estejam fortes interesses financeiros. Para o povo só o álcool é permitido porque torna a todos uns imbecis, cheios de paixões torpes e violência. Como numa velha cena ocorrida há milênios, eles prendem e condenam a maconha e dão liberdade para a cachaça. Não sei porque, me lembrei do Barrabaz.

Os marianos, isto é, os apreciadores de Santa Maria, são milhões espalhados pelo mundo. O Padrinho Sebastião dizia que Ela (a Santa) é a colhedora e Jesus Cristo (o Daime), o Salvador. Isto porque as pessoas que tinham o uso desta planta mais facilmente encontravam a bebida sagrada.

Nesta colheita do povo de Juramidam, outro nome importante é o do Marco, filho do famoso ator de cinema, compositor e apresentador de televisão, nacionalmente conhecido Carlos Imperial.

A doutrina e os ensinamentos do Padrinho Sebastião são de amor, reconciliação. O Marco estava intrigado com o pai. Depois de tomar o Santo Daime, escreveu uma bela carta, pedindo até a benção, reconhecendo seus erros e falando de uma nova vida. O pai ficou muito feliz com o desfecho da

história e o rapaz conseguiu escavar uma ajuda financeira para a comunidade e uma bela reportagem, ilustrada em muitas páginas da famosa revista “Manchete”.

Foi desta forma que compramos de segunda mão cinco tachos, dois de cobre e três de ferro, e uma engenhoca movida a boi, e com isto construímos nosso Engenho e começamos a explorar o canavial que ajudei a plantar, com oito mil covas. Nossa intenção era produzir o doce necessário ao nosso abastecimento, além de vender o excedente na cidade.

O veterano Nel havia aprendido a trabalhar com cana ainda no tempo do Juruá. Sabia produzir açúcar mascavo, rapadura e melaço de primeira qualidade. Tornei-me um dedicado pupilo.

A moagem começava às três horas da madrugada, Nesta época desenvolveu-se uma grande amizade com um colega de trabalho. Ele era o responsável por girar a moenda de cana. O velho boi chamado Pretinho.

Neste dinamismo de vida, o ano de 79 fechou as suas portas. Nós estávamos exatamente na grande perspectiva de um tempo melhor para todos, que nosso compromisso de vida é com a prosperidade. O tempo, cada vez mais curto.

Capítulo IX

A Volta à Floresta

Quem procura acaba encontrando. Se os caminhos não conduzirem ao destino certo, serão o sofrimento e a incerteza os companheiros da jornada errante.

É muito bom chegar ao ponto destinado. Fechar um ciclo e desfrutar o conforto de estar seguro num abrigo verdadeiro. Varias vezes é preciso ir mais adiante porque o caminho de chegada é longo. Triste é ficar sem saber a rota certa.

Estar perdido tem um grande impacto num primeiro momento. Depois, acomoda-se e acostuma-se com a situação. Inúmeras pessoas vivem na perdição. Alguns se esquecem até que têm na divindade um pai e uma mãe para buscar. Ficam zanzando no meio da multidão, sem nenhuma fraternidade.

Doze foram as tribos do povo escolhido. Resta-nos saber a qual pertencemos. Quando os irmãos se reconhecem, o coração pulsa de alegria. O viajante depõe a sua pesada bagagem, o fardo que carrega, acumulado de atribulações. Terminada a busca, respira-se aliviado.

Muitos chegam à casa do Padrinho Sebastião, tomam o Santo Daime e ficam identificados com o Pai, a Mãe e os

irmãos, também passam a pertencer à família. São da mesma tribo. É o tempo da colheita universal de todos os filhos de Deus que andam perdidos ou desgarrados.

Quando é verdadeiro o irmão que chega, ele vem colocar o ombro, ajudar a carregar o pesado andor. Todos se alegram com a presença de mais um.

Entre os contemporâneos, destaco a chegada dos jovens Wilson Manzoni, José Gonçalves, Miramar, do casal Jaime e Rosete acompanhados do filhinho Muiraquitã, de apenas um ano de idade. Esta turma ainda é da geração do povo ripe. Estas pessoas se integraram definitivamente ao povo.

Um dia chegou uma senhora cujo nome não é possível recordar. Ela veio fazer uma proposta ao Padrinho: trocar o seu seringal no Estado do Amazonas pela Colônia Cinco Mil.

A proposta interessou imediatamente. Apreensivo, vi nos olhos a alegria daquele homem frente à possibilidade de retornar a seu querido Amazonas. Começaram as negociações. O primeiro passo era organizar uma comissão para o reconhecimento do local.

A sensatez ou o bom senso não estão desgarrados do homem de sabedoria. Por ver além dos simples mortais, os santos de Deus vão abrindo a trilha a ser seguida.

Outro dia, em meu caloroso encontro, perguntei com carinho: “Por que deixar a Colônia Cinco Mil, esta terra que nos acolhe e nos dá o pão de cada dia?”

O próprio Padrinho me respondeu: “Veja que nós temos vizinhos lá na frente, nos fundos e dos lados, gente que não vem tomar Daime porque não são deste rebanho. Estamos encurralados. Nosso povo está crescendo. Sinto a alegria de ver todas estas crianças que amanhã serão adul-

tos. Nós precisamos nos expandir. Abrir as fronteiras para caber todo o povo que ainda falta chegar. A colheita apenas começou”.

Continuou ele explicando: “Nossos roçados estão empestados de mato, porque ficar plantando em capoeira tem este problema. Temos que trabalhar mais do que o dobro. Não podemos a cada ano botar abaixo um pedaço novo de mata. Se derrubar tudo ninguém agüenta o calor. Não é certo acabar com o pouquinho de floresta que sobrou de pé”.

Outro detalhe muito bem explicado foi a influência da cidade grande, cada dia mais próxima da Colônia. A facilidade de transporte trazia muita gente curiosa que não tinha nada a ver com a espiritualidade. Como o nome da Cinco Mil e do Padrinho ganharam projeção, até uma reportagem na revista Manchete, despertou inveja em certas pessoas. Um jornal de Rio Branco, ou um jornalista, não perdia uma oportunidade de falar mal da comunidade, com mentiras e depoimentos de pessoas desequilibradas. Muita imbecilidade que não deixavam de ler para o Padrinho. “Vou-me embora para ver se estes linguarudos me deixam em paz”, arrematou ele.

Outros motivos pesaram na balança contra a continuidade ali. As florestas ao redor de Rio Branco estavam em fase de extermínio. Obter o Jagube e a Rainha para o feitio de Daime estava cada vez mais penoso.

Acrescente ainda o lado econômico. Foram feitas muitas tentativas, como a Oficina de Taxímetro, o Mercadinho União e até uma granja comandada por Valdete. Nada deu certo. Agora estávamos empenhados em produzir açúcar, farinha, colorau e produtos agrícolas para comprar nosso abastecimento doméstico. Quando a coisa apertava, vendia-se um boi. Como nos velhos tempos, o dinheiro continuava curto.

O Padrinho Sebastião idealizava voltar à vida de Seringal. Ele imaginava possível o povo se manter com a extração do

látex. Como seringueiro humilde, sempre soube que o patrão era um explorador. Agora se pensava numa nova justiça, onde não haveria nem patrão nem empregado. Todos filhos e herdeiros.

Outro inconveniente era a velha propriedade das terras. Juntando toda a área, faziam trezentos e cinquenta e três hectares que correspondiam à soma da parte de cada irmão doada ao Cefluris, que este era o nome de nossa organização religiosa.

O Padrinho Sebastião entrou com vinte e cinco hectares. O Nel e o Zé Bravo com o mesmo tanto. Para ficar registrado, vou citar o nome de todos que acrescentaram ao mapa comunitário sua área de terra registrada no INCRA. Além dos três mencionados, acrescenta Julia Chagas da Silva, Francisco Chagas, Paulo Carneiro, Lorival (pai do Jurival), Valdete, Roberto Corrente, Viegas, Eduardo e Maria Brilhante, Manoel Corrente, Manoel Paulo, João Batista.

Todas as famílias tinham muitos filhos, de maneira que, para a segunda geração, faltaria onde plantar. Era bom evitar futura reclamação de herdeiros. Melhor era uma terra sem dono.

O Padrinho pensava longe e via na frente porque tinha a experiência de muitas luas e muitos dias vividos na Terra. Também ouvi dele a afirmação: “É o Poder que está mandando eu sair e buscar um novo lugar”. Ele queria dizer que estava obedecendo uma ordem divina.

A viagem foi preparada com uma pequena comitiva assim constituída: Valdete e Chagas na função de mateiros, para verem as reais possibilidades do local. Maria Toca na função de cozinheira e outros afazeres domésticos, Mirim como o negociador, encarregado de compras etc. Finalmente, o próprio Padrinho comandando o grupo.

Mirim é aquele acreano que ajudava a turma do Bal, a dos meninos. Agora sua função é cuidar da economia geral.

Da comitiva também faziam parte a Senhora, proprietária do Seringal e um filho rapaz, cujo nome a lembrança deixou escapar. O carro era a camionete do Sr. Wilsom e o motorista o Zé Carretel.

A direção tomada foi a do Município de Boca do Acre, no Estado do Amazonas. Esta cidade fica duzentos e dez quilômetros distante de Rio Branco, uma distância relativamente pequena, não fosse a precariedade da estrada de terra esburacada e cheia de poças d'água.

Chegando-se ao quilômetro cento e cinquenta, depois de muitas horas de viagem, havia um desvio para a esquerda, num ramal estreito com trinta e três quilômetros de extensão em condições de tráfego muito piores. Esta estradinha terminava às margens do Rio Intimari, afluente do Ituxi, que deságua no Purus no município de Lábrea. Do lado direito de quem chega, estava a fazenda do japonês, com mais de três mil hectares de mata derrubada inutilmente, quase tudo no abandono. Do lado esquerdo da estrada a tal propriedade, que estava disposto a negócio.

Na verdade, a Senhora não tinha um Seringal. Era possuidora apenas de uma área de floresta virgem, nunca habitada. Isto fazia uma diferença muito grande. Nesta região se encontravam alguns moradores, duas ou três famílias quase esquecidas da civilização.

Valdete e Chagas, que eram pesquisadores, encarregados de verificar o potencial da área, descobriram um grande negócio. Eles ficaram sabendo que bastava atravessar o rio para ganhar a imensidão da floresta. Ali, não tinha dono. Era mata que não acabava mais. Para ser bem legal, bastava ir ao INCRA em Boca do Acre ou Lábrea e tirar o documento chamado L.O., que quer dizer “Licença de Ocupação”.

Descendo as águas do Intimari, que era bem navegável, encontrava-se o Igarapé Trena, na margem direita. A comunidade poderia se estabelecer ali, sem precisar comprar terra de ninguém.

Mirim e Valdete ficaram encarregados de buscar a autorização oficial do INCRA nas duas cidades. Voltaram radiantes, com os papéis na mão. O Padrinho estava muito feliz em seu retorno. Os planos para uma nova viagem começaram de imediato.

Agora não seria mais uma pequena expedição de reconhecimento, e sim o grupo dos pioneiros que iniciariam a abertura da nova localidade. Uma viagem desta complexidade exigia planos e preparativos.

O Padrinho Sebastião contava com um aliado fundamental, que era o Sr. Wilson Carneiro. Ele acabara de comprar uma camionete a diesel, nova e robusta para agüentar o tranco da viagem com a carga pesada. O motorista era o mesmo dedicado José Teixeira, ou Carretel para os mais íntimos.

A festa de São João ficou sendo o marco decisivo. Simbolicamente, o dia do Padroeiro é o dia da transformação. São João batizava nas águas aqueles que se convertiam a uma nova vida. Depois da noite de hinário e das comemorações, o grupo de acreanos partiria na conquista do Amazonas.

Novo tempo, nova vida, novo mundo, essa era a proposta do retorno à floresta. Este era o comentário. Eu estava entusiasmado com a idéia. O espírito aventureiro, que já me havia trazido até ali, exultava com as possibilidades de conquista da nova Terra. Será a nossa Nova Jerusalém. Estava disposto a partir na primeira expedição.

O Padrinho tinha outros planos para mim e me explicou: “Você precisa ficar com o Alfredo, que o peso da missão continua aqui. Eu vou mudando o povo aos poucos. Na

medida que for criando condições. A Igreja e o ponto da Colônia Cinco Mil continuam de pé. Neste primeiro momento sua presença é importante, para ajudar a receber o povo que vem chegando. Quando for o momento certo eu chamo”.

Para meu grande conforto espiritual, o Padrinho me dedicou um hino. Um presente para ser lembrado o resto da vida. “A Instrução” é o décimo segundo da Nova Jerusalém. Foi o último hino recebido na Colônia Cinco Mil, já próximo da viagem de ida para o Seringal.

Que pena eu não poder participar da primeira expedição de abertura e hoje, com minúcias, estar narrando os detalhes do acampamento improvisado como abrigo para vinte pessoas. Seria importante presenciar este momento de contato com a floresta virgem que nós homens iríamos macular com nossa presença. Isto porque, por mais ecológicos que fôssemos, muitas árvores iriam rolar até todo povo estar vivendo no novo local.

Logo depois do festival junino, a viagem aconteceu. O Padrinho se foi com uma equipe de vinte pessoas. Três na frente e dezessete na carroceria. Estou lembrando do carro parado no pátio da Igreja, momentos antes da partida. O forte da expedição era o grupo de meninos da turma do Bal. Lá estavam ainda mal acomodados o Chico Leal, o Raimundão, o Pinheiro, o Feliciano, o Zerildo, o Auricélio e o próprio Roberval. Os outros meninos ficaram para desenvolver os muitos trabalhos que restavam.

Valdete acompanhou o pai. Era o homem prático e inteligente, capaz de resolver os negócios com habilidade, além de ser um exemplo vivo de determinação e trabalho.

Alfredo assumiu o comando geral da doutrina e do Santo Daime na Colônia Cinco Mil. Pode-se dizer que foi neste hinário de São João de 1980 que lhe foi transmitido o comando

do trabalho espiritual. O Padrinho queria viajar longe das preocupações e assim transmitir todos os seus compromissos com a Igreja. Eu fiquei dando o maior apoio. O filho estava preparado para a difícil tarefa de comandar um povo, sem papai por perto, pois vinha cantando com maestria sua missão espiritual. Desta forma, iria se moldando o perfil de um futuro líder de grande projeção.

Na lembrança deste tempo da viagem em busca do seringal uma nota de pesar: Tetê, a irmã solteira da Madrinha Rita fez a passagem, isto é desencarnou. Ela ainda era relativamente nova, estava beirando cinquenta anos, quando a febre e problemas no fígado determinaram seu fim.

A irmandade perdeu uma pessoa muito dedicada à Doutrina, dona de um belo hinário. Nos três últimos anos, havia cantado com muita sensibilidade seu grande amor, sua fé, sua luta na espiritualidade ao lado de São João. Tetê já estava muito mal, em estado de coma. Quando todos aguardavam seu derradeiro suspiro, ela teve uma grande melhora, recebeu um hino de despedida, em seguida fechou os olhos para sempre. Uma santa subiu para o céu. Na mensagem final, já bem fraquinha, ainda pôde cantar estas duas estrofes:

*“Meus irmãos eu já voltei/ voltei para o meu Jesus/
com fé e esperança eu vou vencer//*

*Meu São João foi quem me disse/ eu tenho que afirmar/
desta consagração divina do meu Pai criador”.*

Na Colônia Cinco Mil se fazia um feitiço do Santo Daime. O Padrinho lá longe só ficou sabendo muitos dias depois. Mainha ficou sem sua companheira. A casa no alto do terreno perdera dois dos três moradores. Primeiro foi o velho Idalino. Morar sozinha era muito inconveniente para uma senhora idosa, por isto ela foi viver em companhia da Júlia, a filha viúva.

Fora este acontecimento, a vida no seu cotidiano seguia como de costume, com os homens empenhados na tarefa cada vez mais difícil de limpar o mato abundante nas lavouras. Esta era a dura realidade de nossa rotina. Não dispúnhamos de nenhum implemento agrícola além do terçado (facão) e da enxada. O sol escaldante da Amazônia completava o desconforto de passar horas dentro de um roçado.

Agora nossa esperança era a Floresta, ir encontrar o Padrinho e viver uma vida melhor.

Capítulo X

O Seringal Rio do Ouro E o fim dos cabeludos

Nada há de mais precioso que o brilho captado por nossos olhos. Se imaginarmos um tesouro, serão diamantes, rubis, esmeraldas e o próprio ouro que refletirão em esplendor na nossa mente. Espetáculo indizível é o nascer do dia, quando nosso Astro Rei expande a vida para toda a humanidade.

O Santo Daime, esta bebida poderosa que é a razão de nossa existência comunitária, é como uma jóia preciosa que brilha dentro de quem o ingere e está com a alma clara, isto é, livre de culpas e pecados. É como se acendesse um grande farol em nosso interior. Quem está na graça reflete os primores da alegria.

Nós temos muito que agradecer quando galgamos os caminhos do Senhor. Chegar no definitivo, no absoluto, na completa contemplação é merecimento de poucos nesta vida. Estamos aprendendo e quem está na escola terá muitas provas para passar.

A feliz descoberta é que ninguém nasce sujo. Você pode se limpar, se eximir e redimir lavando suas culpas no

Batismo de São João, para depois expandir o brilho que é Jesus nosso luzeiro interior.

*“Graça eu dou meu Sol dourado
Glória a Deus meu Pai amado
Viva a vida que vivemos
Vamos seguir com muito amor
Nesta missão apresentar nosso valor”.*

Também a nós compete agradecer à mãe, que a força feminina é a própria razão da existência. Nossa mãe conforta e nos dá o alimento do amor. Quando somos tenros, necessitamos profundamente desta cadeia vital.

No Sol e na Lua estão as excelências, o Rei e a Rainha. Deus Pai e nossa Soberana Mãe, para quem merecer este entendimento.

Estamos atravessando a existência terrena na viagem daqueles distantes dias do ano de 1980, segundo semestre.

Recebemos notícias da expedição do Padrinho. Eles cruzaram o rio Intimari e, conforme instrução dos caboclos da localidade, entraram cinco horas de caminhada na floresta, no rumo do poente e encontraram o igarapé Trena, onde foi feito o primeiro acampamento e um roçadinho para futuramente receber uma família. Esta primeira colocação ficou denominada “Esperança”. Um nome bem simbólico para registrar esse primeiro momento.

Na segunda semana teve início um novo roçado em local melhor escolhido. Ali ficaria situada uma grande família que, além de produzir borracha, iria cuidar de lavoura, principalmente da macaxeira, que é o verdadeiro pão do amazonense.

Agora a turma já estava mais acostumada com a vida nova. Caçar e pescar passaram a ser atividades de grande apreço, principalmente para os mais novos que não perdiam

oportunidade de juntar o útil ao agradável, pois a comida oficial era racionada.

Em clima de muito trabalho e com grande entrosamento de todos, surgiu a inspiração para colocar um nome nesta nova localidade: “A Certeza”. Ficou assim denominada a colocação que seria ocupada pela família Corrente.

Seguindo uma hora na mata, ainda no rumo de poente, o Padrinho encontrou mais no alto outro igarapé de menor porte, afluente do Trena. Era um lugar encantador, cercado de terra alta, sem as inconveniências do igapó que costuma fazer tudo alagadiço nestas áreas.

A decisão foi tomada de imediato. Ali seria o local da nova vila, com a casa do Padrinho, igreja, armazém, e outros prédios e famílias.

Sentaram-se todos às margens do igarapezinho, bem próximo da desembocadura no Trena. Ali, quase como num ritual, fizeram uma pequena concentração. Foi neste ato que viram o que pareceu ser um milagre. Os raios do sol penetravam na mata incidindo sobre as águas do pequeno rio forrado por uma areia amarelada. O reflexo do Astro Rei na límpida água pareceu o luzir de ouro puro. É o Rio do Ouro, exclamou o Padrinho, e daí surgiu o nome de todo seringal.

Felizmente era só uma miragem de ouro, pois o que brilhava era nada mais do que uma simples e comum areia amarela. O espetáculo deste lugar era só para a contemplação dos olhos. E ainda hoje é possível chegar ao entardecer, na hora em que o Sol penetra diretamente na floresta e faz acontecer o luzir dourado.

Na Colônia Cinco Mil, com mais objetividade, organizavam-se as viagens para a floresta. Agora se falava do Rio do Ouro como um local consumado. A primeira família seguiu. O Eduardo, com a esposa Maria Brilhante e os filhos,

mudaram-se definitivamente.

O Padrinho combinou de voltar ao Acre para a festa de seu aniversário, dia 7 de outubro. Neste ano, completaria sessenta primaveras. Esta data seria comemorada com a apresentação do hinário do Mestre Irineu.

Todo dinamismo e empreendimentos eram para o Rio do Ouro. Nós vivíamos dentro da Colônia naquela nostalgia de um lugar onde não se investia mais. O trabalho principal era para a doutrina.

Eu estava justamente concluindo o caderno de hinário do Alfredo, que nesta época já tinha noventa e cinco hinos. Por este motivo encontrava-me na cidade. Fiquei quatro dias ausente e vinha vitorioso com a primeira edição de duzentos exemplares, confeccionados manualmente.

Antes de tomar o rumo da Colônia, passei na casa de Seu Mário Rogério para lhe presentear um caderno, pois ele tinha dado um bom incentivo ao meu trabalho. Lá fui informado de que o nosso jovem comandante não estava bem de saúde. O bondoso velho me entregou uma garrafa de mel com estas palavras: “Leve para o Alfredo. Eu estava guardando para o Padrinho Sebastião mas vou mandar para ele, que é a mesma coisa”.

Cheguei ao entardecer e fiquei sabendo que o doente sofria perseguições espirituais. Estava com febre e atuado. Naquele momento se encontrava trancado em casa, tomando Daimé com o Chico Corrente. O João Toroco estava na porta, de fiscal. Não era para ninguém ir lá.

Pensei comigo: Só tenho boas coisas para oferecer, presentes que fariam bem a qualquer pessoa. Não vou esperar. Fui chegando e o João foi logo dizendo: “Não pode entrar”. Eu respondi com convicção: “Outros não poderiam. Eu posso”. Alfredo escutou minha voz e falou lá de dentro. “Se o Lúcio chegou até aqui é porque foi chamado”.

Logo tomei minha dose de Daime e me integrei à dupla. O doente estava inquieto e deitado no chão. Nesta posição me disse: “Tem algo querendo me sufocar. Você já participou de muitos trabalhos de cura, deve saber alguma coisa. Por favor, coloque sua mão na minha garganta”. Obedeci e fiquei por um pequeno espaço de tempo segurando ali. Alfredo continuou inquieto e me disse: “Pode tirar a mão, não tem jeito. Quando você me tocou uma voz falou no meu ouvido que só fico bom se tomar uma colher de mel. Eu não tenho aqui em casa e nem sei onde conseguir na vila”.

Levantei e fui até a sacola guardada num canto da sala. Lá estava o litro de mel especial juntamente com os cadernos do hinário. Depois da tal colherada Alfredo ficou aliviado, deitou no chão e acabou de receber um hino que dizia na primeira estrofe: “*Vou fechar as minhas portas para o inimigo não entrar*”...

Anotei e até dei palpite na colocação das palavras de um verso. Era um hino extenso e ficou sendo o de número noventa e sete do seu hinário.

Aquele trabalhinho de cura durou muitas horas, mas na recordação hoje em dia parece que foram apenas alguns minutos. Como miração não é coisa de se ficar contando, não vamos entrar em detalhes.

Na madrugada o Chico Corrente saiu para ir ao feitio de Daime que também estava acontecendo naqueles dias. Terminamos vitoriosos aquela jornada noturna. Alfredo estava bem, tranqüilo e sem febre. Fui lhe mostrar o fruto do meu trabalho na cidade. Eram os duzentos cadernos de capa azul com seu hinário completo de noventa e cinco hinos até o dia desta primeira impressão.

Fizemos uma comunhão com o ritual da Santa Maria. Veio uma onda de muita luminosidade, pois o Daime ainda estava presente em nosso organismo.

Ele me perguntou: “Não te dei um hino?” “Não, respondi”. “Então vamos buscá-lo agora”. Enquanto meu corpo tremia todo, ele entoava uma “Chamada de São Miguel”. Cantou por inteiro uma bela peça musical, que iniciava com estas palavras: “*Com o Poder do Céu, da Terra e também do Mar/ Ordeno a São Miguel/ A Força Deus é quem dá// A Força Deus é quem dá/ Para quem tem conhecimento/ Reconhecendo os primores/ E não tirar do pensamento*”.

Tratei de anotar as sete estrofes bem rimadas. Era uma música muito bonita. Fui dormir pouco antes do amanhecer lutando para gravar a melodia na mente.

Acordei algumas horas depois e com grande frustração constatei que tinha esquecido completamente. Toda música tinha se apagado da minha memória. Lia a letra e tudo me parecia sem sentido com a falta da melodia.

Corri até a casa do Alfredo para confessar as limitações de minha pobre memória. Eu estava receoso dele também ter esquecido, pois numa única noite tinha cantado duas novas composições musicais, mas a verdade é esta: quem recebe um hino jamais o esquece.

Estes dias que se seguiram foram de grande tribulação para o novo comandante, que além de estar com a saúde física abalada ainda travava uma batalha espiritual com o macumbeiro. Isto mesmo, aquele velho personagem voltou a perturbar, em sonhos e delírios de febre. Não posso deixar de comentar este detalhe: a história trágica daquele homem nunca abandonou o inconsciente das pessoas. De vez em quando, alguém tinha algum caso para contar de uma passagem espiritual.

Com imensa fé e coragem, Alfredo resolveu se curar com o Santo Daime. Só tomava líquidos e a bebida sagrada era o seu remédio. Ficou uns quinze dias nesta situação. Ele já era magro, ficou mais ainda. Nós fazíamos muitos traba-

lhos espirituais e também tomávamos muito Daime para acompanhá-lo.

Ele se segurava em São Miguel, que é o anjo guerreiro, defensor do reino sagrado, da casa de Deus e recebia mensagem do astral a respeito da saúde. “A limpeza em primeiro lugar, para afastar o inimigo invisível, que se esconde nos monturos para dali vir contaminar os indefesos filhos de Deus”. Alfredo conclamou os moradores da vila para fazerem uma limpeza geral em todas as casas e terreiros. Recomendou que todos fervessem as roupas.

Outro significativo acontecimento no plano de limpeza, foi a ordem do astral para que os homens cortassem o cabelo. Na verdade, na cabeça de alguns cabeludos recém chegados fervilhavam milhares de piolhos, que se propagavam numa cadeia sem controle.

Eu ainda tinha cabelo longo, era bem cuidado, mas já pensava seriamente em cortá-lo. Fui o primeiro a tosar a juba. Fiquei mais leve e feliz, com isso dei força para os companheiros e muita gente apareceu de cara nova. Alfredo achava que alguns se escondiam em sua cabeleira no estilo dos santos para fazer altas danações como roubo e promiscuidades. Dizia ele serem autênticos lobos em pele de cordeiro. Ninguém mais precisava seguir aquela moda, inconveniente para o nosso clima de calor. A partir desta época, ser cabeludo na Colônia, no seio da sociedade daimista, não tinha mais nenhum encanto, pelo contrário passou a ser mal visto.

Foi um período muito intenso, Alfredo recebeu muitos hinos e um dia, graças a Deus se achou curado, sem febre. Depois de passado tudo, nós supomos que foi uma malária a causadora dos delírios. Uma coisa é certa: Alfredo nunca mais voltou a sentir semelhantes sintomas. Ficou vacinado contra esta doença que assola o norte do Brasil.

Foi neste tempo que incorporamos na doutrina o trabalho de São Miguel. Eu ajudei a armar o ritual com hinos selecionados e preces mediúnicas de limpeza espiritual.

Sempre aconteciam viagens ao Rio do Ouro, porque a equipe que lá estava trabalhando dependia de provisões enviadas da Colônia Cinco Mil. Açúcar, farinha, feijão e arroz eram produtos de nossa lavoura. Sal, sabão, óleo e café nós adquiríamos com sacrifício, pois as despesas aumentaram e a receita não.

Todo rebanho bovino da irmandade somava umas setenta cabeças. De vez em quando um bicho “entrava no pau” e virava carne vendida no açougue. O lucro disto era a manutenção do povo na mata.

Um dia o Seringal seria auto-suficiente e, como produtor de alimentos agrícolas, daria uma folga para os animais selvagens. Por enquanto eles eram uma fonte de proteínas para nossos jovens trabalhadores.

Quando os bichos da mata descobrem o grande perigo que é o homem, eles tratam de correr para bem longe. O barulho de gente com motores e outros ruídos da civilização espantam os animais para mais distante. Neste momento de abertura do Rio do Ouro, anta, veado, porquinho, queixadas e outros andam quase na “biqueira da casa”. Ainda vagueiam distraídos pela floresta. Às vezes até curiosos se aproximam das casas e se tornam presas fáceis.

Isto de estar na floresta, de caçar e pescar e também trabalhar pesado agradou em cheio nossa turma de jovens. Uma vida de aventuras e muitos perigos e até emoções fortes, como o enfrentamento de uma onça pintada, “faziam a cabeça da moçada”.

Nós que ficamos éramos a cada dia mais desejosos de conhecer os trabalhos na floresta. Porém vamos aguardar

mais um pouquinho até adentrarmos esta realidade.

Alfredo, depois de bem restabelecido, programou uma ida ao Seringal para uma visita ao pai e à irmandade. Ele também desejava mostrar o trabalho de São Miguel.

Competia a mim ficar na retaguarda. Juntamente com o Chico Corrente e o Daniel, éramos os responsáveis pela Igreja e o andamento dos trabalhos. Ainda vivíamos um importante tempo de colheita dos irmãos na Cinco Mil.

Neste pequeno espaço de tempo, que a Colônia ficou sem os seus fundadores, pois até a Madrinha Rita fazia parte da Comitiva dos visitantes, aconteceriam fatos que teriam repercussão na seqüência de nossa história como povo.

Capítulo XI

O tempo da mudança

Viver na floresta requer um aprendizado que só o tempo e uma boa dose de interesse e amor pela causa podem proporcionar.

É preciso respeito para adentrar um reino que certamente terá sua defesa contra intrusos. Cada canto da terra tem um domínio e os muito seres que ali convivem, tanto material quanto espiritualmente. No encantado mundo verde existe o Cipó Jagube e as folhas da Chacrona, um arbusto também conhecido por Rainha, vegetais amazônicos que encerram o segredo da ayahuasca, a bebida do ritual sagrado de muitos povos da floresta.

Conta uma lenda que Ayahuasca era o nome de um príncipe do Império Inca, que na época da descoberta da América resistiu ao colonizador europeu, embrenhando-se na floresta virgem e com ele levando o segredo do Eldorado numa cidade de ouro, guardada na imensidão da grande área verde que ia encontrar a Cordilheira dos Andes.

Dizem que formaram expedições truculentas e gananciosas para ir buscar o Eldorado, e nada puderam encontrar. A cidade estava defendida dos olhares cobiçosos. Somente os iniciados, seres evoluídos espiritualmente,

poderiam ter esta esplêndida contemplação.

Quando Ayahuasca se foi deste mundo, deixou no vinho sagrado obtido dos dois vegetais a chave das portas que nos abrem a visão da cidade maravilhosa.

Naturalmente estes relatos não são dogmas, são lendas que de certa forma narram a antigüidade desta bebida indígena que o Mestre Irineu batizou de Santo Daime.

O Padrinho Sebastião era um filho da floresta. Nasceu no seio dela, cresceu, casou e sustentou seus filhos à sombra refrescante das grandes árvores. Pescou nos igarapés, nos rios e na hora da necessidade ia buscar no reino animal o seu sustento. Esta é a lei da selva, e o homem está no topo, reina soberano não por sua força, mas por sua sagacidade.

Voltando à realidade de nossos dias na Colônia Cinco Mil, estamos vivendo esta temporada na ausência da Família do Padrinho. Estão todos no Rio do Ouro, mas a Igreja continua ativa na sua missão de receber as pessoas.

Ramayana, aquele que presidia a Fundação Cultural no Acre, avisou-nos que chegariam uns amigos seus para visitar e conhecer o ritual do Santo Daime. Eram todos do Rio de Janeiro. Eles pretendiam fazer um documentário filmado.

Uma pena, não iriam encontrar o Padrinho, mas o atrativo maior, que era a bebida sagrada, estaria à disposição dos visitantes, pois não faltariam rituais.

Foi assim que um dia chegaram o Alex Polari, o José e o Gil. Eu já tinha informações do Alex, que era poeta, escritor e também um personagem de destaque na luta política que marcou o fim da década de sessenta. Este destaque lhe havia custado na juventude dez anos de cadeia, nos porões da ditadura militar que comandava o país.

Por estes fatos e pela indicação do Ramayana, redobramos nosso carinho no atendimento dos três, que tiveram uma ótima estadia e muitas cenas filmadas.

A data não sei precisar, mas estava no programa da Igreja um ritual de Daime, onde seria cantado o já avantajado hinário do Alfredo. O trabalho espiritual resultou numa excelente oportunidade dos visitantes conhecerem a força da bebida sagrada pois nesta noite o salão brilhou.

Foi o Alex Polari que se destacou do grupo, tornando-se um fardado e mais tarde um militante da causa daimista. Ele tinha uma importante missão, e sua influência iria enriquecer nossa comunidade nos tempos vindouros.

Ainda nesta missão colhedora, outras foram as conquistas da irmandade neste período do ano de 1981. Muitos cariocas do time dos intelectuais estiveram em visitas. Alguns, apenas passageiros curiosos, outros, pelo contrário, eram verdadeiros irmãos, como o André Lázaro, que conheci nos últimos dias como morador da Colônia, pois a minha mudança para o Seringal aconteceria brevemente.

Teve também um grupo de paulistas que gostaria de mencionar. Eram estudantes de medicina. Durante três anos seguidos eles vieram à Colônia nas férias escolares. Depois do último ano de faculdade sumiram, para reaparecer muitos anos depois. Estou falando do Airton, do Eduardo, do Gabriel e de outros que não lembro mais.

Deste pessoal novo que chegava, se fossem ripes, seu destino eram as chamadas casas dos cabeludos. Quando era um visitante mais delicado para passar pouco tempo, normalmente se hospedava na minha casa ou na do casal Rodolfo e Regina.

Eu sempre funcionei de recepcionista e me ocupei da hospedagem de visitantes. Tudo era na base da camaradagem. Nunca se cobrou um centavo por um prato de comida

na Cozinha Geral ou um abrigo em nossas casas. Também, há de se considerar que a grande maioria de nossos visitantes, quando não era um estradeiro mais pobre do que nós, era um estudante com o dinheiro contado.

A festa de São João, em 24 de junho, sempre foi um marco na nossa história. Naquele ano de oitenta e um seria celebrado o último festejo na Colônia, com a presença do Padrinho, que vinha colocar um ponto final na transição para a floresta. Agora era para todo seu povo estar reunido no Seringal.

Foi marcado o dia vinte de setembro daquele ano como uma data limite para a transferência dos que iriam viver no novo lugar. A partir daquela data muita coisa tinha que mudar na rotina da Colônia, que passaria para o comando do Sr. Wilson Carneiro.

A maior parte da área foi negociada. Trezentos hectares foram trocados por um caminhão Mercedes Benz 11-13, com tração nas quatro rodas. Uma jóia de veículo. Com seis anos de uso, entrou também um pouco de dinheiro para dar folga no nosso orçamento. Foi uma transação razoável, e o Mirim foi o nosso negociador.

A Colônia ficou reduzida a cinquenta e três hectares que compreendiam as propriedades do Padrinho, do Nel e do Zé Bravo. Era nesta área que estava situada a Igreja e a maior parte das casas.

Como foi mencionado, caberia ao Wilson Carneiro comandar a Igreja. Ele tinha sido a pessoa que tornara viável a transferência para a floresta, porque era proprietário de um bom veículo disponível ao trabalho, e agora recebia esta incumbência como uma graduação. Ele também cuidaria da Igreja de um pequeno povo e se tornaria um autêntico Padrinho na doutrina.

Assim como Jesus disse a seus discípulos “Deixa tudo e me segue”, também Wilson recebera o convite: “Deixa tudo na cidade, o comércio, a casa de alvenaria e vem para a Colônia cuidar de uma missão espiritual”.

Das trezentos e duas pessoas que compunham a comunidade nesta época, duzentos e sessenta se transferiram para o Rio do Ouro, e o restante permaneceu para dar sustentação ao novo Padrinho.

Um ritual daimista, para sair a contento, requer boas cantoras e músicos. Na Colônia ficariam a Neucilene, esposa do Zé, e a Graça do Nonato. Além da Tânia, que embora criança, já tinha força na voz e sabia a música de todos os hinos. Alguns músicos, como o Viegas, permaneceriam, e outros vinham se formando, entre os netos do Patriarca Wilson Carneiro. Só sua filha caçula, Gecila, preferiu se mudar para o Seringal. Ela era muito apegada ao Padrinho Sebastião, e nesta época já tinha a atenção voltada para o Zé Mota, seu filho mais novo, que estava virando homem e engrossando a voz.

Num dia destes, eu joguei a minha mochila na carroceria do caminhão. Com a ajuda de outros, coloquei em cima o baú de madeira que media um metro de comprimento por sessenta de altura. Dentro, estavam todos os meus pertences, acumulados nestes cinco anos. Ficava para trás a casa, o fogão e alguns móveis rústicos. Iria começar tudo de novo.

Interessante coincidência: na mesma hora que o caminhão deixava a Colônia no rumo do Seringal, chegava a Rio Branco um ônibus trazendo entre seus passageiros dois mineiros com destino à Colônia Cinco Mil: o Maurílio Reis e o Hamilton. O primeiro era aquele antigo companheiro de estrada. Nós havíamos chegado juntos. Depois de alguns meses de permanência, ele havia feito uma viagem, prometendo se au-

sentar por uma pequena temporada e só agora, passados cinco anos, vinha retornando. Que grandes novidades encontraria!

Da minha parte, seguia deixando boas recordações daqueles anos intensos vividos no solo acreano. Seria agora um amazonense. O importante era estar junto com o Padrinho e aquele povo que eu tinha em alta estima.

Chegar ao seringal Rio do Ouro significava vencer muitas provas. Primeiro era alcançar as margens do Intimari com o veículo em boas condições, tantos eram os buracos, ladeiras e pinguelas para atravessar. Depois, transpor o rio e andar mais cinco horas a pé, por uma estreita trilha na floresta, até alcançar o local em que vinha surgindo a nova vila.

A comunidade dispunha de uma canoa e um único motor para transportar cargas. Era possível navegar descendo o rio durante mais ou menos uma hora, e subindo o Igarapé Tre-na até a boca do Rio do Ouro. Dez ou mais horas de um percurso estreito e sinuoso, com muitos obstáculos representados pelos troncos das árvores que acidentalmente iam caindo no leito do igarapé. Cheguei muito antes do meu baú e das outras cargas. Como se pode supor, não foi possível encontrar o conforto de uma hospedagem. Dividi com outros companheiros um pequeno espaço em nosso Armazém Geral, que de noite se transformava em dormitório. Estar ao abrigo da chuva já era uma grande coisa. Todo mundo dormia em redes. Cama era o supra-sumo do luxo. Só num estágio mais avançado de nossa evolução social voltaríamos a utilizar este velho equipamento. Dormir em redes era confortável, principalmente pelo calor reinante. Além disto, ela é muito prática porque em qualquer espaço possível se tem uma dormida privativa.

O clima de trabalho no Seringal era intenso. O exemplo era dado pelo Padrinho Sebastião que, ao amanhecer, já estava preparado para iniciar a jornada que ia até o entardecer. Dez

ou mais horas de suor diários para tornar possível a ocupação e o assentamento de toda gente.

O mais importante para alimentar este contingente humano era a macaxeira. Desde o começo os trabalhadores se empenharam no plantio desta abençoada batata. Mais ou menos umas quarenta mil covas estavam amadurecendo nas duas primeiras colocações, a Esperança e a Certeza. Quando o roçado deu garantias, o povo chegou.

Agora ninguém passava fome, porém as refeições variavam entre macaxeira cozida, assada ou no caldo que as cozinheiras chamavam de quibeibe. Para completar a dieta, as crianças não perdiam a oportunidade de estar no igarapé com suas varinhas de pesca e linhadas, capturando os pequenos peixes conhecidos por caícos.

“Quem trabalha Deus ajuda”. O velho ditado popular seria comprovado no nosso caso. Devagar, as coisas iriam melhorando, e um dia, a fartura novamente estaria na nossa mesa.

Na vila, principal núcleo, ficavam poucas famílias, porque o povo ocupava diversos pontos da região, a fim de facilitar a extração do látex, que era o produto que nos dava acesso ao dinheiro para atender às necessidades básicas.

Uma provisão completa para o Seringal consistia na compra dos seguintes produtos: leite em pó para crianças e lactantes, sal, sabão, açúcar, café, óleo comestível, pasta dental e sabonete, além do imprescindível querosene para a iluminação, porque de noite a parca luz era proporcionada por primitivas lamparinas. Também muito importante era a munição: pólvora, chumbo e espoleta, que o endereço do açougue era no cano da espingarda cartucheira.

Para fazer estas mercadorias chegarem ao Rio do Ouro era uma verdadeira epopéia. Quatro dias de navegação de ida, descendo no Rio Intimari até no Ituxi, e daí para Lábrea, a

cidade onde o Mirim localizou um antigo fornecedor dos seringais da região.

Precisava de muita borracha para fazer uma provisão razoável para um mês inteiro. A canoa viajava carregada na ida e na volta, que demorava seis dias.

A viagem era um verdadeiro “rally”, pois no caminho se encontravam obstáculos, corredeiras perigosas e três cachoeiras que cortavam a navegação e requeriam o transporte por terra, subindo e descendo pedras. Não só a mercadoria, como também a canoa, tinha que ser levada nas costas.

Boca do Acre era uma cidade muito mais próxima, mas só possível de ser alcançada por estradas. Menos de cem quilômetros que ficavam intransitáveis pelos atoleiros e lamaçais, durante seis meses por ano. Era a força do inverno, isto é, o período das chuvas torrenciais que normalmente acontecem por aqui.

Por este motivo a opção por Lábrea requeria pelo menos quatro homens fortes na longa viagem. O pessoal era jovem e levava tudo na esportiva. O destaque dos transportes era o Feliciano, bem dotado de músculos e determinação. Era o motorista oficial.

O Rio do Ouro, com tantas novidades, tem assunto para muitas horas de relato. Porém, não se pode concentrar só nesta realidade. Uma parte do povo ainda se encontra na Colônia Cinco Mil.

O Padrinho havia marcado uma data, dia vinte de setembro, como limite para se apresentarem todos os moradores. Ele determinou também alguns procedimentos entre os que ficavam, o que acabou não sendo obedecido.

A desobediência tem sempre um custo, e o nosso líder, mais uma vez, mostrava a força de sua palavra. Agora, ficava ainda mais claro entender porque ele tinha levado seu povo para um lugar de acesso tão difícil, lá no meio da floresta, bem longe da cidade.

Capítulo XII

A polícia vem chegando

A verdade é invencível, nunca sofrerá derrota porque tem o caráter de Deus. Daquilo que é, que vem e há de ser. Este sempre foi o escudo do homem chamado Padrinho. Quem se guarda na verdade, não tem o que temer, ou melhor, quem anda com Deus nunca estará perdido.

O povo está unido em um só coração que pulsa a energia vital, buscando a harmonia, o amor, a verdade e a justiça para transmiti-las como um sopro para todos que aspiram os mesmos ideais comunitários.

Dentro desta unanimidade haverá segurança como numa casa construída na rocha, que não sucumbe ao primeiro balanço. O conforto vem da certeza de todos que o líder estará sendo seguido tanto no caminho para uma eterna vida como no rumo traçado a cada dia na rotina material. O hinário encerra o patrimônio cultural da doutrina do Santo Daime com sua música e sua dança. É por onde os grandes mestres dessa linha transmitem seus ensinamentos. Para estar em comunhão com eles não é só ouvir os conselhos como também colocá-los em prática.

Os hinos contém esta exortação que leva a seguir o bom caminho e também nos falam de castigos. Certamente, quem não sabe viver não encontrou seu ponto certo e terá muito que pensar. Chegou o tempo das cobranças, que a jus-

tiça é reta e não deixa passar nada.

Ainda estamos na nossa jornada deste ano de 1981 que está recheado de novidades. O que se apresenta agora é um grande problema motivado pela desobediência de moradores da Colônia Cinco Mil.

O Padrinho disse a todos que continuariam residindo naquela localidade: “A partir do dia 20 de setembro não deverá haver mais nenhum pé de Santa Maria nos terrenos da Colônia”. Afirmou ainda que até esta data ele manteria as correntes negativas afastadas. Depois toda sua atenção estaria concentrada no Seringal. Concluiu o recado com as seguintes palavras: “O Poder me mandou trazer este aviso. Recolham todas as plantas e façam o aproveitamento possível, os que têm uma boa ligação com esta erva certamente a terão em suas mãos na oportunidade devida. Basta confiar”.

Bem, não se pode dizer que foram estas as exatas palavras proferidas por ele. Mas é certo que todo mundo entendeu o recado. Somente um morador veterano que tinha uma bela plantação, em forma de uma estrela hexagonal, com os pés já “embuchando”, faltando pouco para amadurecer, resolveu resistir à data e colher um pouco mais na frente, numa autêntica desobediência.

Ora, o indisciplinado já tinha o costume de cuidar das plantinhas e não viu mal nenhum em adiar a colheita, pois pensava consigo: “Estou fazendo isto para melhor atender a todos, que eu não planto só para mim. Além do mais, terei que ficar na Colônia com minha família para dar assistência ao pequeno rebanho bovino. Não é justo que eu fique sem nada, até para atender um caso de emergência”.

No dia 22 de setembro a Polícia Federal esteve no pátio da Colônia Cinco Mil. Eles procuravam por estrangeiros em situação irregular no país.

Realmente, nestes últimos cinco anos, haviam chegado alguns estrangeiros que se incorporaram à população. Eram italianos, argentinos, chilenos e um espanhol, que possivelmente teriam alguns problemas de imigração. Naquele momento a Colônia estava vazia. Ninguém ilegal por ali, pois os problemáticos estavam no Seringal Rio do Ouro.

Mesmo com esta presença incomum na Colônia, pois era a primeira vez que a Polícia Federal ia lá fazer alguma investigação, as plantas não foram arrancadas. O jardim estava muito bem situado em local fora da visão dos caminhos.

Cinco dias após esta ocorrência, um indivíduo sai da Colônia com destino ao sul do país. Em sua tradicional mochila de ripe, mais para estradeiro micróbio, encontrava-se um pacote com algumas gramas de maconha verde. Isto porque a denominação de Santa Maria estava restrita ao uso ritual entre a irmandade. Não era permitido misturar com as coisas do mundo.

Este jovem também acreditava não estar fazendo mal algum em se apoderar de alguns galhos estrategicamente colhidos. Era um furto entre irmãos pois a maior parte do plantio ficava intacta. Também ele pensou consigo mesmo: “Vou-me embora e portanto é justo levar minha parte”.

Como toda rebeldia tem um custo adicional, não demorou a vir a cobrança. Estava o ripe em Rio Branco, na praça em frente ao Palácio do Governo, ocupado em tecer no arame mais uma pulseira de miçanga, quando os homens da Polícia Federal chegaram.

Acontece que os agentes do governo estavam procurando por algum malfeitor, alguma contravenção ou tráfico de drogas. Alguma coisa que ferisse as leis, porque este é o trabalho deles. Bastou olhar para o ripe apoiado na mochila para concluírem que ali tinha alguma coisa errada.

O rapaz foi preso em flagrante pela posse do pacote. Levado à delegacia, não resistiu ao primeiro interrogatório. Disse que tinha obtido aquele produto em um plantio na Colônia Cinco Mil.

Não demorou muito, chegou o aparato policial com o traidorzinho na frente. Os policiais acostumados a lutar com o baixo astral, a perseguir bandidos, combater roubos e o tráfico de drogas que se sustenta na ganância pelo dinheiro, estavam frente a uma situação inusitada. Não tinha crime, nem dinheiro, nem tráfico nem contrabando, apenas um povo que vivia ao lado de uma simpática Igreja e que dizia ser aquela uma planta sagrada.

O Sr. Wilson Carneiro, administrador chefe da Colônia, transferiu para o Padrinho Sebastião a responsabilidade daquele plantio.

Toda população acompanhou a polícia até o jardim e lá fizeram um último pedido: “Seria possível cantar um hino de despedida?” O comandante da operação, entre surpreso e curioso, consentiu. Com a grande emoção que o momento proporcionava, as ótimas cantoras abriram o peito e entoaram um hino em louvor àquele vegetal que tinha poderes de cura e de confortar os que sabiam fazer o bom uso. Também um garoto de doze anos, corajoso e desembaraçado, pediu para cantar um hino que havia ele próprio recebido. Com rimas bem simples o menino dizia que a Santa Maria era perseguida devido à maldade dos homens.

No momento final de acabar com o plantio, ainda um derradeiro apelo: seria possível ao invés de cortar, arrancar os pés pela raiz? Pois assim foi feito. Os dezoito pés seguiram prisioneiros, juntamente com o delator. Ninguém foi detido na Colônia e o verdadeiro responsável ficou incógnito. Apenas o Sr. Wilson recebeu um convite para no outro dia ir prestar declarações ao delegado, pois o processo judicial estava

aberto com a ação deflagrada na praça.

Naturalmente, este fato ainda teria muitos desdobramentos.

Nós estamos tranqüilamente na nossa labuta amazônica. Trabalhando duro para preparar os roçados, pois o tempo é de plantar arroz, milho e macaxeira. Os seringueiros estão todo dia na floresta colhendo o látex para fazerem as “pelas de borracha”. Uma por uma, vão surgindo as novas casas. Ninguém brinca, o tempo é de muita ação.

Num domingo destes, por volta das onze horas, a família dos Corrente foi surpreendida por uma visita inesperada. Eles moram mais ou menos na entrada do Seringal Rio do Ouro, na Colocação Certeza, onde desemboca a trilha da floresta que vem lá do Rio Intimari.

Chegaram cinco policiais totalmente tomados pelo cansaço de vencerem a caminhada de muitas horas, carregados com pesadas metralhadoras, mochilas e outros badulaques, uma verdadeira prova para quem não era acostumado a este tipo de jornada.

Os homens deitaram no assoalho de paxiúba da casa quase como vencidos. Quando souberam que faltava uma hora bem andada para chegar na sede do Seringal onde se encontrava o líder Sebastião Mota de Melo, eles resolveram relaxar e descansar.

Um bom banho no Igarapé Trena, e depois o convite para participarem de uma panelada de paca cozida com macaxeira, deixou os homens da lei muito bem humorados.

Enquanto isto, o velho Manoel Corrente chamou um de seus netos e disse: “Corre na frente e vai lá avisar o Padrinho que a polícia vem chegando.”

Deu tempo de retirar uns pés de Santa Maria, que ornamentavam o jardim da igreja e estavam plantados bem à vista e colocar outras folhagens no cercado defendido das galinhas

ciscadoras. Era domingo e o povo normalmente se reunia à tarde para ensaiar hinos.

Um emissário foi enviado às casas de todos que moravam por perto. O Padrinho estava pedindo para colocarem a farda azul e virem para a Igreja (que ainda era provisória) e cantar hinos como quem não estivesse sabendo de nada.

Se os policiais vieram armados até os dentes, é porque temiam alguma reação do povo. Ao ouvirem ainda longe o som dos hinos religiosos, tranqüilizaram-se. Haviam sido muito bem tratados e considerados no primeiro encontro e não seria diferente ali. Logo ficamos sabendo que eles não traziam um mandato de prisão, mesmo porque já não havia mais um flagrante. Portavam apenas uma intimação para o Padrinho comparecer e prestar depoimentos. Isto poderia ser feito na próxima ida dele à cidade.

O Padrinho de imediato se prontificou a comparecer, até para retribuir a visita que acabou em clima cordial.

Como se pode notar, a polícia agia com a maior fineza. Foram muito educados no trato com o povo da Colônia Cinco Mil, e da mesma forma no Seringal. Estiveram à tarde daquele domingo em conversa com o Padrinho com todo mundo em volta e ninguém ficou intimidado.

Naturalmente, pernoitariam no Seringal e no dia seguinte bem cedinho retornariam à cidade. Foi oferecido um bom aposento na casa grande, que o Padrinho estava acabando de construir, com dez quartos para abrigar sua família, visitantes e alguns agregados. Toda a obra de madeira serrada manualmente.

Depois se soube que era missão deles medir nossa estratégia de sobrevivência. Como estávamos conseguindo escapar com vida num lugar tão inóspito para um civilizado? Na cidade tinham notícias muito contraditórias a respeito dos que acompanharam o velho de longas barbas brancas. Natu-

ralmente fomos elogiados, pois em pouco tempo o povo estava ordenado em casa, comendo o fruto de um trabalho muito bem planejado.

Este assunto que nos envolvia com a Federal ainda levaria um bom tempo para ter um desfecho, porque o processo do flagrante tinha sido lavrado e não existia um único acusado, mas um grupo de pessoas ordeiras e com um forte caráter religioso. Era um caso muito exclusivo e só seria resolvido em Brasília.

Por enquanto vamos levando a vida na mesma confiança e rotina.

Compete a mim, ao italiano Adriano, ao caçador Raimundo Donga e ao mateiro Seu Eduardo, abrir um novo roçado, construir uma casa com o material rústico e abrir três estradas de seringa. Isto a duas horas de distância da praça central, no rumo de dentro da mata. Nossas energias estavam concentradas em começar uma nova colocação que se denominaria Santa Clara.

Era assim que os habitantes estavam situados, de maneira a poder produzir a borracha. Para chegar na Santa Clara, eu passava pelas colocações do Seu Neném, do Manoel Paulo e do Seu Luís Lopes. Estes pontos sempre ficavam à margem de pequenos igarapés afluentes do Rio do Ouro, por sua vez afluente do Trena.

Nosso trabalho era abrir uma pequena clareira na floresta para fazer um roçado e construir uma casa, depois fazer as estradas que levam de uma seringueira para outra.

Cada seringueiro trabalha em média com três estradas para ir revezando a sangria das árvores na colheita do látex. Eram mais ou menos duzentas espécies de *Hevea Brasiliensis*, popularmente conhecida por seringueiras, dispostas de forma oval de maneira que a entrada era bem próxima da saída.

Ninguém pode construir no meio das árvores, muito menos plantar macaxeira, mas isto de ficar botando a floresta no chão teria um alto preço a pagar. Ela tem suas defesas. São os insetos os guardiões com suas temíveis armas. Os micuins que habitam as altas copas, com a casa no chão vinham sugar os homens e seu ferrão, acostumado com macaco e outros bichos, trazia junto o micróbio da leishmaniose, muito conhecida por ferida braba, um eczema feio que só curava depois de quarenta ou mais injeções de glucantime.

Outro terror era a malária trazida pelos carapanãs, cujos parentes próximos são as muriçocas e os pernilongos do sul. Nenhum se compara com o nosso, principalmente pelo zumbido desagradável nos ouvidos. Os carapanãs acham ideais estas aberturas novas para se multiplicarem, além de ter uma predileção toda especial pelo sangue humano.

Nós fizemos um acampamento e morávamos direto na Santa Clara. Para nossa alimentação, trazíamos a macaxeira nas costas lá da Colocação Certeza, mais de três horas de distância e a enterrávamos na sombra, para conservar as batatas e irmos passando a semana. Tinha sal, açúcar e café. O resto era por conta do caçador. Seu Eduardo e o Donga passavam o dia na mata fazendo o pique das estradas de seringa. Eu e o Adriano ficávamos trabalhando no roçado e na construção da casa. De tarde os que vinham da mata sempre traziam uma caça. O cozinheiro era eu mesmo e meu prato predileto era o mutum, uma ave do tamanho de um galo.

Toda exposição e intimidade com a forte natureza amazônica brevemente nos seria cobrado na forma de uma dura prova. A malária estava batendo à nossa porta. Quando pegou o primeiro, a febre se alastrou.

Esta é uma visão triste da comunidade: o povo doente e quase sem ter o que comer.

Capítulo XIII

Quase uma calamidade

*Deus está presente
Ele é brilho e transparência.
Vamos meditar o tempo.
E manter limpa a consciência.*

O grande apelo de nosso tempo é a ecologia. Quando se ouve falar em Amazônia, à mesma hora, na consciência de todos, clareia a idéia de preservação. Não se pode derrubar.

Ao mesmo tempo que a maior parte da humanidade comunga estes ideais, uns poucos homens destróem milhares de hectares. Não somos nós! São os fazendeiros que querem expandir seus latifúndios para poderem criar milhares de rezes. Um único proprietário financia o ronco estridente de muitas motoserras, e com pouco tempo um naco da floresta, cheio de árvores centenárias e um rico ecossistema, vão ao chão para serem devorados pelo fogo. Terrível. Outros são os madeireiros, capazes de extinguir uma espécie vegetal, desde que muitos milhares de dólares venham parar em seu bolso.

Situação bem diferente vive o homem simples, o seringueiro. O roçadinho deles tem no máximo dois hectares. O normal de uma colocação é de um hectare, traduzido por quatro “tarefas”. Cada tarefa é um quadrado de vinte e cinco braças. Cada braça corresponde a dois metros. São pequenas medidas que não causam impacto ao ambiente.

Assim é que o povo vai se assentando. Derruba uma árvore porque precisa para viver, não para ganhar dinheiro.

Os carapanãs, transmissores da malária, não quiseram levar em conta nossa parcimônia destruidora. Cada dia uma nova notícia: Fulano está com febre. Estamos pagando o custo de nossa invasão ao santuário verde. Ao mesmo tempo que penso nisto, me assola uma dúvida. Que castigo receberá o rico latifundiário, que do conforto de seu escritório, longe dos insetos, comanda uma grande destruição? Certamente o terá, que a justiça de Deus é reta.

Seria esta uma visão doentia de nossa realidade? Nada mais justo. A doença me pegou numa data bem marcante. Dia trinta e um de dezembro. Os que estavam sadios foram comemorar a chegada de oitenta e dois. Eu fiquei na rede, entre febres e delírios.

Um pedido de socorro foi enviado à Sucam, que é um órgão do Ministério da Saúde encarregado das campanhas anti-malária. De imediato, nós só recebemos alguns envelopes de cloroquina, que é capaz de suspender a febre, mas ainda é insuficiente para tratá-la em definitivo. O remédio alternativo era o Santo Daime e a Santa Maria, que traziam conforto e conformação.

A malária é fácil de curar, embora deixe alguma seqüela. Basta comprovar no microscópio qual é o tipo dela e tomar o medicamento certo. Se deixar o vírus se apoderar da corrente sanguínea, ela poderá em pouco tempo levar o paci-

ente à sepultura, principalmente se a sezão ou febre for causada pelo tipo falcípara, considerada maligna.

Comigo aconteceu de tomar a cloroquina e ter uma pequena melhora. Passados uns dias, a febre voltava de novo. Entre pílulas e melhoras, o fígado e o baço cada vez iam ficando mais bombardeados.

Na metade de fevereiro, já bem fraco pela teimosia dos micróbios invasores, acrescido da falta de uma boa alimentação, resolvi aproveitar a saída de uma expedição para Rio Branco. O nosso caminhão era tracionado nas quatro rodas, por isto íamos nos aventurar na lama. Foram três dias de sacolejos na carroceria. Aconteceu de tudo. O carro estragou, faltou óleo, mas finalmente chegamos a Rio Branco.

Fui me valer da família. Pedi socorro porque a malária estava me matando. Recebi uma passagem aérea de imediato, e o tratamento aconteceu em Belo Horizonte, na própria Sucam, onde se descobriu que eu era portador de falcípara, a pior das malárias.

As coisas no Rio do Ouro só se resolveram depois que veio uma equipe de funcionários do governo. O seringal foi todo dedetizado, isto é, foi borrifado o DDT em todas as casas e construções, cortando o ciclo vital do carapanã e a sua cadeia de contaminação. Também foram feitos exames de sangue, e o laboratorista itinerante ia identificando quem tinha a “vivax” ou a “falcipara”, e dando o remédio específico. Pena que tivemos de esperar tanto. No fim deste período tenebroso, computamos três baixas em nosso povo. Registraram-se três óbitos. O Chico Cândido não chegou a completar quarenta anos. Deixou a Dalvina viúva com seis filhos menores. O Antônio José ainda era um bebê. Seu Lorival, que beirava os sessenta anos, também se foi. Pelo menos, teve o conforto de ver os filhos mais velhos casados e a família bem estruturada. Dona Mundica, esposa do

João Baé, também sexagenária, não resistiu à febre.

A casa do Padrinho virou uma autêntica enfermaria. As mulheres sadias cuidavam dos chás medicinais, que o povo sabe de muitas ervas para o fígado, o órgão mais atingido. Também era importante a higiene de todos. A madrinha Rita escapou e incansavelmente cuidava dos pacientes, pois nem o seu velho de barba branca foi poupado.

Podemos dizer que, dos duzentos e sessenta habitantes, apenas uns quarenta não se contaminaram. No fim do ciclo, algumas descobertas interessantes: algumas pessoas se curaram ingerindo o Santo Daime; outros, quanto mais bebiam, mais vomitavam e a febre persistia. Outros pareciam imunizados, como Alfredo, que, sadio, pode melhor administrar a crise.

Foi um período muito duro. Pelo menos durante seis meses o astral da doença persistiu no meio do povo. Pararam-se as obras e a produção de borracha caiu drasticamente, ao passo que a dívida com o fornecimento cresceu proporcionalmente.

Mesmo vivendo esta quase calamidade pública, outros assuntos mereceram destaques no período. O principal deles ocorreu em novembro último (1981). Foi a ida do Padrinho a Rio Branco resolver importantes coisas, cujo destaque era o convite da Polícia Federal para sua apresentação na cidade.

Lá, na frente do Delegado, o Padrinho contou sua verdade. Tudo conforme o ocorrido. Disse ter tido a revelação do uso da Santa Maria em sonho, que havia recebido a primeira vez da mão de viajantes também conhecido por ripes (não disse o nome deles). Falou dos poderes de cura da erva e de sua missão espiritual.

Foi um depoimento extenso. O Delegado ajuntou todo material colhido e mandou para apreciação em Brasília, em

“instância superior”. O indiciado voltou para casa.

A fama de nossa justiça é de não ter pressa em resolver assuntos. Um processo pode durar anos. Parece que este vai ser o nosso caso.

Quanto a mim, que tinha corrido para casa, não por covardia ou medo, apenas para ser um problema a menos, logo que fiquei bom da malária, corri de volta para o Rio do Ouro. Passei mais uma festa de São João, e pude de novo ver a transformação. Todo sofrimento se foi. A vida voltou a pulsar em ritmo de trabalho e alegria. Nada mais precioso do que a saúde.

O Padrinho me pediu para abandonar o projeto de Santa Clara. O Jaime, que tinha família, iria ocupar a Colocação. Eu ficaria na Vila. Entre outras coisas, precisava cuidar da farmácia, pois o Daniel Lopes, que era o responsável, ainda se encontrava em suas férias pós-malária.

Outra batalha minha era com a escola. Desde os tempos da Cinco Mil, era interessado no estudo das crianças e dos jovens. Agora havia conseguido montar uma nova sala de aula, com carteiras rústicas e um bom quadro negro. Não tinha nenhum vínculo oficial, nem currículo a seguir. Era para dar um treino na escrita e na matemática elementar, ou seja, nas quatro operações.

Maurílio Reis, meu antigo companheiro de estrada, também havia optado por morar no Rio do Ouro. Pouco tempo depois de sua volta do sul, veio se juntar ao povo da floresta. Ele também passou por duras provas. Foi um dos primeiros a pegar a malária. Quando a saúde voltou, trouxe-lhe a convicção de que o melhor lugar para viver era ali mesmo. Também não é coisa de se admirar, pois ele estava cada dia mais apaixonado pela Neves, a filha mais velha do Padrinho. Ela estava correspondendo.

Graças a Deus, estamos vivendo um tempo muito saudável. O Seringal continua crescendo. Novas colocações e novas estradas de seringa, nos foram oferecidas por uma bagatela, estas áreas de extração de borracha, fora de nosso assentamento, ficavam no próprio Rio Intimari, na desembocadura do Igarapé Trena.

Neste tempo, completou-se o número de vinte e cinco colocações e cento e vinte estradas de seringa. No gênero, já era um empreendimento de porte médio.

A desenvoltura e progresso da comunidade começaram a atrair moradores da vizinhança. Eles vinham para perto, sem contudo aderirem ao nosso sistema de vida e religião. Sempre eram muito apegados à aguardente, ou melhor, amigos de uma cachacinha.

O Padrinho ficou temeroso de que alguém mais arrojado viesse ocupar áreas já dominadas por nós. Assim como uma tribo indígena que precisa de um grande espaço para ter garantias do sustento que em parte vem das caças, nós também precisávamos de uma grande propriedade para explorar mais borracha e garantir nossa sobrevivência civilizada.

O Mirim e o Alfredo receberam a especial missão de cuidar dos documentos da terra, de providenciar a medição e titulação. Uma área que estivesse defendida de especuladores e garantisse o futuro da nova geração.

Neste período do ano que vai de julho a dezembro, as estradas estão transitáveis. É possível chegar em Boca do Acre sem problemas, principalmente no nosso caminhão tracionado.

No INCRA, o órgão do governo que cuida dos problemas da terra, nossos emissários, depois de muito especular, constataram que a região por nós ocupada não constava nos mapas locais. Nosso assunto se resolveria em Rio Branco, onde o escritório tinha melhores recursos e abrangência.

Isto significava que o repartição pública de Boca do Acre nos havia dado uma L.O., documento de Licença de Ocupação, sem fazer nenhuma averiguação; como se diz, preencheram um papel frio.

Quando Mirim apresentou nosso pedido à Repartição Pública em Rio Branco, o funcionário finalmente localizou os mapas. Para surpresa de nossos interlocutores, nós estávamos bem sentados na gleba de terra chamada Santa Filomena. Uma área de cento e oito mil hectares pertencentes ao Sr. Rômulo Bonalume, empresário e fazendeiro paranaense. Era um título definitivo passado pelo ITERAM, Instituto de Terras do Amazonas. Ficou bem difícil a situação.

Nós, que temíamos ser invadidos, estávamos fazendo exatamente isto. Ocupando os fundos da Fazenda Paraná. É verdade, havia na estrada da Boca do Acre para Rio Branco uma grande propriedade onde se criavam milhares de bovinos. Uma área de desmatamento de mais de cinco mil hectares.

Para se ter uma boa idéia destas dimensões, basta fazer uma comparação. A população do Rio do Ouro, quase trezentas pessoas, já situadas em vinte e cinco colocações e uma vila, com roçados e toda infra-estrutura de sobrevivência, havia derrubado da floresta no máximo uns quarenta hectares, assim mesmo, de forma descontínua. Um buraquinho aqui e outro acolá.

Com o gado é diferente. Pode-se afirmar que este animal tão útil e apreciado no cardápio, a festa das churrascarias, é o maior inimigo da floresta, indiretamente. Lógico, onde chega o homem com os bichos, as árvores tremem, pois é certo que um monte delas vão ao chão.

Nosso desejo era conseguir como seringal uma área de vinte mil hectares. Metade ocupada e metade na reserva para futuras expansões. Nosso plano de derrubadas era mí-

nimo porque não tínhamos projetos agropecuários para exploração comercial. Nosso assunto era sobreviver em comunhão com a floresta.

A doutrina do Santo Daime possui muitos hinos em louvor à forte natureza amazônica. Seria uma grande incoerência com nossa religião ser um elemento destruidor.

A comunidade do Padrinho Sebastião era cheia de boas intenções, mas o INCRA não tinha como resolver nosso caso. Éramos invasores da gleba Santa Filomena do Seu Rômulo. No máximo, a repartição pública iria mediar nossa situação com o proprietário. De repente, num rasgo de extrema generosidade, ele poderia doar as terras. Ou então exigir nossa saída para não perder com o tempo o direito de propriedade, pois existia a prerrogativa do chamado usucapião, que depois de dez anos dá ao morador direito à posse da terra.

Justamente agora, que tínhamos vencido as duras provas da malária e o povo vivia com otimismo e fé no futuro. Aquele era um tempo de retomada de todas as frentes de trabalho, e também de desfrutar uma melhor situação. Após dois anos de assentamento já não faltavam o arroz e o feijão colhidos em nossos roçados. Todo quintal tinha seu galinheiro e sua horta trepada, onde prosperavam os temperinhos: coentro, cebolinha, salsa, hortelã, etc.

A notícia trazida pelo Alfredo e Mirim caiu como uma bomba. Não que tenha destruído nosso ânimo, mas tirou a paz, balançou todo mundo. Não é possível que vamos perder nosso querido Rio do Ouro.

O Padrinho afirmou categórico: “Se este homem fizer questão desta terra, eu vou-me embora porque não me interessa nada de ninguém. Contanto que não nos tratem como cachorros, que se bota para fora. Que dêem tempo de localizar uma nova área, que este Amazonas é muito grande. Não é

possível que não vá caber este povinho de Deus. Da Colônia Cinco Mil eu já saí. Minha viagem é para frente. Não volto, que não sou homem de andar para trás”.

Inegavelmente, tinha-se uma vida muito intensa. Aquele ano de 1982 ainda renderia muitas novidades. Além da questão surgida no INCRA, a comunidade ainda carregava um processo policial que aguardava um parecer de Brasília para ter seu desfecho.

Os desdobramentos desses dois casos ainda levariam a muita ação. O Rio do Ouro estava com os dias contados. Muito mais rápido do que se podia supor, nós iniciávamos a contagem regressiva naquele seringal que em tão pouco espaço de tempo representou tanto em nossa vida.

Capítulo XIV

Providência Divina

A melhor coisa que pode acontecer a uma pessoa é ter a plena certeza de Deus. Quem conhece a essência espiritual sabe em profundidade da boa índole humana, por isso não se desespera quando os tempos difíceis batem à porta.

Quem confia na Providência Divina entende que os caminhos tortuosos e difíceis acabam se constituindo em atalhos precisos. É necessário vencer as provas. Elas estão aí ao nosso alcance. Não são subjetivas nem teóricas. São realidades brutas que às vezes nos chocam ou confundem.

O sucesso espiritual é de quem não tem o desmedido apego pelas coisas materiais e busca em primeiro lugar o reino dos céus.

O homem não violento é capaz de acalmar a força destruidora. Como o Profeta Daniel, que esteve na cova dos leões e passeava entre as feras famintas. A paz do Senhor habita o coração do manso porque ele é um bem aventurado herdeiro da terra.

Olho na janela do tempo e vejo o grande esforço para construir tudo que se traduz em conforto, como casas e caminhos. Onde antes só se ouvia o borbulhar da vida selvagem, hoje é dominado pelo som de humanos. É o gargalhar

de uma criança, o choro de um recém-nascido misturado ao tinir do martelo no prego denunciando mais uma construção, ou ainda a mulher no igarapé que bate a roupa encardida fazendo o eco já distante contar os detalhes da existência civilizada.

O primeiro motivo para uma guerra é a conquista de território. Desde a antigüidade até nossos tempos atuais, todos os dias no planeta, em alguma localidade de sua vasta extensão, está acontecendo um combate sangrento pela posse da terra.

Nós estamos ali. somos também um povo valente. Podemos bater o pé no chão e garantir: daqui ninguém nos tira. O Rio do Ouro é nosso. Confesso que me vi possuído por ímpeto de valentia. Estava disposto a enfrentar qualquer desafio pelo direito de posse e permanência.

Felizmente era um santo quem guiava o povo. A primeira reação do Padrinho foi a chave de nosso seguimento: “Não me interessa nada de ninguém. Se aqui tem dono eu vou embora.”

As negociações com o INCRA se intensificaram, buscando a melhor solução e uma saída honrosa para a repartição pública, que oficialmente nos havia dado licença de ocupar uma área que já tinha dono.

O interlocutor do proprietário foi o seu advogado, que não aceitou nenhum acordo. No máximo se tentaria uma indenização para a comunidade mais facilmente abandonar a área. Até hoje, que isto já é um assunto encerrado, não recebemos nem um centavo pelos milhares de reais abandonados em benfeitorias.

O INCRA nos ofereceu nova área de assentamento a ser escolhida nos igarapés Mapiá ou Teuinim, afluentes do Rio Purus, abaixo da Boca do Acre. Ficou combinado que o Padrinho estudaria onde melhor colocar o povo.

Enquanto este assunto palpitante ocupava o emocional, lá em Brasília, começou a ter uma pequena repercussão o caso de nossa comunidade, que utilizava a cannabis em rituais. Um jornal da capital publicou uma nota dando conta de uma comunidade religiosa “muito doida” dentro do Amazonas. Falavam em mais de mil pessoas que viviam as libertinagens da vida no comando de um velho de longas barbas brancas.

Também os grandes jornais do Sul deram ciência desta psicodélica existência no coração da floresta amazônica. Todas as notícias não passavam de fantasias da imaginação do redator, com um pequeno fundo de realidade.

Nossa história foi parar no Ministério da Justiça, nas mãos do Ministro Ibrahim Abiackel, que deu o seguinte encaminhamento: nomeou uma comissão de alto nível formada pelo Procurador Geral da República no Acre, pelo delegado regional da Polícia Federal e pelo comandante da Região Militar sediada em Rio Branco.

Um assunto de segurança nacional, pois ainda era o tempo do Regime Militar. Não sei se foi o General Figueiredo, nosso presidente, ou se foi o SNI- Serviço Nacional de Informação, ou outro alto posto do governo quem recomendou muita cautela conosco.

A humanidade ainda se encontrava abalada com o suicídio em massa nas Guianas. O caso do grupo religioso, liderado pelo pastor Jim Jones, onde o envolvimento com as autoridades levou novecentas pessoas a praticarem o ato extremo, ingerindo veneno coletivamente.

O Brasil tinha também páginas de sua história manchadas de sangue e de vergonha, como no caso da Guerra de Canudos, onde o exército havia exterminado a comunidade inteira de fanáticos religiosos seguidores do místico Antônio Conselheiro. Não foram poupados nem mulheres nem crianças. Este acontecimento passado no sertão da Bahia

ficou imortalizado na obra escrita por Euclides da Cunha e pelo internacionalmente conhecido Vargas Lhosa. Uma vergonha nacional de apenas oitenta anos. Graças a Deus, estes mártires inspiraram o bom senso em nossas autoridades.

Quem estava no comando militar da região que abrangia o Acre e parte do Amazonas era o Coronel Guarino. Um homem de cultura e muita simplicidade. Um verdadeiro enviado do céu para cuidar do nosso caso.

O exército assumiu sozinho o compromisso de apresentar o relatório. Saíram das investigações a Polícia Federal e a Procuradoria da República.

A primeira atitude do coronel foi fazer um estudo preliminar de nossa realidade. Já havia um trabalho acadêmico publicado, a obra de Vera Fróes Fernandes, denominada “História do Povo de Juramidam”. A autora foi convidada a assessorar o Coronel.

Estes acontecimentos mereceram uma nota no Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro. Foi como o nosso antigo aliado, o psicólogo Paulo Roberto Silva e Souza, aquele que há alguns anos havia escrito um depoimento que satisfez o delegado da Polícia Federal, que na época nos colocava na mira de suas investigações.

Ciente do momento delicado que vivia o Padrinho Sebastião com sua comunidade, Paulo Roberto largou seus compromissos profissionais e veio para Rio Branco. Era a segunda vez que visitava estes rincões do norte do Brasil.

Vera Fróes, que tinha uma reunião no quartel, foi acompanhada pelo psicólogo carioca. Lá, juntamente com o coronel Guarino, foi feito um acordo para formar uma comissão paralela, constituída por profissionais de diversas áreas, além de fazer um documentário fotográfico e filmado da expedição que iria ao Seringal Rio do Ouro. A comissão

daria um parecer científico sobre a organização social econômica religiosa, bem como da saúde física e mental da população. Também se estudaria uma saída para a questão fundiária e de estrangeiros, um autêntico pacote de medidas a serem tomadas.

Paulo e Vera ajudaram a montar a equipe de estudos. Neste tempo, o grupo de teatro Oficina, muito famoso no sul do país, estava se aventurando na área do cinema documentário. Era grande o interesse pelas manifestações culturais, e o Santo Daime já estava na mira. Um dos líderes do grupo, o Noilton, foi escolhido chefe do setor de documentação, foram convidados a compor com ele o Alex Polari e o Saulo Petean, que haviam feito documentários na Cinco Mil.

As outras áreas de estudos também foram preenchidas por gente que, de certa forma, tinha vínculos conosco. Como médico psiquiatra, o convidado foi o Dr. Joaquim Carvalho, diretor do hospital em Rio Branco e pessoa acostumada a tomar o Santo Daime.

O relatório antropológico ficaria por conta do Fernando La Roque, velho conhecido nosso. Paulo Roberto, com sua companheira Denise, responderia pelo laudo psicológico. Vera Frões era a historiadora.

Assim, os competentes profissionais eram todos ligados a nós, ou melhor, simpáticos à nossa causa, o que não impedia que eles fizessem um estudo sério, relatórios verdadeiros e de bom nível.

O Exército brasileiro iria financiar toda operação concernente a passagens aéreas e estadias, além da viagem de Rio Branco a Rio do Ouro.

Para o documentário foi conseguido um financiamento na Embrafilme, um órgão do Governo Federal. Naquele tempo, fazer um vídeo na floresta, sem energia elétrica,

exigia muitos equipamentos, todos muito pesados, como o próprio grupo- gerador de energia.

Enquanto se armava esta expedição, o Padrinho se preparava para ir pesquisar um novo lugar de assentamento da comunidade. Agora diretamente indicado pelo INCRA, estava resolvido a conferir as terras do igarapé Mapiá.

A partir de Boca do Acre a viagem era por água; a comitiva seguiu no tempo que os rios e igarapés estavam mais baixos e difíceis de navegar, tanto que não foi possível subir o igarapé até o ponto desejado.

No meio do caminho tinha uma velha colocação de seringa conhecida por Caxangá, com duas casinhas bem precárias. Numa morava o Adaísio, e noutra o Manoel Gojoba, os únicos habitantes de toda aquela área. Lá, o Padrinho recebeu ótimas informações de um lugar ideal para o assentamento do povo, mais acima no encontro do Igarapé Mapiá com o Repartição, onde as águas praticamente se bifurcavam.

Em toda extensão destes cursos d'água havia antigas colocações de seringa. A decadência geral dos seringais amazônicos legara ao abandono estes lugares antigamente ocupados. Todo Mapiá havia sido abandonado há mais de vinte e cinco anos.

Os caboclos do caminho deram tão boas informações que o Padrinho voltou dali disposto a entrar definitivamente no tempo da cheia, quando a navegação fica mais fácil.

No retorno para casa, um pequeno acidente. Na subida do Purus, a canoa deu uma paradinha na sombra para os passageiros descarregarem a bexiga. O Padrinho foi o primeiro a desembarcar. Foi saindo e pisando em cima de uma arraia que descansava, enfiada na areia encoberta pela água rasa. Para mostrar seu repúdio pela indelicadeza de ser pisada, o

animal aquático revidou, metendo o esporão no pé introme-tido. Dizem que dói muito. Vinte e quatro horas ininterruptas, pois o esporão parece uma serrilha que entra a favor e sai ras-gando a carne; dentro fica uma capa de lama e lodo que fatidi-camente irá inflamar, formando uma grande ferida. Ferroada de arraia é famosa. Dizem que não é fácil suportar a dor.

O nosso líder estava ferido. Por mais de cinco horas agüentou calado a ferroada lancinante. Chegando em Boca do Acre, foi direto ao hospital, onde abriram o local e limpa-ram, minorando o sofrimento.

A viagem continuou desconfortável até o Rio do Ouro, mas felizmente o resultado tinha sido o melhor. Brevemente, teria um novo local para receber todo mundo. O Padrinho voltou muito animado com tudo o que viu e ouviu, estava ferido, mas era vitorioso em sua empreitada. Os preparativos para a futura expedição ao Mapiá se iniciaram de imediato, com a fabricação de um barco para levar os pioneiros e a carga.

Uma importante aptidão do Padrinho era a de cons-truir canoas. Ele fazia com perfeição este trabalho, desen-volvido desde a juventude. Agora era necessário uma em-barcação especial para vencer o igarapé Mapiá, que parecia ter mais voltas do que o Trena. Embora estivesse ferido pela arraia, fazia expediente integral, juntamente com Pedro Zacarias e o Eduardo, que também dominavam a profissão.

No dia a dia daquela comunidade não pulsava mais aque-le ímpeto de prosperar. Não se investia em construções. A força de trabalho estava concentrada na extração da borracha e nos roçados. De qualquer forma, os plantios de arroz, mi-lho, etc seriam ali mesmo.

Nós estamos informados de todos os passos relativos à próxima visita do exército. Coube a mim preparar relatórios escritos de toda nossa realidade de povo, como o número e

categorias da população, dividida em adultos masculinos, femininos, e todos estes detalhes de uma boa estatística. O resumo de nossa produção, os organogramas, com tudo que um sociólogo poderia ter feito.

A velha máquina de escrever que havia sido tão útil na confecção de hinários, veio prestar seu derradeiro serviço, num cantinho do armazém onde ficava o escritório.

Também coordenei a limpeza dos caminhos da vila e os locais de hospedagem. O povo foi alertado para agir com descrição principalmente nos assuntos relativos à Santa Maria.

A viagem da comitiva de Rio Branco até o Rio do Ouro foi uma verdadeira epopéia que o Alex Polari, membro da equipe de documentação, transformou em interessantes capítulos de sua obra literária denominada “O Livro das Mirações”, editado um ano depois em circuito nacional.

O Coronel Guarino era realmente um homem especial, pois, a despeito de sua autoridade e poder, tinha atitudes de uma pessoa humilde, tratando o Padrinho com muito respeito. Em todo tempo da visita reinou um clima de camaradagem e descontração. Uma pena foi ele não ter tomado o Santo Daime, pois achava incompatível com a sua função. Participava dos rituais apenas como um assistente.

Fazia parte da comitiva do Exército o Zezé Corrente, filho mais novo da família, que na época prestava o serviço militar. Ele era um soldado exemplar e um daimista desde a infância, o que era um bom testemunho a nosso favor.

A comunidade foi muito elogiada por sua capacidade de resolver os problemas vitais. Um verdadeiro modelo de ocupação para o Amazonas, pois em dois anos de atividades, havia resolvido os desafios de habitação e alimentos, numa sociedade justa onde não havia ninguém mais pobre. Um oásis de progresso onde a miséria é a companheira de

tantos outros moradores ribeirinhos.

Toda comitiva cumpriu suas funções. O Paulo fez todos os testes psicológicos, o médico examinou, o antropólogo aplicou questionários e a equipe de documentação produziu um bom vídeo. Como foram financiados pela Embrafilme, fazia parte do contrato arquivar uma cópia deste trabalho no Museu Nacional da Imagem e do Som, no Rio de Janeiro, onde até hoje pode ser apreciado por quem tiver esta curiosidade.

Este encontro no Rio do Ouro foi mesmo memorável. Um novo tempo para a irmandade daimista liderada por Sebastião Mota de Melo. Um marco na história do povo de Juramidam.

Capítulo XV

A viagem do Daime e o começo dos Céus

Uma luz potente começou a brilhar dentro da floresta e sua irradiação atravessou a densidade da mata, rasgou as fronteiras amazônicas e foi clarear outros rincões distantes. Não era uma luz material, porque a matéria é muito limitada. Só uma força superior, divina, poderia ter o dom de espalhar os raios por tão diferentes lugares.

Muitas pessoas começaram a ser tocadas por esta chama espiritual. Geralmente estavam às escuras, procurando por um caminho. Bastava descobrir esta fonte vinda da floresta para entender o rumo certo e passar das trevas para o dia, para o brilho da alma.

Como receber esta bênção ou ter o dom de ser tocado por esta luz divina? É um mistério, só Deus sabe. Às vezes tem gente do lado que a rejeita, enquanto outros andam milhares de quilômetros na sua busca.

Da floresta a luz saiu engarrafada na mão de mensageiros enviados pelo próprio Pai Celestial. No coração do Amazonas, na mais densa e querida floresta do mundo, estava brilhando o cálice sagrado contendo o precioso sangue de

Cristo. O que era o privilégio de uns poucos eleitos agora estaria oferecido para toda a humanidade.

Seriam estas palavras uma simples alegoria? Não, apenas uma maneira mais poética de introduzir a narrativa do desfecho da mais importante reunião acontecida no seringal Rio do Ouro no final daquele ano de 1982.

Depois que o exército retornou ao quartel, a comissão paralela permaneceu para intensificar mais alguns estudos. Foi aí que aconteceu a mais importante das assembleias. Um encontro cujo maior resultado não saiu em nenhum relatório oficial: o Padrinho havia concordado com a saída do Santo Daime, com vistas à formação de novos pontos da doutrina.

Três dos estudiosos do povo saíam com cinco litros cada. O Paulo Roberto sabia de gente no Rio que desejava conhecer a bebida e foi bem instruído para formar com eles os alicerces de uma futura igreja. Da mesma forma, Alex Polari, que vivia em Mauá, e Fernando La Roque, em Brasília.

Ficamos de acordo também que o novo local de assentamento da comunidade, no alto do igarapé Mapiá, teria a denominação de Céu do Mapiá. A idéia deste nome veio do Pedro Mota, um dos filhos do Padrinho, que recentemente havia colocado o nome de Céu numa colocação na boca do igarapé Trena, onde pretendia morar.

O ano de 1983 abriu as portas como um grande marco no desenvolvimento da doutrina. Cada um dos mensageiros que levou a bebida sagrada foi bem sucedido. Agora a missão de São João Batista estava se multiplicando. O Mestre Jesus Cristo seria apresentado nas igrejas em formação no Rio de Janeiro, Mauá e Brasília, simultaneamente ao Céu do Mapiá nascia o Céu do Mar, Céu da Montanha e Céu do Planalto.

Desta vez consegui colocar meu nome na primeira expedição de abertura do novo seringal. Nosso projeto de sobrevivência ainda dependia da borracha. Depois que passou a festa dos três reis do Oriente no dia seis de janeiro, ganhou vulto a iminência da partida.

Ironias do destino: quando estava bom de navegar pelos rios, estava péssimo de andar pelas estradas. Sorte que o barco tinha saído ainda no tempo seco e esperava em Boca do Acre. O caminhão não tinha mais como vir às margens do rio Intimari. Ele ficava esperando a dezoito quilômetros de distância, pois este trecho era de muita lama e muitas grotas, cujas pinguelas, pontes de pau roliço, ameaçavam ruir. Nós iríamos para um lugar completamente desprovido. Fazia parte da carga uns seiscentos quilos de farinha, cem de açúcar preto, sal e outras provisões, além de cinquenta folhas de alumínio para cobertura de casas. Tudo isto tinha que ser levado nas costas, da beira do rio até o caminhão.

Nosso desafio era grande, mas como a união faz a força, os primeiros homens que se destinavam ao Mapiá, cerca de vinte pessoas em três dias prepararam o veículo para a partida.

O Padrinho Sebastião, que ainda sofria conseqüências da ferroada de arraia, gastou muitas horas para fazer o trajeto de dezoito quilômetros, escorado numa vara. O homem que partia para começar um novo seringal já não tinha o mesmo vigor de antes, dos tempos da expedição que começou o Rio do Ouro. Estava alquebrado pelo tempo e pelas conseqüências de uma jornada de trabalho intensa e uma alimentação às vezes pobre, acrescentado a isto uma malária inoportuna. Seu coração de sessenta e dois anos dava sinal de cansaço. Só o espírito pioneiro e a fé continuavam inabaláveis.

Quando o caminhão estacionou no barranco para passar a carga para o barquinho que balançava nas águas, os moradores da vizinhança foram ver se seria mesmo possível tudo

aquilo navegar de uma vez só, em tão limitado espaço.

Você sabe a diferença de um barco para uma canoa? É simples: o primeiro é construído com tábuas pregadas no esqueleto de madeira, ao passo que em apenas um tronco de árvore se esculpe uma canoa.

O barco construído no rio do Ouro era curto, porém fundo, de muito calado, como se diz na linguagem marítima; tinha capacidade de levar três toneladas.

Outra canoa menor seguiu um dia na frente. Nela viajaram o Padrinho, o Alfredo, o Raimundo Donga na qualidade de mateiro e o Pedro Dario de motorista. De mulheres seguiram a Maria Tôca, a Maria Amélia e a Daíde.

O batalhão de choque vinha atrás, no barquinho denominado Floresta, que saiu do porto de Boca do Acre com a água quase chegando à beira, tamanha era a carga, além dos vinte trabalhadores, primeiros da nova abertura. Bons companheiros, entre outros, me lembro do Zé Gonçalves, Wilson Manzoni, Pedro Zacarias, seu Eduardo, Luís Campelo, Raimundo Doca, Feliciano, Pedro Mota, Chico Corrente, Seu Gildo, Seu Adércio e alguns meninos do tempo da Colônia Cinco Mil, que viraram adultos, como o Chico Leal, Zé Mota, Roberval, João da Júlia, Raimundão, Tonho do Eduardo e Auricélio, entre outros.

Na boca do igarapé Mapiá, onde antigamente era a sede do Seringal, agora estava transformada numa pequena fazenda. Ali se criavam rebanhos de bovinos e caprinos.

São Sebastião era o santo Padroeiro do local. Havia uma capelinha em sua homenagem. Anualmente era feita a novena que antecipava os festejos do grande santo no dia vinte de janeiro. Reuniam-se todos os moradores da região. Um motivo religioso que poderia ser um momento de reflexão espiritual era na realidade motivo para uma grande be-

bedeira. À exceção de umas poucas senhoras, de índole religiosa, a maior parte dos homens ficavam de “cara cheia” e não raro aconteciam brigas. Uma autêntica festa pagã. Jamais um padre viera àquelas paragens trazer uma instrução certa.

Acredito que foi por influência própria de São Sebastião, tão incompreendido no meio daquele povo, que exatamente do dia vinte de janeiro, o Padrinho Sebastião passou pela fazenda e subiu o igarapé no rumo do Céu do Mapiá.

Na festa da fazenda daquele ano de 1983, o prelúdio de uma grande transformação. Milagre do santo, pois aquela expedição era o anúncio de um tempo de muitas melhoras para uma gente abandonada à própria sorte. Por eles passou uma barquinha que levava na frente, no comando do leme, um homem de longas barbas brancas.

Isto é apenas uma alegoria, na verdade a canoa era dirigida pelo Pedro Dario, agarrado no timão que movia o motor com rabeta e tudo, instalado na popa, ou melhor, na traseira da pequena embarcação.

O solo da futura vila foi tocado no dia vinte e um de janeiro. Esta pode ser considerada a data oficial, o aniversário do Céu do Mapiá.

A turma que vinha atrás passou pela fazenda São Sebastião no dia imediato ao grande festejo. Nosso barco ainda rebocou a canoa do Manoel Galo, que tinha sido agredido pelo Buia, parente seu que sem dó abarcou-lhe um remo nas costas, deixando-o meio desconjuntado, sem poder remar. Apenas um pequeno desentendimento, fruto da cachaçada.

Para combater a ressaca e a dor da pancada, Manoel Galo, que estava reabrindo uma colocação na metade da nossa viagem, vinha chupando escondidinho uma derradeira garrafa, saldo da farra do dia anterior.

Chegamos dia vinte e três. Isto porque pernoitamos na véspera na mata, a uma pequena distância do primeiro acampamento. Ainda era de manhã e me lembro bem desembarcar com o terçado na mão, limpando o mato para construirmos o primeiro abrigo.

Qual seria o almoço daquela gente toda lá dentro da floresta? Trabalhar dá um apetite medonho. O Roberval e o João da Júlia ficaram encarregados de fazer uma pescaria no igarapé enquanto os outros dois grupos cuidavam da broca do mato e da construção do acampamento.

Deus havia nos consentido um privilégio, pois em dois dias de viagem, com dormida na mata, não havia caído nem um pingo de chuva, coisa muito rara nesta altura do ano.

Outra grande bênção foi a pescaria. Os dois rapazes haviam capturado cinco pirapitingas, peixes de primeiríssima qualidade, cada um tendo em média uns seis quilos. Foi um dia de fartura no almoço e no jantar. De noite caiu uma tempestade daquelas características. Nós ouvíamos o barulho da chuva copiosa na cobertura de alumínio, confortavelmente instalados em nossa rede armada no acampamento que ficou muito bem construído.

No segundo dia o Padrinho convocou os quatro mateiros para conferirem o potencial da área. O Chagas foi para o norte, Seu Gildo para o sul, o Doca ganhou o rumo do poente e Seu Eduardo completou o último ponto cardeal.

À tarde os homens voltaram com notícias desanimadoras. Todos eles acharam a mata muito pobre. Faltava tudo: seringueiras, madeira boa de serra, patoá e açai, que são palmeiras cujos frutos ajudam bastante na dieta. Além das limitações da vegetação, ninguém viu nem um rastro de caça.

Na verdade, todo mundo estava detestando a nova moradia. O motivo principal eram os carapanãs. O inseto amaldiçoado atacava em nuvens, milhões deles com o ferrão pe-

rigoso de estar trazendo a malária. Parecia querer invadir as pessoas. A gente ficava pensando ser impossível viver num lugar daqueles e cultivar a doutrina com hinário e concentrações. Nossa sorte era possuir mosquiteiros que nos davam condições de dormir bem à noite.

No terceiro dia os mateiros voltaram a fazer pesquisas. Desta vez trocaram os rumos. Além de diagnosticarem a região, todos eles levavam espingardas. esperava-se por alguma caça.

Nosso almoço estava uma miséria. O igarapé tão pródigo no primeiro dia estava agora jogando duro conosco, escondendo os peixes. Cada dia, uma dupla era formada para a pescaria enquanto o resto da turma pegava firme na broca e na derriba, preparando a área da futura vila.

Nesta tarde seu Gildo conseguiu trazer uma cotia. A primeira caça abatida. Era muito pouco para trinta pessoas. Os mateiros continuaram desanimados com o que viam.

Assim foi se criando uma onda de pessimismo. Uma vontade de procurar outro lugar, de correr do nosso Céu, que estava ruindo.

O Padrinho não estava bem de saúde. Com frequência sentia falta de ar e muito desconforto, além da ferroadada de arraia que não estava completamente cicatrizada. Ficava mais tempo recolhido em seu precário acampamento, ouvindo calado as muitas reclamações.

Mais uma turma de trabalhadores estava sendo esperada. As embarcações retornaram à cidade e dentro de cinco dias deveriam estar desembarcando de quinze a vinte adultos.

Se já estava ruim de arranjar comida para aquele tanto de gente, imagina mais uma turma, cuja maior parte eram jovens que naturalmente têm um apetite voraz.

O próprio Alfredo achava que nós devíamos procurar outro local para a vila. O INCRA nos havia falado de outras

possibilidades. O certo era escolher melhor, visto que este assentamento poderia ser para o resto da vida, para futuras gerações. Os filhos de todos merecem o melhor.

Pessoalmente estava gostando muito do lugar, porque me transformara em exímio pescador. Toda folga no trabalho coletivo, lá estava eu ferrando no anzol alguma das saborosas espécies que habitavam o igarapé. Eram piaus, liros, piranhas, surubins, matrinhãs, pacus, peixes de todos os tamanhos. Além disto o Mapiá era mais bonito e melhor de nadar que o Trena. Estava muito mais presente em nossa vida. Era uma interação com a água que eu ainda não tinha vivido.

Como o carapanã só ataca durante a noite, vai-se acostumando e criando defesas.

Foi feita uma lista de pessoas para comporem a nova expedição. Poderia ser que no outro igarapé, no Teuinim, que ficava umas três horas mais abaixo no Purus houvesse uma natureza mais pródiga em boas árvores e menos carapanãs. Minha opção foi ficar no Mapiá.

O interessante é que o Padrinho estava completamente alheio a estas negociações. Como não estava bem de saúde, era poupado. Parecia também uma conspiração. Precisava estar tudo muito bem planejado, pois ele ia ficar de fora, não estaria no comando dessa próxima viagem.

Qual seria o destino deste povo? A maior parte permanecia no Rio do Ouro, no comando do velho Manoel Corrente, aguardando a chamada para a mudança. Muitos trabalhadores ficavam porque a lavoura de subsistência e a produção da borracha só era possível ali, pelo menos nos próximos seis meses. As famílias com crianças precisam também de uma base já feita, pois os primeiros tempos de um lugar são bem duros e sem conforto.

Onde todos estarão reunidos? Como irão solucionar os problemas que nos afligem?

Capítulo XVI

Aqui é meu lugar

Eu pedi muita luz e clareza para ninguém tropeçar e vir a cair. É uma grande descompostura este desmoronar, o ruir de um monumento ou de uma obra que se constrói há tempos. É preciso sempre lembrar que os pés são de barro. Estão sobre a terra e o peso deve ser proporcional.

O que se tornou claro é que o amor verdadeiro é o farol que a todos orienta. Isto é, os que estão buscando o Eldorado, onde está a grande riqueza.

O egoísmo é o maior obstáculo. A maior parte das pessoas se perde nisto. Significa também o amor falso. O interesse desmedido pelas coisas materiais. Tudo é ilusão, a fonte dos pecados.

A missão é irradiar esta luz e gerar a corrente de energia positiva, capaz de tocar muitas almas. Isto é um dom divino e Jesus é o detentor deste mérito. ele está na frente. Precisamos chegar nele e com Ele.

Não existem contradições entre o homem negro que habita a floresta e o mestre milenar. Eles são um único ser espiritual. Não existem dois caminhos, apenas um nos reconduz á casa paterna.

Muitos inimigos espreitam em cada esquina, mas o grande guerreiro defende os filhos legítimos. São Miguel com suas armas comanda as legiões extraterrestres aliadas dos homens.

*“ Vou seguindo firme e forte a jornada
Estou firmado com este meu sagrado vinho
Rogando sempre defender destas ciladas
Que o inimigo apresenta no caminho.”*

Quanto à nossa realidade quotidiana, estamos vivendo um impasse: permanecer no Mapiá significa um embate. Uma luta permanente contra os carapanãs. Quem seria o vitorioso? Estamos na iminência de nos render ao exército de insetos e abandonar a área.

Os mateiros são de opinião que a floresta que nos circunda é muito pobre de recursos. diferentemente do Rio do Ouro, aqui não tem o suporte natural para manter o povo.

Quando se ultimavam os preparativos para uma nova expedição de pesquisa, o Padrinho ficou sabendo de tudo. Ele vinha alheio porque estava com a saúde abalada, incapaz de pensar em nova viagem.

Sua reação foi imediata. De forma contundente, declarou: “Aqui é o meu lugar. Antes mesmo de pisar esta terra, o Poder me mostrou espiritualmente. Não estou enganado. Não posso obrigar ninguém a ficar comigo. Os que quiserem seguir em frente, que o façam. Pelo menos o Pedro Mota, que é meu filho, deve permanecer, pois estou precisando de companhia.”

Não necessitava ser tão taxativo. Estas palavras foram como uma água fria na fervura. Imediatamente acalmaram-se os ânimos. Todos queriam estar com o Padrinho. Era uma unanimidade. Não tinha fingimento. Mentalmente viajo na

lembrança e a constatação é clara: todos amam aquele homem, todos querem permanecer juntos.

No dia imediato iniciaram os trabalhos de abertura das estradas seringa. Para surpresa geral, constatou-se que havia tantas seringueiras como no outro seringal. A estrada se constituiu um bom caminho, bem aberto e limpo de árvore em árvore produtora. Uma semana de trabalho de seis homens, para estar pronta, no padrão exigido.

Descobriu-se bem próximo ao acampamento um imenso Cedro caído ao chão. A portentosa árvore tinha dois metros de diâmetro e se constituía na melhor madeira para as serras manuais. Mais uma vez ficou comprovado o engano dos mateiros.

Chegou a canoa que estava sendo esperada. Mais gente para animar o nosso Céu. Trabalho era o que não faltava. A comida não era abundante, mas o espírito de irmandade era forte. Tudo se divide, o complemento vem da mata. Tem patoá e tem açai.

Os homens formam a grande maioria da população, todos estão ocupados com a abertura de roçados, de estradas de seringa ou com a construção de casas.

As mulheres, agora em número de seis, estavam dedicadas à cozinha e ao trato das roupas da coletividade. Mais folgadas nas tarefas, elas tinham maior tempo para as pescarias particulares. Muitas vezes os trabalhadores comiam farinha com um caldão de água com sal e uns poucos peixinhos, ao passo que elas fritavam suas porções particulares e o cheiro de fritura causava inveja em nós, gulosos trabalhadores.

Num dia destes o Raimundo Donga retornou animado. Além de mateiro, era um experiente caçador. Trazia na bolsa um troféu: uma orelha de anta. “Está aqui a prova”, dizia ele,

“derrubei uma bitela, mais de cem quilos de carne para acabar com a crise”. Logo apareceu um grupo de entusiasmados jovens para buscá-la no mato.

Assim caiu a primeira anta, um animal de porte, quase do tamanho de um boi. Uma caça de primeira qualidade. Também caiu por terra de forma definitiva a conversa de que o Mapiá era mais pobre, não oferecia condições de vida. Havia um manto encobrendo a riqueza da mata. Como explicar este mistério?

Nossos vizinhos mais próximos no rumo oposto ao Purus são índios da tribo Jamamadi. Eles estão em outro igarapé, muitas léguas de distância, mas neste começo do Mapiá, suspeitava-se da possibilidade de estarmos sendo espiados por eles.

Seu Gildo, com a cabeça branca de sua longa experiência na floresta, contava histórias do embate de seringueiros com os moradores primitivos. Às vezes corria muito sangue de ambas as partes. Falava também do mapinguari, cuja origem eram os velhos pajés que aprendiam a não morrer, transformando-se em figuras horríveis que viviam zanzando pelas matas.

Os jovens tinham o maior respeito pela floresta que nos cercava, pois era detentora de mistérios que os amedrontavam.

Com a abertura do espaço para desenvolver a vila, os carapanãs começaram a diminuir.

Um dia, Daide foi até o Padrinho com um livro de reza e mostrou uma oração específica para afastar carapanãs. Ele recomendou que se fizesse com fé e convicção para ver o resultado. Daide cumpriu o ritual proposto e os carapanãs desapareceram. Não sei se foi coincidência. O certo é que nunca mais se precisou de mosquiteiro para dormir sem ser incomodado.

Raimundo Donga passou um susto medonho numa turma de rapazes que trabalhavam dentro da mata limpando es-

trada de seringa. Os jovens faziam muito barulho conversando e brincando mais do que produzindo. O Donga, que andava demarcando outra estrada que passava perto, começou balançando os arbustos, quebrando mato, batendo nos paus. Depois colocou umas palhas nos ombros, virou o boné cobrindo a cabeça de amarelo e se aproximou. A turma gelou. Silêncio completo. Raimundão tomou coragem, chegou mais perto e então gritou assustado: “O mapinguari!”. Todo mundo correu a subir nas árvores finas. Gilmar perdeu o controle dos intestinos. Tanto foi o medo, que borrou as calças. Os outros, do alto dos paus, começaram a rezar o Pai Nosso com voz trêmula de pavor.

Eu estava trabalhando com o Donga. Ele era o mateiro e eu o toqueiro. Ficava no pé da seringueira esperando ser localizada outra árvore e de lá encontrar o parceiro. Assim nós dois empicávamos, ou melhor, marcávamos o caminho que depois seria o roçado pela turma de jovens.

Bem, eles estavam no alto das árvores e eu, que também me encontrava próximo, encoberto pela vegetação, escutava tudo sem entender. Nisto, chegou o Raimundo Donga achando a maior graça. Neste momento o Francinete puxou o hino do Mestre Irineu, conhecido por “Linha do Tucum”, que é específico para espantar o malfazejo. Meu jovem companheiro era naturalmente desafinado. Nas circunstâncias que estava lançou um clamor em vez de cantar o hino. Quando ouvi a moçada apelando para o Mestre Irineu, corri a socorrê-los. O Donga correu junto. Foi difícil acalmá-los, mas no fim tudo virou em gargalhadas e muito assunto no meio dos outros.

Depois de passar este apuro os mais jovens adquiriram coragem e desembaraço para andar nas matas. Nunca mais se tomou susto causado por assombrações. Foi constatado também que índio algum andou clandestinamente

pelo nosso acampamento. A floresta é muito grande e enormes as distâncias.

O ano de 1983 voou e no programa de 1984, uma nova visita do exército.

O Coronel Guarino, que comandou a expedição ao Rio do Ouro, foi logo transferido para outra região e não teve tempo de encerrar o relatório pedido pelo Ministério da Justiça. Entrou no seu lugar o coronel Athos Asher. O novo comandante resolveu refazer a pesquisa organizando outra expedição à nova localidade por nós ocupada.

Como estrategista, homem de armas mas de boa cultura e sensibilidade, o Coronel teve de reconhecer o esplêndido trabalho dirigido pelo Padrinho Sebastião. Viu o povo unido e disciplinado, viu tudo que estava construído em tão pouco tempo e elogiou a comunidade.

Na noite, o ritual do Santo Daime coroou a visita. Ele não se intimidou, tomou uma boa dose do chá sagrado. A magia da música abriu a miração. O Coronel “viajou”. Quando terminou a cerimônia, ele não resistiu. Deu um soco no ar e gritou: “Selva !”.

No outro dia, quando se despediu, fez como todos nós gostamos de fazer: pediu a bênção ao Padrinho e no meio de todos declarou: “A única coisa que pode causar algum problema é o uso da ‘Santa Maria’, isto se alguém for pego pela polícia lá fora, na cidade. Aqui nas matas ninguém vem incomodar, nenhuma polícia vem investigar. Basta continuar assim, harmonizados, que vocês estão seguros.”

De certa forma, o Coronel se despedia fazendo uma cumplicidade conosco. O Padrinho não deixou por menos. Arrematou dizendo: “Quem me obedece não anda fumando por aí. Se alguém for pego assim, o senhor pode disciplinar.”

Este foi um acordo solene. O tempo viria provar seu fundamento. As autoridades brasileiras sabiam oficialmente que uma pequena comunidade amazônica tinha plantios e fazia uso da cannabis sativa. Em vez de perseguição e cadeia, falou mais forte o reconhecimento e o respeito pela liderança local. Não tinha sentido reprimir pessoas ordeiras que davam um testemunho de trabalho e organização. O bom senso e a justiça certa falaram mais alto.

Para nós, valeu o reconhecimento da verdadeira liberdade: o homem tem o direito de colocar uma semente na terra e colher os frutos para uso próprio. Também valeu a liberdade religiosa isto não era uma invenção nossa pois milenarmente esta planta vinha tendo uso religioso, como fazem muitos gurus hoje em dia na Índia. Enfim valeu o respeito que cada um deve ter pelo seu semelhante. Pois isto está acima de qualquer lei terrena.

Como homem simples, o Padrinho não sabia de tanta severidade da lei quando começou os estudos com o uso da planta. Ele não queria nenhum enfrentamento, nenhuma desobediência cívica, por isto garantiu ao Coronel que não faria proselitismo. Sua missão era com a Doutrina do Mestre Irineu. Pelo Santo Daime daria a vida. O compromisso da Igreja era com o sacramento da floresta.

Em todo este tempo de envolvimento da Santa Maria, nada se falou sobre o Santo Daime. Ainda chegaria à ocasião de nossa bebida enfrentar esta batalha com a lei, com as autoridades federais.

O ano de 1984 marcou também a definitiva desocupação do Rio do Ouro. A promessa de ajuda financeira a título de indenização pelo que foi construído e estava sendo deixado, ficou só na conversa. A comunidade estava ficando endividada.

O Padrinho me destacou para uma missão especial: voltar ao antigo seringal comandando uma turma de quatorze

rapazes entre os quais os mais velhos estavam com dezoito anos. Nossa missão era fazer uma boa produção de borracha, além de ajudar na farinhada e nos feitiços de açúcar. Depois de um bom aproveitamento do que restava, encerrar definitivamente o Rio do Ouro, retirando todos nossos equipamentos, como tachos, engenhoca, tambores de guardar feijão e farinha, chapas de fornos, entre outros.

Um dez famílias restavam sob o comando do patriarca Manoel Corrente. Nós chegamos em agosto e ficamos até novembro. Foi um período memorável. Necessitava muita perícia e pulso forte para manter a turma unida e produtiva. Armei uma grande competição, tudo era anotado no caderno. Disputava-se desde a produção da borracha até o desempenho de cada um na caça e na pesca.

Resumindo a história, a expedição foi um sucesso. Produzimos dois mil e duzentos quilos de borracha prensada, além de outras tarefas.

Eu tive de vencer um grande desafio particular. No meio da temporada a malária me pegou. O mesmo pesadelo de antes, pois faltavam os medicamentos e alimentos condizentes e a febre cada vez mais debilitante.

Seu Manoel Corrente, preocupado, aconselhava minha saída urgente. Eu resisti e pedi ao Santo Daime um milagre. Se abandonasse o posto, seria o fracasso da missão. O milagre aconteceu: chegou a expedição da Sucam trazendo as benditas pílulas de cloroquina e primaquina.

Este pessoal que combatia a malária a cada seis meses visitava o seringal dedetizando as casa e atendendo alguma ocorrência de febre. O chefe da comitiva tinha uma predileção especial por estas visitas, pois gostava de caçar. Reunia o útil ao agradável, por isso resolveu antecipar a última visita que faria à localidade. Uma feliz coincidência, porque medicado eu pude permanecer e dar conta do compromisso.

Só que minha saúde nunca mais foi a mesma.

Nosso caminhão, que deveria entrar no ramal do Intimari no começo de novembro, veio no fim, tempo suficiente para desabarem os temporais. A estação da chuva antecipou a vinda. A estrada se tornou um caos. A saída final do Rio do Ouro exigiu três viagens que duraram um mês de muita luta e sofrimento. Dias e dias atolados na estrada, quebrou até a tração dianteira.

Guardo a lembrança do último momento do Rio do Ouro, pois fui o derradeiro a sair de lá. Ficou no abandono. O pessoal nem se preocupava em fechar porta ou janela. Um ambiente de desolação.

O natal de 1984 foi comemorado com toda a comunidade reunida no Mapiá.

O ano vindouro traria grandes transformações na vida de todos e mais uma vez mostraria o grande poder da palavra do Padrinho.

Capítulo XVII

Como a pobreza acabou

Ao iniciar os capítulos anteriores, sempre lembrei de um ensinamento ou de uma palavra forte do Padrinho.

Os anos vão passando, já são dez de uma convivência estreita, cada vez é maior o meu respeito e admiração por tão especial pessoa. Uma corrente de amor forma o elo que vai prendendo toda a irmandade. Todo mundo consagra “a voz que clama no deserto”.

Nas tardes mornas, depois de um dia de trabalho, era habitual o encontro para as conversas. A pracinha ficava bem freqüentada, principalmente nas noites de lua. Numa ocasião destas o Padrinho falava da dureza da vida. De como tínhamos que trabalhar sem descanso para comprar coisas básicas e indispensáveis, como o leite em pó para as crianças. Dizia ele que, mesmo utilizando a capacidade total de nossas estradas de seringa, não era mais possível pagar o fornecedor. Ao mesmo tempo que comentava a difícil realidade, ele se enchia de esperança e dizia ter fé em dias melhores para todos.

Depois da mudança para o Mapiá, o abastecimento da comunidade passou a ser feito em Boca do Acre, com o tradicional comerciante Seu Américo.

A borracha cada vez mais desvalorizada nos colocava na situação de todo seringueiro: pobre e endividado. O comerciante suportava nosso débito crescente de olho no caminhão Mercedes que, embora velho, valia um bom dinheiro.

Boca do Acre passou a ser uma cidade estratégica para a comunidade. Era o vínculo com a civilização. Nós passamos a ser conhecidos no local como “Os Daimes”. Este ficou sendo o nome genérico e popular. Se alguém quisesse perguntar se você era da comunidade ou morador do Céu do Mapiá, inquiria da seguinte forma: “Você é dos Daimes ?” .

A despeito da precariedade do município que atira o lixo pelas ruas e tem os esgotos a céu aberto, a população é muito simpática e receptiva, e o entrosamento é ótimo. Nem os católicos, nem os crentes, em maior número, demonstravam o preconceito religioso.

Dia de festa na vila foi quando chegou o pequeno rebanho bovino, oito cabeças penosamente transportadas pelas matas desde a fazenda São Sebastião. Além do precioso leite para as crianças, nossos ombros teriam um descanso, pois agora a carga ia ficar para os bois.

O gado é considerado o inimigo número um das florestas porque suas pastagens exigem o sacrifício de muitas árvores. em contrapartida, é o maior aliado do homem. Nós não pretendemos nos tornar fazendeiros e com isto derrubar milhares de hectares. Nossa intenção é ter pequenos rebanhos para atender necessidades básicas.

Para melhor aproveitamento da capacidade produtiva, três dias da semana eram dedicados aos trabalhos de lavoura e obras, os outros três para produção de borracha. Terça, quinta e sábado as matas que circundam a vila ficavam tomadas por

trabalhadores. Eram dias perigosos para os animais. Cada seringueiro andava com sua cartucheira no ombro. A espingarda fazia parte do equipamento, tanto com o intuito de se defender de uma onça oportunista como com as intenções de um carnívoro em conseguir seu alimento.

Na Amazônia tem diferentes qualidades de seringueiras. Algumas dão mais leite, que é o preciosos látex, outras dão menos. Umas têm a casca macia, que favorece o corte e a sangria, outras não. As árvores do Mapiá não são de boa qualidade como as do Acre. Aqui elas dão pouco leite e têm a casca dura. O que significa muito trabalho e pouca produção.

Nestes tempos de economia difícil, de limitada capacidade de compras, nós recebíamos uma ajuda preciosa vinda do Acre. Era a merenda escolar. Conseguimos manter um vínculo com este Estado porque a maioria das crianças e jovens em idade escolar eram acreanos. Além disso, Manaus, nossa capital, ficava dez vezes mais distante que Rio Branco.

O Governador do Estado nesta época era o senhor Nabor Júnior, que foi nosso aliado. E conheceu o Padrinho Sebastião numa visita à colônia Cinco Mil, por ocasião do aniversário natalício do senhor Wilson Carneiro.

Com a ajuda de Vera Fróes, que era muito desembaraçada nos meios políticos, e o apoio da autoridade maior, conseguimos muitos benefícios para o estudo e alimento de nossas crianças. Passei mais de um mês na capital freqüentando gabinetes e secretarias, mas conseguimos registrar nossos alunos na rede pública. Ganhamos também toda a madeira serrada para construção de uma unidade escolar no seringal. Só Deus, Vera e eu sabemos da luta que foi conseguir fazer este material chegar à vila.

Seu Expedito era o chefe do setor de merenda escolar e conhecedor de nossa realidade. Fornecia com folga o lei-

te em pó e a sopa em pacotes de tal forma que podíamos beneficiar varias crianças que ficavam no caminho, muito mais pobres e abandonadas que nosso povo.

Nas minhas funções clericais e litúrgicas, oficializei os dois primeiros casamentos no Céu do Mapiá: Maurílio com a Neves, filha do Padrinho, e Pedro Dario com a Rosa, filha do Nel.

A respeito da sexualidade, havia uma moral rígida, bem nos moldes católicos. A virgindade sempre foi muito valorizada pela doutrina daimista. A família, como nos moldes tradicionais, constituía a célula básica da sociedade.

Com o casamento, Maurílio ganhou status na irmandade. Será o substituto do Sr. Wilson Carneiro na administração da colônia Cinco Mil. Nos próximos três anos terá a responsabilidade de comandar um pequeno povo. O velho Wilson, agora considerado um Padrinho, está cansado das lutas e da falta de dinheiro.

Por falar nisto, os recursos financeiros estão em baixa. A mercadoria sobe de preço diretamente ao passo que a borracha continua no mesmo patamar, cada dia mais desvalorizada.

Esta situação tem deixado o Padrinho Sebastião impaciente e angustiado. É no seu nome que está todo o peso da dívida que não parava de crescer.

Chegou o dia do caminhão, que era muito útil, ser negociado para pagar as contas no Seu Américo. Acabou o único patrimônio de valor, mas o compromisso de um homem de responsabilidade foi mantido.

Nas tardes em que era habitual nosso encontro na praça, eu vi o Padrinho falando na roda de homens: “Até aqui a gente vem lutando sozinho. Agora não dá mais. Nós precisamos de uma ajuda. De um irmão rico que venha nos socorrer”, concluiu ele, com muita convicção. “Estou pedindo ao

Poder Divino, em especial à nossa soberana mãe, que nos mande um benfeitor. Só nos resta esperar.”

Ao mesmo tempo que o Céu do Mapiá se desenvolvia materialmente, o Santo Daime fazia carreira no sul do país. No Rio de Janeiro começou com um pequeno grupo de amigos do Paulo Roberto e não parou mais de crescer. Da mesma forma em Brasília, com o Fernando. Em Mauá, sob a batuta do Alex Polari, foi surgindo um núcleo no modelo comunitário, estilo Mapiá.

Todos que levaram a santa bebida foram fiéis e verdadeiros irmãos. Em cada sessão do ritual por eles apresentado havia em destaque os retratos do Mestre Irineu, Padrinho Sebastião e da Madrinha Rita.

A irmandade dos novos fardados da cidade passou a consagrar no coração estas pessoas, em contrapartida, eles também se tornaram integrantes da corrente de amor que envolvia a Floresta e o povo que nela habitava, os guardiães dos tesouros sagrados.

Entre este pessoal novo, muita gente teria papel relevante na irmandade, como o Paulo Coutinho, Lucia Arruda, Caparelli, Luís Fernando, Tadeu e Regina, Carlos e Valéria, Ênio Staub e outros tantos, mas na altura destes acontecimentos, o destaque principal é para o Marcial Gallez. Um jovem dinâmico, com muito sucesso em suas empreitadas financeiras.

Nosso personagem em destaque tinha um problema com drogas e por isto não podia se firmar. Como vivia uma busca intensa, fez uma viagem internacional. Foi ao Oriente. em Bali, encontrou um guru que, antes de lhe ensinar a arte da meditação, mandou-o peregrinar até uma ilha onde vivia um mestre que devia ser consultado. Marcial conta que o homem de Deus demonstrava uma grande sensibilidade.

Logo o identificou como um cristão e disse: “Você anda participando de uns rituais diferentes. É onde você tem que se firmar”. Mais surpreso ficou ao ouvir dele este conselho: “É lá neste Mestre que está seu caminho e sua cura”. Marcial lembrou do Santo Daime e entendeu profundamente o recado recebido.

Quando voltou ao Brasil, o destino foi o Céu do Mapiá, onde encontrou o Padrinho Sebastião com sua comunidade, vivendo naquela dureza de falta de grana. Marcial mudou a vida do povo ao mesmo tempo que mudou a sua própria trajetória. Droga nunca mais e a miséria financeira também. Nosso amigo vendeu o seu patrimônio, uma fazenda de vinte mil pés de cacau no sul da Bahia e veio gastar com o povo da floresta, vivendo lado a lado com o Padrinho Sebastião.

Ele era rico. Sua oferta garantiu o abastecimento mensal por quase três anos. Compramos a fazenda São Sebastião, na entrada do Igarapé Mapiá, a Praia Gregório no Purus, casa em Boca do Acre, fazenda em Mauá, muitos motores, roupas, colchões, utensílios domésticos, trator etc.

Acompanhei de muito perto todo este processo de compras e gastos porque passei a ser o responsável pelo setor econômico. Manejava os recursos em conta conjunta com o Marcial. Bem orientado pelo Padrinho e por seu filho Alfredo, que despontava como verdadeiro líder. Procuramos com justiça e bom senso fazer uso deste dinheiro a benefício de todos.

A verdade é que onde só se tira e não retorna, mais dia, menos dia, chega-se ao fim. O dinheiro foi minguando até ser gasto o último centavo, ficou o amor de um grande irmão, que nunca parou de dar frutos.

Depois de Marcial a vida não foi mais a mesma. Nunca mais o povo voltou a ser seringueiro, que é sinônimo de

pobreza. A irmandade cresceu, mais gente na cidade grande buscando o sacramento da floresta. A produção do Santo Daime se multiplicou e isto se reverteu em ajuda econômica. Uma corrente de peregrinos começou a se formar, trazendo os recursos do turismo ecológico e religioso. Viajar até a floresta, conhecer o Padrinho, participar de um ritual, passou a ser a meta de cada um que conhecia a doutrina.

Algumas pessoas importantes para o desenvolvimento comunitário começaram a vir se incorporando à nossa população. Acredito que todos tenham sido convocados pelo Padrinho, dono de uma reza forte. Assim chegou o Marcos Trench, que assumiu a escola dando-lhe ordem e eficiência; o Zé Luis, formado em Medicina, que ajudaria o veterano Daniel nos planos de saúde pública.

Podemos dizer que as igrejas do sul se transformaram em celeiros de irmãos para a floresta. Algumas famílias começaram a chegar.

Outro importante assunto desta época trata da ocupação. O INCRA propôs legalizar a área dividindo-a em cem colônias de cem hectares.

Esta fórmula apresentada pela repartição pública não satisfazia nossos anseios. Em primeiro lugar, porque, para se ter o direito a cada um destes lotes, era necessário desmatar e construir, e nossos planos eram centralizadores. Um roçado para diversas famílias e uma vila com muitas casas. Depois haveria a tributação de impostos e taxas sobre cada uma destas áreas.

Em 1987, Paulo Roberto, o que primeiro levou o Santo Daime para o Rio de Janeiro, com o prestígio que adquiriu até no meio de artistas famosos, conseguiu um bom lobby para sensibilizar o Presidente da República, na época o Sr. José Sarney, que criou a Reserva florestal do Purus e do

Inauini, com cerca de quinhentos e oitenta mil hectares cujo centro era a vila Céu do Mapiá.

Para termos uma representação legal, foi organizada a Associação de Moradores (AMVCM), cujo primeiro presidente eleito foi o Alfredo Gregório de Melo. Por este intermédio, foi assinado um acordo de cooperação com o IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente), órgão federal responsável pelas florestas. Tornamo-nos oficialmente administradores desta área de preservação.

Paulo Roberto conseguiu alguns recursos financeiros e fez um belo plano de desenvolvimento. Porém, mudou o Governo e a política econômica e tudo foi por água abaixo. O certo é que ficou a grande área preservada do incômodo de aventureiros e gananciosos destruidores da flora e da fauna.

Por falar nisto, com a chegada do dinheiro, desde os tempos do Marcial, o movimento de caçadas caiu radicalmente. Um ou outro apaixonado pela artimanha de ir buscar um bicho. Um destes apreciadores da carne de veado capoeiro ou de um porquinho catitu, por exemplo, ainda explora as matas ao redor. Tudo feito com critério e moderação, porque o Padrinho está bem inteirado da ecologia e recomenda a todos muito respeito pela natureza selvagem.

Nosso líder desde o Rio do Ouro não teve mais uma boa saúde. Só não perdeu a disposição para o trabalho. Quando não estava nas crises de falta de ar e dor no peito, estava na floresta construindo alguma canoa, porque era mestre na profissão. A necessidade destas embarcações era cada vez maior. Muitas famílias precisavam da autonomia dos transportes. Nosso Padrinho estava incansável na vontade de atender a todos.

Os tempos estão abreviando para o homem que carrega nas costas o peso de uma vida dedicada ao trabalho

braçal. Um filho da floresta que encetou muitos combates, um dia recebe o repouso da luta. Assim, todos estejamos prontos para este grande dia.

Na medida que o tempo vem trazendo uma nova década, a era de noventa, também vem chegando o dia da partida.

Capítulo XVIII

A despedida

Como dizia a velha sabedoria bíblica, tudo tem seu tempo debaixo do sol. Ninguém está enganado quanto ao duro ciclo vital de nascer, florescer, envelhecer e um dia a morte vir completar a cadeia dos acontecimentos. Tudo é relativo e passageiro porque esta é uma situação inerente à matéria.

Embora cause comoção e tristeza, esta passagem final pode ser a coroa de um herói que lutou com bravura o combate da vida, destacando-se no meio dos outros por suas atitudes memoráveis.

Gostaria de escrever palavras emocionantes para expressar o imenso pesar que causaram certas separações. De qualquer forma, grandes são as limitações, e os fatos falam por si só. Não nos cabe esta ansiedade.

Recebi do Padrinho uma preciosa “Instrução” e guardei no meu profundo íntimo. Prometi ser fiel zelando o sagrado na minha mente. Muitas batalhas enfrentei, mas sempre contando com a ajuda astral, por isto mesmo tenho seguido minha jornada firme e forte aos olhos de Deus e do mundo que me rodeia.

Agradeço muito a este homem que nos fez ricos. Ele cultivou as virtudes e a fé e foi isto que ensinou em cada um de seus hinos, que compõem dois hinários: O Justiceiro, com

cento e cinquenta e seis cânticos, e o Nova Jerusalém, com vinte e seis composições musicais, perfazendo um total de cento e oitenta e dois hinos. Um autêntico artista popular. Sua palavra continua viva e presente nos rituais do Santo Daime, na magia da música sagrada.

No céu do Mapiá, com o som de muitos violões, maracás e mais de quatrocentas vozes, fazemos deste ritual uma peça de rara beleza. Embalados pelo chá sagrado, o povo da vila produz um dos mais belos rituais do planeta Terra. Este tesouro amazônico, de nossa terra brasileira, tem atraído gente dos quatro cantos do mundo. O povo está aprendendo a viver deste intercâmbio.

Deixando de lado as divagações que antecedem o desfecho destes relatos, voltamos na memória aos idos dias do ano de 1987, ocasião em que se iniciou a construção da igreja, uma obra de vulto que consumiria muitos anos em sua execução. Um plano arrojado da engenharia cabocla de Alfredo, toda de madeira nobre, formando uma grandiosa estrela de seis pontas, símbolo do Rei Salomão.

O grande salão hexagonal ficou ótimo não só para rituais como também para reuniões, pois acomodava confortavelmente mais de quinhentas pessoas. O Padrinho ainda bailou muitos hinários na igreja nova em obras; não teria tempo de ver tudo construído.

Na dinâmica desta vida tão intensa, não faltavam novidades. Quando não era uma coisa, era outra. Agora chegou a vez do Santo Daime. Neste período saiu o nome da “ayahuasca” na lista negra do DIMED, um órgão do Governo que tem poder sobre os medicamentos. Isto significava que, de agora em diante, era ilegal produzir e consumir o nosso sacramento. Uma autêntica arbitrariedade de meia dúzia de funcionários públicos mal informados. Provavelmente, nem sabiam da existên-

cia de diversos núcleos religiosos que utilizavam a bebida em seus rituais. Uma realidade que faz parte da cultura e do folclore acreano. Naturalmente houve apelação.

Graças a Deus, vivemos no Brasil, uma terra abençoada, onde o Poder público já adquiriu razoável bom senso em suas decisões. Em vez de organizar uma perseguição religiosa, preferiu determinar que o CONFEN, que significa Conselho Federal de Entorpecentes, fizesse um estudo mais detalhado do caso, antes de se dar uma definição final para a situação dos ayuasqueiros.

Uma nova comissão de autoridades percorreu e pesquisou todos os centros que utilizavam a ayahuasca, no norte e no sul do país. Foi no Céu do Mapiá que alguns membros desta comitiva participaram de uns rituais que mudaram suas vidas. Para muito melhor, é claro.

Resumidamente, o nosso Santo Daime foi aprovado para o uso ritual em todo o território brasileiro. O Padrinho Sebastião, além disto, ganhou alguns afilhados novos. O que poderia ser uma ameaça se transformou numa bênção.

Da mesma forma como os assuntos policiais referentes ao caso da Santa Maria não trouxeram nenhum incômodo ao Santo Daime, também na presente situação não se falou da erva de fazer fumaça. Passou batido, isto que já não é um segredo.

As lideranças de outros núcleos religiosos que utilizam a mesma bebida quiseram hostilizar o Padrinho por suas particularidades. Porém, foi no Céu do Mapiá que a presença do velho de longas barbas brancas e seu povo laborioso demonstraram o caráter da verdade e do sagrado, traduzindo no respeito e harmonia de um grupo e seu líder.

Nesta temporada o Santo Daime alcançou o pico de sua fama no cenário nacional. Muita gente do mundo artístico, famosos da Rede Globo, começaram a freqüentar a igreja do

Rio de Janeiro. O salão local ficava lotado, mais de quatrocentos presentes a cada sessão. Muitas pessoas ficavam esperando uma vaga para participar dos rituais. Tinha que marcar com antecedência.

Padrinho Sebastião saiu em peregrinação pelo sul do país para visitar as novas igrejas e fazer uma consulta médica. Nesta ocasião abençoou centenas de novos afilhados. Sabia cativar a todos. Ninguém ficava decepcionado com sua presença. Embora fosse um homem rude da floresta, tinha uma sensibilidade e sabedoria ímpares. Até doutores passaram a lhe pedir a bênção. O “bença Padrinho” deixou de ser uma exclusividade dos caboclos nortistas, virou uma instituição nacional.

No fim da década novos centros daimistas abriram as portas em São Paulo, Belo Horizonte, Florianópolis e no Rio Grande do Sul. Dos Estados sulistas, só o Paraná ficou de fora. Nosso Mestre Irineu e o Padrinho Sebastião ganharam espaço em significativas partes do território nacional.

Ainda nesta época, um primeiro núcleo internacional foi aberto nos Estados Unidos pelo Paulo Roberto. Era o prenúncio da internacionalização da doutrina que mais tarde ganharia o mundo.

Por falar em nosso irmão carioca, devo registrar que sua interação com o Padrinho e toda a família foi tão grande que acabou conquistando o coração da filha Nonata, uma bela jovem com quem se casou.

Em 1988 a vila Mapiense recebeu importante autoridade da área federal. No dia 29 de setembro, festa de São Miguel, desceu do céu o primeiro helicóptero trazendo o presidente do IBAMA, cujo nome escorregou da minha memória. Também aterrissou em nosso terreiro o Perfeito Fortuna, a Lucélia Santos e o Eduardo Duzek, entre outros destaques. Uma equipe de documentaristas tendo à frente o Sérgio Bernardes, veio

pelo rio registrando tudo em vídeo. Fizeram um belo documentário denominado “Os Guardiães da Floresta”.

Tudo no mais alto astral, as visitas vinham oficializar o decreto do Presidente da República, que criava as Florestas Nacionais (Flonas), defendendo a vila e dando condições à Associação de Moradores da Vila Céu do Mapiá de administrar e explorar as riquezas naturais dentro dos planos de manejo, quer dizer, sem a destruição da mata.

O coração do Padrinho não parava de dar sinais alertando do seu fim. Porém, uma data pode ser tomada como referência do começo das dores, o início da subida de seu calvário. Foi no dia dos pais, em 1989. Na noite que antecedia a data que cantariam seu hinário, ele passou em claro, lutando contra a falta de ar e o incômodo do órgão vital que se encontrava inchado.

Desde esta ocasião o velho guerreiro saiu de cena. Não mais foi à floresta talhar canoas, nem subiu a ladeira da igreja. Passava as noites vigilante, temeroso de dormir e a morte o pegar desprevenido.

Longe dos recursos médicos e frente a tanto sofrimento, resolveu-se apelar para a velha fórmula amazônica: a pedido do Padrinho, veio de Boca do Acre a Iracema, famosa na cidade pelo dom de rezar e fazer curas. A mulher trabalhava com mediunidade. Era especialista em chupar o corpo das pessoas extraindo pela boca agulhas, insetos, bolo de cabelo, ponta de cigarro e outras porcarias que, segundo ela, eram causas principais de doenças. As pessoas se contaminavam por influências ou macumbas de gente má. De nosso paciente a rezadeira extraiu um inseto e a ponta de um pito ou porronca. embora este tratamento o acalmasse, permitindo algum repouso, não foi o suficiente para tirá-lo da cama.

A vila tinha suas próprias curandeiras, algumas vindas do sul, como a Clara e a Maria Alice. Estas mulheres davam

a maior atenção, com massagens, chás, rezas etc. O Padrinho era muito agradecido e se submetia a todas terapias.

Um homem de prestígio como ele não poderia se acabar sem assistência médica adequada. O doente resistia em sair da floresta, mas finalmente teve uma recaída e concordou, porem determinou uma data. Seu aniversário natalício aproximava e na ocasião seria cantado o hinário do Cruzeiro. Assim como foi curado milagrosamente no primeiro contato com o Mestre Irineu; desejava este novo encontro através do ritual. Se estivesse nos planos do Poder Divino, ele sairia revigorado.

Na vila foi preparada uma grande festa. Um imenso bolo de dois metros de comprimento por trinta centímetros de altura foi produzido com muito capricho e recheios, por mulheres lideradas pela Graça, que veio de Rio Branco especialmente para esta finalidade.

Diante da gravidade e da urgência do problema de saúde, tudo foi preparado para a viagem acontecer logo após o hinário. O padrinho passou a noite acordado, ouvindo o som da igreja de onde vinha a palavra viva do mestre, cantada nos hinos. Ficou muito confortado. Em vez de receber uma cura prodigiosa, lhe veio a certeza de se entregar e sair na viagem em busca de melhores recursos.

Ainda na manhã da festa, a aeronave decolou da vila levando o aniversariante. Ficou o imenso bolo e o povo todo com um nó na garganta, um aperto no coração, pois lá no fundo se percebia que esta era a despedida final. A festa de aniversário perdeu totalmente a alegria. O povo preferiu se dispersar. Não sei o que foi feito com tanta guloseima.

No dia sete de outubro, data em que completava sessenta e nove anos, o helicóptero veio buscá-lo na floresta. Esperava no aeroporto de Rio Branco um jato especializado em atendimento cardíaco, com médico a bordo e todos os

recursos de emergência. O avião havia decolado do Rio de Janeiro especialmente para transportá-lo. Uma operação própria do atendimento de gente rica, conseguida pelo genro Paulo Roberto, com apoio financeiro da irmandade do Rio.

O Padrinho sofria o sintoma da doença de chagas, que incha o coração. Como contraiu isto ninguém sabe, porque ele nunca viveu em área endêmicas onde ocorre o barbeiro, transmissor desta doença. Bem medicado pelos melhores especialistas, ele resistia mais algum tempo, rodeado do carinho e atenção de todos os afilhados do sul. Passou o natal e o ano novo bem disposto. Sempre saudoso do Amazonas, ainda teve esperança de um milagre o reconduzir ao meio de seu povo. As ordens médicas eram rigorosas, não lhe davam autorização para viagem.

Céu do Mar é o nome do principal centro daimista do Rio. Está situado num lugar privilegiado, dentro da floresta da Tijuca, no bairro de São Conrado, zona sul, endereço das pessoas bem dotadas financeiramente. Esta boa localização amenizava bastante o desconforto de estar na cidade, principalmente para quem a vida toda passou no mato.

Quando chegou o dia da festa de São Sebastião, de dezenove para vinte de janeiro, o Céu do Mar se engalanou para as comemorações do também padroeiro da cidade. Nesta data, como é habitual, seria cantado o hinário do Padrinho. O salão antecipadamente estava lotado.

Como estivesse se sentindo com boa disposição, porque o coração estava funcionando direitinho, o nosso doente resolveu mudar o seu programa. Iria passar esta festa em outro ponto daimista de menor porte, pois estava devendo uma visita para o Marcos Imperial e a Vera Fróes, que comandavam em Pedra de Guaratiba o Centro Rainha

do Mar. Um casarão de três andares com vinte quartos bem a beira-mar, onde também era cultivada a doutrina.

Ali, faziam um ritual mais simples, condizente com a situação do visitante que poderia ir descansar mais cedo. No Céu do Mar as comemorações iriam virar a noite. Foi justamente o que aconteceu.

Antes da meia noite o Padrinho sentiu necessidade de repousar, porém pediu que depois dos hinos de cura fosse cantada e bailada a “Nova Jerusalém”, seu segunda hinário. Recomendou a todos muita alegria e animação, pois do andar de cima estaria escutando.

Quando o relógio marcava duas horas da manhã, ele sentiu necessidade de ir ao banheiro. A madrinha Rita, que o acompanhou todo o tempo, acordou quando o viu mexer na porta. Ficou na cama esperando seu retorno, de repente ouviu o barulho de uma queda. Correu para socorrer e não teve mais tempo para nada.

Estava no chão e já sem vida, após um fulminante ataque cardíaco. Depois disto, aquele corre-corre e o clamor de todos que o acompanhavam. Nosso líder, amigo e companheiro se foi para a eternidade.

Neste exato momento os participantes do ritual, alheios ao que se passava no andar de cima da casa, encerravam o trabalho dando “Viva os visitantes! Viva o dono do hinário! Viva São João Batista !

Na floresta, foi Valdete quem primeiro soube do ocorrido, ainda na manhã do dia vinte de janeiro, algumas horas após o desenlace. Ele havia passado a noite no ritual da festa de São Sebastião. Quando preparava para descansar da jornada, ligou o rádio numa emissora de Rio Branco, que noticiava o acontecido, tentando se comunicar com os moradores do Céu do Mapiá.

Alfredo também estava no Rio de Janeiro, porem neste dia não acompanhou o pai. Foi prestigiar o ritual de São Sebastião em Mauá, onde a próspera comunidade liderada por Alex Polari, havia construído uma bela igreja. Ao amanhecer do dia chegou a notícia.

O funeral durou uma semana. Começou no Rio de Janeiro e findou no Amazonas, lá na vila, onde está depositado numa capela, especialmente construída na entrada do templo.

O corpo foi embalsamado e transportado para o Céu do Mapiá, chegando na quinta-feira. O óbito havia ocorrido na madrugada de domingo. Nós ficamos naquela ansiedade de esperar, trabalhando na colheita de arroz, cantando e rezando direto para lhe dar bastante conforto espiritual.

Ainda me recordo bem do belo arco-íris que se formou no céu, na hora da chegada do helicóptero que despenhou do nascente, rompendo por baixo do arco colorido. A aeronave era estreita e vinha com as laterais abertas. O caixão estava atravessado com as pontas de fora, formando uma cruz voadora.

Fizemos um longo velório. Mais três dias e duas noites para a despedida e a construção do túmulo. Finalmente, no sábado, dia vinte e sete de janeiro, seu corpo foi sepultado.

Por uma coincidência do destino, na mesma hora e dia deste desenlace a humanidade perdia outro prestigiado líder religioso. Também se despediu o famoso indiano, conhecido por Rajneesh ou Osho.

A revista Manchete, na época o maior e mais prestigiado semanário ilustrado do país, publicou uma foto de página inteira. De um lado o Padrinho, e do outro, Osho. A reportagem enaltecia estas lideranças religiosas. Comentava sobre o crescente prestígio de um no plano nacional e

da importante influência do outro no mundo todo. Isto foi o símbolo de uma união no astral que ainda beneficiaria muito a doutrina do Santo Daime, principalmente quando de sua expansão para a Europa.

Um homem santo deixou a terra no plano material, mas sua influência continua viva. Muitas pessoas passaram a sonhar e a encontrá-lo na sua miração. Às vezes, gente que nunca o viu em matéria, chegava ao ritual do Daime e se surpreendia por reconhecê-lo. O Padrinho está trabalhando no plano astral, ajudando muitas pessoas que buscam um caminho espiritual ou um encontro com Deus.

Muitos ainda irão chegar e todos que o reconhecerem naturalmente terão a alegria de dizer no seu íntimo: “Bença, Padrinho, obrigado por comungar do seu amor”.

FIM



Marco Imperial

À beira mar próximo da despedida



Festa de São João de 1975. A hora do “Levantamento da Bandeira”. Padrinho (ainda sem barba) ao lado do Alfredo



Porteira de entrada da Colônia Cinco Mil - Destaque para o “Hei de Vencer” ao alto.



Marco Imperial

Natal de 1978



Marco Imperial

Interior da Igreja - Mário Rogério em destaque.



Marco Imperial

Os Padrinhos com Dario e Daíde.



Marco Imperial

Chagas, Padrinho e Wilson Carneiro.



Arquivo

Assunto importante com Lúcio e Chico Corrente



Arquivo

Madrinha Rita entre Iracema e Glorinha



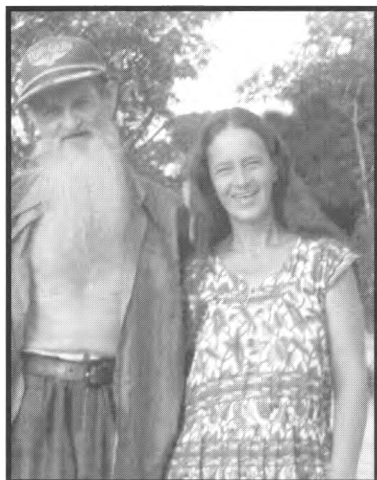
Arquivo

O casamento de Alfredo e Silvia - Mainha ao lado da noiva.



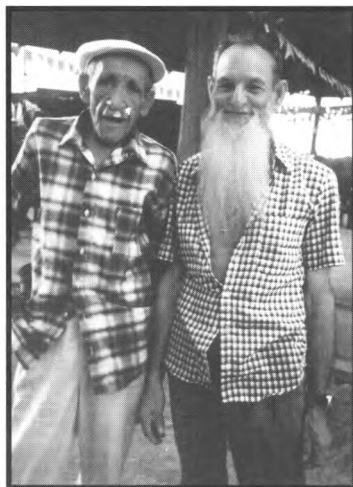
Arquivo

Tetê, entre Maria Tôca e Marizilda, leva o Cruzeiro para a Igreja em obras



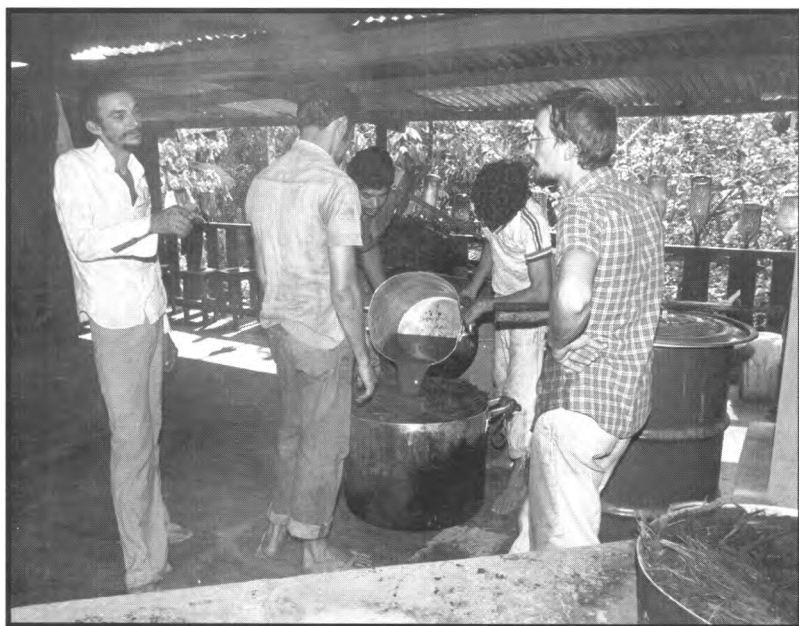
Arquivo

Com Regina Pereira.



Arquivo

Com o Vô Corrente.



Saulo Peléan

Feitio com Alfredo e Daniel



Arquivo

O nosso caminhão



Arquivo

No Seringal Rio do Ouro



Saulo Peleian

O Governador do Estado do Acre, Sr. Nabor Junior em visita cordial.



Marco Imperial

Nos tempos da Colônia Cinco Mil (o autor é o terceiro da direita para esquerda).



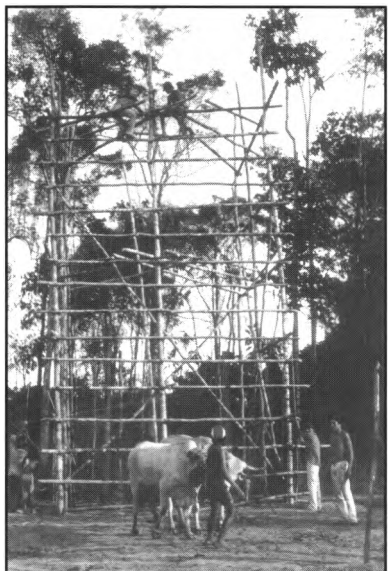
Marco Imperial

Paulo Roberto, Daniel, Padrinho, João Toroco e Chagas.



Roberta Mesdack

No Céu do Mapiá
em 1986



Roberta Mesrack

Obra da Igreja do Céu do Mapiá,
Padrinho ao fundo.



Em plena atividade, 1987.



Roberta Mesrack

Roçado novo.



Marco Imperial

Agradeço ao Padrinho, à Madrinha Rita
e toda sua família



Glossário

A

Anzolim – Anzol bem pequeno.

Aparelhar – Receber espírito. Qualidade inerente ao médium

Aparelho – O que recebe um espírito.

Atuar – O mesmo que aparelhar.

Atuado – Se diz da pessoa que apresenta um comportamento peculiar à mediunidade.

B

Baculejo (dar o) - Revistar as coisas alheias com intenção de furtar algo.

Balceiro - Árvores e galhadas que desprendem da floresta, interditando os caminhos e o igarapé. Entulho.

Barrotes - Nas casas de palafita, madeira que fica enfiada no chão dando sustentação ao assoalho. Precisa ser de qualidade especial para resistir à corrosão da terra.

Bateção - Etapa de um feitiço de Daime, em que os homens maceram com marretas de madeira o cipó jagube. É um ritual que geralmente começa na madrugada. Dele participam doze pessoas, que batem a marreta de forma cadenciadas ao mesmo tempo que cantam hinos.

Bimbarra – Alavanca de madeira. Vara grossa e resistente, que depois de bem escorada, ajuda a empilhar as toras que serão transformadas em carvão.

Boca - O mesmo que desembocadura, local onde um rio ou igarapé desagua no outro. Boca do Acre é o nome da cidade situada onde o Rio Acre encontra o Purus.

Broca – A preparação do roçado.

Brocar – Cortar com o terçado arbusto e vegetação rasteira de uma parte da floresta que irá se transformar em roçado.

Buchuda – Grávida. Barriga aumentada devido à gravidez.

C

Caibro – Peça de madeira utilizada na armação de um telhado

Caíco – Qualquer qualidade de peixe de pequeno porte. Peixinho.

Capoeira - Área desmatada. Antigo roçado onde brotou uma vegetação secundária. O agricultor deixa a terra descansar para depois reutilizar nos plantios.

Cara cheia (estar de) – Bêbado, alcoolizado.

Cara limpa (estar de) – Sóbrio, sem nenhum aditivo.

Carapanã – Espécie de pernilongo ou muriçoca. Inseto que chupa o sangue e é o transmissor da malária.

Cisga (puxar a)- Maneira de puxar uma canoa dentro d água. Consiste em amarrar uma corda bem longa no bico de proa e ir levando pela praia do rio.

Colocação - Moradia do seringueiro. Abertura feita na floresta , onde se localiza a casa e o pequeno roçado, próximo das estradas de seringa.

Colorau- Corante natural de cor vermelha, próprio para alimentos, preparado com o urucum.

Comida - Árvore frutífera da floresta que no tempo da safra é frequentada pelos animais.

Cumarú-ferro - Árvore de madeira muito dura e pesada, ótima para a produção de carvão.

D

Derriba – Derrubada de árvores com machado, para fazer um roçado.

E

Esteio – Parte da casa que dá sustentação ao telhado e as paredes. Peça principal da armação. A durabilidade de uma casa na floresta, depende da qualidade da madeira utilizada no esteio.

Embiara – Nome dados aos pequenos animais abatidos numa caça. Pássaros por exemplo.

Envireira – Árvore que fornece madeira para construção, de grande durabilidade quando está ao abrigo do tempo. Não serve para esteio e barrotes.

Estrada de seringa – Caminho de mais ou menos um metro de largura que une as seringueiras nativas.

F

Falcípara - Nome de um micro organismo transmitido por mosquito vulgarmente conhecido como carapanã que causa um tipo de malária considerada maligna. Precisa ser devidamente tratada.

Farinhada – Todo trabalho que envolve a fabricação caseira da farinha de macaxeira (mandioca)

Farinha-seca – Árvore fina e alta cuja madeira é ideal para construção de casas rústicas.

Feijão de arranca – Também chamado de feijão do sul. É colhido de uma só vez, arrancando o pé com as favas maduras.

Feijão de corda – Espécie de feijão que dá em rama, e vai sendo colhido devagar, a medida que as favas vão amadurecendo. Dá mais de uma safra. Muito cultivado no Nordeste brasileiro e no Acre

Feitio - Trabalho em que se prepara o Santo Daime, obtido pelo cozimento de dois vegetais.

Fornalheiro – O que cuida da fornalha na preparação do açúcar e da rapadura.

Fumo (fuminho) – Refere-se a *cannabis*, para preparo de cigarros.

G

Glucantime - Nome de um medicamento alopático usado no tratamento da leishmaniose, vulgarmente conhecida por ferida brava. É aplicado de forma injetável. O paciente tem que se sujeitar a uma longa séries de injeções. Quarenta ou mais dias de tratamento.

I

Igapó – Terra baixa, área alagadiça. Na época do verão amazônico

quando os rios voltam para os leitos, muitos peixes ficam retidos, tornando-se presa fácil.

Igarapé – Rio amazônico de pequeno porte.

J

Jacuba – bebida preparada com água, farinha de macaxeira e açúcar preto ou mascavo.

Jirau – Espécie de mesa rústica feita de varas.

L

Linhada – linha muito resistente usada para pescar sem o auxílio da vara. Possui muitos metros de comprimento podendo ser arremessada a uma boa distância pelo pescador.

M

Mapinguari – Ser assustador que imaginariamente habita a floresta. É transformado do pajé, que sabendo dos segredos da floresta e resistindo à morte se transmutava num ser horrível e perigoso.

Marupiará – Caçador que tem sorte porque sabe lidar com as caças. É cuidadoso no trato.

Mateiro – Profissional da floresta que conhece as árvores e suas utilidades. É quem prepara uma estrada de seringa. Ter o senso de direção bem desenvolvido é característica sua.

Mesa branca – Ritual espírita em que se invocam os seres iluminados para curar os doentes. É também trabalho de doutrinação dos espíritos sofredores.

Miração – Estado em que as pessoas que ingeriram o Santo Daime passam a sentir o efeito enteógeno da bebida.

Molho – Sistema de preparar o tabaco enrolando e prensando as folhas em forma de tubo de mais ou menos seis centímetro de diâmetro por um metro de comprimento.

Mutum – Nome de um pássaro com estatura de galo, cuja a carne é muito apreciada.

P

Pacoteira – Termo vulgar que se refere a uma pequena porção de *cannabis*. Fumo.

Paneiro - Grande cesto tecido de cipó ou taquara que se carrega nas costas preso em arriatas.

Paxiúba – Espécie de palheira que fornece material para paredes e assoalhos. Pode ser usada em forma de ripas ou panos.

Pegado – tomado pelo efeito do Daime.

Pela – Bola de borracha de trinta a quarenta quilos, resultado da defumação do látex.

Piaba – Peixe pequeno.

Pitar – Fazer uso do pito.

Pito – cigarro preparado com *cannabis* ou erva de “Santa Maria”.

Porquinho catitu - Espécie selvagem que anda em pequenos grupos de no máximo cinco animais. É uma caça apreciada.

Porronca – Cigarro de tabaco forte enrolado a mão.

Provocar – O mesmo que vomitar.

Q

Quariquara – Madeira de âmago resistente. Especial para esteios e barrotes porque dura dezenas de anos enfiada no chão.

Quebrante – Indisposição, dores e choros sentidos, problemas que afligem os recém nascidos cuja o motivo é atribuído ao mau olhado. Pessoas com má energia adoecem as criancinhas.

Queixada – Porco grande, javali amazônico. Anda em bandos que chegam a ter mais de cem animais.

R

Rabo de jacu – Obra inspirada na cauda deste pássaro amazônico. É a ampliação que se faz numa casa rústica.

Rancho – Provisão, feira, alimento.

Regatão – Barco que faz comércio entre os moradores ribeirinhos. Troca borracha e castanha por estivas, cachaça e tecidos.

Reimosa – Se diz da carne de certos animais ou peixe, que causam inflamação em quem está propenso. Desaconselhada para doentes, mulheres de resguardo e pessoas que tem algum ferimento.

Resguardo – Período de quarenta dias após o parto que requer cuidados especiais.

Rocado – Pequena lavoura trabalhada com ferramentas manuais.

Roladeira – Serra manual puxada por duas pessoas.

S

Seringal – Área da floresta em que se extrai o látex da seringueira para a produção da borracha.

Seringalista – É o dono do seringal, popularmente conhecido por patrão.

Seringueiro – Trabalhador braçal, produtor de borracha.

Sezão – Febre causada pela malária. Termo mais usado no primeiro ciclo da borracha. Muitas vezes a falta de medicamentos adequados condenavam o seringueiro a uma febre renitente, que ia minando as forças até leva-lo à sepultura.

Sustança – Que tem muitas propriedades alimentícias.

T

Taboca – Espécie de bambu nativo de cor verde, bem conhecido pelos seus espinho longos e resistentes.

Tabocal – Área em que ocorre esta vegetação. Comentam os entendidos que são as melhores para se fazer uma lavoura.

Tapera – Casa pequena, mal feita, com material de segunda qualidade.

Tarrafa – Rede redonda de pesca, própria de ser lançada na água por uma única pessoa.

Terçado – O mesmo que facão. Lâmina manual de cortar o mato.

Toqueiro – Ajudante do mateiro na abertura de uma estrada de seringa.

Tronqueira – Casa construída na mata para os trabalhos de macumba. A origem deste nome vem do tronco onde os escravos eram castigados.

V

Vapor – Nome das grandes embarcações que na primeira metade do século vinte, faziam a rota dos rios amazônicos. Eram movidos a vapor d água, produzido por uma grande caldeira à lenha.

Vareda – O mesmo que vereda. Denominação do caminho que cada animal faz de sua toca até os pontos de água e alimento. Eles repetem sempre o mesmo trajeto, deixando bem visível a trilha, que o caçador identifica com grande facilidade.

Vivax - Qualidade de malária. No Norte do Brasil ocorrem dois tipos de infestação: Vivax ou Falcípara, a primeira é mais fácil de tratar.

